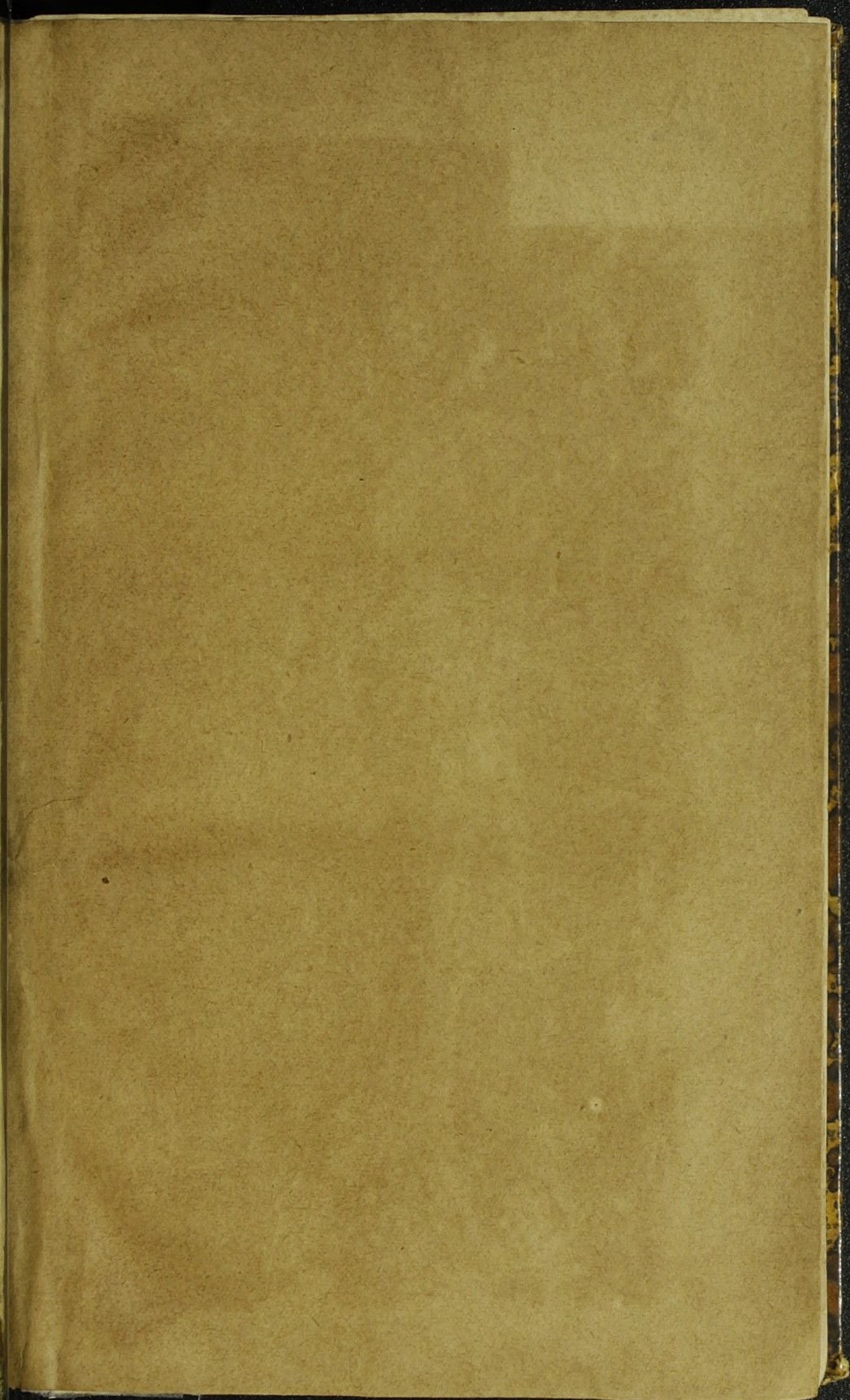
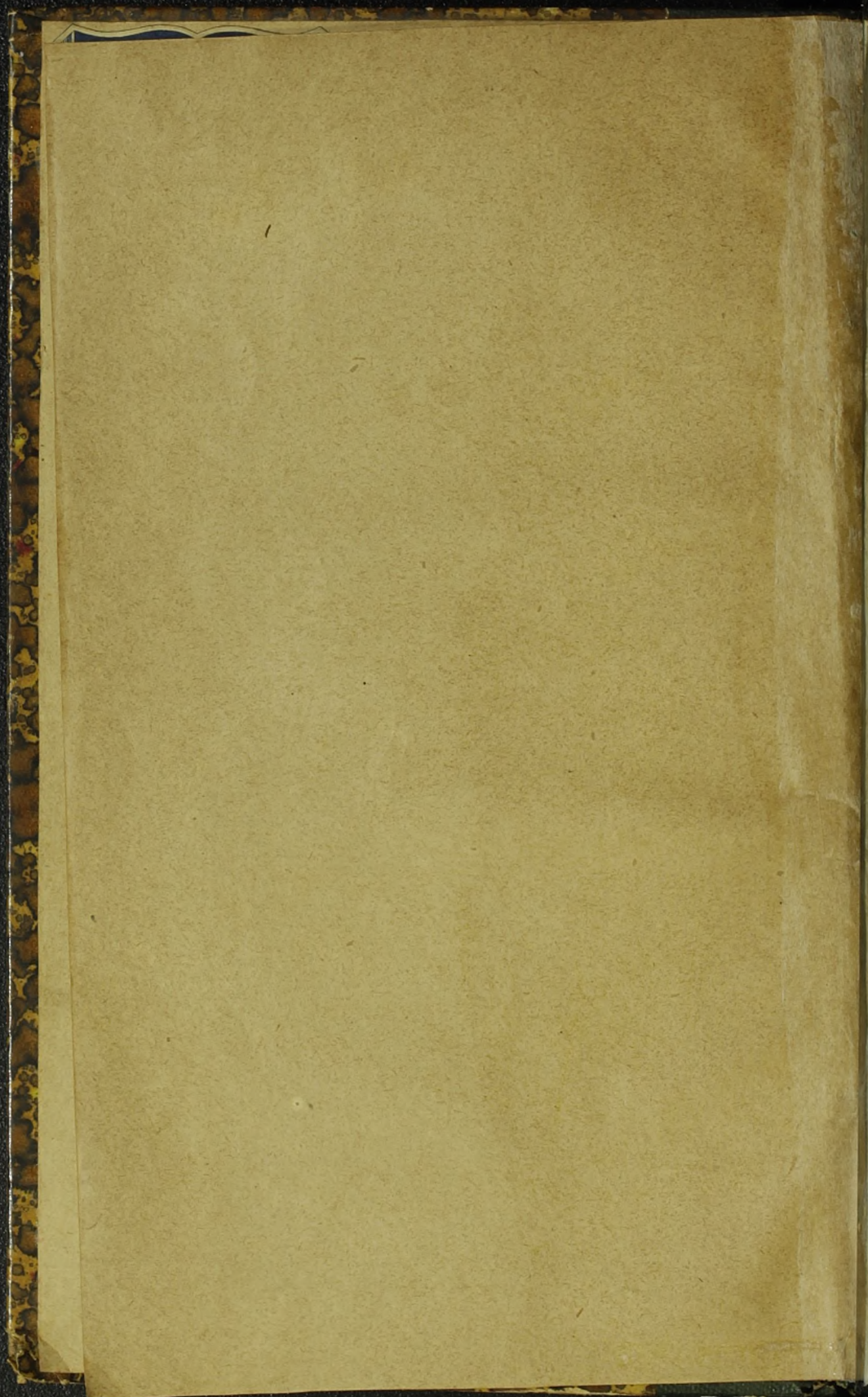


LIVRARIA  
**BRASIL**  
RUA BENJAMIN  
CONSTANT, 17  
PHONE 2-21-13  
S. PAULO

EXECUTAMOS  
QUALQUER  
TYPO DE  
**ENCADERNAÇÃO**  
TEMOS ESTUFA  
ELECTRICA PARA  
DESINFECÇÃO DE  
LIVROS USADOS

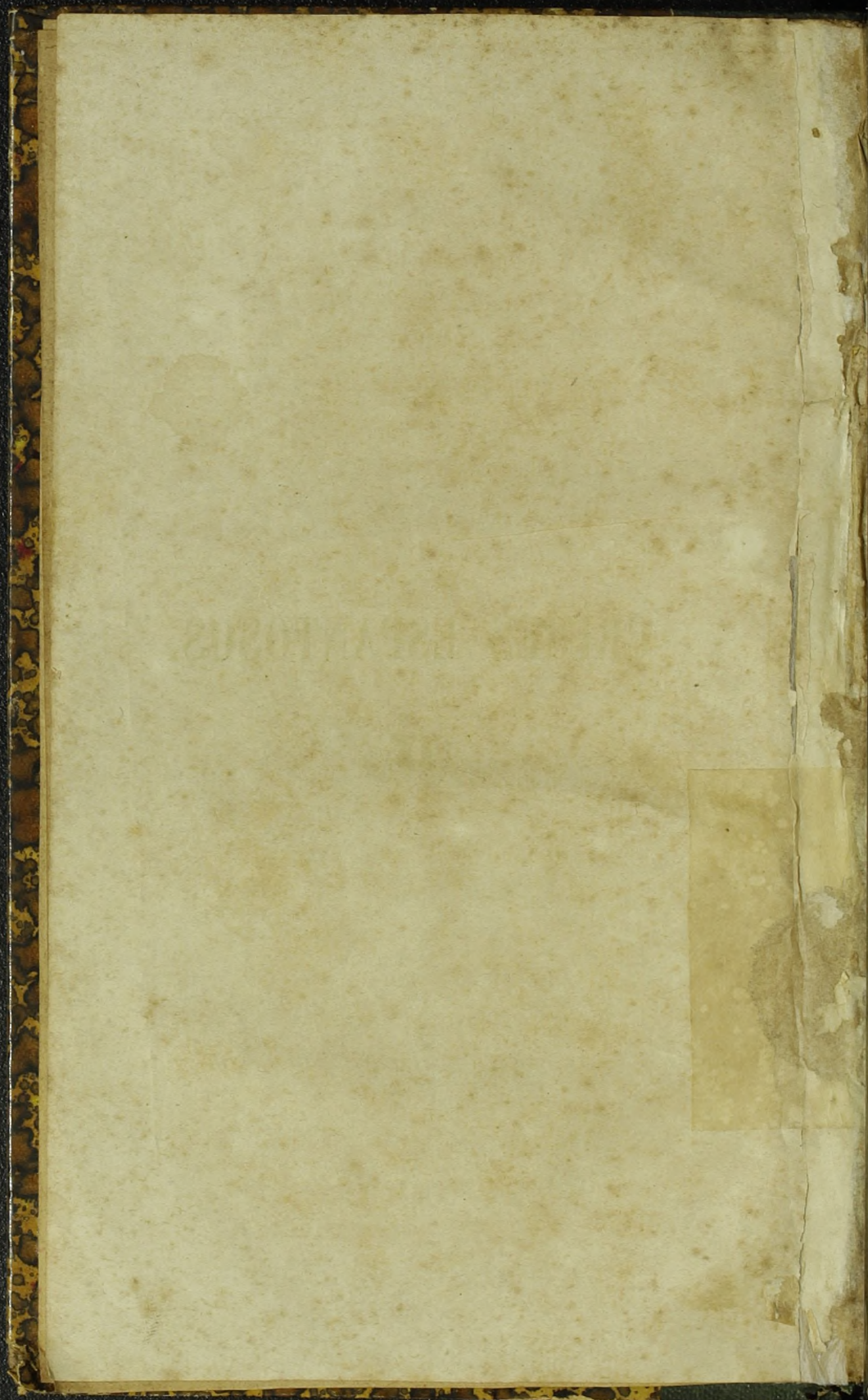




*P. Kerac*

# CRIMES ESPANTOSOS

## II







**LA RONCIÈRE**



**LACENAIRE**



# CRIMES ESPANTOSOS

**RELAÇÃO HISTORICA**

DOS

**ACONTECIMENTOS OS MAIS TRAGICOS**

**ATENTADOS, MORTES,  
ASSASSINATOS, PARRICIDIOS, INFANTICIDIOS,  
ESTUPROS, INCESTOS, ENVENENAMENTOS, MATANÇAS,  
FALSIFICAÇÕES, ROUBOS E OUTROS  
DELICTOS**

CONTENDO

**Fragmentos oratorios os mais salientes da accusação  
e da defeza, e seguido de algumas circumstancias que acom-  
panhárão a execução dos Condemnados.**

TRADUÇÃO DO

DEZ<sup>or</sup> HENRIQUE VELLOSO D'OLIVEIRA

**Tomo Segundo**

COM OS RETRATOS DE LA RONCIÈRE E LACENAIRE

BIBLIOTECA MUNICIPAL

«CRIGENES LESSA»

Tombo No .....

MUSEU LITERARIO

RIO DE JANEIRO

Em casa dos Editores-Proprietarios

**EDUARDO E HENRIQUE LAEMMERT**

*Rua da Quitanda, No 77.*

CHARLES B. PARSONS

ALBANY, N. Y.

UNIVERSITY OF THE STATE OF NEW YORK

THE STATE ENGINEERING SCHOOL  
UNIVERSITY OF THE STATE OF NEW YORK  
ALBANY, N. Y.

THE UNIVERSITY OF THE STATE OF NEW YORK  
THE STATE ENGINEERING SCHOOL  
UNIVERSITY OF THE STATE OF NEW YORK  
ALBANY, N. Y.

UNIVERSITY OF THE STATE OF NEW YORK

John Rogers

UNIVERSITY OF THE STATE OF NEW YORK

LIBRARY  
UNIVERSITY OF THE STATE OF NEW YORK  
ALBANY, N. Y.

EDWARD T. BENTON

# CRIMES ESPANTOSOS

---

## LA RONCIÈRE

ACCUSADO DE TENTATIVA D'ESTUPRO E DE FERIMENTOS GRAVES  
NA JOVEM FILHA DO GENERAL BARÃO DE MORELL, COM-  
MANDANTE DA ESCOLA DE SAUMUR. — COMPLICIDADE D'UM  
CRIADO E D'UMA CRIADA DO QUARTO. — CARTAS ANONIMAS.  
— CIRCUMSTANCIAS MISTERIOSAS. — DECLARAÇÕES D'EX-  
PERTOS EM ESCRIPTURA.

---

Emilio de la Roncière, tenente no 1º regimento de lanceiros, foi destacado do seu corpo para seguir o curso da escola de cavallaria de Saumur, commandada pelo general barão de Morell; elle tinha então vinte e nove annos d'idade. Chegado a Saumur em Março de 1833, não tardou em fazer-se notar pelas suas dividas e a desordem de seus costumes. Vivia n'uma hospedaria mobiliada (em hotel garni) com Melania Lair, e mais tarde com duas operarias, Adela Boreau e Annetta Rouault. Estes motivos determinarão o Sñr. de Morell a não contemplar nos seus convites particulares durante todo o anno de 1833.

No principio d'Agosto de 1834, a baroneza de Morell e

a Senhora de Morell, sua filha, de desaseis annos d'idade, vierão reunir-se ao general em Saumur, acompanhadas de Samuel Gilieron, criado, da criada de quarto Julia Genier, de Miss Allen, aia da jovem de Morell e de Roberto de Morell de 12 annos d'idade. A casa do general foi então aberta aos officiaes do escola. Entre elles se achava o Sñr. Octave d'Estouilly, official de cavallaria reformado. La Roncière cujo proceder tinha parecido melhorar desde algum tempo, foi tambem convidado, e tomou mesmo parte em um jantar, ao lado da jovem de Morell; depois de jantar, approximou-se della e mostrando-lhe um retrato de sua mãe : « Vós tendes uma encantadora mãe, lhe disse elle, mas sois bem infeliz de tão pouco vos parecerdes com ella. »

Poucos dias depois da chegada da Baroneza de Morell, uma multidão de cartas anonimas foi deposta em todas as partes de seu hotel. As primeiras não continhão senão declarações d'amor para ella. Mas outras dirigidas a Miss Allen, a Roberto e á Sñra. de Morell, prodigalisavão a esta os ultrages os mais grosseiros. Um bilhete com sobrescripto para a baroneza de Morell, lhe offerecia a homenagem dos tormentos causados á sua filha, e acabava assim :

« Eu me acharei hoje todo o dia nos arredores da vossa casa, e se Vos vir sahir, permitti-me acreditar que vós acceitais a respeitosa homenagem de vosso obediente criado E. de la R.

O general, á hora ordinaria da sahida de sua mulher abriu as janellas que davão sobre a ponte do rio Loire e ahi viu de la Roncière, que immediatamente se affastou.

A mesma mão revelava ao general com a inicial R. estas tristes profecias :

« Mais tarde o meu odio terá resultados, que privarão de todo o bem a vida de Maria. A morte seria para ella um grande beneficio, porque a sua vida será sempre miseravel e atormentada. »

Na mesma época outras cartas semelhantes erão dirigidas pelo correio ao Sñr. d'Estouilly. O desconhecido dizia nellas : « Eu quero perturbar a felicidade da familia Morell e a vossa. Eu escrevo hoje a Maria muitas cousas humilhantes a seu respeito. Essa carta é assignada d'Estouilly, e será entregue por um criado, mediante cinco francos.

O Sñr. d'Estouilly dirigiu-se immediatamente á casa da Sñra. de Morell, onde effectivamente a carta tinha sido entregue; mas elle foi empenhado por ella a queimar a de que elle era portador, e prestou-se ao seu desejo. Uma terceira carta encerrava um bilhete assignado Maria de Morell, figurava ser escripta por ella ao Sñr. d'Estouilly e continha estas linhas :

« Vós sois duro como um rochedo,— dizia ella notavelmente—, e eu que sou tão terna ! eu vos amo muito, Vós sois tão gentil. »

O Sñr. d'Estouilly foi communicar ao Sñr. de Morell as

suspeitas que tinha de Roncière, e manifestou-se resolvido a hir-lhe pedir uma satisfação, mas o general o dissuadiu disso.

Uma quarta missiva a d'Estouilly lhe exprimia sinistros projectos :

« Ser-me-ha preciso a morte para saciar a minha vingança, em pouco tempo essa jovem não será mais que uma pobre creatura degradada ; se a quizerdes n'esse estado, ser-vos-ha atirada nos braços. »

La Roncière, tendo-se apresentado em um saráo musical em casa do Sñr. de Morell, este o fez chamar á salla de jantar e em presença do capitão Jacquemin lhe disse : Por motivos particulares, peço-vos que não torneis á minha casa e que vos retireis. » La Roncière sahiu, sem dizer palavra, mas esta afronta acabou de exacerbar-lhe o odio, e elle resolveu vingar-se.

A 24 de Setembro pelas duas horas da madrugada a jovem de Morell foi repentinamente acordada pela bulha d'um vidro que ouviu quebrar sua janella ; abriu-se a vidraça e entrou um homem. A esta vista a Sñra. de Morell precipitou-se fóra da cama e poz-se atraz d'uma cadeira. Ella pôde então, á claridade da lua distinguir o seu aggressor, vestido com um capote de panno e um bonné de soldado vermelho na cabeça.

O seu olhar era assustador. Ella conheceu immediatamente la Roncière. Elle atirou-se a ella, dizendo : « *Eu*

*vou ou venho vingar-me.* » Ella reconheceu perfeitamente a sua voz. Elle a segurou pelos hombros, atirou com ella ao chão, arrancou-lhe a camisa de dormir, passou-lhe um lenço em volta do pescoço e o apertou com bastante força para não deixar á sua victima senão a possibilidade d'emittir fracos gemidos. Passou-lhe, alem disso, uma corda em volta do corpo e apertou essa corda. Nesse momento a Sñra. Morell sentiu a impressão dos pés de la Roncière sobre as suas pernas. Elle se inclinou para ella e lhe deu pancadas violentas no peito e nos braços e a mordeu no punho direito. Elle queria, segundo affirmava, tirar vingança do que lhe tinha acontecido dous dias antes em casa do seu Pai, o Sñr. de Morell, e que se vingaria d'um modo mais terrivel d'uma outra pessoa que tinha feito uso de cartas anonimas. Fallando desta maneira, elle se exasperava cada vez mais e redobrava as suas violencias sobre a Sñra. de Morell. «Desde que vos conheço, exclamou elle, ha alguma cousa em vós que me tem dado o desejo de vos fazer mal! » E no mesmo instante elle lhe deu entre as pernas duas pancadas, que occasionarão contusões mais graves ainda que as do peito e as dos braços. Pareceu-lhe que então La Roncière tinha alguma cousa de duro e pontudo na mão, e notou a marca dessa ponta sobre as contusões das coxas. Com tudo as facadas produzirão um effeito que la Roncière não esperava. A surpresa tinha deixado a Sñra. de Morell sem voz, o excesso da dôr, fazendo-a tornar a si, ella poz-se a gritar. Miss

Allen bateu á porta e começou a agita-la para entrar. A essa bulha, la Roncière disse : « *E'o que basta, quanto á ella.* » Poz uma carta em cima da commoda e retirou-se pela janella, que tinha ficado inteiramente aberta. A jovem de Morell só lhe ouviu estas palavras : « *Segura bem.* »

A Sñra. de Morell não pôde ao principio responder ás perguntas da sua criada, tanto ella se achava opprimida ; mas tendo-se restabelecido um pouco, lhe contou o caso com todas as particularidades que ficão ditas. Ella designou la Roncière como culpado, mas sem querer que seus pais fossem acordados. Elles o não forão com effeito, senão pelas seis hora já com dia claro por Miss Allen. A pesar da gravidade d'um tal attentado, a unica preocupação da mãe foi occultar a todos a horrivel sorte de sua filha, e a justiça não foi avisada, senão em seguida a novas cartas anonimas. A carta deixada em cima da commoda e com sobrescripto para a baroneza de Morell, datada de *quarta feira, a uma hora de manhã*, continha estas palavras :

« Eu vos amei e adorei, e Vós me respondestes pelo desprezo. Eu antes quero o odio e quero dar-vos o direito de me odiar. Todo o mundo em Paris saberá a vergonha de vossa filha. De Saumur eu parto e não tenho o prazer de testemunhar as vossas dôres. »

O Sñr. d'Estouilly, tendo recebido, a 24, uma carta de provocação, escripta pela mesma mão que as precedentes e assignada *Emilio de la Ron.....*



Foi procurar o Sñr. de Ambert, que lhe serviu de padrinho, e duas horas depois bateu-se com la Roncière, cuja testemunha foi o Sñr. Bérail. A sorte das armas trahiou porrem a sua causa e elle foi ferido de duas estocadas ; n'um braço e n'uma coxa. Antes e depois do duello, la Roncière tinha persistido em negar que fôra o autor das cartas anónimas. O Sñr. d'Estouilly, ferido, fez um ultimo appello á sua honra : « *Confessai, lhe diz elle, e tudo está esquecido.* » Mas la Roncière recusou positivamente. « *Eu vos perseguirei perante os tribunaes* » replicou o Sñr. d'Estouilly. La Roncière pareceu querer adiantar-se n'essa medida e pediu que lhe entregassem as cartas, para as levar ao procurador do Rei, mas o Sñr. de Ambert não consentiu, com receio que elle lhes desse fim.

Comtudo la Roncière, conservando-se inquieto sobre as disposições do Sñr. d'Estouilly, escreveu-lhe :

« Eu julgo dever-me á tranquillidade da minha familia, cuja honra seria manchada. Eu desabono todas as expressões que as cartas que Vós tendes recebido contêm ; e confessando-me o seu desgraçado autor, vos faço as minhas desculpas. Sêde assaz generoso, para ser discreto. »

O Sñr. d'Estouilly respondeu immediatamente :

« Eu exijo que Vós declareis tambem ser o autor das cartas anónimas escriptas ao barão e baroneza de Morell e á Sñra. Maria e que Vós desde hoje soliciteis uma licença e vos retireis de Saumur. »

La Roncière submetteu-se e escreveu uma segunda carta, completando as suas confissões :

« Eu declaro ser o autor das cartas anonimas escriptas ao general, á baroneza e á Sñra. Maria de Morell, e alem disso, ter escripto á ultima uma carta assignada d'Estouilly, e a este uma outra carta assignada Maria de Morell. E acabo de pedir uma licença e deixo a escola esta mesma noute. »

Parecia que o duello e as confissões que o seguirão deverão pôr um termo ás cartas anonimas, mas comtudo ellas continuarão, e o general recebeu pelo correio uma, em que se lia o seguinte :

« Agora, vossa filha terá um penhor da sua desgraça, eu tenho essa convicção, e vos direi que foi Samuel quem distribuia todas as cartas pela retribuição de cinco francos cada uma. Em Paris Vós vereis a vergonha de vossa filha publicada. »

E n'uma outra á joven Sñra. de Morell :

« Agora Vós estais n'uma completa dependencia de mim, e em poucos mezes sereis obrigada a vir pedir-me de joelhos um nome para vós e para outro. »

Emfim a baroneza de Morell recebeu tambem uma assignada E. de la R. :

« Os escalda-pés e as sanguessugas, fingindo ser para Miss Allen, são inuteis precauções... Vossa filha viverá, mas acabou-se a felicidade para ella. »

Um complice ao menos em casa do general era revelado nesta ultima carta. Samuel foi despedido e partiu a reunir-se com la Roncière em Paris. No mesmo dia o Sñr. de Morell escreveu ao chefe de policia, para lhe annunciar esta dupla partida e pedir-lhe que ambos fossem vigiados.

A correspondencia anonima que tinha momentaneamente cessado, proseguiu por uma carta á baroneza de Morell, assignada E. R. :

« Eu consentirei em casar com vossa filha. Reccei um momento que o vosso projecto não fosse de a casar de pressa antes do desenredo. Soube depois que não havia nada de semelhante. De resto, eu teria deuido pensar que ha cousas que uma mãe loureira e um pai avaro nunca fazem, mesmo para salvar sua filha da vergonha. »

N'uma outra carta La Roncière desenvolvia manifestamente as suas vistas interesseiras.

« Não fiz outra cousa senão assassinar vossa filha, dei-lhe em certas partes terriveis golpes de faca pensando que, se ella vos contasse tudo o que se tinha passado, Vós não terieis deixado de acreditar, que eu tinha plenamente gosado d'ella e quiz aproveitar-me do vosso erro para me assegurar uma fortuna que me é muito necessaria. Actualmente vingança, vingança, sangue, sangue ! »

Tanta audacia tornava já o silencio impossivel. O general partiu para Paris e uma instrucção ahi foi requerida. Samuel tinha sido avisado da chegada do general e la Roncière

tinha procurado um asilo em um quarto em casa de Melania Lair, praça das Victorias. A sua prisão teve lugar nessa rua a 28 d'Outubro. Uma carta assignada *Victorina Moyert* e datada de Saumur na quarta feira 26 de Novembro, chegou ao Sñr. d'Estouilly em Picardia e continha outra da mesma letra que as precedentes datadas de Paris e com a assignatura *E. de la Roncière*. Lia-se nella :

« Do fundo da minha prisão, eu vos conjuro que me poupeis no vosso depoimento. Eu entrei no quarto da jovem de Morell com intenção bem differente da de a assassinar. Mas lançando-me sobre ella, para a impedir de gritar, quiz fazer-lhe dizer que ella vos não amava. A pesar das minhas pancadas, não quiz nunca dizer palavra. Na minha cólera dei-lhe uma facada terrivel.

« Chegado a Paris, fiz passar á sua criada do quarto, de quem eu estava em plena posse um bilhete para a Sñra. de Morell em que eu ameaçava a vossa vida ; escreveu-se-me que a vista só desse papel lhe tinha causado uma febre cerebral. Queimai esta carta, ella seria uma prova bem positiva contra mim ! O meu unico meio de defeza é negar tudo.»

A molestia da jovem de Morell tinha tomado um character assustador, a baroneza de Morell a reconduziu a Paris.

Comtudo, accusado ao mesmo tempo, quanto ás cartas pelas confissões dirigidas a d'Estouilly, e quanto á tentativa d'estupro e os ferimentos pelo reconhecimento formal da jovem de Morell, acabrunhado, segundo a sua propria ex-

pressão, sob o peso de provas materiaes, la Roncière imaginou trocar de papel, de accusado se fez accusador. Elle pensou sempre, segundo disse, que a Sñra. de Morell, sua mãe, sua aia e o Sñr. d'Estouilly não erão estranhos á maquinação tramada contra elle, da mesma sorte que á confecção das cartas anonimas. Elle exprime duvidas sobre a realidade do attentado e os ferimentos, assim somo sobre a molestia da jovem de Morell.

Elle se acha inclinado a julgar que a jovem de Morell e o Sñr. d'Estouilly tinham tido, por intermedio de Miss Allen, algumas relações intimas, que a Sñra. de Morell tinha inventado um crime, no intuito de salvar a sua honra, e que os pais o accusavão, com o fim talvez, de o decidirem a casar com sua filha. Este systema de defeza provocava uma primeira medida, a verificação das escripturas por peritos. Ella teve lugar, e contra toda a expectação, pareceu prestar apoio á intenção de la Roncière.

Declarou-se que as cartas em questão não erão, nem no todo, nem em parte da mão de la Roncière, que o pequeno bilhete ao Sñr. d'Estouilly, assignado *Maria de Morell* e a carta ao mesmo assignado *Victorina Moyert*, erão evidentemente da mão da jovem de Morell, que as outras desoito peças em questão, offerecião, apesar de alguns disfarces, numerosas e passaveis relações de semelhança com a letra da jovem de Morell, e devião igualmente ser-lhe attribuidas. Mas pondo de parte um exame minucioso da escripta, a mais

forte de todas as provas, a impossibilidade moral, se levava contra essas duas ultimas declarações. Tambem se não poderia entender que la Roncière tivesse podido voluntariamente confiar a d'Estouilly confissões inteiramente completas, se estas não fossem o grito da verdade. E tanto mais difficil seria isso de entender, quanto elle o tinha vencido no duello.

Relativamente á allegação d'uma prenhez, a Sñra. de Morell foi examinada por uma parteira e pelo D<sup>tor</sup> Lherminier, que declararão que o attentado não tinha sido consummado. Sómente verificárão a existencia d'uma cicatriz, que demonstra a realidade dos ferimentos, assim como a da tentativa de estupro, em seguida a essas violencias.

Medicos célebres descrevêrão a doente, como soffrendo ataques de nervos, que se prolongão dezoito horas nas vinte e quatro e que escapão a toda a suspeita de fingimento. Este estado, sem exemplo, lhes pareceu proveniente d'uma causa moral muito intensa, e compôr-se, ao mesmo tempo, de somnambulismo, catalepeia e d'extasis.

O todo destes factos determinou contra de la Roncière uma accusação de tentativa d'estupro e de ferimentos sobre a pessoa de Maria de Morell, e de complicitade da parte de Samuel Gillerion e Julia Grenier, e elles comparecerão perante o jury do Sena, a 15 de Junho de 1835.

Do longo interrogatorio, porque o presidente fez passar a de la Roncière, limitar-nos-hemos a citar as passagens indispensaveis ao leitor, para a intelligencia do processo.

O presidente : — Em 1833, a Sñra. de Morell veio a Saumur com sua filha, Vós tinheis sido admittido em casa della em dois saráos geraes, mas alguns motivos havião concorrido para vos alienar o Sñr. general de Morell : o escandalo das vossas relações com a rapariga Lair, e as dividas que Vós tinheis contrahido. Em 1834 o vosso proceder se melhorou e Vós fostes admittido em casa do general de Morell. Não chegarão á vossa noticia as cartas anónimas em grande numero á familia Morell ?

— R. Eu o sube depois e sou estranho a tudo isso.

— P. As indicações das cartas referem-se d'um modo tão exacto aos vossos habitos e ás vossas relações, que é impossivel que ellas não emanem de vós.

O presidente enumera aqui todas as circumstancias que parecem estabelecer que Samuel era o intermediario da entrega das cartas anónimas. Elle interroga depois la Roncière sobre as suas relações com o Sñr. d'Estouilly, amigo da familia Morell, com quem tivera depois um duello, em que d'Estouilly foi ferido.

O accusado persiste em declarar que é estranho a todas as cartas anónimas dirigidas, quer á familia Morell ou ao Sñr. d'Estouilly.

O presidente descreve ao accusado as principaes circumstancias da scena nocturna. Um individuo se arrojou contra a jovem Morell com tentativas d'estúprou e horriveis tratamento. Não ereis Vós ?

O accusado responde mui tranquillamente :

— Não senhor.

— P. Comtudo a Sñra. de Morell declarou positivamente reconhecer-vos e nessa noite havia um luar claro. Ainda mais : esse individuo disse cousas, que só por Vós podião ser ditas. Esse individuo disse que vinha vingar-se, que tinha uma vingança a exercer. Ora Vós poderieis ter que vos vingar ; Vós tinheis sido expulso da casa do general. Esse individuo disse ainda que outro tinha trahido um segredo, que elle lhe applicaria o sello da infamia sobre a face. Ora, no dia seguinte Vós vos batestes com o Sñr. d'Estouilly, ao qual se tinha escripto uma carta, em que se encontrão os mesmos termos. Como explicar semelhantes coincidencias ?

— R. Eu sou estranho a todos esses factos e não posso d'elles dar explicação alguma.

As objecções que o presidente continua a pôr ao accusado sobre os factos subseqüentes, que provão tão positivamente a sua culpabilidade e sobre o que ha d'estranho nas explicações que lhe dá, continua o accusado a sustentar, que ellas não são por isso menos conforme á verdade.

Interrogado successivamente sobre todas as cartas anónimas que seguirão a chegada da jovem a Paris, o accusado oppõe as mesmas denegações quanto ás cartas precedentes.

— P. Não lançastes Vós em uma carta as suspeitas as mais graves sobre a moralidade da Sñra. de Morell ?



— R. Segundo o que me tinha dito a criada, eu julguei poder faze-lo.

O presidente dá leitura d'essa carta; em que se lêem estas palavras : « Vós não vereis nisso mais que uma rapariga bastante desinquieta, como eu o sube pela criada; uma rapariga que teria commettido uma fraqueza com alguém; vendo que existia disso uma prova material (pois que se me disse, estar pejada) ella terá confessado isso a seus pais, que julgarião dever salvar a honra de sua filha, accusando-me d'esse duplo crime. »

— P. Resultão de tudo isso as cargas as mais graves contra vós. As vossas confissões e a identidade de todas as cartas vos accusão da maneira a mais grave.

O presidente procede ao interrogatorio de Samuel e da rapariga Grenier, e depois, dirigindo-se ao accusado principal : « Tendes Vós intenção d'attribuir a alguém as cartas anonimas ?

— R. Sim.

— P. A quem ?

— R. A Sñra. de Morell. Eu me fundo sobre o depoimento do criado e sobre a declaração dos peritos.

A jovem Sñra. de Morell entra, sostida por uma mulher d'idade e acompanhada por duas de suas parentas. O seu andar, ainda que vagaroso, é bastante firme. Ella se coloca com facilidade no grande assento que lhe tinha sido preparado e se vira para os jurados. A sua voz, supposto fraca,

não é trémula. As suas palavras não demonstrão grande embarço. Quanto ao mais, a Sñra. de Morell parece estar n'um estado completo de rasão, e inteiramente senhora de si mesma.

Depois d'alguns pormenores sobre os factos anteriores ao dia 24 de Setembro, a Sñra. de Morell chega ao attentado nocturno e a sua emoção augmenta. Eis as suas palavras :

« Eu dormia... Uma bulha me acórda ; era um vidro que se quebrava. Voltando-me, vi um homem saltar no meu quarto... Elle tinha na cabeça um boné de soldado... Pareceu-me positiva e immediatamente ser o Sñr. de la Roncière... Elle me arrancou a minha camisola, passou-me um lenço em volta do pescoço e uma corda em volta do corpo... E disse-me que vinha vingar-se... Deu-me pancadas nos braços e nas pernas... Poz-se a morder-me e a pisar-me aos pés... Deu-me pancadas na boca... Durante esse tempo, elle dizia que se queria vingar... Os meus gritos abafados, meus gemidos achárão enfim quem os ouvisse. Miss Allen bateu á porta e a impelliu com força... O Sñr. de la Roncière fugiu por onde tinha entrado. — O presidente, baixando a voz : Estava elle inteiramente vestido?.. — R. Sim. — P. Tinha as suas calças? — R. E' o que eu não poderia dizer, eu vi que estava de branco, quando o casaco s'entrebriu. Tirou-vos elle a vossa camisola? — R. Inteiramente. — P. Estava ella abotoada? — R. Não; só tinha o cordão da cintura. — P. Esse individuo, la Roncière, começou

por vos tocar? — Sim. — P. Em que parte do corpo? — R. Nos braços. — P. Buscou elle colocar-vos no leito? — R. Não.

— O presidente em meia vez : Estendeu-se elle sobre Vós ou ao lado? — A Sñra. de Morell. Elle o não pôde fazer.

— P. Tinha elle uma faca na mão? — Não sei. — P. Em que occasião vos deu elle pancadas com um instrumento picante e cortante? — R. No fim da rixa. — P. As feridas forão feitas por cima ou por baixo da vossa camisa? — R. Por baixo. — P. Quem decidiu esse individuo a fugir, pensais Vós que elle ouvisse os movimentos de Miss Allen? — R. Sim. Ella se esforçou durante um ou dous minutos a abrir a porta.

— O presidente : Esse individuo procurou levar mais longe os seus actos sobre vós? (Silencio da Sñra. de Morell.)

— P. (com gravidade) : Sñra. estais Vós bem certa que o individuo que entrou em vossa casa é de la Roncière? — R. Estou muito certa ; foi elle.

— P. Vós tendes parecido duas vezes ter tido falta de confiança em vossa mãe. Primeiro, em não a ter feito chamar immediatamente na noute de 24, depois, occultando-lhe os ferimentos que tinheis recebido. Não forão elles feitos nas partes as mais occultas? — R. Sim. — P. Quando fallastes disso á Sñra. vossa mãe? — R. Quando

eu estava curada. — P. Quando as feridas forão examinadas, já vos não incommodavão? — R. Não Sñr.

Por intimação do presidente, la Roncière levanta-se.

— O presidente á Sñra. de Morel : Olhai para de la Roncière, e dizei se ainda o reconheceis? A Sñra. de Morell, voltando-se immediatamente, e olhando em face para o accusado, diz com firmeza : « Sim, eu o reconheço. »

— P. Accusado, que tendes Vós a dizer?

— R. Eu protesto contra esse depoimento da Sñra. de Morell, e á face de Deos e dos homens, o declaro de toda a falsidade.

— P. E que motivo suppondes á declaração da Sñra. de Morell, para a reputar mentirosa?

— R. Eu o ignoro, e não sei o que pôde impelli-la a accusar-me d'um crime atroz que eu não commetti.

O Sñr. d'Estouilly testemunha, conta as circumstancias que o levarão a Saumur, onde tomou conhecimento em uma mesa redonda com de la Roncière, sem que as suas relações fossem mais do que indifferentes.

A testemunha dá conta depois das confidencias, que fez a seu amigo, o Sñr. de Ambert, sobre as cartas que tinha recebido, e que attribuia a de la Roncière, e da participação que fez ao general de Morell. Depois chega aos factos do saráo musical, dado a 21 de Setembro ao general de Préval, conta a expulsão do Sñr. de la Roncière :

« O Sñr. de la Roncière, tendo sido expulso da casa do

general, continua elle, eu não duvidei mais, pois que o considerava autor das cartas anonimas, de que eu não tardasse em receber uma nova. A 24 de manhã, recebi com effeito uma assignada Emilio de la Ron... Eu a chamo anonima, porque ella tinha a mesma letra das cartas anonimas. Esqueceu-me dizer que, anteriormente, e vendo-me desagradavelmente envolvido n'essas cartas, offereci ao general de Morell deixar Saumur. Elle disse-me que o não fizesse. « Ficai, me disse-elle, Vós tericis o ar de fugir desta canalha. »

« Eu resolvi então pedir uma satisfação ao Sñr. de la Roncière. »

O Sñr. d'Estouilly conta então a sua provocação feita ao Sñr. de la Roncière e refere a carta que lhe escreveu a esse respeito, o lugar d'encontro que se designou, a chegada de la Roncière a esse lugar, e as suas explicações com o Sñr. de Ambert.

« O Sñr. de la Roncière, accrescenta elle, querendo fallar-me eu descí ao pateo da casa de pasto, e o achei pallido, desfeito, e tendo a minha carta de provocação na mão, elle me disse, meio chorando, meio de joelhos (gesto negativo do accusado) : que elle estava innocente das cartas anonimas, que algum espirito satânico se tinha apoderado da sua fórmula d'escripta, e que lhe querião pregar uma infame peça. Nada é mais facil, accrescentou elle, do que contrafazer um talhe de letra; olhai Sñr. de Ambert, es-

crevei alguma cousa e vereis, como eu vos contrafaço a letra. »

O Sñr. de Ambert, official e testemunha do Sñr. d'Estouilly, conta os factos no mesmo sentido que o precedente.

O Sñr. de la Roncière : E' verdade que eu viesse ter com o Sñr. d'Estouilly, chorando e de joelhos, a testemunha ouviu-o dizer ?

O Sñr. de Ambert : « O Sñr. de la Roncière disse : Eu me lanço aos vossos joelhos ! » Isso causou-me estranheza, por ser uma expressão assaz pouco militar. — O accusado : Dizia-o eu para me não bater, para que se não desse andamento ao negocio ?

O Sñr. de Ambert : Já disse que Vós vos batestes bem, comtudo o Sñr. de la Roncière estava abalado, no momento do duello ; qual fosse a causa, não o sei, mas se eu quizesse dizer que o Sñr. de la Roncière era um cobarde, não escolheria o momento, em que elle está rodeado de soldados. Que poderia eu dizer agora ? Elle é bravo ! talvez me dissessem que eu não declaro o que penso. Elle é cobarde ! eu o repito, não seria este o momento, que eu escolheria. Eis tudo o que eu posso responder.

O accusado : Mas Sñr., não é uma provocação, que eu vos dirijo.

O Sñr. de Ambert, vivamente : Emfim, eu vo-lo digo, se Vós fordes absolvido, e quizerdes saber a minha opinião a vosso respeito, hide procurar-me, que eu vo-lo direi,

O advogado M<sup>e</sup> Berryer : O debate acaba por uma palavra.

O S<sup>ñr.</sup> de Ambert declara que não foi para evitar o combate que o S<sup>ñr.</sup> de la Roncière disse que se punha de joelhos. Tudo está dito nessa explicação.

Bérail, official e testemunha de de la Roncière, está de accordo em tudo com a precedente testemunha sobre as circumstancias do duello e sobre as que o seguirão.

Outro official, o S<sup>ñr.</sup> Jacquemin, confirma os pormenores precedentes ; interpellado sobre a moralidade do accusado, responde sorrindo, que elle tem muita indulgencia por dividas e amasias.

O advogado da parte, M<sup>e</sup> Odillon Barrot : Tenho ainda uma pergunta a fazer á testemunha, mas ella está ligada a alguma cousa de tão confidencial, que se o S<sup>ñr.</sup> Capitão Jacquemin tiver o menor escrupulo em responder-me, eu não insistirei. Não ouviu dizer a um dos officiaes que tinham relações intimas com de la Roncière, que este teria emprestado ou fornecido uma escada de corda ?

O S<sup>ñr.</sup> Jacquemin responde : Melhor do que isso ; eu vi a escada de corda feita por de la Roncière, em casa d'um antigo camarada.

O presidente : Como se chama esse camarada ?

Uma voz, do fundo da salla : Sou eu !

O S<sup>ñr.</sup> de Ambert, aproximando-se : Sim, S<sup>ñr.</sup> presidente, sou eu de quem se trata, é em minha casa que se

viu a escada de corda. Ha muito tempo, bastante tempo antes do acontecimento, que a escada de corda foi feita por de la Roncière : ella foi por elle feita para mim. Mas eu posso jurar pela honra, que a escada de corda estava na minha casa, quando o acontecimento teve lugar. A escada me pertenceu sempre, ella me foi feita e dada n'um momento em que eu della precisava, eu guardei-a depois, juro que inda se acha na minha casa em Tours. Eu juro tambem, que ella estava em minha casa no dia do acontecimento.

O presidente : Qual devia ser o uso da escada ? A essa pergunta, cuja resposta é facil de advinhar, o official ri debaixo do seu espesso bigode, e com um ar embaraçado : Sñr. presidente diz, era para mim, era para entrar por uma janella, e Vós podereis bem sentir que não era para furtar.

É chamada Elisa Rouaut, fanqueira, que a accusação designa, como tendo tido intimas relações com o accusado. Era em sua casa que morava la Roncière em Saumur, tem por fim provar que elle não sahiu de casa della a 23 á noute, dia do acontecimento.

A testemunha declara que ella se lembra muito bem que o accusado entrou pelas onze horas e passou em casa della a noute de 23 a 24 de Setembro ; que ella lhe tinha perguntado se elle tinha de sahir, e que á sua resposta negativa, tinha fechado a porta e guardado a chave n'algibeira, porque devia nessa noute trabalhar e tinha medo, que era



por isso que ella procedia assim quando trabalhava de noute, que ella esteve com effeito acordada a noute de 23, que a porta esteve sempre fechada e ninguem tinha podido sahir.

Depois desta testemunha o tribunal recebeu os depoimentos seguintes : 1º do vidraceiro e do architecto de Saumur sobre o vidro quebrado e a escalada e dahi resulta pouca probabilidade em favor da accusação; 2º O magistrado do districto (maire) de Saumur, consultado sobre a moralidade das raparigas Rouaut e Borrot, responde que, segundo as informações que tomou, essas raparigas erão mui pouco escrupulosas sobre o artigo « amor », que quanto ao mais, a sua probidade não merecia critica.

Seguem-se depois as declarações dos quatro escreventes peritos que dão lugar a um debate mui prolongado, em resulta do qual, concluem, conforme ao seu relatorio feito ao juiz do processo, que as quatorze cartas anonimas apresentadas são escriptas pela mesma mão, ainda que de differente modo, que comparadas á letra de la Roncière, ellas lhes tem demonstrado não procederem delle; e que, ao contrario, lhes parece incontestavel que a jovem Sñra. de Morell fora quem as escrevera.

A declaração dos peritos dá lugar a uma controversia animada, em que tomão parte os membros do tribunal, os advogados e os jurados, a quem por ultimo forão entregues as cartas para lhes esclarecer o juizo.

Ouve-se uma parteira e o D<sup>tor</sup> Lherminier sobre os feri-

mentos da Sñra. de Morell e os Doutores Recamier e Olivier sobre a sua molestia actual. As suas declarações nada accrescentão aos factos já sabidos.

A audição das testemunhas da accusação, achando-se terminada, seguem-se as da defeza que depoem, julgarem o reu, apesar da sua leviandade, incapaz de praticar cousa alguma contra a honra.

Os limites d'esta obra, a contar apenas summariamente muitos pormenores, nós vamos dar as principaes passagens das allêgações do accusado e da parte queixosa, que bastarão para restabelecer as lacunas e completar a nossa narrativa.

O advogado Odillon Barrot toma a palavra, e depois de se ter entregue a altas divagações sobre o crime de que a familia Morell quer a repressão, examina os antecedentes do accusado, a má reputação que elle adquiriu e que immediatamente que a noticia do espantoso attentado de 23 de Setembro cahiu no meio da escola de Saumur, todos logo disserão : *Foi la Roncière.*

Delineando em seguida os primeiros factos, elle mostra la Roncière admittido em casa do general, e convidado para a sua mesa. Conta a sua curta conversação com a jovem filha do mesmo general, cujo objecto tinha alguma cousa de satânico e d'estrambotico em sua imaginação; exaltar uma mulher casada, uma mãe, á custa de sua filha! mas as cartas anonimas chegam em multidão, e o mesmo character

satarico, o mesmo genio fóra de commum, ahi se encontram e manifestão o seu autor.

O advogado memóra aqui as primeiras cartas anonimas, despresadas e rasgadas pela jovem de Morell, e chega áquella que dava sitio e hora do apontamento á baroneza. Esta carta é entregue ao general; elle abre a janella e vê la Roncière que se affasta. Cartas de ameaça chegão. Não ha mais duvida, o general viu com os seus olhos. La Roncière apresenta-se nas suas sallas, elle o faz chamar pelo capitão Jacquemin, e o convida a sahir de sua casa immediatamente e a nunca mais lá entrar. Elle sahe sem proferir uma só palavra, recebe o mais cruel ultrage, é expulso vergonhosamente! desfeitoado!.... e não diz uma palavra. O general torna a entrar e diz ao capitão Jacquemin : « Pois bem ! Vós o tendes visto ! eu o expulso da minha casa e elle não profere palavra. Eu não quereria outra prova da sua culpabilidade. » Ah ! havia uma primeira confissão n'esse silencio, que não podia provir senão d'uma consciencia culpada !

« Mas a sua inacção occultava outros projectos ; ás cartas anonimas elle queria fazer succeder uma vingança mais positiva. Não era uma justificação em presença de testemunhas que la Roncière pedia ; era um crime ! Desde o dia 21, as cartas anonimas cessão e se prepara o maior attentado. Será uma vingança completa sobre quatro pessoas ao mesmo tempo. Elle baterá sobre um pai que se viu obrigado a expulsa-lo das suas sallas. Elle irá ferir uma mãe que

teve de repellir as suas homenagens. Elle irá ferir uma jovem menina, que talvez indiscretamente contasse as palavras indecorosas que elle lhe tinha dirigido. Havia ainda um official honrado, cuja unica falta consistiria talvez em ter sabido merecer a estima d'uma honrada familia, e era preciso vingar-se tambem d'elle : e no mesmo dia essa quadrupla vingança se cumpriu. No dia 24 de manhã, tudo está combinado, executado ; ao mesmo tempo d'Estouilly recebe uma insolente provocação. Elle escreve a la Roncière uma carta em que lhe diz que elle é um miseravel, e que lhe quer fazer a honra d'um golpe d'espada. De la Roncière fica admirado ; elle não esperava o aceite. Rejeita, protesta de sua innocencia ; mas d'Estouilly, que tinha consultado Jacquemin, insiste. Jacquemin lhe diz « é elle que é o autor das cartas anonimas. » La Roncière enfim aceita, mas não encontra testemunhas. Elle estava tão conhecido, que Bérail, amigo d'Estouilly, não serve ao accusado de padrinho, senão a rogo de d'Estouilly mesmo e para evitar que lhe nomeiem um d'officio.

« A respeito da maneira porque o duello se passou, nós reconhecemos que La Roncière se houve bem. Mas assim ferido como se acha, d'Estouilly lhe diz que não está tudo acabado. Elle aperta com la Roncière para que confesse, e o ameaça com o promotor publico (procureur du Roi), e separão-se assim. »

Mestre Odillon Barrot conta aqui todos os factos subse-

quentes, as conferencias, hesitações de la Roncière, os passos que deu para com seus camaradas e para com Jacquemin que o induz a consultar um advogado, as dilações que se seguirão a essa consulta, o tempo que teve la Roncière para cahir em si, e chega emfim ás confissões feitas em cartas. Convem apressar essas confissões, confissões explicitas, claras, individualisadas, confissões inexplicaveis, não o sendo pela culpabilidade. Elle as faz ver inteiras, completas, motivadas, sem reserva. E' de per si, e sem influencia estranha, é pela simples declaração que d'Estouilly persiste nas suas convicções, que elle copia tranquillamente um rascunho que tinha feito. Elle o copia com vagar, o corrige e faz mudanças de frases. Elle escreve emfim estas palavras, que não são o effeito d'inducção : *A minha carreira está para sempre perdida.*

D'Estouilly, deitando e sentindo os assaltos da febre, manda ler a carta. Vê n'ella condições. Elle as rejeita : « Eu não recebo condições, eu as imponho ; desgraçado que Vós sois por vossas infamias ! Eu exijo que deixeis estes lugares, que vos retireis de Saumur, e que não torneis mais a apparecer aqui. » La Roncière se submete !

Se se me pedisse a verdade com uma tal linguagem, eu não sei se consentiria em dize-la. E é uma mentira em que se consente á vista de semelhante carta ! Poisque ! nem o menor sentimento de dignidade humana, nem o mais pequeno ! Vós choraes ao unico pensamento de vos não terdes

bem batido n'um duello, e não choraes, quando, com o ultrage e a injuria na bocca, vos pedem semelhante declaração ! Vós a fazeis, essa declaração vergonhosa, Vós a fazeis !

La Roncière parte, mas a sua cabeça trabalha. Consta que o general de Morell não procederá em juizo, que o desgraçado pai recua em face da publicidade ! Então a coragem malvada volta.

Causou admiração o silencio do Sñr. general de Morell, a respeito da remissão feita a de la Roncière ; causou admiração que elle immediatamente não pedisse justiça do attentado commettido contra a sua filha ! Ah ! Sñrs. Já se vos leu esse acto tocante em que a amargura d'este desgraçado pai se acha delineada com todos os sentimentos da dôr. Eu devo reproduzi-lo ainda aos vossos olhos.

*Individuação sobre a horrivel catastrophe de 23  
a 24 de Setembro.*

« Oh vergonha, opprobrio, desgraça, horrivel memoria d'um crime, que me conduzirá ao sepulchro, causando a ruina de todos os meus ! Terei eu a força de patentear o que deveria ser escondido no centro da terra ? O monstro, ajudado pelo miseravel a quem tinha seduzido, entrou por escadada no quarto de minha filha pela janella e satisfez sobre ella tudo o que a brutalidade a mais feroz pôde inspirar,

apezar dos esforços da desgraçada menina. Falta-me o animo para proseguir. Este demonio, vomitado pelo inferno para nossa destruição, teve a crueldade barbara de se gabar do seu crime, e de nos informar elle mesmo das mais horriveis particularidades, nas cartas aqui juntas, que fornecem a prova a mais positiva da sua culpabilidade e pódem faze-lo subir ao patibulo.

« E foi necessario, para não deshorrar publicamente a minha desgraçada filha, devorar tudo isto, soffrer mil mortes, preencher os deveres do meu emprego, dar horriveis festas.....

« Maria, cara e tenra victima, tu eras o que eu amava mais no mundo. Anjo de pureza, esperança da tua familia, orgulho de teus pais, innocente cordeiro, cobardemente degolado, se o mundo, onde não tinhas ainda entrado te repelle, o coração de teu pai será sempre um asilo em que acharás refugio. Mas este ultimo recurso mesmo te deve faltar... este coração tão maltratado pela desgraça acabará de seccar pela dôr !...

Saumur, 3 de Novembro.

BARON DE MORELL.

« Comtudo a natureza, a força da idade, os cuidados longe do mundo, onde não tinha ainda entrado, tranquillisarão o seu espirito ; porque la Roncière tinha partido !

Uma carta anonima chega, e esse bilhete continha amea-

ças de morte contra seu pai, sua mãe e tudo quanto ella tinha de mais caro no mundo; Maria a lê e immediatamente cahe em convulsões horriveis, corre-se a ella e encontra-se estendida por terra, abre-se-lhe a mão e n'ella se descobre um bilhete : algumas palavras escapão de sua bocca : *Meu pai, minha mãe, homem vermelho; assassinão-os !* Cuida-se que ella vai morrer. Um grito de morte é lançado em toda a casa. Chamou-se um padre, a extrema unção lhe é dada. Emfim, um meio desesperado, um banho frio a faz tornar a si.

E durante esse martyrio uma nova carta chegava, que continha ainda ameaças. Então, meus Sñrs., a resolução do pai foi tomada, elle escreveu á autoridade do guarda-sellos (garde-des-sceaux) para o prevenir do que se passava.

« A instrucção começa. Qual será a intenção do accusado na defeza ? Ah ! sem duvida, elle não quererá salvar-se á custa d'uma atroz e indigna calumnia ! Nada absolutamente : com essa facilidade, com esse ar desempachado que lhe é tão natural ; ei-lo que diz nas suas cartas : « E' uma rapariga desinquieta, ella está pejada, ha uma falta a occultar. Talvez quererão propôr-m'a em casamento. Que a mãe venha e se lance aos meus pés, e então veremos. » Tal é o systema adoptado pela defeza e pelo accusado ; é um crime accrescentado a outros crimes ! E n'este recinto, quando se perguntou ao accusado sobre que bazes fazia repousar essa



accusação, elle respondeu friamente : « Seria mui factível, porque se me tem dicto que essa rapariga tinha frequentes contestações com seus pais por seus deveres. » Ei-la ahi, eis a honra desses homens, que chorão quando os accusão, quando parece que os accusão de não terem mostrado bastante coragem e lealdade n'um duello; de não terem morto o seu adversario conforme as regras; e que não chorão, quando se trata de deshonnar uma desgraçada jovem, de calcar aos pés o seu futuro, de dirigir contra uma pessoa innocente uma atroz calumnia, uma calumnia mais indigna e odiosa que o crime mesmo, de a degradar, tanto quanto d'elles depende em presença d'uma familia, sobre a qual se reflecte a deshonna. Elles não chórão ! Ao contrario, elles se mostram tranquilllos, elegantes, desempachados, como se se não tratasse mais que d'alguns dictos insignificantes. Ha alguma cousa de caracteristico em uma semelhante defeza. Eu não reconheço n'ella as inspirações da innocencia. Eu reconheço ahi um homem cuja vida inteira é uma sorte de desafio lançado ao pudor, e que vem acabar no sanctuario da justiça o que começou no lar domestico.

« Pois bem ! nós aceitamos o vosso desafio. Essa posição é para vós uma necessidade, é uma fatalidade da vossa causa, fatalidade porque sois obrigado a passar, e que os conselhos da prudencia não podem mais impedir. Vós não podeis mais asseverar-vos innocente, sem accusar a vossa

victima ; mas nós podemos dizer-vos desde logo, que Vós vos achais sob o peso da accusação de uma criança. Se essa criança não inventou a horrivel accusação dirigida contra vós, se essa imaginação de desaseis annos não engendrou essas maquinações infames, não tramou a mais odiosa das intrigas ; se n'este recinto e em presença da justiça ella disse a verdade e não se maculou, ella, tão jovem, com um monstruoso perjurio ; se ella diz a verdade ; se ella não é emfim um monstro, vós sois culpado !... E' preciso que a jovem menina ou que o accusado seja condemnado. A absolvição d'um é evidentemente a condemnação do outro. Dizem ser ella o autor das cartas anonimas ; que ella urdiu um trama infame, uma combinação infernal ; foi ella, dando-se credito á defeza, quem designou lugar e hora á sua mãe, debaixo do nome d'um official, foi ella quem encaminhou declarações mui livres a outro official. Ella impelliu dous officiaes a degolarem-se, ella fez derramar o sangue d'um pela mão do outro ; ella escreveu uma carta que rememora a linguagem, não direi já d'um soldado, mas d'um tarimbeiro habituado a toda a sem-vergonha das tavernas, e dos lugares immundos. Ella tem, jovem menina como é, de desaseis annos, hido calcando aos pés, desconhecendo tudo. Ella advinhou tudo, tudo aprendeu, tudo inventou ; ella semeou por toda a parte o desespero ; ella levou a toda a parte o luto, depois então, sobre esse montão d'infamias, ella se eleva triumphante e na sua frenetica alegria, ella entôa d'alguma

sórte um hymno satânico !... Eis, ao dizer da defeza, o que fez a mais pura e a mais innocente das virgens.

« Forão comtudo peritos quem isso vos disserão. Peritos ! já um desmentido energico é dado em todas as consciencias a um semelhante absurdo. Meu Deos ! eu não gosto do sarcasmo em negocios tão graves e que agitação interesses tão importantes ; mas a infallibilidade que esses senhores se arrogão está singularmente enfraquecida. A historia dos peritos em escriptura é cheia de *dias nefastos*, e esses Sñrs. chamão dias nefastos aquelles em que as decisões da justiça vem dar estrondosos desmentidos á opinião d'infalibilidade que faz toda a sua existencia. »

Mestre Odillon Barrot prosegue n'essa parte da sua discussão que repetidas vezes excitou o riso do publico, lembrando as palavras mesmo do honrado presidente do jury, quando em seguida a todos os debates sobre o exame, disse aos jurados : Sñrs. jurados, Vós preenchereis vós mesmos as funcções de jurados. »

Elle memora em poucas palavras o que o debate fez saber sobre a extrema habilidade de la Roncière nas artes d'imitação, e assignala essa circumstancia notavel : que os peritos não se occuparão senão de averiguar as semelhanças, sem verificar as dessemelhanças, sem se occuparem a instruir n'uma e n'outra hypothese ; e dirigindo-se então aos jurados : « Sñrs., lhes diz elle, eu vo-lo pergunto : vós sois pais, se cem peritos viessem dizer-vos que uma dessas

cartas que respirão o cynismo do vicio, que denotão o homem decahido e degradado, que esses propositos, que o dramaturgo o mais habil, que quizesse transferir para a scena a corrupção e a depravação do coração humano, acharia apenas debaixo da sua penna; se todos os peritos do mundo viessem affirmar-vos que tudo isso tinha sido escripto por vossa filha, vossa filha de desaseis annos, educada ao vosso lado nos principios os mais severos da moral e da religião, vós lhes dirieis: Não, é impossivel! não, Vós tendes mentido.» Vos o dirieis com o sentimento da indignação paterna, que vos animaria e Vós terieis razão! estilo, pensamentos, factos, tornão tudo certo contra o accusado; tornão, pelo contrario, tudo impossivel contra Maria.

« O corpo de delicto está provado, Vós tendes em vão buscado equivocar. Quereis Vós dizer que esta jovem menina se deu golpes em si mesma nas partes as mais delicadas e occultas para se procurar meios d'accusação? mas o seu estado de saude é real? Não temos nós o corpo de delicto? Antes de 24 de Dezembro ella estava em todo o esplendor, em toda a plenitude da saude. Hoje a mais horrivel molestia a encadeia no seu leito! »

Mestre Chaix d'Est-Ange, defensor do accusado, começa a sua allegação nestes termos: Meus Sñrs; a inquisição tinha por maxima que, quanto mais grave fosse um crime, tanto menos provas bastarião para condemnar. Nós achá-

mos esta maxima estranha e perigosa, mas todos nós inclinamo-nos insensivelmente para a seguir.

« Quando algum crime nos é contado, como aquelle que se denuncia nesta audiencia ; quando elle nos apparece preparado contra toda uma familia, com uma longa e infernal perversidade, consummado com violencias e crueldades sem exemplo, cada um de nós se revolta. E quanto mais em nós houver sentimentos generosos, tanto mais a nossa prevençãõ será facil, e cega a nossa indignaçãõ. Estas prevenções fataes, que se elevãõ sempre á narrativa d'um crime atroz, e em presença das quaes tantos innocentes tem perecido, essas prevenções, que tão furiosamente assaltãõ la Roncière, eu sinto, Sñrs., que não tenho o direito de as criminalar. Ninguem com effeito as acolheu, ninguem as ressentiu mais vivamente que eu. Comtudo, Sñrs. jurados, depois d'uma hora d'explicaçãõ, eu acabei por comprehender que o meu direito não hia até repellir um accusado sem querer ouvi-lo ; que o meu dever d'advogado era de ouvi-lo antes de o julgar, e, depois de ter tudo ouvido, tudo examinado, tudo pesado, eu venho preencher um outro dever perante vós. Eu venho defender um homem injustamente perseguido por uma poderosa familia, injustamente condemnado por prevenções cegas. E Vós agora, Sñrs., julgai-me sem favor e sem odio. Eis o que eu vos peço, ou antes, o que estou certo de obter da vossa justiça. »

Mestre Chaix d'Est-Ange attribue á extrema inflexibili-

dade do pai, á extrema timidez da filha os primeiros desvios do accusado. Resulta das informações posteriores que o proceder do accusado melhorava, e que elle era um dos officiaes mais instruidos.

« Busquemos portanto, continua o Sñr. Chaix, ver, se podêmos surprehender o segredo d'essa moralidade, que temos tanto interesse em conhecer. »

Mestre Chaix falla aqui de Melania Lair, memóra as circumstancias que a fizerão affastar de la Roncière, e que nada offerecem que não seja em vantagem sua ; chegando aos factos, Mestre Chaix d'Est-Ange, lembra os convites feitos a la Roncière pelo seu general, o jantar a que elle o convidou, e chega emfim ás cartas anonimas.

« Vós o sabeis, Sñrs., não era a primeira vez que apparição cartas anonimas em casa do Sñr. de Morell. Em Novembro de 1833, em Abril de 1834 se tinha recebido cartas anonimas em Paris, na familia do Sñr. de Morell. »

Mestre Chaix d'Est-Ange passa em revista essa numerosa successão de cartas que, sem inquietar, começavão a ser fatigantes. Elle discute essa circumstancia, de que a parte accusadora tirou tamanho partido, essa presença do accusado na ponte de Saumur, e sustenta que nada havia de mais natural, por ser esse o passeio habitual dos moradores. Elle se admira de que, em presença d'essas cartas, que não passavão de fatigantes, que não compromettião ninguem, a familia Morell tivesse julgado que devia guardar silencio.

Comtudo, calão-se, esperão, e bem de pressa as cartas se tornão mais ameaçadoras. Que faz a familia Morell em presença dessas ameaças, sob cujo peso, eu não digo que um general, um homem de coragem e de firmeza possa ser abalado, mas sob as quaes uma pobre mãe de familia, cubrindo com seus olhos sua filha, deve tremer a cada instante do dia e da noute. Comtudo, nenhuma precaução se tomou; assustão-se, mas precaução alguma se toma do mal terrivel de que se está ameaçado.

Mestre Chaix d'Est-Ange examina aqui o motivo dessas cartas e que interesse as poderia dictar, sendo attribuidas a la Roncière. « Seria o desejo de agradar á Snra. baroneza de Morell? Mas tem elle presisão para chegar a isso de recorrer ao anonimo, ao anonimo com assignatura?

« Talvez quizesse elle forçar a familia a conceder-lhe uma rica herdeira?

« De que maneira o promove elle? Quando escreve á filha, gaba muito a mãe, e diz-lhe que está namorado de sua mãe. Pois que! quando elle quer agradar á mãe, diz-lhe: « Vossa filha é feia e tola, quero fazer a desgraça da sua vida e vo-lo digo, porque Vós não a amais. « E quando quer agradar á filha, para conseguir casar com ella, elle lhe diz tudo quanto póde desagradar-lhe, tudo o que o póde tornar odioso.

« Examinemos uma outra supposição: é sómente para atormentar a familia de Morell, para a comprometter; é

sómente para fazer a sua desgraça que la Roncière escreveria as cartas anonimas ? »

Depois de se ter applicado a demonstrar que o accusado nenhum interesse tinha em escrever essas cartas, o advogado examina o ponto de saber se é possível, considerando a causa sob o aspecto unico do interesse do accusado, do seu interesse de conservação, admittir que elle as tenha escripto. Mostra que n'essas cartas elle tem o cuidado de dizer com antecipação tudo quanto vai fazer ; se commetteu um espantoso attentado, elle vai sem duvida esconder-se na sombra. Quando o attentado tiver sido consummado, elle não terá maior empenho que furtar-se ás pesquisas pela fuga, quer escapar, quer ficar ignorado. Nada disso, elle tira uma carta da algibeira e a põe sobre um movel, e para que? Para dizer o que faz, para preparar os materiaes do acto de accusação. Eis um crime sem exemplo, commettido por meios sem exemplo. Tudo é extraordinario na causa; tudo parece um sonho, um pesadelo, um conto extrahido das *Mil e uma noutes*. O advogado se pergunta : quem teria podido escrever estas cartas nos lugares os mais retirados da casa ; quem teria podido fornecer-lhe a composição ; penetrar os segredos os mais intimos da familia, conhecer as intimidades da filha, as conversações as mais occultas do pai e da mãe ; as cartas do pai á autoridade ; e emfim, todos os segredos, que não podião ter sido confiados a criados, ou que ao menos não pudérão ser descubertos por um



só. Elle se pergunta de quantos espiões não deveria ter sido auxiliado o autor destas cartas, sendo estranho aos costumes e ás intimidades da casa. « Isto, Sñrs., é inexplicavel, isto é um mysterio, de que não é dado a ninguem sondar a profundez. »

O advogado, admittindo por um instante a possibilidade no emprego de complices, pergunta que motivo os teria podido incitar? elles terão pois sido ganhos a peso d'ouro, elle só terá podido pagar-lhes o silencio, a apoderar-se de sua ignobil fidelidade. Mas la Roncière, supportando com resignação o peso de dividas anteriores, não tinha nem um real de seu !

« Nós chegamos agora a um attentado estupendo que se prepara com estrepito, que se executa com bulha. Horribes ameaças lançadas no meio da familia de Morell o precedem. Que vai pois fazer a familia de Morell para evitar o desfecho? A vigilancia redobrá sem duvida? Não, a jovem Morell permanece no andar de cima, guardada sómente por sua aia e por seu irmão pequeno. É então, que la Roncière se introduz, segundo dizem, no quarto da joven de Morell. Primeiramente, que motivo o impelle? Uma estupenda libertinagem? Mas nunca, em circumstancia alguma da sua vida empregou elle semelhantes meios! Elle vai para se vingar. dizem, vingar-se! de que? Das injurias que elle fez? Elle hia vingar-se, dirão, da scena do dia 21 á noute, que foi para elle uma cruel affronta. Mas antes da scena de 21

tinhão-se já escrito cartas anonimas, que annunciavão o attentado ! Este argumento cahe portanto de si mesmo. É impossivel suspeitar o motivo, que teria podido empenhar la Roncière a commetter o attentado. » Mestre Chaix d'Est-Ange examina aqui o alibi (prova d'ausencia) produzido pelo accusado, estabelecido pelo general de Morell elle mesmo, que o viu no espectaculo, sendo que não podia estar ao mesmo tempo a combinar-se com Samuel.

Elle se applica a justificar as filhas de Rouault das insinuações, de que tem sido objecto. Elle faz sobresahir a franqueza e ingenuidade mesma de suas declarações a respeito do *alibi*.

« Que uma jovem d'um grande nome compareça neste recinto, vós a vereis rodeiada de considerações e de protecção. Uma palavra duvidosa, uma suspeita, um véu lançado sobre ella..... Ah ! meu Deos ! é uma offensa !... Mas se uma pobre rapariga sem apoio se apresenta ; acabrunhão-na, lapidão-na !... »

Chegado á discussão do attentado, a presença do accusado nos lugares do crime, os meios para o consummar, a escallada, a introducção, o attentado mesmo, tudo isto é destituido de provas materiaes.

O advogado insiste sobre estas numerosas impossibilidades. Reproduzindo depois a scena interior, segundo as declarações mesmo da jovem menina, faz notar que ella

tem variado muito nas suas explicações, e que tambem seu pai e mãe igualmente variarão.

« Mas, continua M<sup>o</sup>. Chaix d'Est-Ange, quem fez pois tudo isto ? quem escreveu estas cartas, quem as mostrou?... É aqui que a nossa posição se torna difficil.

« Uma accusação inexoravel me tira todo o meio de fugir sem accusar alguem, mas eu estou innocente ! Todas as salidas me estão tomadas. Respondem-me que é um duello de morte entre nós ; que é preciso que este homem seja condemnado ou que esta familia succumba. Temo pois atacar esta fama, humilhar esta jovem menina que morre e lançar um sopro d'impureza sobre ella ? Comtudo é preciso que eu falle, d'outra fôrma vós não deixaríeis de dizer que eu recuei. »

O advogado chama aqui em seu soccorro o parecer unanime que derão os peritos. « Mas a jovem de Morell tem uma educação piedosa ; ella aprendeu a ler na Biblia. Ah ! Sñrs., eu o pergunto, ha uma mãe de familia que possa affirmar que sua filha nunca leu romances ? Eu pergunto tambem Sñrs., se a jovem de Morell não se sentiu algumas vezes exaltar pelos symptomas precursores dessa molestia sem nome ; vós a vistes cheia de resolução e de firmeza n'estes debates, ella entrou n'esta audiencia sem tremer ; — ella contou tudo o que se passou no seu quarto ; ella é dotada d'uma natureza impressionavel ; é uma pessoa que ama o romantico e o maravilhoso. »

Depois de ter assignalado tudo o que as diferentes phases do processo apresentão de inexplicavel, o advogado falla da fé que deve ser dada aos peritos. Não ha idolatria por elles ; mas comtudo, pois que a accusação muitas vezes se apodéra de sua declaração contra os accusados, elle deve considerala boa para o seu cliente. Dois peritos começarão por dizer que a escripta não era de la Roncière, que era d'uma letra de mulher. Dois outros vierão dizer que as cartas erão da jovem de Morell. Elles não tiverão tempo d'entender-se de consultar entre si ; não se lhes disse sobre que se queria consultá-los, elles tiverão de dar a sua decisão em sessão permanente, sem sahir.

« Notai, Sñrs., para esta confrontação de que forão encarregados os peritos, nenhuma busca teve lugar no domicilio do Sñr. de Morell. Quando se vos pediu a letra de vossa filha, Vós começastes por dizer, por duas differentes vezes, que não a tinheis ; e trouxestes depois á justiça a que vos bem pareceu. Assim, accredita-se ao accusador pelo simples dizer ; entretantø que, quando se trata do accusado, a sua vida inteira é explorada, saqueada. »

O advogado resume a discussão a que acaba de entregar-se e chega ás cartas de confissão. Elle convem que, confissões são uma presumpção grave, poderosa, em uma causa, em que se não póde proceder por provas. « Eis, diz elle, o que existe na minha convicção. Vós vêdes que eu não regateio com as cargas. »

Mestre Chaix explica essas confissões pela leviandade d'espírito do accusado, por essa fraqueza de character de que elle deu provas nos debates.

Quando ás allegações da jovem de Morell, não haverá razão para se interrogarem os efeitos da sua molestia deploravel ? de ver se essa jovem menina que, por uma especie de hallucinação, tinha visto affogar-se um homem, que não tinha entrado n'agua, não cedeu ainda aos terriveis efeitos da sua horrida molestia ? »

O advogado Mestre Partarrieu Lafosse toma a palavra.

« Sñrs., diz elle, em uma causa, na qual os costumes publicos se achão tão vivamente interessados, em presença dos discursos eloquentes que Vós tendes ouvido, não se trata de uma luta oratoria a sustentar, trata-se de um dever de consciencia a satisfazer, e este dever nós o satisfaremos.

O Sñr. advogado geral, depois de ter rapidamente memorado as cargas resultantes dos debates e combatido as principaes objecções da defeza, termina declarando que persiste na accusação a respeito de la Roncière, e de Samuel Gillieron e que a abandona quanto a Julia Génier.

O advogado Mestre Berryer levanta-se.

Elle descreve a posição e o character de la Roncière e seus antecedentes e seus habitos, em opposição com a vida pura da jovem de Morell, d'essa vida tão cheia d'esperanças, depois :  
« A minha escolha está feita, diz elle, eu não hesito, o meu pensamento não é incerto, a minha convicção é pro-

funda, inabalavel : o culpado é la Roncière, o culpado é elle.

« Pretendeis Vós impedir-me exigindo que explique o seu crime e desenvolva perante os jurados quaes forão as suas terriveis combinações ! Não, Sñrs., ha concepções, que eu me preso de não comprehender ; ha infamias, que eu sou condemnado a acreditar, sem as conceber.

« Não espereis pois que eu explique o que há de inconcebivel na intenção do accusado, marcha que tem seguido ; não espereis que me arremece no meio dessas estranhezas de suas tentativas diversas, de suas concepções monstruosas.

« No meio dessa familia, eu diviso um jovem e vejo que o querem desviar da jovem Maria ; mas elle fórma o mais horrivel desenho, elle quer deshonor-la, elle não lhe quer deixar mão alguma em que ella possa apoiar-se, elle quer assim constranger a familia a lança-la com ouro nos seus braços ; eu vejo tudo isto e não me demoro com as vossas pretendidas contradicções.

« Em um pensamento que todo o mundo comprehende, a familia não teve mais que um cuidado, o de occultar esta desgraça, de cubrir de silencio a posição da jovem Maria.

« Agora que o crime se acha averiguado, onde está o criminoso ? Nós buscamos ;... mas eu me maravilho d'isso, ou antes rendo homenagem á incerteza das pessoas que duvidão ainda ; é que tantos crimes ellas não pensão que possão ser a obra d'um só homem. Mas o crime está verificado ; ha

prova por instrumentos, prova por confissões, prova por testemunhas. E nós procuramos ainda... o criminoso? ei-lo! e eu vo-lo vou mostrar em toda a serie dos factos do processo.

« O criminoso, a que meio recorreu elle para entrar na malvez da sua acção? As cartas anonimas, cujo pensamento é detestavel; o pensamento da libertinagem, a mais descarada e a mais brutal, diz assaz que ellas são de la Roncière.

« Mas o que mais alto ainda brada: La Roncière é culpado! são os particulares e as expressões das cartas anonimas; particulares e expressões, que uma jovem de desaseis annos não podia conhecer! Seria uma jovem menina, tão bem educada e tão pura quem terminasse uma carta, por uma praga, tal e tão grosseira que só os rapazes algumas vezes a garatujão com carvão nos muros?

« A estas cargas vem juntar-se outras terriveis; por exemplo, o silencio do accusado, quando foi expulso da casa do general, é uma carga esmagadora para o mesmo.

« Eis, Sñrs., os factos da causa; procuramos nós ainda o autor do crime? »

Aqui Mestre Berryer discute o duplo *alibi* produzido pelo accusado, e que os debates completamente refutarão: elle assevera a possibilidade de se introduzir no quarto da jovem de Morell.

« Depois vem as confissões, que forão feitas livremente e sem tortura moral, como se disse.

« Alguem se admira. Sñrs., diz o orador, do silencio guardado pela jovem de Morell na fatal noite de 24 de Setembro. Ellas não emittirão grito algum, essas duas jovens meninas, perturbadas, confusas, e vós as accusais! Mas devia ser assim : foi a vergonha e o pudor quem reteve essa jovem menina. Ah ! eu comprehendo que ella não tenha gritado ; porque ella ainda é virgem ; ella é commovida desse sentimento de vergonha, ella não ousa apparecer á sua mãe, que lhe fallou tantas vezes de pudor. Mas, eu não comprehendo, Sñrs., que ella tivesse sido atormentada pela necessidade de mostrar a sua humilhação a todos os olhos. Eu a semelhante respeito appello para todos os corações das mães de familia !

« Mas qual é o vosso systema ? Vós accusaes de falso testemunho o pai, a mãe, o bravo, leal e fiel Jacquemin, Vós accusais Maria de Morell, Miss Allen. Pois bem ! é preciso determina-lo. Sñrs jurados, toca a vós a decidir, a julgar entre la Roncière e Maria de Morell.

« Se n'uma semelhante luta a honra de Maria de Morell chegasse a succumbir, se Vós declarasseis culpada a Maria de Morell com desaseis annos d'idade, se la Roncière fosse absolvido, não o duvidai, elle se dirá com uma alegria insultante e triumphante, e as pessoas de bem se repetirão com desespero estas palavras d'uma carta anonima : « *De que serve fazer bem ?* »



O presidente pronuncia o encerramento dos debates e começa o seu resumo nestes termos :

« Sñrs. jurados, nós vamos submitter a uma analyse fria e descórada debates por extremo ferteis em emoções ! nós vamos substituir á linguagem das paixões e dos movimentos oratorios a seccura d'um resumo. »

Depois de ter analysado com uma escrupulosa fidelidade todos os meios da accusação e da defeza, o honrado magistrado termina d'este modo :

« Tal é o compendio d'esta causa. É a vós agora, Sñrs. jurados, que tóca a decidir ! Mais de uma vez no correr do vosso exame Vós vos sentireis abalados por essas vivas e fortes emoções que sitião o coração por toda a parte no momento de proclamar uma grande e terrivel verdade, mas nem as luzes, nem a coragem vos faltarão ! Qual será o vosso guia ?

« Vosso guia ! não ha mais que um, um só que não possa desencaminhar, um só que seja infallivel, aquelle que vos tem dirigido no decurso desta sessão : a consciencia ! A consciencia, contra a qual vem quebrar-se todas as paixões ; a consciencia, que se não abala com palavras, que se não deixa arrastar apôs considerações, que recua ante a duvida porque a duvida equivale á convicção da innocencia ; a consciencia, que quer a verdade, mas que a quer apoiada sobre provas claras, certas e incontestaveis.

« Foi debaixo d'esta condição que a lei vos investiu com as vossas temiveis funcções; que a sociedade vos confiou os seus mais graves e mais caros interesses; que as familias vem collocar-se sob a vossa protecção, e que os accusados, que tem o sentimento da sua innocencia, se confião a vós e vos aceitão, sem tremer, por seus juizes. »

Este resumo, todo inteiro a expressão de conscienciosa imparcialidade e do raro talento d'analyse que presidirão a estes memoraveis debates, foi constantemente escutado, durante mais de duas horas, com um religioso silencio. A penas o Sñr. presidente acabou de fallar, que todo o auditorio deu signaes d'approvação, a que se juntarão os dos advogados da parte, e do accusado.

As cinco horas menos um quarto, o jury se retirou á salla das deliberações; sahiu d'ella no fim de seis horas de discussão, e em virtude da sua declaração, o tribunal condemna Emilio de la Roncière a dez annos de reclusão, dispensando-o da exposição publica; e absolve Samuel Gillerion e Julia Génier.

---

---

## DELACOLLONGE

ASSASSINATO D'UMA MODISTA POR UM CURA, QUE ERA SEU  
CONFESSOR E SEU AMANTE. — FURTO DE DINHEIRO DA  
FABRICA POR ESSE MESMO CURA.

---

A 31 de Agosto de 1835, mulheres que lavavão roupa em um charco em Sainte-Marie-Lablanche, perto de Beaune, devisavão uma especie de sacco fluctuante sobre a agua; tendo-o aproximado á borda por meio d'um pau, virão que elle continha os membros d'um cadaver humano. Espantadas com a descuberta, fugirão e forão avisar a autoridade; o sacco, marcado com a letra B., continha uma cabeça, um braço inteiro esquerdo, duas coxas e uma perna esquerda, cuja putrefacção começava; estes diversos membros erão, segundo exame, os d'uma mulher de 30 a 35 annos, da estatura de sete palmos e meia, pouco mais ou menos, d'uma nutrição ordinaria. Elles não tinham sido cortados, senão depois da morte, que não podia ser explicada por signal algum visivel de violencias exteriores e parecia remontar a uma semana com pouca differença. As feições, já alteradas, do rosto, não permittirão que se reconhecesse. A lingua estava grossa e travada entre os dentes,

a boca cheia de mucosidades; os olhos, de que se não podia mesmo já distinguir a côr natural, estavam muito salientes. Comtudo, pela inspecção da mão e por outros signaes, pareceu certo, que ella não pertencia ás classes inferiores da sociedade. Quatro dias depois, no mesmo charco, se achou o braço direito inteiro, a perna direita, e a parte superior do tronco do mesmo cadaver, a que não faltava mais que o baixo ventre e os orgãos que elle contém, assim como o coração e os pulmões. A pelle não apresentava nem contusões, nem pisadura, nem ferimento, nem pressão.

Este acontecimento extraordinario que revelava os vestigios d'um crime parecia estar cuberto de trevas impene-traveis a todas as investigações. Comtudo, no dia mesmo em que os primeiros pedaços do cadaver tinham sido encontrados no charco, João-Baptista Delacollonge, coadjutor do districto da freguezia de Sainte-Marie-Lablanche, sabendo d'essa descuberta, havia deixado precipitadamente a freguezia, sem dar parte d'isso, nem mesmo á sua criada, Suzanna Bourgeois. Perto d'um mez havia passado depois que elle havia desaparecido, sem que se soubesse o lugar do seu retiro, e sem que elle tivesse dado noticias suas. A rapariga Bourgeois, sua criada, inquieta d'essa ausencia, de que não suspeitára a causa, tinha hido a Bagnols (Rhodano) á casa do irmão de Delacollonge, para se informar do que lhe teria acontecido. Ahi foi-lhe dito que Delacollonge tinha apparecido em casa de seu irmão, onde só se demorára muito

pouco tempo; que, estando doente, provavelmente teria hido a Lyon para consultar um medico, e era de suppôr o encontraria, quando voltasse a Sainte-Marie-Lablauche. Ellaahi com effeito voltou, mas sem o encontrar em parte alguma.

Houve então quem se lembrasse de ter visto varias vezes em Sainte-Marie, na casa de Delacollonge, uma mulher d'uns trinta annos de idade, que se julgava ser das visinhanças de Lyon e que elle fazia passar por sua prima. Esta circumstancia despertou no publico suspeitas, que não tardarão em tomar uma consistencia tal, que os magistrados se resolverão a dirigir as informações para esse lado. Verificou-se que a pretendida prima de Delacollonge se chamava Fanny Besson; que ella era de Lyon; que no anno de 1834 tinha vindo passar, pouco mais ou menos tres mezes em Sainte-Marie, e que ali tinha voltado clandestinamente nos primeiros dias de Agosto de 1835; que muitas pessoas tinham visto Delacollonge rodar pelos arredores do charco em que o cadaver tinha sido encontrado.

A policia de Lyon executou a prisão de Delacollonge no momento em que elle se dispunha a partir para Genebra.

Aqui nós devemos memorar uma nova serie de factos, que compõe o drama espantoso, de que vamos desenvolver o quadro.

João-Baptista Delacollonge, natural de Bagnols, de pais sem fortuna, seguiu a carreira ecclesiastica, a que as

suas disposições não parecião destina-lo. No anno de 1820, foi nomeado vigario da parochia de São-Pedro em Lyon, e desde esse tempo, foi sempre o seu procedimento desregrado, até no recinto do mesmo confessorario. Foi por esse mesmo tempo que elle começou a ter relações com a rapariga Besson, modista, que trabalhava em um armazem de Lyon, e que era sua penitente. Em Abril de 1824, elle lhe adiantou uma somma de dois mil francos para estabelecer um armazem de modas, em que ella o acolheu frequentes vezes.

Emfim Delacollonge, nomeado em 1834 coadjutor da freguezia de Sainte-Marie-Lablanche, ahi recebeu a Besson na primavera de 1833 e a conservou em casa tres mezes, fazendo-a passar por sua prima. Na sua retirada, elle a acompanhou até Lyon. Na primavera de 1834, ella tornou a visita-lo e demorou-se tres mezes no presbyterio. Contudo, para tirar pretexto a murmurações, elle a fazia dormir em casa d'uma mulher solteira chamada Martin. Suzanna Bourgeois não ignorava as relações criminosas que existião entre seu amo e a modista.

A rapariga Besson, tendo concebido, retirou-se de Lyon e veio para Dijon, onde Delacollonge a estabeleceu com o nome de M<sup>me</sup> Desgarenes, de quem se dizia irmão, em um aposento que alugou por um anno pelo preço de 38 francos e que mobilou em parte. As suas visitas á sua pretendida irmãã erão regulares e frequentes. Muitas vezes elle chegava na

segunda feira e não voltava senão no sabbado. Uma cama de vento havia sido posta para elle em um gabinete vizinho do quarto d'aquella que elle fazia passar por sua irmã; ninguem o tinha visto em Dijon vestido de clerigo, e nada dava a conhecer que elle tivesse ordens.

A Besson teve um filho morto. Todas estas circumstancias occasionarão despezas que excedião os meios de Delacollonge. Já tinha pedido emprestados cem francos, mas como isso não bastasse, arrombou a gaveta d'um movel da sacristia em que se guardava o dinheiro da fabrica, e ahí roubou uma somma de 286 francos. Este deficit foi reconhecido pelos fabriqueiros que tinhão as chaves e o roubo foi confessado por Delacollonge nos seus interrogatorios.

Comtudo, não lhe restando mais recursos, era-lhe impossivel continuar a manença de Francisca Besson, e tinha tambem a cuidar na sua propria casa. Por outro lado, as suas ausencias frequentes indisponhão os freguezes contra elle, e era necessario pôr cõbro a essas viagens repetidas, que o expunhão a perder o seu modo de vida, ainda mesmo que o segredo da sua intriga amorosa não tivesse transpirado. Foi sob a influencia d'essas considerações que elle tomou o partido desesperado de trazer clandestinamente Francisca Besson ao presbyterio de Sainte-Marie e de ahí a conservar occulta.

Na noite de 7 a 8 de Agosto, á meia noute, elle a introduziu no presbyterio e no dia seguinte, trouxe n'um carro dous

bahus e uma caixa com o fato e mais cousas pertencentes a essa jovem. Desasete dias depois, o magistrado (maire) de Sainte-Marie, dirigindo-se a Delacollonge que acabava de celebrar o officio, disse-lhe que tinha sido informado que sua prima se achava em casa d'elle, e que lhe rogava, houvesse de a despedir, acrescentando que, se os habitantes o soubessem, isso produziria um mau effeito no municipio. Delacollonge asseverou que ella se não achava lá, e que era uma calumnia; ao que respondeu o magistrado: « Se ella não está, tanto melhor, se está, despedi-a. »

Esta advertencia decidiu a sorte da desgraçada Besson, e foi a sentença da sua morte. D'essa maneira, elle pensava livrar-se para sempre e sem derogar do seu character d'um encargo que, alias, o acompanharia por toda a vida, e que comtudo, não podia mais tempo supportar. Ninguem viria pedir-lhe contas d'essa mulher isolada no mundo e abandonada da sua familia que lhe ignorava a sorte.

Reproduzir d'um modo certo as scenas todas d'esta horrivel tragedia, é cousa impossivel: porque nenhuma testemunha a ella assistiu e foi no fundo de seu inhóspito covil que o assassino a immolou e espedaçou a victima que não podia mais nem conservar, nem despedir. Eis comtudo de que maneira Delacollonge fez a narrativa d'esse espantoso acontecimento. Elle pretendeu que a 24 de Agosto, depois da advertencia que lhe fez o magistrado de S.-Marie, entrára na sua residencia e almoçara com a Besson, que notára o ser inquieto e desas-



socegado, e lhe dirigiu varias perguntas a que elle só respondeu que fallasse mais baixo, o que a fez chorar. Depois do almoço, elle lhe deu parte da sua conversação com o magistrado e foi resolvido que ella partisse do curato naquella mesma dia ás dez horas da noute para Beaune e de la para Chalon. Elles ceião juntos á entrada da noute e passão ao quarto do fundo, occupado pela Besson, para esperar a hora da partida e fazer os preparativos. A rapariga Besson deita-se no seu leito formado de quatro cadeiras e uma porta, sobre a qual tinhão sido estendidas varias cuberturas e dous colxões. Elle mesmo tambem ahi se deitou; e n'um movimento algum tanto brusco para se levantar, a porta quebrou-se. Erão dez horas, o momento da partida aproximava-se. A criada estava deitada e não tinha tido aviso d'este projecto de partida. Delacollonge e a rapariga Besson conversavão a respeito das suas penas e dos seus desgostos. Na perturbação em que estava, elle lhe disse : « *Nós seríamos muito mais felizes, se estivessemos mortos.* » Elle cuida que ella respondeu : « Sim, se moressemos juntos. » — Então elle lhe disse : « *Queres tu que eu experimente se te causo muita dôr apertando?* » E n'esse mesmo tempo lhe levou as mãos ao pescoço, e como por um movimento que não pôde explicar, a apertava mais forte do que julgava ; ella faz um signal de dôr, levantando as duas mãos e agitando-as. Immediatamente cessa a pressão, e ella cahe para traz, sem que tivesse tempo de a reter. Elle a levanta e colloca sobre

uma cadeira ; mas ella não dava senão alguns fracos signaes de vida, de que elle se aproveita para lhe dar a absolvição. A morte segue-se de perto, e elle se assegura de que ella já não existia, fazendo-lhe cahir sobre o rosto alguns pingos d'uma véla accesa. Aproveitando-se do tempo em que o cadaver estava ainda quente, apressa-se em a despir e mette-la no maior dos dous bahus que esvasiou e que se achavão no quarto. Era então perto de onze horas. Elle deixa o quarto que fecha e de que leva a chave. Entra na cosinha e diz á criada : « Eu saio, vinde fechar a porta. » Sahe com effeito, para a fazer acreditar que leva a rapariga Besson, divaga, ao acaso, durante uma parte da noute, passa algumas horas debaixo do portico da igreja, e tendo-se demorado o tempo sufficiente para fazer crer á criada que tinha hido a Beaune e voltado, entra. Ella levanta-se para lhe abrir a porta e dar-lhe luz. Elle emprega o resto da noute em escrever uma carta ; ás seis horas da manhã affasta a criada, mandando-lhe deitar essa carta no correio de Beaune e incumbindo-lhe recados que devião prolongar a sua ausencia. Então, só com o corpo inanimado da sua victima, elle se prepara a dividi-lo, para ter mais facilidade em o fazer desaparecer. O cadaver é tirado do bahu que o continha ; as carnes são cortadas com uma faca da mesa e uma faca da cosinha acabada de afiar ; os ossos dos membros, postos assim a descoberto, junto das articulações, e assentes em um cepo, são separados com um

podão, e esses membros, á medida que vão sendo espedaçados, são mettidos no mesmo bahu, que a final continha o cadaver inteiro. Esta primeira disseccção era pouco para saciar a ferocidade do cannibal. Elle corta a cabeça, crava o ferro no tronco para o abrir e lhe tirar as partes interiores; um sangue negro, parecendo obedecer a um movimento de horror, lhe salta sobre o rosto, e elle julga ouvir de fóra uma voz que grita : *Oh! o desgraçado, elle matou a sua criada!* Atordoado, elle para inclinado sobre esse montão de carnes ensanguentadas, não se atrevendo a virar os olhos para a janella do andar terreo, cujas venezianas se achavão meio abertas e que deitava para o jardim, alem do qual havia uma vinha separada d'elle por uma simples cerca; elle escuta com terror e anciedade; a sua obra impia é suspensa por um momento... Comtudo, o silencio que reina em roda lhe reanima a horrida coragem; elle reassume a sua tarefa interrompida, arranca as visceras e as entranhas, que lança n'um balde que tem ao lado e que leva depois á latrina do jardim e as enterra ahí por meio d'uma enchada, que emprega para reparar as materias e cubrir com ellas o deposito. Mas que fazer dos outros restos do cadaver? Sobe ao sótão, toma um sacco em que a Besson guardava a roupa suja, enche-o com a cabeça, tronco e membros decepados, que tinha primeiro mettido no bahu, e o leva ao soterraneo; onde o esconde entre cascos vazios, tendo de mais tomado a precaução de trazer de la todo o vinho que

podia ser necessario ao consumo do dia. O chão do quarto estava inundado de sangue; elle o lava com pannos que depois queima, assim como a touca da victima, a sua caixa de papelão para viagem, e a camisa ensanguentada, que elle mesmo trazia n'esse momento. Ao meio dia a creada volta de Beaune; tudo estava então concluido. Ella achou Delacollonge no seu quarto, sentado tranquillamente diante da sua meza d'escripta. Assim que chegou a noute, elle tirou o sacco da adêga soterranea e pô-lo no jardim junto á porta de sahida; diz á criada que vai sahir para ver se lhe empréstão duzentos francos, que quer mandar á rapariga Besson; e ei-lo entre nove e dez horas da noute, levando ás costas o sacco que continha os restos por elle mutilados, d'uma mulher seduzida, muito tempo euxovalhada pelo seu amor sacrilego, e que elle tinha cobardemente immolado e depois dilacerado com toda a ferocidade d'um animal bravio. Elle caminha ao acaso, na obscuridade d'uma noite profunda e silenciosa; cahe, o sacco rasga-se e cahe um pedaço que elle torna a pôr no seu lugar; torna-se a pôr em marcha e chega ao pé do charco de Sainte-Marie, entra n'elle até os joelhos e ahi arremeça a sua carga. A sua ausencia não tinha durado mais que um quarto d'hora. Voltando ao curato, disse á criada que a chuva o tinha impedido de effectuar a sua jornada. No dia seguinte elle hia dizer missa n'uma freguezia visinha e passando por diante do charco, cousa alguma avistou na superficie da agua. Com-

tudo seis dias depois foi o mesmo sacco achado n'esse lugar. Assustado d'essa descoberta, reveste as roupas de leigo e parte precipitadamente, levando quarenta francos, que lhe restavão, o relógio e tres aneis que tinhão pertencido á fallecida, assim como varios talheres de prata. Chegando a Lyon vai ter com uma mulher publica que conhecia, chamada Adelaida, come em casa della, e a encarrega de empenhar a prata, o relógio e os tres aneis. Ao mesmo tempo e por um contraste impossivel de conciliar com tanta immoralidade, elle tinha mandado dizer missas, a dar-se-lhe credito, pelo descanço d'alma de Francisca Besson.

Sem duvida, havia muitas cousas verdadeiras em todos esses pormenores, contados por Delacollonge mesmo, principalmente quanto aos factos subsequentes á morte da rapariga Besson. Elle pensou talvez, que tomando uma attitude de apparente franqueza sobre as circumstancias horribéis que elle não tenciona revelar, ganharia a vantagem de obter credito para quando fallasse da morte inesperada da sua victima, de que elle pretendia não ter sido mais que a causa involuntaria. Mas evidentemente a sua narrativa era mentirosa no que respeitava ás particularidades relativas ao facto d'essa morte, de que elle confessava comtudo ter sido o autor, sustentando ao mesmo tempo que a sua vontade e a sua intenção nenhuma parte n'isso tinhão tomado. A inverosimilhança da sua narrativa n'esse ponto bastaria para lhe demonstrar a impostura, ainda mesmo que tudo o que

precedeu e seguiu esse acontecimento não fornecesse provas decisivas do assassinato de que elle se tornou culpado. Porém não ; a victima não tinha inteiramente succumbido, a asphyxia não era completa, ella respirava ainda, ao menos elle o diz, e n'um semelhante momento, em que toda a esperança de a restituir á vida não podia estar perdida, em lugar de pedir socorro e de chamar a criada, que não dormia longe, pretende que aproveitou esse resto de vida para lhe dar a absolvição... Detestavel hypocrisia, que não teme profanar as cousas mais santas, collocando-as ao lado d'um crime !

O corpo material do delicto se achava portanto estabelecido ; o interesse que elle tinha tido em commetter estava averiguado.

O culpado era conhecido e esse culpado era Delacollonge. Quanto á premeditação da morte, ella não é menos certa, talvez mesmo que a morte da desgraçada Besson estivesse resolvida já, no momento da sua partida de Dijon. Seja o que fôr, todas as minuciosas precauções que elle tomou com um horrivel sangue frio, provão sufficientemente que esse horrivel projecto não foi o resultado d'uma inspiração repentina.

A pesar de todos os cuidados, factos materiaes importantes não pudêrão ser verificados. Teria sido essencial poder constatar pelo exame do estomago e dos intestinos, se o veneno tinha ajudado ou não a perpetrar o crime ; teria

sido util tambem reconhecer se a existencia d'uma nova prenhez, accrescentando os embarços da posição em que se achava Delacollonge, não teria addicionado mais um aos motivos que o determinárão a dar a morte a Francisca Besson. Mas todas as diligencias que se fizerão para descobrir essas partes do cadaver forão infructuosas. Em vão se perguntou a Delacollonge, se elle não as tinha depositado em outra parte, sem ser nas latrinas do jardim, elle persistiu na sua primeira declaração, e accrescentou para explicar a ausencia d'essas partes do corpo : « Eu posso crer que, arrancando as entranhas, de tal maneira as pisei e esmaguei que ellas se confundirão com o sangue e as outras materias contidas na fossa. » Mas esta explicação está bem longe de satisfazer. Os órgãos que faltão não erão mais susceptiveis que os outros, de ser desnaturados pela pressão. Era portanto evidente, que Delacollonge, que não dizia a verdade n'este ponto, tinha um interesse qualquer em a disfarçar e a sua resistencia a este respeito não pôde senão accrescentar a todas as cargas que pesavão sobre elle. Em consequencia, elle foi accusado :

1º De ter com premeditação commettido uma morte na pessoa de Francisca Besson, modista em Lyon ;

2º De ter fraudulentamente subtrahido uma somma qualquer em prejuizo na caixa da fabrica de Sainte-Marie-Lablanche.

O accusado, citado para comparecer perante o tribunal

do jury de Dijon, tinha sido conduzido alguns minutos antes da abertura das portas da salla. Era um homem de quarenta annos, de alta estatura e bem feito; a sua coloração é muito trigueira e a sua testa pouco elevada. Os seus cabellos são pretos e crespos; sobranceiras pretas sombreião olhos da mesma côr, mas pequenos. Nada no seu trage revela um ecclesiastico. Traz um sobrecasaca parda, cuberto por um capote. Sentando-se no banco, elle se apressa em encubrir a cara, ou com as mãos ou com o lenço.

As perguntas costumadas o accusado responde com socego. Durante a leitura do acto de accusação, conserva constantemente o lenço sobre os olhos; o seu rosto está assim inteiramente occulto, e as emoções que elle podia mostrar são subtrahidas ás vistas do publico. Comtudo, uma tremura do corpo e um longo suspiro annuncião uma certa perturbação no accusado, na occasião em que o secretario lê a passagem relativa aos pormenores do assassinato conforme aos interrogatorios de Delacollonge mesmo. Trazem-se aos pés do tribunal as numerosas peças de convicção, entre outras, os dous grandes bahus, em que o accusado tinha posto os membros palpitantes da sua victima depois de decepados.

O interrogatorio reproduz os factos já sabidos e algumas outras circumstancias que nós vamos assignalar.

— Pergunta: Não levastes Vós muitas vezes a rapariga ao vosso domicilio?



— R. Isso aconteceu-me duas ou tres vezes.

— P. Essa rapariga não foi a unica que Vós frequentastes em Lyon? Não tivestes igualmente relações intimas com uma jovem de Alsacia? De que natureza erão ellas?

— R. Essa jovem tinha-se apresentado em minha casa com um exterior mui modesto, nada annunciava n'ella uma mulher de má vida. Ella me disse que tinha sido seduzida por um caixeiro viajante, que a tinha levado a Lyon, e que ahi a tinha abandonado, depois de a ter maltratado, e acrescentou que tinha vindo ter comigo, porque lhe tinham dito que eu fazia á vezes o bem.

— O presidente : É bem para admirar, se Vós não tivestes relações d'outra ordem com essa jovem, que ella se tivesse dirigido com tanta persistencia a um homem do vosso character?

— Delacollonge : Nas grandes cidades, e em Lyon principalmente, armão laços aos ecclesiasticos e os tornão victimas da sua generosidade e da sua caridade. Foi o que me aconteceu com essa jovem. Eu sube mesmo que um dia, ella tinha vindo até a porta da minha casa em carro com um official que, sem duvida, a induziu aos actos que ella praticou para me comprometter.

Fez-se a leitura d'um documento emanado do arcebis-pado de Lyon, e do qual resulta, que Delacollonge era notado por ter maus costumes e que foi affastado do vicariado de São-Pedro para ser collocado no curato de Brien-

non : « Consta, diz esse documento, que Delacollonge *careceu de prudencia*; elle deve por conseguinte ausentar-se *sem bulha* da diocese.

Uma discussão sem importancia se empenhou sobre este ponto. O accusado combate as más informações emanadas de seus chefes, por meio de certificados favoraveis que lhe tem sido dados na maior parte dos lugares onde elle tem exercido o seu ministerio.

— P. Segurando Fanny Besson pelo pescoço, não tinheis Vós a intenção de lhe dar a morte e de vos suicidar depois?

— R. Não, Sñr., eu nunca tive a intenção de lhe dar a morte.

— P. Vós o tinheis declarado de um modo preciso, perante o procurador do Rei em Lyon; Vós lhe tinheis dito que estaveis preocupado d'um duplo suicidio.

— R. Nunca disse nada semelhante.

— P. Convindes Vós ao menos em ter sido a causa involuntaria da morte de Fanny Besson?

— R. Ainda me não pude explicar essa desgraçada morte.

Por convite que lhe é feito, Delacollonge diz como as cousas se passarão, e acrescenta : Seria acima de meu poder o explicar como, sem o querer, eu fui causa da sua morte.

— P. Como aconteceu que Vós não chamasseis por soccorro?

— R. Eu não podia chamar a minha criada contra a

qual estava indisposto. Não podia deixar Fanny Besson, que se achava n'um deploravel estado, mas como não era a primeira vez que a tinha visto cahida em crises violentissimas, de sorte que já uma vez em Dijon a tinhamo julgado morta, eu me apressei, vendo-a desmaiada, em lhe prestar todos os cuidados, pondo-lhe espirito ao nariz, e foi no meio d'estes cuidados, que a morte a veio abafar!.... Oh! meu Deos!.... quando adquiri essa terrivel certeza, o que fiz deitando-lhe sobre o rosto alguns pingos d'uma vela que estava acolá!... quando fiquei certo d'essa desgraça, eu não sabia mais o que fazer; era inutil chamar, e depois eu tinha rasões... não podia fiar-me na minha criada, ella me tinha mostrado pouca discrição, e eu pouco confiava n'ella..

— P. Comtudo, parece que nesse terrivel momento, Vós tinheis conservado toda a vossa presença d'espirito, Vós destes a absolvição á moça Fanny Besson. Vós em seguida tivestes o cuidado de a despir para evitar que os membros enrijecessem.

— R. Quando vi que Fanny Besson estava moribunda, o meu primeiro movimento foi dar-lhe a absolvição. Todo o padre teria feito o mesmo, por assim dizer, quasi involuntariamente, que eu, no mesmo momento, em que adquiri a certeza de que não havia mais soccorros a dar.

— P. Explicai-nos como é que isso se passou; entremos em alguns pormenores. Delacollonge leva uma das mãos á testa, levanta os olhos ao céo, arranca um profundo suspiro e diz :

« O dia tinha sido muito triste. Tudo estava preparado para a sua partida. Eu me despojei das minhas roupas ecclesiasticas e as substitui por vestidos seculares... Nós estavamos no desgosto, em um grande desgosto. Nós fallavamos da amargura da nossa separação.. « Parece-me, lhe disse eu então, que nós seriamos muito mais felizes, se estivessemos mortos. — Sim, respondeu ella, oh ! é bem verdade... Mas se nós morressemos ambos.... » Então lhe disse eu a brincar (nem posso empregar outra expressão mais que aquella de que me servi) : Queres tu que eu experimente se apertando-te o pescoço te causo dôr? » Eu não tinha intenção alguma, com bem certeza ! era uma brincadeira innocente... Ella me disse : « *Pois experimenta!* » Ella tinha o sorriso sobre os labios : eu a apertei... a apertei um pouco forte, até que ella me deu signal de que isso lhe era offensivo. Deixei-a immediatamente, sem pensar que o caso teria as consequencias que teve. Ella cahe. Eu faço diligencia para a levantar. Ponho-lhe ao nariz aguas de cheiro que estavam em cima da chaminé. Vejo que ella se não pôde soste e que vai acabar. Deito-lhe a absolvição, e para me certificar de que não ha mais remedio possivel, deixo-lhe cahir sobre o rosto alguns pingos de cera quente. Foi assim que adquiri a certeza d'essa desgraçada morte... Deitei-lhe a absolvição !

— P. A sua agonia foi longa ?

— R. Não o posso precisar... oh ! isso não foi longo...

Oh! Deos, eu a vi, e não posso deixar de o repetir : Não sei como o que lhe fiz poude causar-lhe a morte.

— O presidente : Dai conta da maneira verdadeiramente horrivel, com que dissecastes e cortastes o cadaver em pedaços.

— Delacollonge : Não julgo preciso dizer-vos que n'essa accção fui impellido pela mais inexoravel necessidade, pela precisão de conservar a minha honra, e sobre tudo a honra da moça Besson.

Eu não podia revelar a presença do seu cadaver em minha casa, sem revelar ao mesmo tempo a sua residencia clandestina no meu curato. Eu não podia confiar-me na criada, já vo-lo disse. Eu temia algum rompimento da sua parte. Receiava que o segredo que devia encubrir, a morada da moça Besson não fosse atraiçoado. Eu me via perdido... Era preciso desembaraçar-me d'esse corpo... Ao principio pensei em queima-lo... mas essa operação me pareceu impraticavel. Eu fui forçado.... Eu devia... Eu desejava bem ser dispensado de entrar em semelhantes pormenores... Não posso exprimir-vos o estado cruel em que me achava n'esse momento : estava fóra de mim, n'uma perturbação extrema... Eu não sei de que maneira essa divisão se operou. Vi no auto de accusação, ter-se notado que ella tinha sido feita segundo todas as regras da arte, mas não posso comprehender isso ; a maneira por que procedi na

minha perturbação, não podia estar de accordo com as regras da arte.

« Emfim, o interior foi lançado por mim nas latrinas ; o corpo dividido, foi posto em um bahu, e depois mettido n'esse sacco em que o levei ao charco. Enxuguei depois o chão inundado de sangue, apesar da precaução que tomei de pôr um balde por baixo das partes que cortava. Era de meio dia a uma hora quando essa cruel operação terminou. Fiquei no meu quarto, esperava a criada. O ministerio enganou-se, quando disse que eu estava tranquillamente n'elle sentado. Era obrigado a devorar em segredo a minha pena ; mas era preciso não o dar a conhecer á criada. Sentei-me á mesa, mas não comi.... A minha posição não era supportavel. Sahi, puz-me a passear no jardim, mas não podia distrahir os meus negros pensamentos... Esse cadaver tão perto de mim... essa mulher... tudo se me apresentava da maneira a mais penosa, a mais horrivel, a mais espantosa.

« Foi á noute que eu a levei ao charco, sem tomar precaução alguma, para que ella não reaparecesse mais á superficie d'agua. »

Durante todo o seu interrogatorio, o accusado deu provas do mais imperturbavel sangue frio. Explicou-se constantemente em excellentes termos e com um tom de reserva notavel. É facil de perceber que elle teve de fazer sobre si mesmo um bem violento esforço : elle se assenta, exausto de fadiga, e colloca a cabeça sobre as suas duas mãos.

O Sñr. Salles, doutor em medicina, dá conta do estado de saude em que se achava Francisca Besson, durante o seu estado de prenhez em Dijon. Francisca Besson era affectada de um catarrho pulmonar. O accusado tinha por esta dama, que elle chamava sua irmã, os cuidados mais affectuosos. Muitas outras testemunhas affirmão da mesma fórma, que a mais perfeita harmonia reinava entre elles.

O presidente faz notar que, conforme o doutor Molin, cinco signaes genericos indicão a asphyxia por estrangulação. D'estes cinco signaes, tres sómente no caso podião ser averiguados sobre as partes achadas do cadaver. Esses tres signaes forão encontrados.

Nos primeiros momentos de discussão medica, Delacollonge parece inteiramente estranho ao que se passa á roda d'elle. Elle fica muito tempo immovel, com a cabeça apoiada sobre uma das mãos, mas pareceu pouco a pouco familiarisar-se com esses particulares, tão horriveis para elle.

O advogado geral : Eu pediria ao accusado que indicasse d'um modo bem formal e bem preciso de que maneira procedeu para apertar o pescoço da moça Besson.

— Delacollonge : Eu puz uma das minhas mãos, a mão esquerda por traz do pescoço, a direita por diante e apertei as duas mãos. Quando ella deu signal de dôr, eu alarguei as duas mãos.

O advogado geral : Bastava tirar uma das mãos. Não era preciso deixa-la cahir por terra.

— Delacollonge : Eu não cuidei que ella cahisse.

— O presidente : Se, como Vós o affirmaes, não se tratasse mais, que de uma brincadeira, d'um jogo innocente, d'uma graça, uma só mão bastava, não era preciso empregar ambas as mãos. Eu perguntaria ao Sñr. D<sup>tor</sup>, se uma pressão como a que diz o accusado, uma pressão feita a brincar, pode produzir a asphyxia ?

— O D<sup>tor</sup> Molin : Não é frequente, mas isso pode acontecer em um caso extraordinario, excepcional. Quando a asphyxia acontece por privação de ar, a morte não se verifica desde logo, mas ainda uma vez, por extraordinario. Eu penso que a morte foi o resultado de uma estrangulação, a menos que não tivesse sido accelerada por uma syncope resultante do medo !

— O presidente : Não podia haver mêdo por parte da môça Besson, pois que só se tratava de uma brincadeira.

— Um jurado : Sim, mas tinha-se tratado de morrer juntos alguns instantes primeiro.

— O D<sup>tor</sup> Molin : A syncope, se com effeito houve syncope, teria podido ser causada pela dôr, e quando a pessoa chegasse a conhecer que se não tratava mais de uma simples brincadeira.

Francisco Ponpon, lavrador, magistrado de Sainte-Marie-Lablanche, dá conta do roubo de duzentos e oitenta francos, feito com arrombamento no thesouro da fabrica. Elle não concebeu suspeita alguma contra Delacollonge.



Soube sómente que o cura tinha promettido repôr a somma, e julgou mais conveniente, depois d'esta segurança, não dar ulterior andamento ao negocio. Esse dinheiro foi realmente pago e tornou a entrar no thesouro da fabrica pouco mais ou menos quinze dias depois.

O defensor do accusado faz observar, que excepto as ausencias do Sñr. cura de Sainte-Marie, não havia senão a elogiar o seu proceder e a instrucção que elle dava aos meninos.

O ministerio toma a palavra nestes termos :

« Eu não venho aqui fazer ouvir palavras de assomo e de indignação contra o accusado. Eu procurei de boa fé a verdade nos debates d'este negocio demasiado célebre, e é o resultado da minha convicção profunda que eu perante vós exhibo.

« A sociedade pede contas ao accusado da morte e dilaceração d'uma mulher, que morreu victima de acontecimentos inexplicaveis, e é essa conta sevéra que elle deve hoje dar.

« Sem duvida, limitando-nos unicamente ás confissões do accusado, a vindicta publica teria já direito de obter uma estrondosa reparação, pois que confessa ter exercido sobre a pessoa de Fanny, *voluntariamente*, violencias, que lhe causarão a morte, ainda que, segundo o que affirma, não intencionasse dar-lh'a.

« Assim, Sñrs., se nos regulassemos mesmo pelas

simples declarações de Delacollonge, elle seria culpado de pancadas ou violencias voluntarias, que terião produzido a morte, sem que elle tivesse tido intenção de lh'a dar ; elle seria tambem culpado de roubo com arrombamento, e de baixo d'esta duplicada accusação, teria incorrido nas penas que a lei pronuncia contra os autores d'esses crimes. Mas eu começo por perguntar se a morte de Fanny foi *natural* ou *violenta*? *Natural!* Pertenceria ao accusado prova-lo, porque o facto accusador subsiste, e elle tomou sobre si o encargo d'essa prova, dilacerando o cadaver, impedindo d'esse modo a justiça, na impossibilidade de averiguar de fórma precisa, o verdadeiro genero da morte. Ora, prova elle que a morte tivesse sido natural? Elle não ousa mesmo affirma-lo ; e os medicos que discorrem sobre as hypotheses que elle lhes propõe, não podem dizer se n'esse caso a morte teria acontecido por *suffocação* ou por *apoplexia*.

Independentemente das provas materiaes, o advogado geral invoca as considerações moraes que repellem toda a ideia de uma morte natural ; elle passa depois aos factos verificados pelos depoimentos dos medicos e á discussão contradictoria a que elles se entregárão, para estabelecer que a morte de Fanny Besson foi violenta e produzida por estrangulação, e conclue assim :

« Houve morte violenta, morte por estrangulação, morte dada voluntariamente. »

O Snr. advogado geral acha no crime que imputa a Dela-

collonge todos os caracteres da premeditação. Ella remonta a uma época desviada, ao menos ao momento em que recebeu as advertencias do magistrado.

Depois de ter demonstrado essa premeditação pelos factos que precederão o crime, assim como o culpabilidade do accusado quanto ao roubo dos duzentos e oitenta e cinco francos, commettido por elle com arrombamento no thesouro da fabrica de Sainte-Marie-Lablanche, o advogado geral termina assim o seu eloquente e consciencioso requi-sitorio :

« Sñrs. jurados, eis-nos que chegámos ao fim d'esta discussão, para nós tão penosa, em mais de uma relação. Nós julgamos ter-vos demonstrado que o accusado Delacollonge é culpado dos crimes que lhe reprehende a accusação. A Vós Sñrs. é que agora toca a cumprir o vosso dever com imparcialidade e com a firmeza, que a lei vos pede e que Vós tendes jurado. Aqui a prova marcha com o facto. A sociedade reclama uma estrepitosa reparação do ultrage que lhe foi feito nas suas leis as mais vulgares. Poderieis Vós negar-lh'a ?

« Não, Vós condemnareis este grande culpado ; o seu nome, emparelhado ao de Mingrat, irá augmentar o catalogo d'esses criminosos de per si, cujo genio, escapo ao inferno, inventa o refinamento-do crime, e o desses maus sacerdotes, que apparecem de longe em longe, como contrastes destinados a fazer sobresahir com mais crescido es-

plendor as virtudes dos venerandos pastores, que cumprem com fervor a sua santa missão. »

Durante todo este requisitorio, o accusado parece estar dilacerado por tormentos interiores ; as suas mãos, fortemente applicadas contra a sua testa, ahi deixão profundas marcas, um suor frio lhe inunda o rosto. Vê-se que elle reprime com difficuldade alguns movimentos convulsivos de dôr e de cólera. Algumas vezes, elle se inclina com esforço para o seu advogado e lhe diz ao ouvido algumas palavras ; depois reassume a sua primeira posição e a sua immobillidade.

O defensor de Delacollonge se applica a destruir desfavoráveis impressões, lançadas pela accusação sobre os precedentes de seu cliente. Elle memora depois as ligações de Delacollonge com a môça Fanny Besson, ligações culpadas, sem duvida, causa unica de todas as suas desgraças. Depois de ter fallado dos antecedentes da causa, elle chega á defeza.

« Admittamos, diz elle, o que os debates tem demonstrado, que a morte de Fanny Besson tivesse sido natural, Delacollonge acha-se em presença de um cadaver, que lhe cumpre fazer desaparecer. Como chegará elle a consegui-lo? Esse corpo inanimado, que lhe estava diante, não podia sentir em nada o sacrificio tamanho que elle lhe tivesse feito da sua honra e da sua posição, no unico intuito de lhe procurar as ceremonias funebres da igreja. Elle não tinha mais

sacrificio algum util que fazer a esse cadaver de mulher collocado assim diante de si. Elle não podia, sem interesse para esse cadaver, sacrificar-lhe a sua honra e a sua reputação. »

Depois de se ter esforçado por fazer desapparecer da causa o que ella tem de mais horrivel talvez, o defensor examina, se ha provas de que o accusado desse voluntariamente a morte a Fanny Besson, e chega ao que a instrução forneceu de mais positivo. A môça Besson morreu estrangulada? É certo que ella não morreu pelo veneno. Ora ella tambem não morreu pela estrangulação, porque se não pôde descobrir no seu corpo a menor ecchymose. A pressão operada por Delacollonge sobre o pescoço de Fanny Besson foi, senão a causa determinante, ao menos a causa occasional da morte dessa desgraçada? Eis um mysterio, que é difficil de penetrar. Se ha presumpções em favor de Delacollonge, ellas resultão de que se lhe não encontrou signal algum d'ecchymose no pescoço, de que Fanny Besson vivia n'um estado continuo de molestia, de que tinha o coração pequeno e era sujeita a crises frequentes e a continuas dôres de cabeça. Nada ha de impossivel em que uma syncope occasionada pelo estado habitual da sua saude tenha sido a causa da sua morte.

O advogado argumenta aqui, citando numerosas autoridades, que se firmão ellas mesmas em numerosos exemplos e em citações desenvolvidas. Elle sustenta com essas autori-

dades, que uma simples syncope com as disposições conhecidas de Fanny Besson, teria podido produzir a morte instantanea, morte repentina, que não deixa signaes, nem ecchymoses. Elle cita exemplos, em que se tem visto que um murro, um reviramento de cabeça, uma pancada sobre as orelhas, *um simples bofetão*, produzirão a morte instantanea : « São estas as observações da medicina, continua o advogado, ellas não forão colhidas pela necessidade da causa. A medicina não inventa, ella não faz romances. Nenhum homem de boa fé, pondo de parte todas as prevenções que até aqui tem podido sitia-lo, poderá affirmar achar-se demonstrado que a morte de Fanny não fosse o resultado d'uma dessas syncopes determinadas sem duvida pelo acto de Delacollonge, acto em si mesmo innocente, e que não era o resultado de alguma intenção má. »

O defensor se resume dizendo, que a unica supposição rasoavel, em que um espirito não prevenido possa insistir, é a da morte de Fanny Besson em consequencia d'uma syncope. Elle conta ainda em apoio d'este argumento, uma historia conhecida de todos em Dijon.

« Ha desoito mezes, pouco mais ou menos, diz elle, um magistrado foi chamado a depôr perante um juiz d'instrucção, n'um caso muito importante. O seu depoimento devia ter uma grande influencia sobre um processo extremamente grave. Elle chega ao gabinete do juiz, e no momento de depôr, cahe morto, ferido de apoplexia. Ora, elle era o homem

do departamento o menos disposto á apoplexia, era o mais alto e o mais magro de todos. Felizmente elle morreu no gabinete do juiz. Que teria pois acontecido se, em lugar de morrer no gabinete do juiz, tivesse morrido em um gabinete, em conferencia com a parte adversa, contra a qual o seu depoimento hia levantar-se em todo o seu peso ? Teria havido lá um cadaver, um interesse evidente n'um crime ; vós terieis dito, vós ministerio publico, que a estrangulação não deixa signaes ; vós terieis vindo com livros de medicina ; vós terieis fallado do interesse immenso que teria incitado a parte, contra quem o magistrado hia depôr, em affastar do mundo essa testemunha perigosa ! »

O advogado falla em seguida das unicas provas que se elevão contra Delacollonge e que resultão unicamente das suas confissões. Essas declarações é preciso aceita-las, como elle as fez. Nada na instrucção veio desmenti-las. Tudo, ao contrario, veio confirma-las. Delacollonge veio de alguma sorte entregar-se á justiça. Elle, desde os primeiros momentos declarou a verdade, e nunca d'ella se affastou. As suas confissões não podem ser separadas, porque todas as partes que podião ser verificadas, forão achadas conformes á verdade. Se tivesse realmente da sua parte havido premeditação, elle se teria conduzido de outra fórma. Nada era para elle mais facil do que atrahir Fanny Besson fóra do presbyterio, e leva-la ás bordas d'esse charco, ou de qualquer outra parte, onde lhe pudesse fazer desaparecer o cadaver. Se tivesse

havido premeditação, elle teria preparado tudo antecipadamente, para fazer acreditar na sua partida.

Chegando ao pretendido furto dos 285 francos, se n'isso tivesse havido furto, as primeiras palavras de Delacollonge não terião sido : « É inutil fazer um processo verbal ; eu pagarei tudo : » Elle se teria arranjado de maneira a apropriar-se para sempre da somma, em vez de se collocar desde o principio na posição d'um homem que é obrigado a restituir, que promette restituir, e que restitue com effeito no fim de quinze dias. O thesouro da fabrica é de alguma fórma o patrimonio do cura. É ás precisões da sua igreja, ás suas proprias precisões que esse dinheiro é applicado. Servindo-se d'elle, Delacollonge commetteu um acto pouco delicado, mas não commetteu um furto.

Depois d'esta allegação, que foi ouvida com muito interesse, o jury entra na salla das suas deliberações e sahe ás seis horas. A declaração é affirmativa sobre a primeira questão, negativa sobre a questão de premeditação, e affirmativa sobre as duas questões relativas ao roubo com arrombamento. Comtudo o jury admite circumstancias attenuantes em favor de Delacollonge, mas só a respeito do roubo commettido com arrombamento.

O advogado geral requer a applicação da pena decretada contra o crime de morte.

O tribunal condemna Delacollonge á pena de trabalhos



forçados por toda a vida, e *à exposição publica durante uma hora.*

Ouvindo a leitura da declaração do jury e durante o tempo em que o tribunal se retira para a camara do conselho para deliberar sobre a applicação da pena, Delacollonge permanece immovel, como um homem ferido do raio. Elle encobre o rosto com o seu lenço e guarda a immobildade de um morto.

---

## O ABADE ROUBIGNAC

HORRIVEIS TORTURAS E MACERAÇÕES EXERCIDAS SOBRE O  
CORPO DE UMA JOVEM RAPARIGA. — ATROZES DELICTOS.

### *Jury do Tarn-Alby.*

« A rapariga Elisabeth-Luiza Faramond, filha de um honesto negociante de Valença, morreu n'essa cidade a 4 de Janeiro de 1835. Ella tinha apenas chegado aos seus desoito annos e a sua fresquidão e gordura, que se ostentavam ainda em todo o seu garbo no fim do mez de Novembro precedente, não tinham preparado a sua familia e seus amigos para uma morte tão apressada como prematura.

« Essa transição subita d'um estado de saude para uma decadencia inexplicavel, tinha dado lugar a boatos, que a sua morte muito aggravou.

« No dia da morte, o juiz de paz do lugar se transportou junto do cadaver e voltou ali no dia seguinte, sempre acompanhado d'um official de saude do mesmo lugar. Notou-se n'este cadaver, em cada seio, a dous dedos pouco mais ou menos do bico do peito, um pouco do lado interno, vestigios d'uma ferida de fórma redonda ; a do seio direito recuberta ainda d'uma crosta do tamanho de uma moéda de quinze soldos, a do esquerdo quasi que cicatrisada.

« Notou-se immediatamente abaixo dos seios e na periferia correspondente do corpo, a marca circular perfeitamente desenhada d'um instrumento circular em fórma de cintura que teria deuido ficar applicado durante um certo tempo, e que, segundo os vestigios bem apparentes, não era menos que uma cadeia de fio de ferro ou de latão com bordas recortadas de dous dedos de largura e erriçadas de pontas que tinham entrado na pelle, principalmente nos lados do corpo, onde se vião duas crostas denegridas, e nas costas, onde se notavão muitos frunchos dispersos, semelhantes a picadas e que ainda se conservavão abertos.

« Notou-se marcas de certas lesões sobre os dois antebraços. E sobre cada uma das coxas na parte posterior, uma ferida ainda por cicatrisar, e parallelâmente situada.

« Via-se tambem atraz da coxa esquerda, no meio do

seu comprimento, uma ferida do tamanho d'uma moeda de dois francos.

O perito declarou que todas essas feridas datavão de mais de vinte dias.

« Exhumado no dia 13 de Janeiro o cadaver, e examinado por dois novos officiaes de saude, lhes apresentou no exterior as mesmas apparencias. Os homens competentes constatarão que a jovem Faramond não estava grávida e que tinha morrido com a sua virgindade. Mas elles constatarão tambem outras desordens que annunciavão ter ella sido victima da mais hedionda depravação.

De certo, não se podia acreditar que a sua resignação e as suas mãos tivessem bastado a tanta crueldade. Havia mesmo certas partes do corpo, cujas lesões attestavão ao menos o concurso d'uma mão estranha. Alem disso, a voz publica designava o abade Roubignac, vigario de Valença ; e já, melhor instruida e mais prompta que a autoridade civil, a autoridade ecclesiastica, que tinha feito as suas pesquisas e colligido as suas prôvas, havia desviado o malfeitor do theatro dos seus maleficios, e entretanto que mais tarde o representarão como uma victima immolada ao espirito de partido e de irreligião ; já o prelado que governa a diocese de Albi, tinha mandado escrever ao abade Roubignac, que se não fallava em toda a diocese senão dos seus escandalos, e desejava : *que elle fosse mais branco diante de Deos do que o era diante dos homens.*

« A autoridade judiciaria não teve portanto mais do que proseguir no trilho aberto pela autoridade ecclesiastica. Eis ahí o resultado das suas indagações.

O abade Roubignac, chegado a Valença havia pouco tempo, não tinha tardado em contar no numero das suas penitentes a Elisabeth-Luiza Faramond, e em descubrir o que n'ella havia de piedade e de religião, mas tambem de credulidade e beatice. Elle tinha abusado d'essa disposição e imposto a essa jovem praticas religiosas e ostensiveis, que absorvião todos os seus momentos.

Ella se tornou triste; a sua frescura desapareceu, a sua tez começou a murchar; os seus movimentos erão lentos e difficeis. Em pouco, difficilmente podia levantar-se ou sentar-se. Uma noite, como subisse a escada, retirando-se ao seu quarto de dormir, pediu vinagre e desmaiou. Foi soccorrida, e fizeram-se-lhe perguntas; mas ella repellia os cuidados que se lhe prestavão, e attribuia o seu mal a uma indigestão.

« Emfim, a natureza e a dôr a fizeram resolver; ella declarou, que o abade Roubignac lhe tinha procurado, tinha posto em roda do seu corpo, entregue nu aos olhos d'esse culpado director aquelle cilicio, que sua mãe lhe não pôde arrancar, que ella teve de arrancar a si mesma, não podendo, apesar da sua resignação, contêr um grito de dôr, e cujas pontas se não destacárão, sem trazerem comsigo pedaços de carne d'essa desgraçada. Ella declarou que, não contente

com essa acção impropria, d'esse supplicio cruel e permanente, o abade Roubignac lhe tinha com uma faca dilacerado seu braço direito, lhe tinha cravado alfinetes no esquerdo, queimado-lhe os seios e as coxas com um tição ardente, e flagellado as mais occultas partes do seu corpo com uma disciplina de fio de ferro e de pontas agudas. Ella declarou que, para praticar esses maus tratamentos, elle a atrahia a si no seu quarto, fechando a porta com a chave e correndo as cortinas das janellas. Ella declarou que elle tinha querido arrancar-lhe....., e cortar-lhe os bicos dos peitos, e que tinham sido esses os unicos actos de barbaria, aos quaes o pressentimento d'uma dôr demasiado viva lhe tinha dado animo de resistir. Ella declarou que um dia em que sua mãe pediu ao abade Roubignac, vindo á casa d'ella que lhe interrogasse sua filha, elle, affastando seu irmão e sua irmã d'ella declarante, recommençara as suas flagellações. Accrescenta que, n'esse dia, a tinha bruscamente tomado por um braço, a tinha levantado da cadeira em que estava sentada; e que tinha querido ver-lhe as feridas do seu corpo e que a *tinha feito soffrer muito.*

« Sem responder positivamente a uma outra pergunta que lhe dirigia a mãe e que parecia embaraçar muito a jovem menina, ella deixou cahir estas palavras : « *Eu já vos tenho dito assaz,* e como esta primeira confissão á sua mãe a tinha acoroçoado a fazer novas declarações aos parentes e ás amigas que lhe perguntavão, e como se sentia já desem-

penhada d'esse segredo, que lhe fôra impôsto como uma *lei divina*, ella dizia a uma de suas amigas, que gosava d'uma saude perfeita : » Senão fosse pelo abade Roubignac, eu passaria igualmente bem ; e dizia a outra : « eu pude bem supportar o cilicio, mas não pude supportar o resto, sem designar o que entendia por essas palavras.

« O estado do seu corpo, a qualidade e o lugar das feridas, emfim, as suas lentas e singelas confidencias demonstravão sufficientemente que o abade Roubignac lhe tinha feito todos esses males.

« Restava a esclarecer quaes erão os seus motivos.

« Já a escolha da victima annunciava que elle não tinha buscado nas dôres e lacerações da jovem virgem, senão abominaveis deleites para si proprio, e talvez que não a tivesse martyrisado, senão para distrahi-la sobre o infame meio empregado para saciar a sua brutal paixão.

Todas as duvidas forão tiradas, quando a justiça adquiriu informações certas sobre o proceder e os costumes do abade Roubignac.

Foi verificado que elle atrahia á sua casa as raparigas, que as demorava em sua casa muito pela noite em diante. Que mesmo em publico, elle não disfarçava com ellas familiaridades, que assaz manifestavão as suas occultas disposições. Ellas se manifestarão por outros factos, de que seis outras jovens e uma viuva depuzerão na formação do processo. Uma notavelmente contou os infames excessos a que

o abade Roubignac se entregou com ella. E foi no dia do Corpo de Deos! E é muito verdade que poucos instantes depois, o abade Roubignac celebrou a grande missa e levou o Santo-Sacramento á procissão!... Nem foi essa a unica profanação imputada ao abade Roubignac. Elle dizia áquellas jovens, de quem não tinha podido vencer a resistencia : « *que não tinha querido, senão experimenta-las e que as exhortava a que perseverassem na sua honestidade.* »

A camara dos decretamentos de accusação não julgou que factos algum d'estes tivesse sido acompanhado d'esses actos de violencia, que sós constituem o crime de attentado contra o pudor. Mas esses factos permanecem no processo, como testemunhas irrecusaveis dos motivos que tinham impellido o abade Roubignac quando atormentava de tão crueis maneiras o corpo de Elisabeth-Luiza Faramond.

« Esses excessos, essas feridas, essas torturas, não podião só constituir actos da mais degradante immoralidade : Tinham elles occasionado a morte da victima ?

« O medico de Valença disse formalmente no seu relatório, que as feridas não cicatrisadas remontavão a mais de vinte dias, e resultou do processo, que o cilicio, que ao arrancar-lhe tinha lacerado as carnes, tinha sido posto á victima desde mais de vinte dias. Ora, a duração de todas essas molestias locais bastão para constituir o seu crime.

« O abade Roubignac o conheceu e quiz subtrahir-se a essa mui justa consequencia, tendo-se por isso retirado de

Valença desde o primeiro de Janeiro. Preso a nove do mesmo mez, elle negou tudo, limitando-se a declarar que tinha procurado o cilicio para a jovem Faramond, mas sem ser elle mesmo quem o poz.

« Estas denegações, tão naturaes da parte d'aquelle que não tinha respeitado a virtude em um dos seus mais interessantes modelos, difficilmente respeitaria melhor a verdade, não poderão prevalecer sobre os dizeres da sua victima.

Jacques Roubignac foi accusado e remettido para o jury d'Albi, onde compareceu em 21 de Maio. Nas ruas e no palacio (da justiça) elle conserva a cabeça alta. As suas feições são regulares e fortemente pronunciadas, o seu cabello é preto e crespo. Quando divisou, ao entrar, um piquete d'infanteria, disse, levantando os hombros e abotoando os punhos da camisa : « *De que serve tudo isto ?* » O tom da sua voz é adocicado e a physionomia risonha ; mas os seus olhos e feições indicão um homem de emprezas atrevidas e de fortes resoluções.

Durante a leitura do auto de accusação, Roubignac parecia impassivel, e batia com os dedos no banco em que estava sentado, como quem toca piano.

O presidente lhe lembra com doçura e dignidade, os principaes factos de que é accusado e dá a palavra ao procurador do Rei. Este magistrado, respondendo ás accusações de espirito de irreligião, com que elle, e o magistrado instruc-



tor tinham sido gratificados, prova que a religião, de accordo com a lei, pedem vingança do crime de Roubignac.

O tribunal ordena que as testemunhas sejam interrogadas em particular, mas que as allegações serão publicas.

Trinta e sete testemunhas de culpa respondem ao appello. Duas jovens, uma viuva de trinta e quatro annos e mãe de varios filhos, assim como varias outras jovens, se apresentão para confirmar a verdade das infames tentativas, arguidas ao abade Roubignac.

Depois chegão as numerosas testemunhas relativas aos horriveis attentados commettidos pelo accusado sobre a pessoa da donzella Faramond, com idade apenas de desoito annos.

Uma carta emanada da secretaria do arcebispado com data de 9 de Janeiro e dirigida ao abade Roubignac, lhe dizia, que se não fallava na diocese em outra cousa, senão nos seus escandalos, e que se desejava que elle fosse mais puro diante de Deos de que o era diante dos homens. E comtudo, o mesmo arcebispo escreveu uma carta de quatro paginas a todos os Sñrs. conselheiros da Relação, affirmando que nunca tinha interdicto o abade Roubignac, que era um dos melhores sacerdotes da sua diocese, e que se lhe poderia, quando muito, reprehender um excesso de zelo; mas que era victima do espirito de partido e de irreligião!

O defensor do accusado tinha uma tarefa difficil a preencher. A sua peroração, dirigida ao numeroso auditorio,

tendia a separar os interesses sagrados da religião do proceder de Roubignac, no caso em que a convicção de sua culpabilidade fosse adquirida.

O jury, tendo respondido affirmativamente sobre todos os pontos, foi o accusado condemnado a doze annos de trabalhos forçados, mas sem exposição.

---

## LACENAIRE

ASSASSINATO, TENTATIVA D'ASSASSINATO E FALSIDADE.

### *Jury do Sena.*

Uma triplice accusação de assassinato e falsidade levou a 12 de Novembro de 1835, perante o jury do Sena, os chamados Lacenaire, Avril et Francisco Martin. Lacenaire sobre tudo, cujas confissões e parolice tinham com antecedencia sido assignaladas, excitava poderosamente a attenção. Jovem, bello, elegante, d'um semblante risonho e agradável, avivado ainda pelo pequeno bigode á moda; Lacenaire se assentou com desembaraço no banco da infamia e começa desde logo por travar com o seu advogado uma conversa, que interrompe muitas vezes o seu sorriso. Elle parecia in-

teiramente estranho ao debate que se preparava, e a sua segurança contrastava da maneira a mais admiravel com a attitude triste e silenciosa dos dois co-reus que suas declarações tinham levado ao seu lado.

A viuva Chardon e seu filho João-Francisco Chardon, occupavão, rua S.-Martin, nº 27, na passagem do Cavallo Ruço, um pequeno aposento no primeiro andar; a viuva Chardon com sessenta e seis annos de idade, achava-se inscripta no rol das soccorridas. Preso durante dous annos por furto e attentado contra os costumes, Chardon buscava occultar os seus vicios com os exteriores da religião, elle vendia imagens de devoção de vidro fiado, accrescentava ao seu nome o de irmão da caridade de Santa Camila, e, em uma petição que dirigiu á Rainha pediu o estabelecimento de uma casa hospitaleira para os homens. A 14 de Dezembro de 1834, o porteiro viu a viuva Chardon e seu filho entrarem para casa, porem não sahirão.

Os seus cadaveres mutilados e sanguinolentos jazião na cosinha e em um pequeno quarto visinho, como sepultados sob um montão de coberturas, colchões e travesseiros.

O motivo do crime não era duvidoso. Não se encontrou em parte alguma, nem baixella, nem dinheiro; uma pequena imagem de Nossa-Senhora, esculpida de marfim, tinha desaparecido; um capote e um boné de seda preta tinham igualmente sido subtrahidos. Todas as diligencias para descubrir os autores d'este caso horrendo tinham sido

inuteis, quando chamado Lacenaire, já castigado pela justiça, preso sob carga de dous assassinatos, pediu para fallar ao chefe de policia de segurança, e lhe disse :

« Eu vou iniciar-vos no mysterio da morte de Chardon. A 14 de Dezembro de 1834, Avril e eu, fomos á casa de Chardon, que encontrámos na passagem; elle estava só de calças e tinha uma escova na mão : « Nós liamos á tua casa. » — « Subi n'esse caso, » respondeu elle. Nós entrámos no seu aposento. Uma vez na primeira peça em que estava a cama e que servia de cosinha, Avril o segurou pela cabeça e immediatamente eu o feri por traz com um estoque; e fiz-lhe depois varias feridas por diante; Chardon cahiu e, agitando-se os seus pés, alcançárão e fizerão abrir uma pequena porta d'almario que continha a baixella. Avril o acabou a machadadas e o sangue esguichou sobre elle. Eu entrei só no quarto da mãe e a feri no rosto, nos olhos e no nariz com um estoque, a que servia de cabo uma rollia, que foi atravessada; o que fez que eu fosse levemente ferido n'um dedo. Nós tomámos quinhentos francos em prata, quatro ou seis talheres de prata e uma colher de sopa. Eu entreguei essa prataria em um embrulho a Avril, que me disse tê-la vendido depois por duzentos francos a um negociante, que não lhe tinha querido entregar mais de vinte no primeiro dia. Eu tomei, alem disso, um capóte côr de bronze que puz sobre as minhas costas, e Avril tomou um boné de seda preta que conservou por quatro dias, apesar da

recommendação que lhe fiz de se desfazer d'elle. Nós tomámos tambem uma pequena virgem de marfim que estava em cima da chaminé e que julgavamos d'um certo valor; mas Avril, não tendo achado por ella mais que tres francos nos compradores de curiosidades, quiz antes desfazer-se della, que conservar uma peça de convicção por um preço tão modico. Depois do assassinato, Avril e eu tinhamos sangue nos mãos e Avril, alem d'isso, nas calças e no colete.

Nós fomos immediatamente aos banhos turcos e lavámos esse sangue. Moravamos n'esse tempo em casa da mulher Desforets, na rua Saint-Maur, esquina da rua du Faubourg-du-Temple; alguns dias depois Avril foi preso, por causa de uma mulher publica e conduzido á guarda da rua de Bondy; fui reclama-lo e o commandante disse-me que tinha ordem de prender todos os que se apresentassem para responder por elle.

Assim, Lacenaire se declarava culpado, e as suas confissões vinhão adaptar-se perfeitamente ao corpo de delicto.

Avril, pelo contrario, fechou-se nas suas negativas absolutas, e tinha mesmo interjeitado por incidente uma allegação d'ausencia; que foi refutada do modo o mais evidente.

N'esse estado de cousas, a accusação de que se encarregava Lacenaire só cahia sobre Avril. Porque não se concebia de que maneira, para accusar a este, elle consentiria em accusar-se a si mesmo. A declaração de duas testemunhas, Fréraud e a rapariga Bastien, sua amasia, a quem

Avril propuzera participar do assassinato de Chardon, assegurando-lhe que havia dez mil francos a receber por preço d'esse crime, vinha auxiliar ainda a accusação de Lacenaire contra Avril e os indícios que já a podião apoiar com uma tremenda gravidade. Lacenaire e Avril erão pois accusados, de terem, no dia 14 de Dezembro de 1834, commettido dois homicídios voluntarios com premeditação, no chamado Chardon e em sua mãe a viuva Chardon, sendo estes crimes seguidos d'um roubo commettido conjunctamente, com arrombamento. Elles se achavão, alem disso, sob o peso de uma outra inculpação de tentativa de assassinato commettido na pessoa de Luiz Genevay, caixeiro em casa dos Sñrs. Mallet e C<sup>a</sup>, banqueiros em Paris.

Este jovem apresentou-se a 31 de Dezembro do 1834 na rua de Montorgueil, para cobrar uma letra de 865 francos em casa d'um Sñr. Mahussier, negociante, morador n'esse lugar. Genevay levava n'uma bolsa 1000 a 1200 francos em prata, e tinha 10 a 12 mil francos em bilhetes n'uma carteira. Não havia porteiro na casa; Genevay subiu até o quarto andar: elle viu o nome de Mahussier escripto com giz, na porta d'um alojamento, cujas janellas deitão para patios. Elle bateu e dous homens o introduzirão em uma antecamara que não tinha trastes. Immediatamente que elle passou a entrada da porta, o mais baixo dos individuos que a tinhão aberto se apressou em fecha-la, poz-se atraz d'elle e lhe segurou os braços, procurando encaminha-lo para

um segundo quarto bastante escuro; o outro individuo tinha passado para traz do caixeiro, e com acenos o induzia igualmente a hir para o segundo quarto, mostrando-lhe um sacco em cima d'uma mesa e que parecia cheio de dinheiro.

Genevay estremeceu, enrolou o sacco ou bolsa em volta do braço, e se dirigia para a meza, quando o individuo que ao principio se puzera por traz delle, se esforçou por lhe tirar a bolsa, e ao mesmo tempo fez no desgraçado Genevay um violento ferimento no braço direito. Genevay gritou *péga ladrão!* O mais alto dos dous aggressores quiz suffocar-lhe a voz, mettendo-lhe dous dedos na boca, mas não o pôde conseguir, e então os dous assassinos fugirão, gritando elles mesmos: « *péga-ladrão! péga-ladrão! mata-se lá em cima.* » Immediatamente os inquilinos começarão a apparecer, mas os gritos dos assassinos illudirão os que terião podido prende-los e elles conseguirão escapar.

Genevay tinha ao principio querido persegui-los, mas foi logo obrigado a parar, tendo sido ferido no braço direito com uma lima triangular aguçada na ponta. A ferida, ainda que profunda, não era perigosa. A lima, tendo-lhe ficado na manga, quebrou-se ao cahir.

As primeiras investigações da justiça derão a conhecer os culpados, que não erão outros que Lacenaire, preso em Beaune e o chamado Francisco, que o tinha sido a 10 de Janeiro por crime de roubo. Lacenaire, accusando-se a si mesmo, não hesitou em declarar que Francisco era seu

complice. Elle contou que as suas relações com Francisco datavão sómente da vespera; que elle tinha proposto a Francisco tomar parte na acção, que este, tendo aceitado, ambos juntos se dirigirão á rua Montorgueil, nº 31, pelas 10 horas da manhã, que separados momentaneamente um do outro, na occasião da fuga, se tornárão a encontrar no boulevard do Templo; que passárão a noite de 31 de Dezembro ao 1º de Janeiro em casa de um Somegnac, amigo de Francisco; que do 1º ao 6, elles dormirão ambos em casa de Pajat; que a 4 commetterão outro roubo; que emfim a 6 se separárão, para se não tornarem a encontrar, senão actualmente, em presença dos magistrados sob o peso de uma accusação commum.

Francisco, apesar do modo circumstanciado, porque Lacenaire conta os factos, fecha-se n'um systema completo de negativa. Elle se compromette porem por graves contradicções, e declarações que cotejadas com os factos conhecidos ainda os esclarecem mais.

A tentativa de assassinato e o roubo de 4 de Dezembro são communs a Lacenaire e Francisco; mas a lista dos crimes do primeiro está longe ainda de se achar concluida: desoito ou vinte crimes d'esta especie lhe são ainda imputados. E' debaixo de trinta capitulos diversos que elle responde perante a justiça.

Lacenaire commetteu todos estes crimes; elle tem apenas trinta e dous annos; é de uma familia decente, e elle



mesmo parece dotado d'uma notavel viveza e intelligencia, cultivada pela educação, e de uma rara presença d'espírito. As suas más inclinações o precipitarão na carreira do crime. Em 1829 foi condemnado a um anno de prisão por furto e vagabundagem; no mez de Agosto de 1834, pouco tempo antes dos factos do processo actual, Lacenaire sahia da prisão de Clairvaux, onde acabava de cumprir uma sentença de treze mezes de prisão. Depois de ter recobrado a liberdade, elle quiz procurar nos trabalhos litterarios meios de existencia, mas não tardou em voltar á sua industria ordinaria, o crime! A accusação que pesa sobre elle mostra qual foi, desde 1829 a rapidez dos seus progressos n'essa carreira funesta.

Durante a leitura do despacho de remessa e dos actos de accusação, Lacenaire conserva uma attitude indifferente e distrahida. O seu sorriso, comtudo, tem alguma cousa de forçado e convulsivo; apoia a cabeça no corrimão e affecta uma imperturbavel serenidade. Elle lança de tempo a tempo olhares rapidos sobre os seus co-reus, principalmente, quando a accusação se refere a elles em consequencia dos seus depoimentos. •

Avril permanece impassivel e abatido. Francisco Martin, cujo rosto pallido e contrahido annuncia uma viva emoção, lança a Lacenaire olhares cheios de ameaça e de furor.

Lacenaire estava quasi adormecido, quando o secretario terminou a leitura da accusação; elle só então parece levan-

tar-se do seu torpôr e indireita elegantemente o cabelo, e ouve sem se commover a larga nomenclatura de assassinatos e falsidades que lhe são imputados.

Quando o presidente procede ao seu interrogatorio, diz-lhe que pode ficar sentado e elle agradece.

Durante essa longa parte dos debates, que faz lembrar, confirmando-os, todos os pormenores do assassinato da passagem do cavallo ruço e da rua Montorgueil, a attitude de Lacenaire se mantem. O presidente termina, dizendo : « Lacenaire, alem das individuações que acabais de nos communicar, tendes Vós quaesquer outras a declarar, alguns factos importantes a revelar ? »

Lacenaire, depois de uma pausa : « Não... não... Só uma circumstancia me vem á memoria, é que Avril foi commigo á rua Sartine, nº 4. Elle deve ter sido visto pela mulher do porteiro. Eu me chamava então Luiz Guérin. Tinha passado uma letra com este nome, e tratava-se d'uma ordem de Rothschild a receber em casa de Guérin. Como o caixeiro não veio, nós voltámos, sem nada fazer. Foi um dos meus amigos quem me emprestou a sua casa para isso, mas sem saber para que eu lh'a tinha pedido, quatro horas tinham dado, sem que o caixeiro de Rothschild viesse, e nós nos retirámos sem nada fazer. Só Avril levou um par de cortinas do quarto de meu amigo.

Avril é tornado a trazer. O seu rosto pallido e contrahido annuncia a sua profunda emoção.

O presidente : Vós podeis ficar sentado.

Avril : Gósto mais de estar em pé.

Sobre todas as outras interpellações do presidente, Avril persiste no seu systema negativo : « Tudo o que disse Lacenaire é falso; ignoro o motivo que o leva a criminar-me assim : Lacenaire é um Comtois.

A essa palavra de giria, que significa mentira interessada, Lacenaire difficilmente contém a sua hilaridade.

O presidente : Concordais Vós ambos a respeito do assassinato da rua Montorgueil?

Avril : Eu estava ajustado com elle para commetter um roubo; elle conhecia o modo de atrahir o caixeiro, mas que se desfizesse d'elle por meio d'um assassinato, eu não quiz.

P. Qual era a vossa ideia?

R. Eu queria que lhe tomassemos o dinheiro, e propuz que se lhe puzesse uma emprastada de pez na boca e que se lhe tirasse o dinheiro.

P. Vós não querieis derramar-lhe o sangue, mas querieis suffoca-lo.

R. Absolutamente não; a emprastada posta e o dinheiro apanhado nós teriamos escapolido.

O presidente lembra a Avril os pormenores em que entrou Lacenaire, com respeito ao assassinato da passagem do Cavallo-Ruço.

R. Lacenaire jurou perder-me.

P. Perdendo-vos, elle ao menos não se poupa a si. Vós tinheis feito conhecimento em Poissy. Tinheis Vós desde então ajustado os vossos crimes?

R. Lacenaire era um homem d'espírito, tinha educação e era tenção minha effectivamente, ao sahir da prisão alugarme a elle, sabendo que a sua intelligencia tornaria facil mais de uma gatunice. Praticar gatunices, tal era o meu fim, mas quando me fallou de outra cousa, eu rompi com elle.

No dia da minha sahida eu o encontrei : elle propoz-me para hir com elle fazer uma gatunice em uma casa que lhe tinhamo emprestado, e nós ahi fomos. Lacenaire sahiu e entrou logo depois com dois estoques; elle poz-se tranquillamente a aguçar um no tijolo do chão, querendo que eu fizesse o mesmo, e me disse : « Vai entrar um caixeiro, nós o assassinaremos ! » Eu quiz fugir, elle me reteve e disse que renunciara ao seu projecto.

Francisco affirma não conhecer Lacenaire, senão depois do 1º de Janeiro, e não ter tido nunca com elle relação alguma criminosa. « Lacenaire é muito mais habil que eu, não sei ler, nem escrever; elle arranjará a sua defeza de maneira a comprometter-me. Elle me revirará como a uma luva, mas isso não são provas.

Lacenaire é depois ouvido sobre os differentes artigos da accusação relativos ás falsidades. Elle se reconhece culpado sobre todos os pontos, e esta parte do seu interrogatorio não dura mais de dez minutos.

Na segunda audiência destinada á audição das testemunhas Lacenaire conservou a sua segurança e serenidade da vespera ; elle pede ao seu advogado, a quem acolhe com um sorriso affectuoso, que lhe mostre alguns jornaes em que se ache individualisada a ultima sessão anterior. Percorre com attenção as columnas d'um desses jornaes, pede uma penna e parece tomar algumas notas.

Avril e Francisco estão pallidos e mais abatidos que hontem.

O D<sup>to</sup>r Ollivier, d'Angers, que foi chamado para assistir á abertura dos cadaveres, reconheceu as marcas das facadas, e foi averiguado que a faca se adaptava perfeitamente ás feridas.

Lacenaire tranquillamente : Eu me lembro perfeitamente de tudo. Não se servirão d'uma faca para a viuva Chardon ; eis o de que eu estou bem certo ; e, demais, se a faca se tivesse quebrado no quarto, havia de se lhe ter encontrado os pedaços.

Depois d'esta resposta, o accusado sorri, deita os olhares distrahidos sobre a assemblea, passa a mão pelo cabello, e não presta attenção a um curto debate que se empenha entre os dous advogados e o presidente para estabelecer que os assassinos parecerião ter sido tres.

O S<sup>nr</sup>. Allard, chefe do serviço de segurança : « Quando Lacenaire foi conduzido á prefeitura de policia, fui ter com elle e disse-lhe : Segundo o que se sabe, o vosso negocio é

concludente. Elle me responde se rindo : Sim, eu o sei. — Vós sois accusado de ter commettido um numero consideravel de falsidades. — Ah! Basta! esses negocios lá, eu não fallo mais d'elles; nós temos outra cousa : o forte vence o mais fraco. — Vós deveis ter complices; é preciso da-los a conhecer por interesse da sociedade. — Eu hirei com vosco direito ao fim. Vós sabeis, alias, qual é o meu modo. — Eu sei que Vós procedeis n'isso de um modo leal; Vós conheceis o meu character. Se poder fazer em vosso favor alguma cousa de compativel com os meus deveres, alliviando-vos, eu o farei. — Então, eu vos peço desde já um favor. — Ser-vos-ha concedido, se for cousa que se pôssa fazer. — Estou carregado de ferros, isto me incommoda, palavra de honra! eu sou um bom preso e não busco evadir-me.» O pedido de Lacenaire lhe foi deferido, e elle se mostrou contente d'esse proceder.

No dia seguinte, tornei a fallar com Lacenaire e elle me confirmou as suas revelações da vespera. »

Durante esta parte do depoimento do Sñr. Allard, Lacenaire nem uma unica vez levantou os olhos de cima do jornal que tinha na mão.

« Lacenaire, continua Allard, me referiu as circumstancias d'uma tentativa de assassinato, commettida por elle contra uma rapariga Javotte. Accrescentou : Eu bebi com ella no 1º de Janeiro, dia immediato ao da tentativa de assassinato da rua Montorgueil. — Como! lhe disse eu, Vós

bebestes com uma pessoa que tinheis querido assassinar?— Ah! meu Deos, sim, replicou elle rindo, eu lhe tinha depois vendido objectos provenientes de roubo : é uma receptadora e temendo ser compromettida pelas minhas revelações, antes quiz deixar-me em paz.

» Lacenaire, continua a testemunha, me inspirava confiança. Eu tive mesmo occasião de verificar a certeza das suas revelações, a respeito, por exemplo, dos furtos de pendulas, de gravatas e de vestidos. Elle se mostrou indignado das revelações feitas contra elle por Francisco : Como ! disse, é elle quem me denuncia, elle que foi meu amigo e meu complice?... »

Lacenaire, interrompendo : « Eu não nego nada d'isso, eu convenho ; não fiz revelações, senão porque vi que estava compromettido pelas que tinham feito os meus co-reus. Que fosse por vingança, não o nego.

Os pormenores do caso e os interrogatorios do accusado, sendo já sabidos dos nossos leitores, nós nos limitaremos agora a reproduzir os depoimentos mais importantes e os incidentes na audiencia a que elles derão lugar.

Brabant, de vinte annos d'idade, marceneiro, condemnado a seis mezes de prisão e detido em Bicêtre, se adianta, seguido de um policial, a quem o presidente diz logo que se retire. Elle morava em casa de Chardon no momento do crime, recolheu-se passado meia noite, bateu, e como lhe não abrirão, foi dormir no arrebalde São-Martin.

O presidente : Não possuia elle prata ?

R. Não lhe conheci senão uma colher pequena que lhe troquei.

O advogado geral : Vós quereis dizer, que lh'a furtastes ? foi por esse furto, que tivestes a condemnação que agora cumpris.

Brabant concorda no facto e retira-se dizendo á meia voz : « Ainda 49 dias e isto se acabará, não ha n'isso affronta. »

Passa-se á audição das testemunhas relativas á tentativa de assassinato da rua Montorgueil.

O Sñr. Genevay, caixeiro de pagamentos : Não pode dar informação certa sobre os vestidos dos assassinos, e declara não reconhecer nem o accusado Francisco, nem Lacenaire.

A Sñra. Robinet viu fugir tres homens que gritavão : *au voleur* (péga ladrão!), ella segurou um pelo casaco; esse individuo a levou ao fundo do corredor; e lá, diz ella, vendo a minha idade, me voltou as costas. (Lacenaire escuta este depoimento.)

O presidente : Ereis Vós Lacenaire ?

Lacenaire : Provavelmente.

Lacenaire, depois d'este depoimento, escreve algumas notas, e em seguido reassume a sua attitude.

A Sñra. Darbois depõe que viu passar Genevay, levando a sua bolsa; que depois ouviu gritar e sahir tambem alguem para fazer côro sem saber para que, nem porque.

Quando a lista das testemunhas termina, o substituto do



procurador geral pronuncia o seu requisitorio, que conclue d'esta maneira :

Existem homens para quem o assassinato não é uma ultima necessidade, para os quaes o assassinato não é um accidente, mas um negocio, *um negocio* regular, como qualquer outro, um negocio que se propõe, um negocio, de que se discutem os meios d'execução, homens que, no dia marcado, os contão com o mais completo sangue frio, n'esta audiencia; homens, para quem o assassinato não é o accidente d'um dia, uma desgraça, mas um habito, uma profissão.

Elle convida depois os jurados a empregarem tanta coragem na punição do crime, como os culpados empregarão na sua perpetração horrivel.

O advogado, incumbido ex officio da defeza de Lacenaire, esboça um rápido bosquejo da existencia romanesca do seu cliente, representando-o como arrebatado por uma monomania furiosa, pede por graça unica ao jury, que o condemne á prisão perpetua.

Lacenaire inclina-se sobre a grade que o separa do seu defensor, para lhe testemunhar todo o seu reconhecimento.

O de Francisco começa o seu arrasoado, depois pede alguns instantes de repouso, e Lacenaire faz notar ao presidente que desde pela manhã or tres accusados estão em jejum.

Ao recommear a audiencia, o defensor de Francisco ter-

mina, lembrando aos jurados os erros em que muitas vezes cahe a consciencia dos homens.

Lacenaire, durante o decurso d'essa longa allegação em que o advogado, constantemente dirigiu contra elle afflictivas recriminações, conservou sempre uma attitudo firme, e o seu sorriso habitual não deixou um instante de se lhe notar nos labios.

O presidente : Lacenaire, tendes Vós alguma cousa que accrescentar á vossa defesa ?

Lacenaire levanta-se e pronuncia um discurso em tom ao mesmo tempo oratorio e familiar, repete os pormenores constantes d'estes debates, discute e segue passo a passo os numerosos artigos da accusação, examina o mais precisamente a questão de medicina legal e applica-se a convencer os jurados da certeza das suas revelações : « Eu não venho pedir graça, diz elle, não me importa a vida, sem que, comtudo pretenda ser estoico. Se a sociedade me offerecesse os gosos da vida, a fortuna, eu aceitaria. Não me apégo á existencia, Sñrs., eu vivo no passado : desde oito mezes, a morte está sentada á minha cabeceira. Eu não peço graça ; nao a espero, nem a quero. . . . ella seria inutil. »

Avril pede ao Tribunal para ler um resumo dos factos, que elle mesmo redigiu e que nada diz de novo sobre este debate.

Francisco pede a palavra, e com uma voz commovida e

um accento de colera, que augmenta por graus, pronuncia estas palavras : « O orador Lacenaire acaba de relatar-vos todo o curso da instrucção, mas eu vou, Sñrs., fazer-vos descobrir a mentira (elle prosegue, mas a sua voz se altera e com os dentes serrados e o rosto agitado por vivas contracções, pronuncia) : « Miseravel ! tu que juraste odio e vingança a todo o genero humano, tu não temes a justiça dos homens; mas hindo á morte tu temerás talvez a justiça de Deos, diante do qual tu apparecerás cuberto de sangue. Estes Sñrs., tambem tem contas a dar; elles hesitarão antes de accrescentar novas victimas ás que já te espêrão cubertas de sangue! Se me condemnão, a mim, que estou innocente, ah! eu não temo a morte! eu a arrotei cem vezes, combati nobres inimigos, fui cinco vezes ferido : eu salvei um artilheiro ao pé do Atlas, e perdi tres dedos por um ferimento honroso! Tu! vil assassino, cobarde! tu queres lavar as tuas mãos no meu sangue; mas ainda hoje eu posso levantar a mão, pela ultima vez, póde ser, mas sem medo; mas tu, tu te arrastarás no momento da morte..... cobarde! »

« Na quinta feira, quando compareci perante vós, eu não era ainda criminoso; eu o sou hoje, porque levei a morte a meu pai, um veneravel ancião, e á minha mãe, a melhor das mães; as calumniosas denunciações do miseravel Lacenaire os deshonorarão; Lacenaire é capaz de tudo,

Sñrs.; elle falla bem, é um orador, elle vos tem deslumbrado, muitos de vós o aplaudem, elle denunciará outros complices, e os denunciará por dinheiro; elle buscará prolongar a vida. Vós vereis se eu minto. Eu não peço graça, Sñrs. Eu invoco o peso da justiça. Da minha sorte, da minha vida, eu pouco me importo, mas na minha hora suprema, eu me repousarei sôbre a consciencia *do meu jury.* »

« Estas energicas palavras d'um homem que declarou nos debates não saber ler, nem escrever, produzem na assembleia um longo movimento de maravilha e de estupor. Francisco deixa-se cahir exausto sobre o seu banco. Lacenaire, cuja serenidade se não tinha desmentido um só instante, olha para o seu co-reu com um sorriso de triumpho. O aspecto d'essa scena satanica não seria facil de descrever. No meio da emoção geral, o presidente pronuncia o encerramento dos debates. O chefe do jury pronuncia uma resposta affirmativa, a respeito dos diversos crimes imputados aos accusados, admittindo circumstancias attenuantes só a respeito de Martin Francisco.

Lacenaire está pallido e parece abatido. Elle ouve a leitura do jury com um gesto impassivel. Avril, quando ouve a resposta affirmativa no que lhe diz respeito, lança um olhar furioso sobre o jury, e diz em meia voz : « *Obrigado!* » Martin Francisco encobre o rôsto com o lenço. Na applicação da pena Avril levanta-se, e com uma

voz alterada : « Eu sou condemnado pelo jury, diz elle ; eu não peço graça, prefiro a morte aos ferros perpetuos ; porem juro diante de Deos : isto é um assassinato juridico. »

Francisco e Lacenaire nada tem a dizer, e o presidente pronuncia contra Lacenaire e Avril a pena de morte, e contra Martin Francisco a de prisão com trabalho por toda a vida.

#### *Execução de Lacenaire e de Avril.*

A attitude e o proceder d'esses dois grandes criminosos em presença do supplicio foi para o povo uma salutar lição. Depois d'essa sorte de desafio, lançado por um assassino á sociedade inteira, se sente a necessidade de proclamar, mostrando-lhe o cadafalso : « Eis ahi o desfecho de uma tal vida ! Esse desprezo de toda a crença, de toda a virtude, de todo o principio religioso, essas monstruosas theorias que não podem achar lugar, senão n'uma imaginação doente e n'um coração depravado; eis a sua sancção e o seu resultado ! o cadafalso, eis o destino dos Lacenaires ! » Que o spectaculo do crime feliz e impune traz consigo perigosas tentações, é o que se não pode duvidar, mas, tão fanfarrão, como possa ser, o crime que conduz á morte, a uma morte ignominiosa, não causa inveja, nem produz imitadores.

Quiz-se julgar Lacenaire, segundo o papel, que elle se

tinha imposto desde a sua prisão, e julgou-se mal. Não, Lacenaire não foi (como elle o quiz parecer depois) um homem que se julgasse desgraçado por culpa dos seus semelhantes, hesitando entre o suicidio e o crime, e lançando-se no crime, porque a sociedade era injusta e cruel para com elle. Não, elle não foi um assassino por systema, que assignasse uma letra contra a sociedade, pondo a sua cabeça em jogo e trabalhando com o punhal, como outros com a penna. . . . Não, graças a Deos, taes homens não existem. Será esse o Lacenaire do tribunal de jurados; será talvez aquelle de que buscarão apoderar-se os dramaturgos ou romancistas, mas, digamo-lo para honra da humanidade, digamo-lo para tranquillisar a sociedade toda inteira, não, não era esse o homem que acaba de morrer no cadafalso!

Lacenaire lançou-se no crime, porque o deboche, o jogo, a ociosidade lhe não permittirão procurar de outro modo os seus meios d'existencia. Elle foi ladrão, depois assassino, não porque isso lhe parecesse cousa licita e permittida, mas porque lhe era permittido alimentar paixões, que um trabalho honesto não podia satisfazer, ou porque esperava (elles todos o esperão), que o dia da justiça não chegaria.

Mas Lacenaire tinha, com demasiada vaidade, um espirito cultivado, uma rara intelligencia, uma capacidade pouco vulgar, e foi por isso que elle comprehendeu a necessidade de dar algum relevo á sua vida de ladrão e assassino. D'ahi esse papel que elle se impoz, e que representou

briosamente em quanto a morte esteve longe, em quando lhe restava alguma esperança; dahi esse character que elle se fez, que não era o seu, que não é o de ninguém. Elle não podia mais negar o seu crime, porque era conhecido; elle não podia justifica-lo, porque as circumstancias d'elle erão horri-veis; e então elle se apresentou como um inflexivel logico, que se tivesse tornado criminoso, não por depravação, mas por systema, que rouba e mata, porque estudou profundamente a theoria social : execravel charlatanismo ! E esse homem, que inhabeis commentarios tem representado como uma sorte de philosopho, se apressa em apanhar de salto essa especie de sympathia, que se lhe lança; e elle, o assassino, sob os ferrolhos da Prisão, na cellula do condemnado á morte, elle se faz homem de letras, elle chama a si a publicidade, elle falla do seu talento.... elle escreve as suas *Memorias*....

Lacenaire, o materialista, o alegre e poetico assassino, morreu tremulo : elle que não accreditava em nada, e que se não arrependia, descorou, mudou, e titubiou diante do supplicio; em vão elle quiz representar o seu papel até o fim; as forças lhe faltarão; essa perturbação, esse desfallecimento tem alguma cousa de exemplar e de desassombroso para a sociedade.

Ao lado d'elle havia um outro culpado, um homem que confessava a enormidade do seu crime; um homem que se arrependia, que não dizia que tudo acabava com a

vida, esse homem morreu com socego e resignação. . . .  
E é <sup>o</sup>Avril, quem sobre as taboas do cadafalso diz a Lacenaire : « *Vamos, é hoje que é preciso ter coragem, imita-me !* »

A 9 de Janeiro de 1836, vierão á Prisão advertir a Lacenaire, que elle tivesse de levantar-se, para ser transferido a Bicêtre : « Vamos, diz elle, eu só peço uma cousa, e é que isto acabe á manhã. » Avril estava profundamente adormecido ; elle mostrou tambem um grande socego e manifestou o mesmo voto. Erão dez horas e um quarto, quando os condemnados chegarão a Bicêtre. O motivo d'essa translação lhes tinha sido cuidadosamente encuberto, mas elles declararão : « Que se não illudião com o segredo, que bem sabião ser para o dia seguinte. . . . . » E immediatamente puzérão-se a cantar a *Parisiense*. Um instante depois forão fechados em cellulas differentes.

Ás onze horas da noute, o chefe da policia de segurança transportou-se junto dos condemnados, para obter delles, sendo possivel, novas revelações ; mas ambos, tornados a trazer á secretaria de Bicêtre, declararão que nada mais tinham a accrescentar ao que já havião revelado. « Eu disse tudo o que sabia » respondeu Lacenaire.

Restituídos ás suas cellulas, os dois condemnados, ainda que separados um do outro, poderão, comtudo, levantando a voz, dirigir-se algumas palavras, e ouviu-se Lacenaire



dizer a Avril : Faz frio; géla; a terra á manhã ha de estar fria! »

No dia seguinte, o Sñr. abbade Montès, capellão geral das prisões, e o Sñr. abbade Azibert forão introduzidos junto dos condemnados. Lacenaire acolheu o Sñr. Montès com muita polidez : « Eu vos agradeço, disse elle, mas sinto o incommodo que Vós tendes tomado : Vós sabeis que nada d'isto entra na minha maneira de ver. . . . E a vossa visita é inutil. » Comtudo, por um contraste que pareceria inexplicavel, se nas palavras que acabamos de referir, se não achasse ainda um resto do homem do tribunal dos jurados, Lacenaire, na vespera mesmo tinha composto, na Prisão, uma oração a Deos, que se termina pelos versos seguintes :

Escuta-me ó Deos, a quem invôco  
Um raio de fé em mim dardêja,  
Pois, sem querer, em duvidas retóco.....  
Bem que só materia ser me peja.  
Perdôa, se em tua creatura  
A Ti, eu soberbo, não achei :  
Deos. — O nada. — Alma. — E natura....  
Segredos, qu'em breve saberei !

Na Prisão, 8 de Janeiro de 1836.

Avril recebeu o Sñr. Azibert com mais ardor; escutou as exhortações do veneravel ecclesiastico com muita resignação, e manifestou elle mesmo um vivo sentimento reli-

gioso. Sñr. Padre, dizei ámanhã na pratica dos presos de Bicêtre, que eu estou arrependido do que fiz; dizei-lhes que o meu exemplo lhes deve ser util; eu sou bem culpado, bem o sei, se não tivesse ficado sem familia sendo ainda muito novo, não estaria aonde estou. »

Ás seis horas e meia os dois condemnados forão conduzidos á capella, para resarem ahi a oração dos agonisantes. Avril estava tranquillo e resolutu; Lacenaire estava pallido e procurava mostrar-se indifferente ao que se passava.

Acabada a oração, Lacenaire pediu uma chicara de café e um copo d'aguardente, que repartiu com Avril. Por sua vez tambem Avril fez com que lhe trouxessem um calix d'aguardente que, da mesma forma, repartiu com Lacenaire. « Pelo pouco tempo que nos resta, disse Lacenaire, não nos convêm perder os nossos antigos habitos.... » E tirou da algibeira um cigarro que accendeu.

No mesmo momento o carrasco e seus ajudantes se apresentárão : Lacenaire os seguiu em silencio. Chegando á ante-sala da secretaria, poz o cigarro em cima do fogão e sentou-se no fatal tamborete. Durante os preparativos do toucado, Lacenaire estava pallido e tinha a face achatada, o nariz afilado e os olhos incertos e excavados. Elle procurava sorrir e dar uma attitude agradavel á sua cabeça, poz sobre o fogão o cigarro acceso que tinha na bocca, e esvasiou as algibeiras do dinheiro que continhão, dizendo : « *que ahi se acharia o que se achasse.* Depois, avistando o di-

rector : « Ah! Sñr. Becquerel, eu vos comprimento. Eu tinha pedido para esta manhã papel e tinta... esquecerão-se... *isso será para amanhã,* » accrescentou elle, com um sorriso forçado... Dirigindo-se depois ao Sñr. Inspector geral das prisões : « Sñr. Olivier Dufresne, muito folgo de vos ver. Eu vos agradeço de terdes vindo assistir á minha ultima hõra. » A palavra não passou, pareceu que uma ligeira contracção espasmodica da garganta ou a preocupação da morte se oppoz a isso.

Acabado o toucado e com os pés e mãos frouxamente atados, segundo o uso, Lacenaire foi conduzido á secretaria. Ahi, esforçando-se ainda por conservar a apparencia do socêgo e da força de character, fez em meia voz algumas recommendações, com respeito, em parte, á publicação das suas Memorias. Depois deixarão-no e ninguem lhe fallou mais; nem elle por sua parte procurou interromper o silencio. A physionomia alterou-se mais, as faces corarão e empallidecerão alternativamente; os olhos tornarão-se ou mais incertos ou mais fixos; os beiços secarão, e a lingua procurou ná bocca, mais árida cada vez a saliva que já lá não existia : houve *bocejos* e *espreguiçamentos*, como em todos os condemnados que vão para o cadafalso. A natureza evidentemente se curvava, mas a vontade persistia ainda, suppõsto que invalida ; e isso se mostrou n'essas palavras que Lacenaire pronunciou subindo ao carro que o conduzia ao lugar do supplicio : « *Agora o negocio é dos cavallos.* »

Avril, trazido por sua vez : « Onde está Lacenaire? perguntou elle tranquillamente, acaso já partiu? » Um dos ajudantes lhe indicou por um movimento de cabeça (porque é de uso que elles nunca fallem com o condemnado) que Lacenaire estava na sala da secretaria. « Ah! bem! bem! » Avril permaneceu silencioso durante os primeiros preparativos do toucado, mas no momento em que um dos ajudantes se preparava para lhe cortar o cabello : « Ah! ah! poupei-vos o incommodo, estava informado, e antes d'hontem tomei as minhas precauções.... e cortei o cabello... Lá.... eis o que é.... Ah! ponde-me o meu barrete na cabeça, faz frio esta manhã... » Depois, levantando-se com vivacidade : « Vamos, marchemos; adeos meus amigos, » disse elle, dirigindo-se ás pessoas presentes.

Durante esse tempo, Lacenaire, tendo ficado na sala, sentado, havia permanecido immovel e silencioso. Na occasião de sahir, elle partiu atacado d'uma tremura involuntaria e seguiu Avril com um passo mal seguro.

Durante o transitio, que foi prolongado pelo mau estado dos caminhos, os condemnados guardarão um profundo silencio, que não foi interrompido senão por uma reflexão de Avril, sobre o rigor do frio e sobre a manhã, que promettia ser aprazivel.

Ás nove horas menos um quarto, o funebre cortejo chegou ao pé do cadafalso, que tinha sido levantado a uma hora depois da meia noite á luz de fachos. Lacenaire desceu

bruscamente do carro; a sua pallidez é assustadora, o seu olhar vago e incerto; elle balbucia e parece buscar palavras, que a sua lingua se nega a articular. Avril desce depois d'elle, com um passo ligeiro e decidido, e lança um olhar tranquillo sobre o publico. Sempre resignado, elle se aproxima de Lacenaire e o beija: « Adeos meu velho, lhe diz elle, eu vou abrir a marcha. » Sobee com um passo firme os degraus do cadafalso.. prendem-o á prancha fatal... Elle volta-se ainda e diz: « *Lacenaire, meu velho, vamos... coragem... imita-me...* » Foi a sua ultima palavra... e o cutelo lhe fez voar a cabeça sobre as taboas do cadafalso. Durante esse horrivel momento, Lacenaire se acha ao pé da escada... O Sñr. padre Montès procura distrahir-lhe a attenção do horrivel espectaculo, que tem diante dos olhos... « Oh! essa é boa!.. » responde Lacenaire, com uma voz alterada.... Em vão affecta elle uma firmeza que já não tem... « O Sñr. Allard está acolá? » pergunta elle com uma voz de mais em mais extincta. — « Sim, » lhe responde o Sñr. Decanlers, sub-chefe do serviço da segurança. — Ah! isso.. isso.. estimo eu. » Elle tinha annuciado que fallaria ao povo; mas faltou-lhe para isso a força; os seus joelhos dobrarão; o seu rosto se decompoz; elle sobee os degraus sustido pelos ajudantes do algoz, e o golpe fatal não tardou em pôr fim ás suas angustias e á sua vida.

Lacenaire, que tinha redigido as suas Memorias, tambem teve a ideia de compôr elle mesmo a lamentação, que os

mercadores ambulantes nunca deixão de ajuntar, como acompanhamento aos retratos dos grandes criminosos, que vendem pelas ruas. Ella tinha a aria do Cantico de São Roque. Uma das letras é do modo seguinte :

Depois ladrão, gatuno, falsario ;

De todo o crime teve o ensino :

Comêça-se pelo mais ordinario,

Acaba-se por ser assassino.

Meus rapazinhos,

Em vossos brinquinhos

Lembrai-vos sempre d'esta moral :

Em seu passadio

Convém sangue frio.

E não qu'rer sempre ter carnaval.

## CHASSERAND ET CROUAIL

DUPLO ASSASSINATO SEGUIDO DE ROUBO. — DOIS REUS.

### *Jury de Saintes.*

A Sñra. Lachesnaie, septuagenaria, habitava em Soubise. Soffrendo uma surdez quasi completa, ella ahi passava uma vida bastante retirada, não tendo para a tratar mais que uma criada de vinte e cinco annos d'idade, Paulina

Furiamy. Aos doze annos de idade, Maria Lavaud tinha entrado ao seu serviço, e depois tinha casado com o chamado Chasserand, carnicheiro em Soubise; a Sñra. Lachesnaie, durante vinte annos tinha feito ao casal Chasserand donativos consideraveis; ella lhes tinha tambem emprestado uma somma de mil francos, de que Chasserand passára recibo.

Na sexta feira, 18 de Setembro, a criada e a ama forão vistas pelas cinco horas da tarde, mas no sabbado seguinte, da mesma sorte que no domingo, as portas e janellas se conservárão fechadas todo o dia. O juiz de paz fez arrombar as portas. Um cheiro cadaverico se espalha no mesmo instante e vem revelar a existencia do crime. Um espectaculo horrivel se offerece a todas as vistas. Em um quarto do andar baixo, jazia n'um leito, cujas cuberturas não tinhão sido desarranjadas, um cadaver inteiramente desfigurado e que começava a entrar em putrefacção, era o da Sñra. Lachesnaie. O lado esquerdo da cabeça estava horrivelmente desfigurado e cuberto d'uma côr azulada, na região temporal existia uma ferida profunda, de forma redonda, produzida evidentemente por uma arma de fogo de grosso calibre. Parecia manifesto que o tiro tinha sido dado à queima roupa. A attitude do cadaver, a ordem que reinava em roda d'elle, tudo excluia a ideia d'uma luta entre a victima e o assassino e levava a crer que a morte havia sido instantanea. A Sñra. Lachesnaie tinha sido ferida durante o somno.

A rapariga Furiamy dormio por cima do quarto de sua ama. Foi procurada e encontrou-se o seu cadaver, jazendo quasi nu ao lado do leito, no meio d'um lago de sangue, a face contra terra, a mão esquerda embaraçada no cabello em desalinho, o braço direito estendido e a mão contrahida. Ella tinha uma ferida em zig-zag, que se prolongava até o angulo do queixo inferior. Outra ferida existia ainda na região clavicular direita, bastante grande, mas pouco profunda. Uma terceira tinha quasi separada a cabeça do corpo, e tudo indicava que a luta tinha devido começar entre o assassino e essa desgraçada; todo o dinheiro havia desaparecido, a maior desordem se mostrava nos papeis; a baixella tinha sido levada.

Mas quem era o autor do crime? Nada parecia dever-lhe indicar os vestigios, quando um surdo rumor veio accusar José Chasserand. Elle foi preso, e longas e minuciosas indagações confirmarão todas as suspeitas.

A maneira porque o crime tinha sido commettido testemunhou a culpabilidade de Chasserand. O ferimento da jovem Furiamy, que quasi separou a cabeça do corpo, tinha sido feito com um instrumento cortante, curvo para a ponta, e semelhante em tudo a uma faca de carnicheiro. A mão que deu esse golpe devia ser uma mão habil em derramar o sangue. A faca, enxugada por varias vezes, deixou marcas, de que facilmente se vê que tinha as costas curvas e acilindradas dos dois lados. Chasserand, a 16 de Setem-



bro, tinha mandado afiar duas facas, das quaes uma tem as costas deprimidas e fórma roletes dos dous lados. Aproximada ás feridas da moça Furiamy, perfeitamente a ellas se conformou. O lençol em que repousava Paulina Furiamy tinha as marcas de duas mãos ensanguentadas, uma era pela mão d'essa rapariga, a outra só podia provir da mão do matador. Esta ultima tinha luvas, Chasserand mesmo fez essa observação. Elle negou ter tido nunca luvas em seu poder, mas varias testemunhas affirmão ter-lhe visto luvas grossas de cavallaria, e Chasserand mesmo acabou por dizer que se as tinha tido como aquellas, não se lembrava mais.

O seu proceder depois do crime vem ainda confirmar mais as provas que surgem contra elle. No sabbado 19, dia de matança, elle muda de vestuario, contra o seu costume; todos notão o seu ar estranho, a sua pallidez, as suas preoccupações. Na segunda feira, antes da descuberta do crime, é visto nos campos gesticular e bater fortemente no peito. A sua apparencia é a d'um homem atacado de alienação mental. N'esse mesmo dia, elle busca desviar as suspeitas, accusa um innocente, o Sñr. Guilbaud, explica-se com o juiz de paz e faz uma viagem a Rochefort para verificar as suspeitas. Logo no domingo 20, elle tinha hido ter com seu filho n'essa cidade, e lhe tinha sugerido que dissesse que Guilbaud, com quem móra, não tinha dormido em casa na noite de 18 a 19. Foi a 20, que elle tomou seme-

lhantes precauções, e não foi, senão a 25 que a justiça teve noticia do crime.

Taes erão as accusações que pesavão sobre Chasserand, quando a prisão d'um culpado, sobre a pessoa do qual nenhuma suspeita se tinha elevado, veio espalhar uma nova luz sobre esse horrivel drama. Eis as individuações que elle forneceu no seu ultimo interrogatorio :

Na sexta feira 18 de Setembro, entre tres e quatro horas da tarde, encontrei eu Chasserand, que me perguntou se eu lhe podia prestar o serviço de o ajudar a tirar vinho de casa da Sñra. Lachesnaie, eu lh'o prometti, mas acrescentei que não podia hir, senão depois que meus pais se deitassem, porque não queria que me vissem com elle (porque estão mal). Ás onze horas, sahi eu do nosso quintal, que dá sobre o chaneudo, por traz da casa da Sñra. Lachesnaie, e ouvi assobiar; cheguei á porta do patio onde encontrei Chasserand, que se me queixou de que o tinha feito esperar muito tempo. Elle fechou a porta atraz de nós. Entrámos na cosinha, onde uma véla estava accesa, elle me levou á adégá soterranea, destapou uma garrafa e nós bebemos ambos n'um copo que elle tinha levado. Elle tornou a subir só e chamou-me; eu levei a luz que elle tinha deixado. Encontrei-o com os braços nús e a sua faca de carnicheiro na mão, elle me segurou pela goela e fez-me prestar juramento de que nada contaria do que hia passar-se, proferindo horriveis ameaças, se eu não fosse leal. Pro-

metti tudo quanto elle quiz e então me mandou que o seguisse. Subimos juntos a escada, hindo elle adiante. Elle chegou ao quarto da jovem Furiamy, cuja porta estava fechada só com o fecho; eu fiquei atraz a alguns passos d'essa porta. Chasserand eutrou com a faca na mão e precipitou-se sobre o leito de Furiamy. Eu ouvi essa rapariga dizer : « Scelerado de Chasserand ! » depois dois pequenos gritos, e ao mesmo tempo uma grande bulha no chão. Caiu-me a véla das mãos, fui ver á porta e percebi os pés de Chasserand e os da rapariga Furiamy; elles estavam um sobre o outro. Voltei para apanhar a véla, e reprehendi-o pelo que acabava de fazer : « Ora é boa ! me disse elle, tu tens sempre medo, ainda agora estamos em meio caminho. » Descemos, e quando chegámos á porta do quarto da Sñra. Lachesnaie elle me disse : « Agora tu ! » Então tirou-me a vela da mão, sacou da algibeira uma pistola que me deu armada, foi pôr-se junto do leito, e inclinou-se, olhando para a Sñra. Lachesnaie que estava a dormir. Eu me colloquei junto da cabeceira, e calquei o gatilho á queima roupa; a morte foi instantanea. Fomos depois á cópa, onde Chasserand lavou as mãos e braços, e a faca, que estavam cubertos de sangue. Isto feito, voltámos ao quarto da Sñra. Lachesnaie. Das algibeiras do avental dessa senhora tomou elle as chaves da sua commoda, abriu-a e tirou as jóias e um sacco com ouro ou prata.... Elle entregou-me tudo, menos as chaves e o sacco. Do almario, descida

a escada tirou elle um sacco de dinheiro, um relógio d'ouro, e na gaveta de baixo um pequeno rolo de papel que metteu na algibeira. Da sala tirou os talheres.

« Nós subimos ao quarto da rapariga Furiamy; eu cheguei até ao pé do leito, e vi essa rapariga toda banhada em sangue, com o corpo quasi nú e as coxas affastadas. Chasserand tirou as luvas que tinha n'algibeira, calçou-as, ajuntou as coxas da rapariga, depois apoiou a mão esquerda sobre o leito e olhou para ella um instante. Ao volta-la, o interior da sua luva se tinha ensanguentado. Feito isto elle dobrou as duas luvas juntas, metteu-as na algibeira, tomou em cima da commoda o lenço desta rapariga, e nós descemos. Eu escondi os talheres que elle me tinha dado. Chasserand entrou no lenço ou na camisola (blouse) os objectos, de que se tinha apoderado, bebeu o que tinha ficado na garrafa, e nós nos retirámos entre tres e quarto horas da manhã. Chasserand levava sobre o braço esquerdo, e por baixo da vestia, a trouxa que tinha feito.

Estas declarações explicão todas as circumstancias do crime, que o processo não tinha sufficientemente esclarecido. Chasserand negou todos os factos revelados pelo seu co-reu, sem poder dar nenhuma razão plausivel das accusações contra elle produzidas por Crouail, com o qual elle tinha sempre vivido em perfeita intelligencia.

Estes factos trouxerão perante o tribunal dos jurados :  
1º José Chasserand, de quarenta e cinco annos de idade,

carniceiro em Soubise; 2º Honoré Crouail, padeiro, de vinte e cinco annos, morador igualmente em Soubise.

Depois da leitura do acto d'accusação o presidente procede ao interrogatorio do accusado Chasserand, que continua a fechar-se no seu systema de denegações.

Crouail, interrogado pela segunda vez, convem da sua participação no duplo assassinato, mas sob o imperio do constrangimento sobre elle exercido por Chasserand e repete a esse respeito os pormenores que já tinha dado.

Varias testemunhas são ouvidas sobre o estado de fortuna da Sñra. Lachesnaie, o dinheiro de contado e baixela que poderia ter em casa.

Resulta desses diversos depoimentos, que a Sñra Lachesnaie teria dois a tres mil francos de renda, podendo existir em deposito na sua secretaria cinco mil, assim como uma duzia de talheres de prata, que só servião, quando ella tinha companhia; outra duzia, de que habitualmente se servia, estava n'uma gaveta fechada á chave; ella tinha alem disso, varias colheres grandes e colheres de chá.

Diversos depoimentos attestão a violencia de character de Chasserand, os signaes de viva inquietação e preocupação extraordinaria, que n'elle forão notados alguns dias depois do assassinato. Eis os principaes d'esses depoimentos :

Francisco Maria : No dia da descuberta do crime, Chasserand me pareceu inquieto. Longe de se informar a respeito

da Sñra. Lachesnaie, elle não dizia nada, quando todos fallavão d'essa desgraça.

Guion, policial em Marennes : No dia em que o Sñr. juiz d'instrucção fez passar dous homens com Chasserand por diante da janella da rapariga Fortin, Chasserand fez muita difficuldade. Quiz conservar o boné de seda na cabeça e quando lh'o mandárão tirar, mudou o cabello da direita para a esquerda.

Board, policial : Vindo de Soubise para Marennes, Chasserand me disse, que era incapaz de praticar semelhante acção. Eu lhe disse que se lembrasse bem do modo porque tinha passado o seu tempo ; a essas palavras, eu o vi fazer um movimento involuntario, e disse comigo mesmo : Eu não terei mais confiança em ti, tu es um patife.

Outras testemunhas ouvidas, depoem sobre a resistencia opposta por Chasserand á prova por que o tinhão querido fazer passar.

Chaumier : No dia da prova, Chasserand me disse que esses Sñrs. erão bem finos ; mas que elle ainda o era mais e que se tiraria a limpo apesar d'elles.

Gaillard, estalajadeiro em Moese : No sabbado 19 de manhã, Chasserand veio á minha casa, e me pareceu inquieto, elle passava muitas vezes a mão pela testa.

Carlos Messi : No sabbado 29, eu comprei carne a Chasserand ; elle se enganou no peso, o fiscal dos impostos lhe disse que elle não dava o peso ; Chasserand respondeu,

abaixando os olhos e com ar estouvado, que não tinha prestado atenção, e tal era a sua pallidez, que eu o julguei doente.

Delaubier, fiscal do imposto : No sabbado Chasserand, pesando a carne, me tinha dado cinco libras em lugar de tres que lhe eu pedia, elle repoz o peso com hesitação e sem me olhar em face. Elle me pareceu preocupado.

Pedro Morin : Chasserand é d'um character violento. Um dia no seu açougue, nós tivemos uma pequena desavença sobre a divisão d'uma peça de carne, eu lhe vi fazer um movimento com a faca, e lhe perguntei : « Queres-tu matar-me? » Elle não me respondeu.

Depois d'alguns depoimentos insignificantes, a audiencia é suspensa e adiada para o dia seguinte.

Martineau : Na segunda feira 21 de Setembro, eu passei por diante da porta de Chasserand ao amanhecer e notei nelle um ar decompôsto; passei depois entre sete e oito horas e o vi com seu irmão, perguntei-lhe, se hia á feira de Pont-l'Abbé, e disse-me que não. Julguei-o doente. Ainda se não sabia que a Sñra. Lachesnaie tinha sido assassinada. Á tarde, depois da descoberta do crime, estando a fallar com um chamado Renaud, eu olhei para elle fixamente, elle abaixou os olhos, fez-se amarello e parecia um defunto : Isto deu-me a ideia de que elle podia ser o autor do crime.

Baudet : Na segunda feira 21 de Setembro, ao sahir da casa da Sñra. Lachesnaie, e passando por diante da casa de

Chasserand, exclamei : « E' preciso ser bem canalba , para ter praticado semelhante acto. » Chasserand que estava á janella, retirou-se immediatamente ; o seu ar extraordinario e a precipitação com que se retirou me fizeram nascer suspeitas, e eu teria dado parte ao Sñr. juiz de paz se não soubesse que elle já estava informado.

Pedro Milon : A 21 de Setembro pelas dez horas da manhã, eu vi Chasserand, que se recolhia para casa, elle estava só, a cavallo, dava punhadas no peito, e fazia muitos tregeitos, e ao ver-me aquietou-se.

A mulher Reul : A 21 de Setembro de manhã, Chasserand veio á minha casa em procura de duas ovelhas ; eu o vi a fallar só e a bater no peito, cuidei que estava doudo ; nunca o vi assim.

Pedro Batard, estalajadeiro em Rochefort : Na terça feira, eu jantei com Chasserand. A conversação cahiu sobre o acontecimento de Soubise, elle me disse que era bem verdade que a Sñra. Lachesnaie e sua criada tinham sido assassinadas : « Foi uma grande desgraça, accrescentou elle ; ella era muito bemfazeja e uma boa fregueza. Eu tinha estado em casa della pelas oito horas, para arranjar-lhe a lenha, e ella me disse : « Chasserand, Vós tendes a camisa molhada, vinde aquecer-vos, ou voltai para vossa casa. » Elle me disse tambem, que tinha estado presente quando a justiça veio ; que tinha visto a jovem Furiamy estendida n'um lago de sangue, e que a Sñra. Lachesnaie tinha



sido morta com um tiro de pistola : « Mas, disse eu, foi muito imprudente, podia-se ouvir a explosão ! » Elle me respondeu : « Vós deveis lembrar-vos que o tempo esteve toda a noite muito mau e que havia muito vento. »

P : Estais Vós bem certo que Chasserand vos disse que esteve no dia 18, pelas 8 horas da noite em casa da Sñra. Lachesnaie ?

R. Sim, para arranjar-lhe a lenha, e mesmo accrescentou, que a Sñra. Lachesnaie tinha querido prestar-lhe abrigo.

P. Chasserand disse-vos que essa senhora tinha sido morta com um tiro de pistola ou com um tiro d'espingarda ?

R. Elle fallou-me d'uma pistola.

Felix Benoit : Chasserand veio á minha casa tres dias depois do assassinato, para matar um bezerro, que eu tinha. Elle não me deu tempo, nem mesmo para o amarrar, deu-lhe uma pancada com um alvião, precipitou-se sobre elle e cravou-lhe uma faca no pescoço. Quiz dar-lhe um avental, mas elle disse que não precisava. Fiquei tão horrorizado das maneiras barbaras de Chasserand, que, quando voltei para casa, minha mulher cuidou que eu tinha adoecido.

O juiz de paz é chamado para dar informações sôbre a moralidade dos accusados : « Crouail, diz elle, é um môço já estragado pelo deboche; elle pertence a uma familia honrada, cuja desgraça tem excitado a sympathia de toda a população de Soubise. — Quanto a Chasserand, tudo

quanto posso dizer, é que depois d'elle preso, sua mulher andou por todas as casas em procura d'assignaturas e de toda a parte foi repellida com indignação.

Depois dos arrasoados, replica e resumo do presidente, o jury entra em deliberação, ás nove horas da noite, e sahe ás dez e meia, com uma declaração affirmativa. José Chasserand e Honoré Crouail são condemnados á pena de morte. Ouvindo ler a sentença, Chasserand exclamou, como durante que corrião os debates : « Eu estou innocente, caio do ceu, não sei o que me querem. » De resto, nem a menor tremura na voz, nem a menor alteração no semblante ; Crouail parece mais abatido, cobre o rosto com as mãos, pareceu derramar algumas lagrimas.

---

## F..... ANTIGO NOTARIO

(Tabellião de notas.)

INCESTO D'UM PAI COM SUA FILHA. — PREENHEZ, RAPTO.

OMISSÃO DO REGISTRO DA CRIANÇA.

Não ha crime que inspire mais tedio e horror como aquelle cuja accusação se achava devolvida a 22 d'Agosto de 1831 ao jury de Melun ; como esse attentado consumado mesmo

no sanctuario da casa paterna, onde parece que a innocencia d'uma jovem não deve ter mais seguro protector, que a dedicação e o amor d'um pai ! Todos os crimes se explicão as mais das vezes pelo interesse, o odio, a vingança, mas como admittir este, quando o seu autor, provido d'uma educação e de uma posição social distinctas, devia achar em si mesmo com que resistir aos primeiros ataques da sua horrivel paixão ?

T..., antigo notario em Meaux, vivia desde 1826 na sua propriedade de Marcilly com sua familia, composta de mulher e seis filhos. A mais velha delles, Luisa Julia, hoje de desoito annos de idade, chegando de Paris com seu pai, a 15 de Março ultimo, ás sete horas da tarde, fugiu da casa paterna, poucos instantes depois, e se dirigiu a pé a Meaux, á casa de parentes de sua mãe, deixando no seu quarto um bilhete dirigido ao pai e pouco mais ou menos assim concebido :

« Meu pai, eu fujo da casa paterna e Vós não deveis ignorar os motivos ; a desgraça que me succedeu, em pouco deixará de ser um segredo ; tudo me leva a fugir ; a honra me faz d'isso um dever ; eu sou reprovada pela minha familia e me retiro, n'este momento, a Saint-Souplet, onde sou esperada ; peço-vos que não façais escandalo ; conservai-vos em socêgo, a vossa honra, a minha, e os vossos interesses ficarião comprometidos ; em dois dias tereis ulteriores noticias. »

Esta fuga tinha sido precedida d'uma carta, dirigida por

Desde essa epocha T... continuou as suas relações com a filha, levando-a por toda a parte, e nas suas viagens, só comsigo. Os seus attentados renovarão-se com frequencia em Marcilly e em Paris, onde morava com ella em hospedarias, e se apesar da sua repugnancia, ella cedia aos desejos culpados de seu pai « *é porque, diz ella, toda a resistencia era vãa com elle e que temia a sua cólera que o fazia mesmo ás vezes espanca-la, para a obrigar a ceder aos seus desejos.* »

Só foi em 1831 que Julia, animada pelos progressos da idade e da rasão, declarou a seu pai, que não queria mais consentir nos seus approches, mesmo á custã da sua vida; e foi tambem desde esse tempo que as violencias de T..., contrariado na sua criminosa paixão, forão levadas a tal ponto, que levárão sua filha a subtrahir-se a ellas.

Comtudo T..., na falsa persuasão, de que o ser prohibido indagar a paternidade lhe encubriria o crime, confiando alem disso no seu ascendente sobre a filha e contando com elle para a decidir a retractar uma declaração que suppunha ser a unica prova que existia contra elle, voltou a Marcilly, onde não tardou em ser preso e pôsto á disposição da justiça; mas tinha tido o tempo de encontrar Julia, e de a implorar, e esta jovem, cedendo ás suas supplicas, e talvez ás lagrimas de sua desgraçada mãe, depois de ter novamente confirmado as suas primeiras declarações, acabou pelas retractar timida e incompletamente. Mas as declarações de

Julia não existião só de per si no processo; numerosas testemunhas forão ouvidas, e entre ellas algumas depuzerão de factos e circumstancias proprias para demonstrar a sinceridade das mesmas revelações.

O accusado, sem se affastar da constante negativa dos factos que lhe são imputados concorda na prenhez e parto de sua filha, assim como no partido que tomou a respeito da criança, elle conhece o autor d'essa prenhez, o pai d'essa criança, porem, da mesma sorte que Julia, quando quiz retractar-se, elle o não quer dar a conhecer, supposto se trate de affastar de si uma accusação formidavel, e não possa allegar motivo algum rasoavel para calar o nome d'esse individuo.

Quanto á parteira Lhermite, ella pretende ter procedido de boa fé e sustentou que tinha julgado fazer uma cousa licita obedecendo a T...

Durante que se lê o acto da accusação, o accusado conserva a cabeça baixa, mas nada annuncia n'elle as emoções que se procura e que se espera notar.

Depois da chamada das testemunhas, o presidente, ordena o comparecimento da jovem T...

Uma emoção sensivel se manifesta nas feições d'essa jovem, que entra acompanhada de sua tia; ella se colloca com a cabeça virada para o lado opposto ao banco de seu pai.

A carta escripta por Julia nos primeiros dias de Março

ultimo a seu Tio D. em Meaux, contra seu pai, foi uma das mais solidas bases da accusação; os tormentos d'essa desgraçada rapariga ahi são descriptas, com uma franqueza e uma eloquencia tornadas molestas para o accusado.—Ei-la ahi :

« Meu querido Tio.

» Desde muito tempo luto para vos communicar um segredo que fará a desgraça de toda a minha vida. Comtudo é necessario, tudo me induz, e a honra me faz d'isso um dever. Eu me confio pois inteiramente a vós animada pelo interesse que tendes mostrado sempre tomar por mim.

» Eu estou deshonrada e por quem, grande Deos! por meu pai, que me roubou, mesmo em idade bem tenra, o mais precioso de todos os bens.

» A minha desgraça começa *desde a idade de doze annos*, porque eu dei á luz uma criança do sexo masculino em 7 de Setembro de 1828. Eu tinha então quatorze annos e meio. Eu não me apercebia da minha desgraça nem minha mãe tambem, o que me parece bem inexplicavel, mas que importa? Eu passo sob silencio todos os pormenores d'esses desgraçados acontecimentos : seria demasiado longo e não se podem contar, senão de viva voz. Baste-vos por agora os principaes factos.

» Meu pai quereria obter de mim demonstrações d'um amor filial; isso me é impossivel agora, e a cada palavra que minha mãe me dirige, a cada caricia que me faz, me sangra o coração.

» Demais a minha desgraça não tarda em divulgar-se e então que dirá o publico? Dirá que uma cousa que existiu já póde existir ainda; e eu seria culpada se na minha idade continuasse por mais tempo n'este estado.

» Vós vedes meu caro Tio, que tudo me ordena a evasão, mas eu não o posso fazer de per mim só. E'-me preciso um protector que possa cohibir meu pai e impedi-lo de me tornar a apresar. Dignai-vos, eu vo-lo supplico, de me prestar essa protecção. Não me abandoneis na minha desgraça, sustentai com os vossos conselhos a minha coragem abatida; salvai uma desgraçada e impedi pela vossa protecção algum desatino que o desespero me poderia fazer commetter. A minha vida não me pertence, eu o sei, mas eu encontrarei o valor necessario para me livrar d'ella, se por outra forma não puder sahir do estado em que cahi.

» Eu espero de meu pai, depois da minha fuga, o consentimento para ficar onde estiver, porque os seus interesses os mais caros dependem d'isso e a sorte de toda a sua familia.

» Meu caro tio, calmai o meu desespero; fortificai a minha coragem, e, quaesquer que sejam os vossos conselhos, eu prometto de me conformar com elles, etc. »

O presidente dá então leitura a Julia das primeiras declarações que ella fez ao juiz do processo, em Meaux, em casa de seu tio, e em que conta todos os pormenores da sua seducção por seu pai, taes, como são enunciados no acto

de accusação. Elle lhe pergunta depois, se reconhece por verdadeiras essas declarações.

R. Eu as reconheço pelas ter feito assim; mas ellas são uma consequencia da primeira mentira que eu tinha dicto a meu tio, na minha carta.

P. E porque motivo mentistes Vós n'essa carta?

R. O que eu disse de meu pai não é a verdade. Elle não foi o autor da minha prenhez, nem do meu parto. Nunca tive com elle relações que pudessem levar-me a tal resultado. Só disse isso para ter uma rasão de sahir da casa paterna e nunca mais lá voltar.

P. Porque querieis Vós sahir da casa de vosso pai?

R. Porque ahi me contrariava, depois das suas desgraças e más especulações.

P. Pódeis Vós indicar o autor da vossa prenhez?

A testemunha, com vivacidade: Não senhor; é um segredo que não posso dizer.

P. Vós não ignoraes comtudo, e principalmente depois das declarações que já fizestes sobre as relações de vosso pai com vosco, quanto seria importante para elle, que Vós desseis a conhecer o vosso seductor.

R. É impossivel para mim o dize-lo.

Procede se depois ao interrogatorio de T..., mas fóra da presença de sua filha.

O accusado responde com bastante socego. Elle emprega uma certa affectação nas suas palavras, e é facil perceber



que as numerosas individuações em que entra sempre, e o cuidado que parece tomar em tergiversar as questões positivas que lhe são dirigidas successivamente pelo presidente e os jurados, são o resultado d'um plano que anteriormente havia traçado. Eis por exemplo algumas das suas principaes respostas :

«... Eu não tive com minha filha senão as relações ordinarias d'um pai; eu não sou o autor da sua maternidade. Eu sei quem é, assim como todas as circumstancias que acompanhárão esse acontecimento, mas devo declarar, que estou na intenção de guardar a esse respeito o mais profundo silencio... Quanto á declaração de minha filha, eu protesto contra essa declaração, e não julgo que as leis permittão dirigir a um filho sob a fé do juramento semelhantes perguntas, que tenderião o provar a existencia d'um crime, cuja indagação é prohibida pelas nossas leis.... Eu não concorri para a suppressão do registro do filho de minha filha, senão n'este sentido, que procedi assim para a conservação da honra da minha familia.

P. Quando vossa filha vos escreveu, antes de vos deixar, ella se serviu destas expressões : « Fica tranquillo para tua honra e para a minha. » Sabeis Vós o que isto queria dizer?

R. Eu o entendo muito bem : Ha indivisão da honra da filha e da do pai n'uma desgraca semelhante.

Os jurados não fizerão esperar por muito tempo a sua resposta.

Por um instante o accusado pôde sorrir á esperanza d'um resultado feliz. — Os jurados tinham resolvido negativamente a primeira questão sobre o estupro antes de 1826, mas sobre a segunda, os attentados ao pudor de sua filha com violencia até 1831, elles se pronunciarão pela affirmativa.

Immediatamente o accusado cahiu sobre o seu banco sem sentidos, e a sentença que o condemnou á prisão com trabalho por toda a vida foi pronunciada sem que elle a pudesse ouvir.

A parteira, severamente avisada por esta lição, foi absolvida.

---

## SCLAFER

MORTE D'UMA JOVEM. — MONOMANIA. — EXALTAÇÃO DO  
ACCUSADO. — INCIDENTE.

*Jury de la Gironde.*

Em 1834 uma familia estrangeira, em Bordeos, d'origem genebresa veio morar na rua Saint-Laurent. Eugenio Sclafer, segundo dos filhos d'essa familia, de vinte e um

annos d'idade, não tardou a dar provas a seus parentes e amigos d'um character sombrio e estrambotico. Fallava pouco, vivia só, deixava por vezes de noute a casa paterna, e ficava fóra varios dias e noutes, vestido dos seus peiores fatos, depois tornava a entrar de repente, como tinha sahido, de noite, e atirava-se aos alimentos com uma voracidade extrema, sem que quizesse, nem pudesse dizer a ninguem a causa d'essas estranhas excursões. Outras vezes passava cinco a seis dias sem comer, respondendo áquelles que lhe offerecião comer, que não precisava de nada. Figurava-se-lhe ter sido gravemente insultado por pessoas que nem lhe tinham fallado, e encolerisava-se violentamente contra ellas, ou então corria chorando a procurar um asilo na casa paterna. Apesar d'esta singularidade d'habitos e d'esta estranheza de humor, Sclafer, não se tendo nunca abalançado a violencia alguma, sua familia o deixava caçar com espingarda, e nem pensava mesmo em lhe tirar um velho espadão de cavallaria, pendurado na parede do seu quarto. Durante o anno de 1837, ideias religiosas tinham parecido prevalecer no jovem Sclafer com uma grande força; elle se mostrava assiduo nos exercicios de piedade; os seus habitos se tornavão ainda mais selvagens e mais asceticos; estava continuamente fechado no seu quarto, sahindo apenas para as comidas, e não tinha com os moradores da casa relações algumas seguidas. A 22 de Março de 1838, as duas criadas da familia, Maria Rousseau, jovem de desoito annos e

Francisca Rivière, mulher de trinta e dois, estavam sós em casa. Às sete horas, Maria Rousseau, subiu, segundo o seu costume, para levar luz ao seu jovem amo e preparar-lhe tudo no quarto para a noite. Tinha ella subido, havia alguns instantes, quando Francisca Rivière ouviu gritos lamentáveis, seguidos d'uma bulha, que lhe pareceu da queda d'um corpo pesado: ella subiu, e tendo chegado ao primeiro andar e ao patamal da escada que sobe desse para o segundo andar, encontrou Maria Rousseau estendida com a face contra a terra e banhada n'um grande lago de sangue e pouco mais ou menos morta; ella correu a procurar os visinhos; e contarão-se desaseis ou desasete feridas na pobre Maria Rousseau. Quando Francisca Rivière se dirigiu primeiro ao quarto do jovem Sclafér, para lhe perguntar se elle era a causa da morte de Maria, ella o viu passeando a passos largos no seu quarto, cuja porta fechada, estava por dentro tinta de sangue, e o individuo ainda conservava na mão a espada de cavallaria, que ordinariamente estava pendurada na parede, entre os dois leitos que contêm essa peça. Ella ficou horrorizada e fugiu.

Preso quasi immediatamente depois, o jovem Sclafér, nunca negou que tivesse sido o matador de Maria Rousseau. « Eu fiz tudo, disse elle, mas não foi um crime. » Segundo o que affirmava, elle não teria feito mais que ceder á cólera que lhe tinham inspirado as injurias de Maria Rousseau, que o tinha tratado de brejeiro e malandro. A accusação

pensa, pelo contrario, que Sclafer não se teria deixado levar a ferir a Rousseau, senão depois de longas e vãs tentativas para lhe fazer violencia. Nos primeiros dias que seguirão a sua entrada na prisão, Sclafer annunciou a intenção de se deixar morrer de fome, e com effeito passou dez ou doze dias sem tomar alimento algum; tinha cahido em tal fraqueza, que não pôde responder, senão por escripto, a varios interrogatorios que se lhe fizerão. Cinco ou seis dias, sómente, antes da abertura dos debates, elle tinha desconjuntado varias pedras do muro que separa o seu quarto da capella da prisão, e estava a pontos de tentar o evadir-se, quando o carcereiro, fazendo a ronda, lhe descobriu os preparativos.

Á abertura da audiencia, annuncia-se que o accusado se despojou de todos os vestidos e se nega a comparecer. O presidente determina que o accusado seja trazido pela força armada. Cousa de meia hora depois, arrastado, antes que trazido por quatro vigorosos policiaes, o accusado apparece na entrada da sala; depois, repentinamente, elle se arremeça d'um pulo sobre o banco dos accusados, gritando com uma voz brusca e irregular: « Eis-me aqui, Sñr. presidente, que me quer?... diga o que me quer... Pois bem! eu me vou; eu não quero ficar, nenhuma força me obrigará a isso. »

O vestuario do accusado resente-se da desordem das suas ideias, e atesta a resistencia que elle oppoz aos agentes

da força publica. Uma má calça de riscado o cobre apenas, nada de colete, nem de gravata; uma camisa, bastante limpa, deixa ainda entrever os farrapos de que ella tinha sido momentos antes, para tornar mais completa a sua nudez. Traz a cabeça descuberta; um espesso e longo cabello preto, dividido no meio da testa, lhe desce sobre os hombros; a sua testa é estreita mas elevada, as fontes angulosas e quadradas, as sobrancelhas fortemente marcadas, os olhos pequenos, muito encovados, espantados e reluzentes, um ligeiro bigode lhe sombreia o beijo, algumas montas de pelo que lhe crescem por baixo da barba, lhe fazem ainda mais vivamente sobresahir a pallidez baça e cada-verica do rosto.

Durante mais de uma hora essa febril exaltação continua; não só o accusado se nega a responder ás perguntas que o presidente lhe dirige com uma paciencia e uma bondade inteiramente paternaes, mas sem cessar injuria o publico, os jurados, o presidente, os conselheiros e até o seu proprio defensor. Com tudo, no meio das apostrophes grosseiras e das interrupções continuas do accusado, ás quaes se tomara o rasoavel partido de não prestar attenção, tem lugar a abertura dos debates.

Fatigado da luta terrivel que sostem desde mais d'uma hora com quatro robustos policiaes, o accusado, que se mantinha antes empoleirado que sentado no espaldar do banco, assenta-se pouco mais ou menos socegado. Resti-

tue-se-lhe a liberdade ás pernas e braços, o sangue lhe sóbe ao rosto e á excepção das interrupções que ainda emprega em voz cheia e alta, o seu proceder se torna pouco a pouco rasoavel.

A primeira e principal testemunha é Francisca Rivière, que dá conta dos factos passados a 22 de Março, do estado em que achou o corpo de Maria Rousseau e da attitude do accusado, quando ella abriu a porta do quarto d'elle.

Por interpegação do defensor, a testemunha conta por extenso as particularidades da estrambotica excursão, durante a qual, ha oito mezes, pouco mais ou menos, o accusado ficou tres dias e tres noites fora de casa; ella nunca ouviu dizer que elle tivesse feito mal a alguém, nem se persuadia que os seus sentimentos para Maria Rousseau fossem outros mais que os d'uma indifferença profunda. O presidente : Accusado, tendes alguma observação a fazer sobre o dicto da testemunha ?

Sclafer, sacudindo o seu longo cabello : Eu convenho em tudo e quero sempre convir em tudo, tudo isso me é indifferente, o que é que isso me faz ?

O Sñr. Cabois, cirurgião, depõe que o forão chamar na tarde de 22 de Março para ver a rapariga Maria Rousseau. Depois de minuciosas descripções sobre o numero, direcção e profundidade dos ferimentos, dos quaes tres erão mortaes, a testemunha acrescenta que se dirigiu ao quarto de Sclafer, o qual lhe apresentou, á sua entrada, a ponta da espada

que tinha na mão, que o Sñr. Semon, que o acompanhava, tinha segura nessa ponta a que Sclafer, sem fazer resistencia alguma, largára o punho.

O Sñr. Coureau, visinho e amigo da familia Sclafer, fornece numerosas informações sobre o character e os antecedentes do accusado : « Eu tinha notado, diz elle, o seu humor serumbatico; procurei muitas vezes attrahi-lo á minha casa, convidei-o a serões de dansa, onde elle teria encontrado uma sociedade de raparigas, mas Sclafer constantemente se negou a aceitar esses convites. Sclafer pai me contou que na antevespera do attentado, estando á mesa só com o accusado e seu irmão, e fazendo-lhe observações sobre o seu character sombrio e sobre a sua mania de se julgar incessantemente odiado e insultado por pessoas que não pensavão mesmo n'elle; Sclafer, arrebatado pela colera, tinha lançado mão d'um trinchador e feito um signal ameaçador... »

O accusado, levantando-se e com uma voz forte : « Sñr. presidente, o que disse a testemunha é falso! Eu nada disse durante os precedentes depoimentos, porque elles são verdadeiros, mas contra este eu protesto. Nunca ameacei meu pai!... sou incapaz d'isso... Eu amo a meu pai Sñr. presidente... e a testemunha não diz a verdade, isso não é assim. Sñr. presidente para provar que eu não sou monomaniaco e doudo, queirai interrogar-me sobre toda a minha



vida, eu estou disposto a responder a todas as vossas perguntas.

O presidente : Pois bem, acusado, fazei-nos saber as circumstancias da vossa vida, nós vos escutamos.

O acusado : Interrogai-me, e eu vos responderei.

— P. De que idade fostes Vós para o collegio?

— R. Na idade em que todos os rapazes para lá vão.

— P. Que aprendestes Vós lá?

— R. O que todos os rapazes ahí costumão aprender.

— P. O latim?

— R. Não, eu era mui preguiçoso para isso.

— P. As mathematicas e a litteratura franceza?

— R. Sim.

— P. Tendo voltado para vossa casa, pensastes Vós em tomar um modo de vida?

— R. Sim, a vida de maritimo me convinha.

— P. E porque não a seguistes?

— R. Desconfiava da minha inferioridade.

— P. Vós não tendes rasão, porque o vosso professor d'hydrographia assegura que, em muito pouco tempo Vós tendes feito grandes progressos.

O acusado cala-se.

— P. Vós embarcastes, e porque motivo deixastes o vosso navio?

— R. A cousa é muito simples; foi porque se me não

fallava, e eu era o objecto das zombarias da equipagem por causa da minha grande altura.

— P. Quando Vós fostes a Paris, os viajantes da diligencia tambem zombavão de vós?

— R. Elles atiravão papeis aos que passavão e lhes dizião, que me chamassem pelo meu nome atraz de mim; elles rião tambem da minha grande altura e do meu ar besta.

— P. Elles não tinhão rasão, porque Vós tendes uma physionomia inteiramente diversa disso.

— R. Vós vos enganais; tenho bons hombros e eis tudo.

— P. Na vossa chegada a Paris, Vós mandastes um desafio ao conductor da carro?

— R. Sim.

— P. Quanto tempo estivestes Vós em Paris?

— R. Cinco horas e voltei com meu irmão...

— P. Vós tivestes altercações com vosso irmão?

— R. Sim; meu pai e elle me tratavão sempre por doudo. Se meu irmão é meu amigo, eu o verei agora; elle virá aqui declarar que eu não sou doudo.

— P. Mas eu devo dizer-vos, accusado, que Vós não tendes outro meio de defeza, senão allegar a vossa loucura.

— R. Eu o sei bem; mas é o mesmo, eu não sou doudo. Se pratiquei um acto, tomo a responsabilidade sobre mim.

— P. Vós tivestes uma correspondencia com vossas tias, em que zombaveis d'ellas mui chistosamente?

— R. Eu zombava dellas; como me chamavão doudo, preciso era que eu lhes escrevesse doudices.

— P. Vós fizestes uma viagem, depois da vossa chegada a Bordeos: Vós estaveis sem dinheiro, onde hieis vós?

— R. Hia a Hespanha, mas enganei-me no caminho, é o meu costume; eu chegaria bem onde desejava, eu não preciso de dinheiro para viajar.

— P. Vós tinheis tomado o costume do passar varios dias sem comer; seria isso para chegar a um suicidio?

— R. Sim, ha muito tempo que eu tinha essa ideia.

— P. Contai-nos as circumstancias do ultimo acontecimento.

— R. Lede os meus interrogatorios.

— P. E' preciso dar Vós mesmo essas individuações.

— R. Eu estava mal disposto n'esse dia, e principalmente, quando Maria Rousseau entrou no meu quarto. Nós não fallámos ao principio, mas no momento em que ella fechava a janella, eu a ouvi distinctamente chamar-me bréjeiro, libertino, malprocedido. Estas injurias acabárão por exaltar á coléra surda que fermentava já em mim; perdi a cabeça, lancei mão da espada, em que antes nunca tinha tocado, atirei-me a ella e a feri sem descanso e sem saber absolutamente o que fazia. Era impellido por uma vontade estranha á minha e mais forte que eu.

O Sñr. Baryteau, estudante de direito, morava em Paris com o irmão mais velho de Sclafer. Depõe que, durante

o dia que passou em Paris, Sclafer lhe contou que durante todo o decurso da viagem, tinha sido insultado pelos viajantes e pelo conductor, que queria chamar a um duello de morte; e que estava em tal exasperação que seu mano foi obrigado a partir com elle n'essa mesma tarde para Bordeos.

Sclafer desmente com energia o depoimento da testemunha, que elle accusa de ser o seide de seu irmão, com quem s'entendia, para o fazer passar por doudo. «Pretendem que eu sou doudo, ajunta elle, porque eu affirmo que em toda a parte, nas ruas de Bordeos, a bordo do navio *la Lise*, no caminho de Paris, e em Paris, eu tenho sido perseguido com invectivas e cuberto d'injurias pelos que passam. Pois bem, eu digo que as ouvi, essas injurias, e que ellas são reaes! Que! quando Vós me fallais á direita e que eu vos respondo, Vós não me tratais de doudo, e se digo que, tão distinctamente como ouço a vossa voz á minha direita, eu ouço á minha esquerda uma outra voz que me injuria, Vós pretendeis que eu desatino? Sou eu pois rasoavel á direita, e monotonico á esquerda? porque eu ouço as injurias que se me dirigem nas ruas tão claramente como os vossos discursos, aos quaes Vós convindes que eu respondo certo! Não, eu não sou doudo, eu não sou monomaniaco; mas eu sou, e tenho sido sempre bem desgraçado!

O presidente : Sclafer, qual tem sido a causa da vossa desgraça?

— R. A minha desgraça; Sñr. presidente, foi de ter nascido muito inferior aos outros e de o sentir!

Eis porque tenho sido tão taciturno : eu conheço que sou um tolo, que não posso fallar como os outros. Por isso tenho reflectido muito e trabalhado muito para diminuir essa desigualdade entre os outros e mim. Tenho-o conseguido em parte, porque conheço que sou agora menos tolo e menos affastado do nivel commum. Eis toda a minha desgraça, eis porque todo o mundo me atira a pedrada e zomba de mim! Oh! accreditai-me, eu tenho sido bem desgraçado, e o sou ainda muito!

O doutor Sendema que estudava medicina em Paris quando foi da primeira viagem de Sclafer, depõe que o conductor Valex lhe contou a esturdiaria do jovem Sclafer durante a viagem. A testemunha entra em longas disgressões sobre os caracteres da monomania. Elle refere, segundo o Sñr. Esquirol, o exemplo d'um monomaniaco que um dia, e sem ter até então dado signal algum de desarranjo mental, se persuadiu que o seu barbeiro o tinha insultado e lhe amigalhou a cabeça com um tiro de pistola.

Sclafer : Esse homem não era um monomaniaco, mas um assassino; elle fingia-se monomaniaco para se defender, e terá enganado os medicos.

Revolot pai, medico, entra em longos pormenores sobre as causas e a natureza da monomania, e elle não duvida de que Sclafer seja atacado d'essa molestia, a que elle

attribue o attentado de 22 de Março. Depois de alguns outros depoimentos pouco importantes, chama-se as testemunhas citadas a requerimento dos procuradores do accusado.

Sclafer oppõe-se vivamente á sua audição : « Eu não quero testemunhas de defeza ; ellas vão dizer todas que eu sou doudo ; a minha familia as manda de proposito para esse fim. »

Depois d'algumas palavras do advogado geral que sustenta que, uma vez o rol das testemunhas reciprocamente dado pelo ministerio publico ao accusado e por este ao ministerio publico, já não depende da vontade do accusado fazer ou deixar de fazer ouvir aquellas que a seu requerimento haviam sido citadas : O tribunal conformando-se com esse requisitorio, ordena que essas testemunhas sejam ouvidas.

Ellas são no numero de nove, são visinhos ou amigos da familia Sclafer. Ellas depoem unanimes sobre os costumes melancolicos e hallucinações estramboticas, do humor estranho e sombrio, que desde a mais tenra infancia distinguirão e tornarão notavel o accusado. Foi chamada a tia do reu. Essa senhora, que declara ter servido de mãe ao accusado e te-lo visto nascer, reprimia difficilmente a emoção que a commove e que a cada instante lhe interrompia a falla, conta com uma simplicidade tocante a vida inteira do accusado, os desgostos incessantes que as suas extravagancias davão á familia, a anxiedade com que varias vezes se

consultou o doutor Canilhac, e as diligencias que se fez para o metter n'uma casa de saude algumas semanas antes do fatal acontecimento de 22 de Março.

O defensor do reu percorre e conta com caloroso enlevo a vida toda inteira do jovem Sclafer, elle mostra desde a sua idade a mais tenra os germens da monomania funesta que augmenta com os annos e acaba emfim pelo levar ao mais deploravel attentado. Elle se applica a mostrar o como as theorias dos mais célebres médicos se confôrmao exacta e precisamente com os phenomenos que se tem manifestado em Sclafer, e termina o seu arrasoado por um eloquente appello á consciencia e ás luzes dos Sñrs. jurados.

Apenas tinha elle pronunciado estas ultimas palavras, que Sclafer, que até alli parecia ter feito os maiores esforços para se conservar calado, se levanta e exclama : Eu não fui defendido, aquelle combinou-se com a minha familia para dizer que eu sou doudo... e eu quero pagar a um que me defenda. « Depois, batendo com força no corrimão da grade : » Nunca eu quiz matar meu pai com uma facada... Ah! a minha familia me renega.... Pois eu tambem a renego... Não tenho mais pai, nem mais irmão. Elles querem fazer-me atirar em uma casa d'orates... Eu gosto mais do Sñr. advogado geral; elle ao menos diz que eu não sou doudo. O meu defensor me perde; eu tambem o renego. Depois de se ter entregue a uma multidão de divagações, Sclafer cahe exhausto.

O advogado geral replica ao defensor. Elle confessa que em certas circumstancias, uma grande desordem se manifesta nas ideias de Sclafer : Os Sñrs. jurados terão pois de apreciar, se elle tinha toda a sua rasão, quando feriu Maria Rousseau; quanto a elle, pensa que a rasão existia no momento do crime, e que Sclafer deve ser declarado criminoso.

Sclafer levanta-se de novo e pergunta : « Posso eu fallar, eu? »

O presidente : Os debates estão encerrados.

O accusado : Um instante, eu quero ainda fallar. Dizem que eu estou doudo, eu devo provar o contrario.

O presidente : Não se vos accusa de loucura, mas de morte.

O accusado : Então, não me condemnem como monomaniaco.

O presidente faz aos jurados um resumo claro e conciso d'este triste negocio; interrompido por Sclafer, quando por occasião da defeza, falla nos actos de monomania; e aprovado, ao contrario, quando ao memorar a accusação, parece estabelecer, que elle é verdadeiramente culpado, e que teve sempre um sufficiente exercicio da intelligencia, para apreciar a moralidade dos seus actos.

Depois de duas horas e meia de deliberação, os jurados entrão na audiencia, e, sobre este quesito unico : « O accusado é criminoso de ter voluntariamente commettido uma morte na pessoa de Maria Rousseau? »



Produzem um verdicto negativo.

O presidente pronuncia a absolvição de Sclafer. Immediatamente a advogado geral se levanta, e attenta a alienação mental levada até o furor, de que o accusado deu provas, requer que elle seja posto á disposição do procurador geral e provisoriamente retido no forte do Há. O tribunal defere a estas requisições e Sclafer volta, sem proferir palavra, á prisão.

---

## BOULET

ASSASSINATO POR CIUMES — TENTATIVA DE SUICIDIO.

### *Jury do Sena.*

Adolpho Boulet, de vinte annos de idade, pertencia a uma familia bem conceituada; elle tinha sido da parte de seu pai o objecto d'uma predilecção particular. Na idade de quinze para desaseis annos, dedicou-se ao estudo da pintura, e depois entregou-se a diversas obras d'arte. Elle tinha morada á parte, mas hia constantemente á casa de sua mãe e lhe dava constantemente provas de affeição. Esta comtudo se affligio da exaltação romanesca que observava constan-

temente no caracter de seu filho. Ávido d'um genero de leitura e de representações theatraes, que fornecião mais alimento a essa disposição d'espírito, Boulet não sonhava senão grandes paixões. Elle fallava das mulheres com enthusiasmo, ambicionava, dizia elle, uma mulher virgem, e que o amasse a elle só. Boulet ordinariamente era serviçal, mas era muito irritavel, quando lhe contrariavão as suas opiniões. Elle tinha demais a paixão das armas, e trazia habitualmente um punhal e algumas vezes pistolas carregadas.

Encontrou na rua, em Janeiro de 1837 uma rapariga, Aglaé Chauvel, que promptamente se tornou sua amasia. Esta rapariga, de desoito annos d'idade, tinha por muitas qualidades boas captivado a benevolencia de seus pais; mas n'essa época ella precisou de consultar um medico. O seu caracter se alterou repentinamente, e mostrando-lhe sua mãe severidade e rudeza, em 1º de Janeiro de 1837, deixou a casa paterna; seis mezes depois era mãe. Ella tinha hido morar com uma moça Martin, mãe como ella, depois deixou-a, e emfim voltou a morar com ella. Dormia lá sómente, e trabalhava em differentes casas.

Foi por esse tempo que Boulet se ligou com ella; ella não lhe occultou a existencia do seu filho, mas o que lhe contou a esse respeito, não fez mais que accrescentar o interesse d'elle. A Martin viu Boulet com desagrado e persuadiu a Aglaé que rompesse com elle; suppoz-se uma viagem. Mui-

tas semanas se passarão, sem que Boulet pudesse tornar a ver Aglaé, e d'isso teve um violento desgosto. Comtudo, um Sñr. Napoleão Cornela, alfaiate, viu Aglaé e fallou de casamento. Aglaé, antes fraca que immoral, concedeu a Napoleão o que já tinha concedido a Boulet.

Boulet que tinha ignorado essas circumstancias, chegou a descobrir o retiro de Aglaé. As suas relações se tornavão tão intimas como d'antes. Aglaé fallava-lhe, não obstante, nas promessas de casamento de Napoleão. Boulet propoz-se a dissuadi-la d'esse casamento e quiz que ella deixasse de ver Napoleão. Uma carta de rompimento foi com effeito dirigida a este ultimo. Mas bem depressa, por sollicitações da moça Martin, Aglaé voltou aos projectos de casamento, no interesse de seu filho, que Napoleão devia reconhecer.

Boulet, informado da sua resolução por uma carta que ella para essa fim lhe dirigiu, foi á casa da moça Martin, que acabava de tomar um aposento na rua São-Nicolao-d'Antin, 14, e que lhe persuadiu que Aglaé não morava mais com ella; elle encontrou ahi um Sñr. Niclos e lhe deu para Napoleão uma provocação a duello. Napoleão foi no dia seguinte á casa de Boulet, affirmou, como o promettera a Aglaé, que não tinha tido communicações com ella e declarou estar prompto a bater-se. Nos dias seguintes Boulet se poz em procura de Aglaé e conseguiu encontra-la em casa da Martin, onde julgou que ella só estava accidentalmente, e renovou com ella as suas antigas relações. Durante

esse tempo Napoleão tinha recebido o consentimento de seu pai. N'esse mesmo tempo tambem o desregramento d'Aglaé tinha chegado ao seu ultimo termo. Leroux, mercador de moveis, tinha tido occasião de encontrar Aglaé em casa della, e um dia a fez entrar na sua officina, onde aproveitando-se d'essa moça precisar de dez francos emprestados por um mez para a ama de seu filho, obteve, por esse emprestimo, que ella immediatamente se lhe entregasse. Os dez francos devião ser restituídos.

O mercador de moveis não a tornou mais a ver, mas soube por lh'o contarem, que outros tinham tido d'ella provas do mesmo genero. Elle sabia que Napoleão devia desposar essa môça e julgou praticar uma acção meritoria, informando esse homem de semelhante desregramento. Napoleão, reprehendeu vivamente Aglaé e foi á casa de Boulet declarar-lhe que, o que tinha negado na primeira visita, era verdade, que elle tinha possuido Aglaé, e que elles não erão os unicos a quem Aglaé se tinha mostrado favoravel. Depois conta-lhe tudo o que Leroux lhe tinha dito da scena que passára na sua officina. Então Boulet abre a secretaria, tira as suas pistolas e sahe com Napoleão, que o acompanha até o Palacio-Real.

Boulet ignorava sempre onde morava Aglaé. Elle foi ter á casa d'uma certa Letombe, onde sabia que ella trabalhava, e perguntou por Aglaé. Responderão-lhe que ella não tinha chegado. Elle recommendou que lhe não dissessem

que elle tinha vindo, e desceu para a porta como para esperar a passagem d'ella. Era cerca das oito horas da manhã. Depois de ter passado ahi um tempo bastante consideravel, elle viu sahir da sua loja o mercador de moveis Leroux, acostou-o e disse-lhe : Fostes Vós que fallastes antes d'hontem á tarde ao Sñr. Napoleão? — Sim, senhor. — Não tivesdes Vós relações com uma rapariga Aglaé, que móra perto d'aqui? — Sim, senhor, e se quereis provas, vinde comigo e eu vos mostrarei uma carta d'ella. » Depois leva-o á sua officina, em casa da moça Martin, dizendo-lhe ao mesmo tempo, que Aglaé parecia mulher de má vida, e mostra-lhe d'ella uma carta assaz insignificante. Boulet sabe agora que Aglaé móra na mesma casa. Sobe a escada e ahi encontra a moça Martin, que desce com uma jovem aprendiz, e pede para fallar com Aglaé. A moça Martin busca fazer-lhe crer que Aglaé não reside na mesma casa; elle insiste; elle supplica; a moça Martin falla alto, para que Aglaé ouça; ella a julga desavinda com Boulet, porem não receiando apezar d'isso projecto funesto, não quer comtudo que Aglaé tórne a ver Boulet.

Este, comtudo, insiste mais vivamente ainda, falla de mandar chamar um ferreiro ou de metter a porta dentro. Em fim a môça Martin que crê que Aglaé já deixou o quarto, sóbe com Boulet, abre a porta, depois entra na sua officina com a aprendiz, cuidando que Boulet a acompanha. N'esse momento ella conhece que elle se introduzira no quarto

de dormir e encostára a porta. Ella vai para entrar ella mesma, e n'esse instante ouve dar tiros de pistôla, disparados quasi simultaneamente. Ella corre, vê Aglaé, que cambaléa e cahe, e Boulet, que se precipita sobre ella, dizendo : « Aglaé, eu te amo, eu te amo. » Ella retira Boulet de cima da sua victima, vai á escada para chamar por socorro, volta, e vê Boulet que dá em si mesmo punhaladas. Acodem a seus gritos, e vê-se ainda Boulet abraçando Aglaé e dizer-lhe : « Minha boa amiga, minha querida amiga. »

Boulet não tinha buscado fugir. Elle se mostrou desesperado com a ideia do desgosto que soffreria sua mãe, perguntou se as feridas erão mortaes. Chegou o commissario de policia e Boulet fez a confissão do seu crime. Aglaé reclamou para Boulet a indulgencia dos magistrados, e declarou que ella só era culpada; que ella não tinha tido a coragem de deixar de ver a Boulet, que ella o amava; e quando este foi levado perto do seu leito para a confrontação, ella lhe estendeu a mão. Os ferimentos de Aglaé forão immediatamente examinados e julgados mortaes. Durante todo o curso d'esse dia e no seguinte, sexta feira, 15, Aglaé nunca deixou de fallar em Boulet, expressando o desejo de melhorar para lhe poder solicitar o livramento; a 16 ella expirou. Boulet tinha sido examinado por dois medicos; e foi verificado, que elle se tinha dado vinte punhaladas no peito; nove não tñhão furado mais que os vestidos; e as outras não mostravão gravidade.

O accusado é de pequena estatura, seus olhos são pequenos e encovados; é mui pallido e tem pequenos bigodes pretos. O seu passo é firme e o seu aspecto seguro; o todo da sua pessoa não carece nem de elegancia, nem de distincção.

O presidente procede ao seu interrogatorio. Nós vamos reproduzir-lhe as circumstancias principais.

— P. Encontrastes Vós na rua Aglaé Chauvel, e obtivestes d'ella que vos escrevesse? Relações intimas se formarão entre vós, declarou-vos ella que tinha um filho, que se tinha tornado mãe aos desanove annos?

— R. Sim senhor, ella tinha sido victima d'um attentado.

— P. A rapariga Aglaé tinha sido seduzida, segundo a instrucção, por um medico que a tratava?

— R. Não tinha havido seducção, tinha havido estupro, eu tenho d'isso a certeza, ella m'o tinha contado : ella tinha sido attrahida a uma espéra e a sua fraqueza tinha succumbido á violencia.

— P. Não soubestes Vós que um alfaiate, Sotto Cornela procurava Aglaé para casamento e quando essa rapariga, por uma emenda de seu proceder, depois de ter delinquido, queria voltar ao bem, não a dissuadistes vós? No fim do mez não a perdestes Vós mesmo de vista?

— R. Sim, senhor; ella me não informou da sua mudança de domicilio.

— P. Sotto Cornela não veio á vossa casa e não vos communicou que a moça Aglaé tinha tido relações com um chamado Leroux, que este lhe tinha dado dinheiro, que elle mesmo Sotto Cornela tinha obtido os favores d'Aglaé?

— R. Sim, senhor, e quando elle me fez essa fatal revelação, eu fiquei desesperado e tinha querido dar-me a morte!

— P. Vós sahistes com Sotto Cornela?

— R. Sim senhor, elle me levou a ter com Leroux; eu tinha levado as minhas pistolas e o meu punhal, como costumava todas as vezes que sahia, fui, só, á rua São Nicolao e abi encontrei Leroux, que interroguei. Elle me disse que hia dar-me provas e mostrou-me uma carta. Eu estava tão perturbado que não pude ler, lagrimas me escurecião a vista, só percebi que se fallava de dinheiro. Perguntei a Leroux onde ella estava; e elle disse-me que devia estar em casa da moça Martin. Subi lá, perguntei por Aglaé. Disserão-me que ella não estava lá. Demorei-me quatro ou cinco minutos na rua. Tornei a subir, puchei a campainha, mas ninguem me abriu. Foi então que eu vi a Sñra. Martin, ella abriu a porta e eu entrei no quarto de dormir. Aglaé estava apoiada sobre a janella do lado direito, eu me approximei e bati-lhe no hombro. « Olha para mim, olha para mim, se te atreves! » Ella se voltou. N'esse momento os meus olhos se dirigirão involuntariamente para a loja de Leroux, que se acha aberta bem defronte. Uma ideia fu-



nesta veio atravessar-me o espirito, talvez, pensei eu, fazia ella, quando eu aqui entrei, signaes d'intelligencia a esse homem. Não sei o que se passou em mim, não poderia dizello bem precisamente. Recuei dois passos, o tiro disparou : ella cahiu no chão. Puxei pelo meu punhal e me feri com elle, querendo dar-me a morte, mas faltou-me o animo, e eu conheci que hia desmaiar; retirei-me um pouco, não via mais; uma nuvem estava espalhada sobre os meus olhos, e creio ainda, pensando n'isso, que me achava sob a influencia d'um sonho penoso. Havia alli uma mulher jovem, estendida por terra, que me olhava com um ar espantado e que não dizia nada. Eu me lembro ter então ouvido a voz d'um homem que dizia : « E' preciso prendê-lo ! é um assassino. » Eu só pedi um favor então, que foi o de entrar onde estava Aglaé e de lhe dar um ultimo beijo.

— P. Quando Sotto Cornela vos communicou em vossa casa os maus procedimentos d'Aglaé, Vós tomastes as vossas pistolas e punhal. A accusação vê começar ali a premeditação e reléva sobretudo esse dicto por vós dirigido a um Italiano, atravessando o caes para hir ao Palacio-Real : *« Ella não enganará a mais ninguém ; eu vou mata-la, e matar-me-hei depois tambem a mim !*

— R. Eu disse essas palavras com effeito.

— P. Que vos disse Sotto Cornela ?

— R. Respondeu-me com dictos vagos, com palavras

sem significação, como quem dissesse : « Ora é boa, que tem isso. »

— P. Vós confessaes ter morto a rapariga Aglaé. As ballas de vossas pistólas atravessarão-lhe os antebraços e penetrarão no corpo; ella morreu dois dias depois nos mais crueis soffrimentos; vós vos feristes depois com uma punhalada, mas d'um modo extremamente leve, apenas vos arranhastes?

— R. Não sei que consequencias querereis tirar d'esse facto; mas elle é verdadeiro. Interpreta-lo-hão como quizerem; quanto a mim, só direi, que indubitavelmente a minha mão estava pouco firme; que uma dobra do panno impediria a entrada do punhal, que não estava aguçado.

— P. Quaes erão as vossas sensações no momento em que entrastes no quarto e que vos tornastes reu do crime horrivel que vos é imputado?

— R. Entrei no quarto, sem poder combinar uma unica ideia, sem seguir um raciocinio. Quando vi o abismo aberto sob os passos da infeliz, quando me convenci que ella estava perdida, então disse comigo : Pois bem ! nós morreremos ambos ! Eu apagarei por um baptismo a mácula de que ella se manchou ! ao menos hão de lamenta-la... O mal era já sem remedio.

— P. Que direito tinheis Vós portanto de dispôr da sua vida? (Nenhuma resposta). A accusação releva contra vós uma circumstancia aggravante de premeditação.

— R. Eu tinha certamente funestas ideias ao sahir de minha casa, mas ellas me abandonarão ao chegar á sua. Eu tinha renunciado a todo o projecto ; só foi no seu quarto, em face da loja de Leroux, que talvez estivesse á entrada da porta, que toda a minha rasão se transtornou.

O advogado geral : — De que sorte erão as vossas leituras ordinarias?

— R. Eu lia com preferencia obras de theatro e alguns romances.

— P. Encontrarão em vossa casa cartas de mulheres; umas são assignados Adelaïde, outras Irma, outras Maria?

— R. Algumas d'essas cartas datão dos primeiros dias em que eu conheci Aglaé, e então era natural que eu tivesse por ella uma paixão profunda; outras são da época em que eu estava separado d'ella pelo seu rompimento.

O advogado geral : — E' certo que Vós tinheis diversas amantes, e as datas provão que, no momento mesmo em que tinheis relações com Aglaé, continuaveis a entreter uma correspondancia com outras mulheres, e assim vos vem a falhar essa desculpa de grande paixão, que Vós pretendieis allegar como movel da vossa accção criminosa?

— R. Eu tinha deixado de ver toda e qualquer outra mulher, desde o momento em que obtive o sim de Aglaé.

— P. Mas Vós a matastes, Aglaé; que direito julgaveis ter sobre ella?

— R. Julguei prestar-lhe um serviço, ferindo-a. Eu queria também matar-me. Era o unico meio de apagar os seus desvios.

— P. Mas os seus desvios, quaes eraõ elles no sentido, em que Vós pareceis entende-lo?

— R. Ella se tinha abandonado a Leroux, a Sotto Cornela, ella era culpada.

— P. Ella se tinha abandonado também a vós, e o seu proceder não era então menos reprehensivel.

— R. Era differente. A mim, a mim só, ella teria ficado sagrado aos meus olhos. A sua falta devia expiar-se no seu sangue e no meu.

— Comtudo, Vós não executastes senão metade d'essa resolução matadbra.

O Sñr. advogado Olivier dá conta do estado em que encontrou Aglaé na occasião do crime. As feridas não podião deixar esperança alguma. Quanto ao accusado, elle tinha o signal de numerosas feridas, que comtudo, tinhão pouca profundidade. Nenhuma offerecia gravidade, todas parecião feitas de cima para baixo.

O presidente faz apresentar ao accusado o punhal com que elle se feriu e que d'um córte muito fino dos lados, tinha uma ponta extremamente aguçada. As pistolas são igualmente apresentadas a Boulet. O casaco de que elle estava vestido, a sua camisa e o seu colete, furados de vinte buracos; o vestido, colete e saias ensanguentadas, que trajava

Aglaé são depositados sobre a mesa das peças de convicção, no meio d'um movimento de horror dos assistentes.

O advogado geral : Boulet, como foi atirardes Vós dois tiros de pistola? Não são precisos dois tiros para dar a morte : como foi não reservardes para vós mesmo o vosso segundo tiro? e notai que nós não queremos deixar ouvir aqui que o suicidio seja uma desculpa para o assassinato.

— R. Eu não tinha o meu sangue frio, eu estava louco, perdido!

— P. Isso prova sómente que não ha sangue frio no crime; mas sempre consta aqui este facto, que Vós atiraes dois tiros de pistôla á vossa victima, e que vos contentais para vós mesmo com algumas arranhaduras.

O presidente á testemunha : Que se passou durante a autopsia?

— R. Nós procuravamos uma bala que nos não tinha sido possivel encontrar; ella estava profundamente enterrada junto da columna vertebral; foi o que nos obrigou a fazer a secção completa do cadaver.

— P. Qual era a attitude do accusado durante a autopsia?

— R. O accusado ao entrar, mostrava uma emoção profunda; elle estava sentado. Eu me aproximei d'elle e lhe disse que, agora que elle se tinha conformado com as medidas prescriptas pela justiça, podia afastar-se da operação, e retirar-se mesmo á outra peça; o accusado disse-me que já tinha assistido a disseccções e não desejava sahir.

Boulet : Eu não me lembro por fórma alguma de ter pronunciado uma tal phrase.

Sñr. Olivier : Eu me sirvo das proprias palavras que Vós pronunciastes. Eu não tenho interesse em alterar as vossas palavras; digo só a verdade. Accrescentarei mesmo que, durante a operação Vós vos aproximastes do juiz do processo e lhe pedistes que nos requeresse para verificar se a victima se não achava atacada d'uma leucorrhœa chronica. Nós dirigimos as nossas investigações sobre esse facto e com effeito verificámos que existia na rapariga Aglaé Chauvel uma inflammação chronica.

Boulet : Eu fiz esse pedido ao Sñr. juiz d'instrucção, porque tinha ouvido odiosas supposições, feitas em voz baixa pelos agentes de policia que assistião á autopsia.

De novas explicações provocadas pelas perguntas do advogado geral, resulta que Boulet tinha julgado poder suspeitar Aglaé de ter-lhe compromettido a saúde. O accusado diz que Leroux lhe tinha inspirado receios, fallando de seu proprio estado em seguimento de suas relações com Aglaé. Uma longa discussão se empenha sobre o numero e realidade das aberturas feitas pelo punhal na sobrecasaca de Boulet.

O advogado geral : Eu fallava, ha pouco, da vossa moralidade, Boulet, eu vou dar leitura aos Sñrs. jurados, d'uma de vossas cartas, sobre que tereis de dar explicações.

« Meu dôce anjo,

« Tu não saberás nunca quanto eu sou feliz com o teu amor, quantas penas elle me poupa, e sobre tudo, quanto elle me ajuda a supportar aquella que, inevitavel, me acabrunha mais que nunca. Bem differentes dos que não amão uma mulher senão ate á posse exclusivamente, desde que tu me pertences eu tenho continuamente visto crescer a tua afeição, e eu tenho a prova de que ella enche tão largamente o meu coração, que lhe não fica mais lugar, nem mesmo para o ciume; de todas as paixões aquella que eu tenho sentido com mais violencia. Eu te vou dar a prova: Eu acreditava e ainda creio que, não amando mais uma mulher, se pôde comtudo ter ciumes della. Assim, eu pensava que, se visse nos braços d'outro essa pequena mulher de que te tenho fallado e que tanto amei, ainda que não sentindo mais nada por ella, eu não poderia livrar-me d'um violento ataque de ciume, que talvez me fizesse commetter alguma loucura. Pois bem! eu a encontrei antes d'hontem pelo braço d'um individuo ignobil e rodeada d'outros igualmente despreziveis, a quem ella prodigalisava sorrisos. Posso affirmar-te que ao seu aspecto, não soffri mais que um violento desgosto por ter amado uma semelhante creatura.

E' verdade, eu o confesso, que o estado em que a encontrei era pouco proprio para fazer reviver uma antiga paixão. A desgraçada tinha no seu rosto emmagrecido e pallido as marcas do deboche, e era difficil reconhecer

n'essa mulher estragada e quasi feia a jovem que ha um anno, era tão gentil e fresca. « Oh! agora, accredita-o bem, eu não daria um passo para possui-la e se o fizesse unicamente o seria por curiosidade... »

— O advogado geral : Como explicais essa phrase, « Seria só movido por curiosidade? » Ella annuncia em vós, tão jovem ainda, uma profunda immoralidade. Explicai-vos.

Boulet dá em voz baixa algumas explicações, de que se não pôde perceber o sentido.

— O Sñr. Carlos Ledru, defensor : Eu peço ao Sñr. advogado geral que acabe a leitura da carta. O paragrapho que a termina é mui differente d'aquelle sobre que insiste a accusação.

O advogado geral prosegue na leitura :

« Tu o vês, minha querida Aglaé, eu não penso senão em ti; e como poderia ser d'outro modo? tu és tão boa, tão desinteressada, tão doce. Oh! sim! tão doce, sobre tudo, que parece não pertenceres a este mundo, e que aquelle que, sendo de ti amado, te não adorasse, mereceria mil vezes o nome d'infame.

« Adeos, querida, até á manhã, eu te amo. »

O depoimento da Sñra. Martin, costureira de vestidos, que empregava como operaria Aglaé Chauvel, reproduz os factos já sabidos.

— O presidente : Porque não querieis Vós deixar entrar Boulet? Era com receio de violencias?



— R. Não, senhor, era porque eu conhecia Aglaé por demasiadamente fraca e temia que se não accomodasse com Boulet, o que faria inteiramente falhar o seu casamento; e eu considerava esse casamento para ella, como o unico meio de sahir da desordem em que ameaçava cahir.

— P. Boulet parecia perturbado e fora de si?

— R. Não, senhor, elle parecia profundamente triste, mas tranquillo e de sangue frio.

— Boulet : Seguramente eu devia dominar a minha emoção : se a Senhora tivesse podido suppôr a minha perturbação, ella me não teria deixado entrar e eu queria tornar a ver Aglaé.

Chama-se a testemunha Sotto Cornela, cuja narrativa é conforme aos factos já contados.

Leroux é introduzido; elle conhecia como visinho a moça Aglaé. Esta foi um dia contar-lhe as suas difficuldades, pediu-lhe dez francos emprestados, e no dia seguinte a este emprestimo voltou ao seu armazem e concedeu-lhe os seus favores. A testemunha sabia que Sotto Cornela procurava Aglaé para casamento. Uma tarde pelas dez horas, elle encontrou a este e travando conversa com elle, lhe disse : « Sois Vós que deveis casar com Aglaé? Pois bem ! Ella é bem gentil, mas fez-me adoecer. — E a mim tambem, respondeu Sotto Cornela, e sem duvida tambem a uma outra pessoa, com quem eu devo bater-me d'aqui a alguns dias, porque nós não esperamos senão as nossas testemunhas » e

termina, contando a sua entrevista com Boulet antes da catástrophe.

— O presidente : Vós tinheis emprestado dez francos a Aglaé, tornastes-lh'os vós a pedir?

— R. Sim, senhor, a Sñra. Constant me disse um dia :

« Quererieis Vós fazer d'Aglaé vossa amasia? tomai sentido.... » Então encontrando a Aglaé na escada, eu lhe disse : « *Parece Sñra. que Vós tendes um mau procedimento*; todas as relações devem cessar de mim para vós, e Vós me farieis favor, dando-me a pequena somma de que se trata. »

O pai e a mãe d'Aglaé são ouvidos, mas apenas dão vagas informações sobre a primeira falta commettida pela filha, victima da seducção d'um medico, chamado para a tratar.

O Sñr. Rivoulon, pintor, conhecia Boulet por um cerebro exaltado. Elle corria após todas as mulheres, as suas conversações versavão sempre sobre o amor, e elle se pervertia o gosto com a leitura de maus romances. Era extremamente exaltado e tinha a mania das armas.

A palavra é dada ao advogado geral Plougoulm.

« Sñrs. jurados, a defeza, no começo d'esta audiencia, quiz que vos fosse dado conhecimento das tocantes e generosas palavras, escapas quasi no momento da sua morte á victima cahida sob os golpes de Boulet. A intenção era demasiado evidente; quizerão sem duvida prevenir-vos desde

logo contra a severidade das nossas palavras. Não entrava na nossa intenção, Sñrs., dissimular o que essas palavras tinham de tocante : Aglaé, ferida de dois tiros e estendendo a mão ao seu matador, pedindo o seu perdão; eu não conheço nada de mais tocante, mas que vantagem, dizei-m'o, podião d'ahi tirar? Imaginarieis Vós que n'uma causa tão grave e tão solemne os juizes julgarião por emoção? Elles julgarão por justiça; elles não esquecerão o que devem ao accusado, á sua idade, á sua fraqueza, ao arrebatamento da mocidade, mas o que elles não esquecerão sobre tudo, é o que elles devem aos grandes interesses da sociedade. Ah! Sñrs., o interesse da sociedade é immenso. Trata-se aqui d'uma morte, e de certo não ha facto mais grave e que interesse mais profundamente a ordem social. O crime é constante, o matador acha-se diante de vós, a pena deve ser pronunciada. É pois menos para vos demonstrar a culpabilidade do accusado que nós tomamos a palavra, do que para dar aos factos o seu verdadeiro character, para lhes dar as suas côres salutaes.

Estes factos vos são conhecidos. O accusado, quem é elle? um desgraçado jovem que tudo, convem dize-lo, preparava para uma tal catástrophe; nascido na mais honesta familia, elle ahi podia achar uma d'essas existencias, ao mesmo tempo honrosas para o homem e uteis para a sociedade. Demasiado jovem, ah! elle foi o objecto d'excessivas fraquezas paternaes. Em lugar d'essa educação de que a vida

precisa, que deve servir mais tarde para destruir as illusões da mocidade; elle se fez artista; mas elle não teve da vida d'artista mais que o abandono licencioso.

O advogado geral mostra aqui Boulet, separando-se antes dos vinte annos de sua mãe; nos seus estudos, nas suas leituras, elle vê o germen nascente do crime, que deve mais tarde commetter. Boulet, depois de estudos superficialissimos, nutre-se d'essa falsa, ridicula e odiosa literatura que tem já desencaminhado tantos jovens corações; o objecto da sua admiração, das suas preferencias são essas peças de theatro, que crião algumas vezes representações reaes do tribunal de jurados. Na sua ardente imaginação esse jovem se tinha embalado d'essa chimera tão natural á sua idade, uma jovem menina! uma jovem menina, que o ceu não podia, ao pintar de sua imaginação, produzir assaz pura; elle a encontra um dia; elle a acha, onde? na rua. Elle a segue, chega-se a ella, e bem de pressa uma ligação é formada. A quem pertence essa jovem? a essa pobre mulher que Vós aqui vistes, não se atrevendo a olhar para o matador; a esse homem que contou singelamente a primeira desordem de sua filha. Era a essas simples pessoas que Aglaé pertencia; o pai, esse honesto e laborioso operario vo-lo disse, Vós o ouvistes accusar o homem culpado que foi o primeiro a accusar a sua filha, e que a arrancou á sua ternura. Esse homem, esse medico, devia estar no numero das testemunhas, mas elle não appareceu.

O advogado geral descreve os circumstancias em que o Italiano Sotto Cornela se ligou com Aglaé. Este é animado de intenções puras; elle quer casar com a jovem; elle se resolve a um sacrificio que mostra a sinceridade das suas intenções; elle quer reconhecer a criança, fructo dos primeiros erros. Mas Boulet não quererá que ella volte ao bem, e, fraca, como ella é, renuncia ao honesto operario, que quer unir o seu destino ao d'ella, e renova a sua culpada ligação com o artista. Desde então ella cahê d'erro em erro, e em pouco, é levada ao ultimo grau da objecção : esta que entra em casa d'esse Leroux, que Vós ouvistes, que vistes com despreso. Sim, Sñrs., com despreso, porque para esse Leroux não ha excusa. Ao menos, elles tem por si, os outros, o prestigio da mocidade, os seus vinte, os seus vinte e cinco annos; mas elle.... é um homem de quarenta e cinco annos, um pai de familia, e Vós o vistes, Sñrs., como no seu depoimento, elle brincava d'alguma sorte com as suas palavras, como se elle tivesse querido insultar á memoria de Aglaé, e lavar-se de critico, dizendo que ella não tinha resistido. Como a conheceu elle? ella precisava de dez francos para a ama de seu filho; ella vai pedi-los a esse homem, ella espera tocar-lhe o coração.... Quando uma mãe falla de seu filho, quem a pode repellir? Pelas rasões que ella lhe dá para pedir esses dez francos, ella vai tornar-se sagrada aos seus olhos. Ao contrario, elle vai abusar da sua posição, da urgencia da sua necessidade, e porque

ella precisa de dez francos elle se apodéra della. Vós julgais que elle vai dar-lhe esses dez francos, não! inda porcima, lh'os tórna a pedir. Elle a atormenta, para que ella lhe torne a entregar o salário que tinha recebido pela sua objecção. Nós dizemos, Sñrs., que não ha nada mais despresivel que uma semelhante acção.

« Ei-la essa pobre rapariga chegada ao ultimo grau do vicio; ei-la vendida a Leroux. Esse homem que nós tivemos de nodoar, porque é preciso que justiça seja feita a todos, não se contenta da sua acção; elle vê passar pela sua vizinhança Sotto Cornela; elle o faz parar, lhe conta o que se passou e lhe mostra como prova uma carta. Desde esse momento nasce o desejo da vingança no coração de Sotto, no seu coração italiano. Elle vai procurar Aglaé, dar-lhe reprehensões; e pretende ter avisado Boulet. N'esse momento Aglaé desmaia, porque se ella se entregou a Sotto Cornela na esperança do casamento, se se entregou a Leroux, impellida pela imperiosa necessidade, foi a Boulet que ella conservou o seu amor. A resolução do Italiano está formada, vai no dia immediato procurar Boulet, diz-lhe tudo; entra nos pormenores da infamia d'aquella que esse jovem ama com paixão, porque nós não procuramos dissimular que a paixão de Boulet era ardente. Este entra pois n'um estado de furor, volta-se no seu leito, afflige-se, depois arma-se com um punhal, com as suas pistolas e sahe com Sotto Cornela. Elle o deixa e dirige-se para a residencia, onde

julga encontrar Aglaé. Por uma fatalidade bem deploravel, Boulet n'esse momento encontra Leroux, e este lhe repete o que disse na vespera a Sotto : Não e preciso mais, Boulet se arremeça á casa da Senhora Martin.

O advogado bosqueja aqui as circumstancias do crime de Boulet : « Qual é agora a sua defeza? Elle matou Aglaé, elle vo-lo disse, porque estava apaixonado e zeloso ; essa será toda a defeza de Boulet, elle não tem outra. Procurou-se preoccupar a opinião com este pensamento : que Boulet era um heróe de amor; mas, na verdade, elle não pode mesmo encontrar essa consolação d'interesse n'esta audiencia. O que é pois Boulet? como pôde elle conceber que tivesse algum direito sobre a vida d'essa jovem rapariga? O que era ella para elle, senão o mesmo que varias outras? Sñrs., reduzi comigo este negocio á sua mais simples expressão. E' constante que Boulet matou essa jovem, que elle lhe quiz dar a morte. Imaginai pois, que um verdicto de absolvição (perdoai-me esta injuria) sahe da vossa deliberação; qual será a consequencia? que se terá o direito de assassinar uma mulher de que se tiver zelos. Uma absolvição n'este negocio seria uma calamidade publica, e portanto o resultado não pôde ser duvidoso. »

O advogado, passando á circumstancia da premeditação, define o character d'essa premeditação e desenvolve o que se pôde dizer para o estabelecer e o que a defeza não deixava de oppôr para o combater. Quanto ás circumstancias atte-

nuantes, ellas podem resultar da extrema mocidade do accusado, da sua exaltação, e do paroxismo de furor em que commetteu o crime.

O advogado Ledru tem a palavra :

« Sñrs. jurados, Vós preencheis uma bella e nobre missão quando sois chamados para julgar as acções dos homens; mas ha circumstancias em que ella é bem difficil, bem formidavel. E' por exemplo, quando o interesse que Vós sentis naturalmente por um grande infortunio é combatido em vossas consciencias, pelo interesse bem mais importante, bem mais sagrado, da moral, da ordem e das leis.

« Disserão-vos que vos premunisseeis contra os esforços que a defeza hia fazer para vos commover, para fallar á vossa sensibilidade, em lugar de se endereçar á vossa razão. Não receeis nada de semelhante. Eu não vos trago, ao contrario, mais que um relatorio singelo, verdadeiro... que palavras sem arte, sem estudo, sem ornatos.

O advogado desenvolve o quadro dos primeiros annos do accusado, a direcção incerta da sua educação devida á fraqueza de seus pais, ás suas illusões, á sua predilecção pela leitura perigosa d'esses romances, e por esse theatro que o ministerio publico tão eloquentemente e com tanta exactidão qualificou; a sua imaginação estava desencaminhada, mas o seu coração tinha permanecido direito, tinha ficado puro, e testemunhas tem individualisado os particulares tocantes da sua vida intima.



O defensor memora as circumstancias da primeira entrevista d'Aglaé et de Adolfo Boulet : e faz leitura da carta que a jovem rapariga lhe dirigiu.

« Sñr.,

« Como nunca se deve faltar a uma palavra dada, eu vou satisfazer para com vosco a promessa que voz fiz na segunda feira á tarde, de vos escrever.

Talvez eu faça mal de a cumprir, essa promessa, esta carta não fará mais que augmentar a má opinião que já sem duvida tereis de mim, eu concordo em que as circumstancias me não são favoraveis, porque é sempre segundo as apparencias que se julga as mulheres. Vós tereis accreditado quando vos perguntei a vossa morada, que eu era uma mulher sem recato e facil a cahir em qualquer armadilha. Desenganai-vos, quando me conhecerdes melhor, Vós me julgareis menos levemente. Lembrai-vos de que eu vos não dirigi essa pergunta senão quando soube que ereis artista. O nome de artista é um titulo para mim, parece-me que esse nome inspira uma confiança que não é ordinaria para com aquelles que o tomão. Foi essa mesma confiança quem me fez consentir em vos tornar a ver e em vos escrever. Eu espero, Sñr., que não abusareis d'isto. E' com esta persuasão, que tenho a honra de vos saudar.

AGLAÉ.

21 de Fevereiro de 1837. »

Bem depressa a ligação de Aglaé e de Boulet se tornou íntima. Pobre rapariga, ella tinha sentido desde a primeira entrevista o seu coração hir ao encontro do jovem artista, ella não tinha já a coroa das virgens, mas a estrella da desgraça estava sobre a sua fronte; ella lhe conta a sua queda. Ha nos documentos provas de que uma beberagem tinha sido dada á jovem e de que fôra durante o somno que ella succumbira, sem o saber. Havia n'esta confidencia tudo o que podia sobretudo impressionar a sua imaginação. Elle tinha sonhado uma jovem, uma jovem virgem a proteger; elle achava mais, elle achava uma victima desgraçada a consolar, a vingar, reparando-lhe a injuria. — Eu não me incumbirei, Sñrs., de vindicar aqui a jovem rapariga de todas as máculas que se lhe quiz imprimir no debate; e digamo-lo, Sñrs., Boulet mostrou mais intelligencia que nós em face da accusação, elle constantemente defendeu aquella a quem amava, contra as allegações vergonhosas; elle confessou o que havia de verdade nas suas faltas; mas elle vos mostrou ao menos, que essas faltas não são das que precipitação na lama. Permitti-me, Sñrs., que vos faça conhecer Boulet pelas suas cartas mesmo :

Eis aqui uma tirada ao acaso!

« Meu bom anjo,

« Eu te escrevo n'um estado completo de tristeza et de desmoralisação, consequencia das miserias inevitaveis da carreira d'artista, quando é percorrida sem fortuna. Quando

cessará ella pois de me perseguir, comtudo, essa fatalidade infernal que me impede de acertar seja no que fôr, que me tira toda a confiança em mim, e não deixa nunca de accrescentar um desgosto amargo a todas as varias satisfações que eu possa ter? Oh! minha Aglaé! se tu soubesses quanto soffro ao pensar que, quando estou junto a ti, um homem pode passar dizendo : « Esta mulher, eu a possui, eu a possui virgem! Se tu soubesses que tortura é dizer-se : « Estes beijos que com tal deliquio comprimo contra os meus, já forão enxovalhados pelos beijos d'outro....

« Esses favores que se me concedem, outro os teve..... outro gosou prazeres entre seus braços! Oh! quando se tem alguma delicadeza de sentimentos, e que essa horrivel ideia se apresenta ao espirito; como se daria voluntariamente a vida para se encontrar face a face aquelle que se odeia, reprehender-lhe a sua infame cobardia e fazer-lh'a expiar com a morte. Perdoa-me o lembrar-te ainda isto. E' que quando se soffre, acha-se consolação em fallar do seu desgosto. Tu o sabes, porque tambem tu tens soffrido muito; e isso não terá sem duvida contribuido pouco para estabelecer entre as nossas almas essa sympathia que as une com tanta intimidade, e alem disso, é ao destino e não a ti, que eu reprehendo do passado, a ti, meu doce anjo, a quem eu devo os unicos momentos de felicidade que tenha tido na minha vida. Eu quereria antes morrer, do que fazer-te uma arguição. Como é doce o dever-te obrigações, e como faria eu agora

se quizesse cessar de adorar-te, a ti, tão meiga, tão boa, que te dignaste ter piedade de mim e dar-me o teu amor?

« Vês tu, quaesquer que sejam as circumstancias que sobrevenhão, eu te juro que guardarei sempre uma suave, uma doce lembrança de ti, a unica mulher amada que eu tenha apertado nos meus braços.

« Adeos querida, não ha expressões que possam dizer-te o quanto eu te amo.

« ADOLPHO. »

« A ligação de Boulet e de Aglaé tinha durado apenas seis semanas, quando elles se saporárão. O seu rompimento durou mais de um mez. Boulet estava abandonado á saudade e a uma agitação excessiva; um dia, depois de uma noite d'insomnia, elle quer saber, se comeffeito ella deixou Paris, dirige-se á rua d'Anjou e sabe lá que, na vespera, Aglaé estava em Paris e que a Sñra. Martin havia acabado de mudar de casa. Vai ter a esse novo domicilio, Aglaé chega, elle lhe falla, sobe com ella, e ella lhe explica a causa que a induz a conservar-se separada d'elle. Ella receiava conceber.

« Sñrs., n'este deploravel negocio, ha uma testemunha, cujo proceder, attitude e discursos dominão tudo; a esse homem ja o ministerio publico dirigiu palavras severas; eu vou, eu, mostrar-vos Sotto Cornela, tal como elle é, e não será por um testemunho suspeito, que eu firmarei as vossas convicções, é Aglaé mesma quem vos vai faze-lo conhe-

cer. Eis aqui o que ella lhe escreveu na data de 15 d'Abril de 1838.

« Senhor,

« O casamento é um acto demasiado serio para se contrahir, sem ter n'isso maduramente reflectido. Na minha posição, comtudo, eu não posso comprometter-me sem seguras garantias, e eu não vejo, segundo a nossa ultima entrevista, que Vós me offereçais grande porção. Vós não podeis dissimular o vosso character zeloso, zeloso até o excesso, e eu seria muito infeliz se me suspeitassem por motivos insignificantes; eu quereria, casando, que o meu filho se tornasse vosso, que elle tivesse a vossa amizade como a minha, e o calculo d'interesse que Vós fazeis, prova que não seria assim. Depois de ter bem reflectido, eu vejo ser impossivel que eu seja feliz comvosco, demasiados obstaculos se oppõem a isso: uma criança em primeiro lugar que Vós não podeis amar, um pai que despresais, sem o conhecer, e que julgais segundo a vossa cabeça exaltada. Eu fiquei persuadida, segundo a vossa maneira de fallar, que Vós julgaveis, tomando-me, dar abrigo a uma desgraçada sem apoio e exposta á depravação a que Vós julgais arranca-la.

. . . . .  
Portanto, Sñr. Vós reflectireis. A minha resolução está tomada: se Vós quereis subscrever a tudo o que eu vos peço, eu consinto de boamente em vos dar a minha palavra, d'outra fórma, nada está entre nós concluido.      AGLAÉ. »

« Eis, Sñrs., Sotto Cornela que na audiencia queria reconhecer o filho, e que no seu particular faz calculos.

« Comtudo, a ligação de Boulet com Aglaé continua, mas uma pessoa tinha suspeitado as relações, essa pessoa tinha feito seguir Aglaé; quem era essa pessoa? era Sotto Cornela!

« Aglaé escrevia em termos bem sentimentaes, a 20 de Maio; eis as cartas que ella dirigia a 24 a Boulet.

« Senhor,

« Tenho reflectido muito, e renuncio inteiramente a vós. Demasiado tempo eu me tenho trasviado. E' um pouco tarde, na verdade, mas a idade me dá um conselho judicioso, e eu devo segui-lo. Assim cessai as vossas visitas, ellas se tornarião inuteis, attento a que eu vos não quero mais tornar a ver.

« AGLAÉ. »

Boulet julga sonhar, recebendo esta carta; elle advinha d'onde vem o golpe, quer uma explicação com Sotto e lhe manda entregar o seu bilhete. No dia seguinte Sotto Cornela chega. « Sois Vós que escrevestes para Aglaé esta carta? eis a interpegação que Boulet lhe dirige. — Sim, fui eu, responde o Italiano; Aglaé é minha noiva. — Pois bem, ella é a minha amasia. » Um duello é então proposto.

Comtudo, a Sñra. Martin conservava Aglaé desviada de Boulet, mas elle chega a vê-la; ella chorou e novos encontros forão entre elles ajustados. Elles tinhão passado o serão

de quarta feira 14 de Junho juntos. Aglaé no seu leito de morte fallou de pressentimentos que a agitavão. Pois bem ! elle, elle tambem, era assaltado por um pressentimento fatal : o seu sonho tinha sido estranho e espantoso. A's sete horas, elle estava submerso no somno. Bate-se á porta, elle abre, é aindo o Italiano. E' com uma palavra de paz na boca, que elle se apresenta, inimigo, elle nada pôde obter, amigo, elle terá sem duvida melhor acerto. Aqui elle disse que vinha para se vingar, na instrucção, era, ao que assegurou, para lhe dizer : Não ha mais motivos d'inimizade entre nós; não ha mais motivos de duello. Mas na realidade, que se passou? Sotto Cornela se annuncia, como trazendo-lhe uma grande novidade. Aglaé vos engana, ella se entregou a mim, como a vós. Mas inda não é tudo; ella se prostituiu tambem a Leroux. Depois, quando o desgraçado Boulet vê todas as suas illusões de felicidade desvanecidas, quando elle se sente morrer, entra nos mais revoltantes particulares, esses pormenores, Boulet, apesar da insistencia do Sñr. presidente, não pôde achar expressões para os traduzir. Não erão, Sñrs., factos de deboche, o Italiano lhe contava tranquillo, impassivel, que Leroux, esse alborcador que, entre as drogas do seu obscuro armazem, conta, sem duvida, tambem a sua consciencia, fez do seu escriptorio alcouce, e que aquella que elle, esse desafortunado, chamava seu anjo, tinha cahido do throno que elle no seu coração lhe erigira, nos mais ignobeis graus da infamia.

« Boulet não se conhece mais desde esse momento. Lança mão do punhal, toma as suas pistolas : o Italiano está lá, sempre lá, tranquillo e frio; elle nada vê, segundo affirma. »

O defensor entra aqui nos pormenores das passadas de Boulet, do seu encontro com o alborcador Leroux, que o esperava sem duvida, da sua entrada em casa d'Aglaé, e da morte emfim que commette n'um momento de furor e de perdição. Aglaé cahe, elle se precipita sobre ella, chupa as suas feridas e se fere; mas sabe elle o que faz? elle está atordoado e não tem a consciencia das suas acções.

« Eu vo-lo disse, Sñrs., foi uma das condições da minha triste tarefa o poder vindicar Aglaé das infames allegações, com que se intentou nodoa-la. Vós a conheceis, Sñrs., Vós tendes ouvido referir a sua angelica resignação; no leito em que ella não deve tardar a morrer, ella se não preoccupa mais que d'uma ideia : « Se eu escapo, será Boulet salvo? » pergunta ella. « Sim », se lhe responde : — « Pois bem, cuidai bem em mim, e permitta o céo que eu escape para cuidar em salva-lo. » Depois ella recorreu a uma piedosa mentira, ella diz que Boulet não é culpado, ella pede para elle a graça e a piedade. A desafortunada! ella tem sido aqui o alvo da calumnia; felizmente a funesta impressão que esta parte dos debates teria podido produzir, ser me-ha bem facil destrui-la. « Não, Sñrs., nem Sotto Cornela, nem Leroux tiverão relações comigo » foi no seu



leito de morte, que Aglaé o disse : e não seria mais que uma fabula horrivel para perder o desgraçado Boulet. Eu o avancei, Sñrs., eu o provarei.

Aqui o advogado cita um facto em apoio das suas allegações.

« Vós o tendes ouvido chamar Aglaé sua amasia, e Vós o tereis, sem duvida, notado, chamando-a assim, elle olhava para os olhos de Boulet. Elle queria ahi beber a longos tragos a vingança. A mesma mentira nas datas, que elle assigna á pretendida posse de Aglaé e ao conhecimento que fez com Boulet.

« Mentiroso era o depoimento de Leroux, fautor das infamias de Sotto Cornela. Foi, a dar-se-lhe credito, no buraco que lhe serve de loja que hediondo sacrificio teria sido consumado. Eu estive nos lugares, e é inevitavel resignar-se a estes tristes pormenores, o facto não é possivel. E' que quando, mesmo com uma arte italiana, se deixa transluzir a verdade. Comtudo a Sñra. Martin disse que Aglaé lhe tinha feito confidencias a respeito de Leroux. Eu nada quero dizer contra esta pessoa, que era amiga de Aglaé; mas Vós sabeis que ella falta muitas vezes á verdade, com boas intenções, sem duvida. Foi ella que, por um motivo poderoso, disse que Aglaé estava no campo. Não podia ella, essa pobre mulher, se deixar levar a uma fraude piedosa? Os pais de familias inventão ás vezes falsidades para fins honestos e para arrancar seus filhos ao vicio. »

O defensor pela combinação das circunstancias do acontecimento e das declarações mesm d'Aglaé, firma que a Sñra. Martin nunca teve conhecimento das relações entre Leroux e Aglaé, e foi para desviar Boulet da jovem rapariga que ella imaginou confidencias.

« A accusação perguntou a esse jovem porque motivo elle puxou as duas pistolas, e porque não reservou uma para si mesmo? Sabe elle, sabia o que elle fez? Sñrs., nada mais difficil do que transportar-se, mesmo pelo pensamento, ao lugar d'aquelle que é agitado por uma violenta paixão. Mas em falta d'isso, nós temos tambem o sentimento do desvio a que pode levar uma paixão dominadora. O Sñr. advogado geral vos fallou da desculpa traçada na lei que absolve o marido que vinga um ultrage feito á sua mulher. Quando a lei, Sñrs., traçou uma desculpa em favor do marido ultrajado, foi com sentimento que ella a traçou, ella comprehendeu que quando a vista de certos ultrajes fere um homem, o seu desatino póde bem conduzi-lo á vingança. Ella não fallou das uniões illegitimas, porque não pode fallar senão d'aquillo que reconhece, e não pode conceder a sua sancção ao que ignora. Mas sem hir mui longe, não posso eu dizer que ha cousas, que por não serem regulares, são por isso mesmo mais asperas e mais inteiras. Eu não citarei muitos exemplos, ha na historia um bem grande, não d'uma jovem imaginação de vinte annos, d'uma cabeça louca e estonteada d'artista : esse exemplo é o de um homem que

sempre foi notavel, d'um homem que soube constantemente libertar-se da paixão das mulheres, d'um homem, ao mesmo tempo guerreiro, legislador e pacificador, d'um homem que então vencia Beaulieu e que de longe sentia todos os ardores d'uma ardente paixão. Eis o que Napoleão escrevia do seu campo d'Albenza, a 27 prairial, anno iv.

« A minha vida é um pesadelo continuado. Um pressentimento funesto me impede o respirar. Eu não vivo mais, eu perdi mais que a vida, mais que a felicidade, mais que o repouso... Eu te mando um correio, elle se não demorará mais de quatro horas em Paris e me trará a tua resposta. Eu tenho tantas culpas para comtigo e não sei como expiá-las.... Perdoa-me : o amor que tu me inspiraste me tira a razão. Eu nunca mais a poderia reaver. Esse mal não tem cura... Os meus pressentimentos são tão funestos, que eu me resignaria a ver-te, apertar-te duas horas contra o meu coração, e morreremos juntos!!

« Eu nada sou sem ti, e concebo apenas como pude existir sem te conhecer.... Ah! se tu tivesses conhecido o meu coração, terias tu esperado desde o 29 até o 16 para partir?

« Terias tu prestado ouvidos a amigos perfidos que querião talvez conservar-te separada de mim? Suspeito a todo o mundo e quero mal a quanto te rodeia....

« Tu percebes bem que nunca eu poderia tolerar-te um amante : *ainda menos offerecer-t'o!*... vê-lo e rasgar-lhe o coração seria para mim a mesma cousa, e depois, se eu

ousasse... levantar a mão sobre a tua pessoa sagrada... não, eu nunca o ousaria, mas eu sahiria d'uma vida... »

« Eis o delirio da paixão n'este grande homem, vêde o que elle não poderia ser em um rapaz, turbado pelos discursos de Sotto Cornela.

« Sñrs. jurados, diz ao terminar o Sñr. Ledru, eu tenho concluido a minha tarefa, tratei de vos apresentar os factos, taes como resultão do processo, não me resta mais agora que responder a um dicto do Sñr. advogado geral. Fallou-se-vos d'exemplo! o exemplo, Sñrs., é sem duvida uma grande necessidade; sem duvida, quando a lei foi violada, quando uma mão criminosa ceifou uma existencia humana, o ministerio publico deve examinar com severidade os factos, e se em lugar d'um criminoso, a sociedade encontra uma criança, ludibrio d'instrumentos culpados que lhe dirigirão a mão, que exemplo quereis vós dar? Pede-vos a sociedade algum para conclusão d'esse triste drama? Boulet, no momento do crime, tinha elle a sua rasão ou não a tinha? Eis as questões a que as vossas consciencias terão de responder. »

A palavra é dada ao advogado geral.

« Sñrs., eu estava, devo dize-lo, impaciente por saber o terreno em que se collocaria a defeza. Não havia nunhum possivel, e foi por tanto necessario armadilhar um systema que, devo dize-lo, não repousa, senão sobre allegações, que, verdadeiras, não poderião servir de excusa, e, falsas, se des-

moronão. Boulet, representarão-vos-lo como victima, maqui-  
nação horrivel, imaginarão-se supposições que nós não con-  
sideramos reaes, mas que aceitamos por um momento;  
porque, vede, qual é o poder da accusação que vos está af-  
fecta, que não ha mais que mostra-la a descuberto, que a  
mostrar esse sangue, esse sangue derramado, para vos fazer  
conhecer a necessidade de uma punição que reclama de vós  
a sociedade. »

O advogado escolhe um dos capitulos da accusação e com-  
bate o systema do habil defensor. Das declarações mesmo  
d'Aglaé, dos depoimentos da Sñra. Martin e de outras tes-  
temunhas elle tira a prova, de que Aglaé bem realmente  
cahiu nos desvios os mais extremos. Parece-lhe impossivel  
que o Italiano Sotto Cornela tivesse urdido o trama infernal  
que lhe attribue o defensor. Tornando á scena em que a des-  
graçada Aglaé cahiu victima, e analysando n'uma eloquente  
discussão os sentimentos, que forão o motor de Boulet, o  
orgão do ministerio publico cita esta maxima de um antigo  
sabio : « Que todo o crime é o resultado d'um furor; elle não  
póde admittir que o furor possa ser uma excusa. »

Boulet tinha direito de attentar contra a vida de outro?  
não, porque a sua não estava em perigo. Achou elle a mulher  
em estado d'adulterio, n'esse estado em que a lei desculpa?  
Não. Todo o systema da defeza se reduz a isto : Elle não  
tinha o sentimento da sua acção. Elle estava turbado, diz,  
prosequindo o advogado geral, por uma paixão violenta;

elle soffreu um terrivel arrependimento pela sua acção, eu o reconheço ; Boulet estava turbado pelo seu furor. Mas que se quer concluir d'ahi? que elle é desculpavel? Isso não é possivel; é exactamente o contrario que a lei penal estabeleceu.

E' contra o descaminho das paixões, que a lei penal foi feita e não para outra coisa. E' preciso chegar a esse facto d'interesse social, que por isso só, que um homem se tornou culpado, elle deve ser punido. Uma morte existe lá e não é possivel que se achem juizes que digão que Boulet não foi o seu autor. Vós condemnareis Boulet, porque é o vosso dever! Boulet! vós sereis condemnado!...

N'este momento soluços e gemidos rompem nos bancos reservados, onde está um grande numero de mulheres. *Tende piedade de mim!* esclama uma voz quebrada de dôr. Era a mãe do accusado, que se tinha introduzido na sala e a quem agita um movimento convulsivo. Dão-se pressa em acudir-lhe e a amparão para sahir da sala do jury. Quando o silencio se restabeleceu, o advogado geral prosegue n'estes termos.

Sñrs. Vós o vedes, on osso dever, o vosso, são hem penosos de cumprir ; Vós tendes como nós o coração despedaçado, lacerado. Essa desgraçada mãe, devião tê-la affastado d'este recinto; porque as severas palavras que o meu ministerio me obriga a pronunciar não podião impunemente soar aos seus ouvidos. Mas, Sñrs., o que é que esses gritos, que eu

ainda ouço, reclamão? E' o interesse, em cujo nome eu levanto a voz, quem os causa? não. E' Boulet, Boulet que durante as duas horas que procederão o crime, não pensou n'essa mãe, que cahé aniquillada perante vós. E bem é elle a quem toca o accusar-se de tantas dôres.

Eu vo-lo dizia, Sñrs., Boulet será condemnado. Elle o será, e se elle tivesse um verdadeiro character d'homem, elle quereria sê-lo. Elle não quereria tornar a entrar na sociedade sem a ter satisfeito, sob pena de se ouvir chamar malvado impune. Sñrs., Boulet, por vosso interesse, a vossa condemnação, eu a reclamo. Soffrei a vossa pena, uma longa pena, satisfazei ás leis que ultrajastes, e então poderis reaparecer, mesmo aos olhos de vossa mãe, porque tereis sido purificado pela lei. »

O defensor replica e estabelece que a materialidade não vale nada, que a criminalidade é tudo. « Não se vos pergunta, diz elle ao jury, se Boulet matou Aglaé; pergunta-se-vos se elle a matou voluntariamente, maliciosamente, com o concurso da sua vontade, com uma intenção má. Não se acha escripto no codigo que, quando o individuo que commette o crime se mostra em estado de demencia, não é culpado. A lei mesma previu o caso em que o accusado tivesse cahido sob o peso d'um poder a que não teria podido resistir. Os Sñrs. jurados o reconhecerão com a lei, é preciso, para que um matador seja culpado, que tivesse havido da sua parte vontade, conscien-

cia da acção que commettia; sem isso, não pôde haver crime. Entre vingar a sociedade e fazer justiça ha um limite, quasi um abysmo. O jury vai entrar na camara das suas deliberações; que elle se lembre disto; o verdicto que elle vai pronunciar será perpetuamente a origem de uma suave recordação, se elle escuta a voz da humanidade, e faz justiça; será origem d'um remorso, se elle se desvia, cuidando vingar a sociedade. »

O presidente pronuncia o encerramento dos debates e lhes faz um resumo. Às sete horas o jury entra na camara das suas deliberações; e sahe ás oito, no meio d'um silencio cheio de anciedade. O chefe do jury faz leitura da declaração seguinte : *Sobre o facto principal*, primeira questão: O accusado Adolpho Boulet é culpado de ter, a 14 de Junho de 1838, commettido voluntariamente um homicidio na pessoa d'Aglaé Chauvel? Sim, por maioria. — Circumstancias: O homicidio voluntario foi commettido com premeditação? Não. — Por maioria, sim, ha circumstancias attenuantes.

O accusado é reconduzido á audiencia; elle está pallido, mas a sua attitude é firme.

Depois d'um quarto d'hora de deliberação, o presidente pronuncia a sentença que condemna Adolpho Boulet á pena de trabalhos forçados por dez annos e o dispensa da exposição.

Boulet, retirando-se, pronuncia estas palavras, virado



para o banco em que estão sentadas as testemunhas : « Senhor Sotto Cornela, eu vos felicito de ter achado no Sñr. advogado geral um defensor ; vós estais vingado, bem vingado ! »

---

## GOUTAUDIER

ASSASSINATO D'UM MARIDO PELO AMANTE DE SUA MULHER.

— COMPLICIDADE D'ESTA E D'UM TERCEIRO. — CONFIS-  
SÕES D'ESTE ULTIMO COMPLICE. — NEGATIVAS DO AUTOR  
DO CRIME.

### *Jury do Allier (Moulins).*

Um drama, felizmente raro, se desenvolveu perante o jury do Allier em 1835. Tudo ahi era terrivel ; tudo ahi fazia horror ; e, no meio d'esse horror, a piedade comtudo se apoderava da alma. Por isso, a multidão, sempre avida de espectaculos semelhantes, foi sempre compacta, e encheu constantemente, durante os oito dias consagrados a esse lúgubre negocio, todas as partes do auditorio.

O chamado Moulins do districto d'Arfeuilles, comarca

de Lapalisse (Allier), fazia o commercio de linhos. Embaraçado nos seus negocios, elle soffria faltas de dinheiro. Sua filha Joanna Moulins tinha chegado a desanove annos. Elle pensava em a casar, e procurava para genro quem tivesse alguns milhares de francos, que pretendia receber para fazer face aos seus empenhos. Claudio Mosnier se apresentou. Elle tinha esse dote e foi acolhido por Moulins que exigiu que sua filha o tomasse por marido. Joanna resistiu. Declarando que amava um outro jovem, João Goutaudier, que sentia que esse amor a dominava sempre, que só sentia um movimento de repugnancia e de desgosto por Claudio Mosnier; que já mesmo ella talvez o odiava, e que o casamento que lhe fosse imposto não poderia fazer senão a desgraça da sua vida. Essas palavras energicas bem deixavão prever o futuro; mas dominado pelo mais abjecto dos egoismos, pela cobiça, o pai não as comprehendeu. Elle insistiu e por alguns milhares de francos, vendeu sua filha, e a lei ella mesma sanccionou este mercado, a que deu o nome de casamento. Apenas elle se verificou, que Joanna Moulins d'isso se envergonhou; lagrimas attestarão o seu arrependimento, e na mesma noite que seguia a pronuncia do fatal juramento, preveniu a seu marido, que não tinha a reclamar d'ella mais que o titulo legal d'esposa, unico bem que lhe tinha vendido. Claudio Mosnier sabia perfeitamente o amor d'ella por outro, mas elle tambem a amava, e tinha tido esperanza de que chegaria por seus obzequios e atten-

ções a fazer-lhe esquecer essa paixão sem exito, e a substituir em seu coração o rival que no dia mesmo dos esponsaes ella lhe dava. Elle soffreu portanto com paciencia os seus caprichos e a sua colera, ella lhe não queria conceder nada dos direitos que um marido pode reclamar e elle se resignava humildemente a essa posição estranha. Alguns mezes se passárão assim.

Varias vezes a jovem mulher tinha feito a Claudio Mosnier ameaça de morte. Ella tratou de as realisar. Um dia foi um envenenamento que ella tentou, mas que não teve por effeito senão fazer toda a noite soffrer cruelmente o seu marido. Outro dia foi uma offerta que ella fez a um individuo do seu districto, d'uma somma de cem francos, para que elle quebrasse um braço ou uma perna a Claudio Mosnier, *de maneira que elle morresse em oito dias*. Todos estes factos assustárão o desgraçado marido, que teve de deixar o domicilio commum.

As relações de Joanna com Goutaudier, tornadas criminosas depois do casamento, proseguirão então livremente. Um filho nasceu d'esse commercio altamente adultero. Claudio Mosnier, que nunca tinha tido senão o nome de marido, não podia ser o pai d'essa criança. Comtudo, a famosa regra latina a justificava, e Claudio, para impedir o effeito d'essa maxima legal, tratou de desbaratar a sua fortuna, não querendo, dizia elle, que um bastardo herdasse os seus bens. A familia de Joanna, que, depois do trafico im-

moral d'esta, tinha levado\*o cynismo até ao ponto de lhe applaudir as relações adulteras, fez, no interesse da cobiça, tentativas d'acomodação. Claudio Mosnier, que amava sempre sua mulher, apesar de seus crimes, consentiu em voltar para a companhia d'ella, considerar o filho como seu, e manter-lhe a sua fortuna. Mas novos escandalos o obrigarão ainda a separar-se de Joanna Moulins. Cinco annos se passarão n'estes tormentos e n'estes transes; o odio de Joanna se tinha tornado implacavel. Dotada d'uma formosura fisica notavel, jovem ardente, entusiasta, refinada sobre tudo por uma educação que apesar de elementar, a punha acima da classe ordinaria das mulheres do campo, ella tinha, como é facil de perceber, um imperio absoluto sobre João Goutaudier, homem violento tambem, intelligente talvez por natureza, mas de carã grosseira; e ella conseguiu facilmente communicar-lhe o seu odio. Ambos consideravão o pobre marido, que os deixava comtudo em socêgo e devorava no silencio os seus desgostos e as suas lagrimas, como um inimigo, *de que era preciso livrar-se*, e muitas vezes forão ouvidos dizer que João Claudio Mosnier *acabaria mal*. Este odio tinha chegado ao seu paroxismo, quando João Goutaudier tomou conhecimento com um chamado Jacques Jonard, novamente sahido do serviço militar e retirado no mesmo districto d'Arfeuilles. Homem d'um espirito fraco, embrutecido pelo deboche, machina viva, como lhe chama o seu defensor, Jonard parecia feito de proposito para

auxiliar a execução do projecto que tramava Goutaudier de concerto com Joanna. Jonard foi pois sondado, depois seduzido, depois arrastado á complicitade, que elle expia hoje. Ajustou-se que elle convidaria Mosnier para um divertimento em uma aldeia visinha, no 1º de Setembro de 1834, dia da festa d'essa aldeia; que o excitaria a beber e o embebedaria n'esse dia e no seguinte, sem duvida, para melhor o embrutecer, que o reconduziria a Arfeuilles na noite de 2 a 3 de Setembro; que Goutaudier se acharia no caminho armado com uma pistóla, que lhe emprestava Jonard, e, que lá, o carrasco lançaria mão da sua victima.

Jonard executou pontualmente a sinistra commissão. Durante trinta e seis horas, elle levou Claudio Mosnier de orgia em orgia: trincava com elle, convidava-o a dansar, e o desgraçado tomava parte na festa e dansava! Era isso a sua agonia! E aquelle que o convidava ao prazer, tomou-lhe a mão á tarde e disse-lhe: « Marchemos, meu amigo. » E ambos sahirão de braço dado. Tinhão andado um lougo caminho. Jonard ouviu não longe de si no silencio da noite o passo d'um homem, e parou. A sua missão d'ajudante do carrasco estava concluida, a do carrasco principiava! Elle disse a Claudio que elle devia estar fatigado e o induziu a sentar-se. Claudio sentou-se ao pé d'um carvalho, e sobre a fé da amizade de Jonard adormeceu e não devia accordar mais! Uma bala atirada n'um ouvido, lhe espedaçou o craneo, e o seu cadaver foi ar-

rastado a alguns passos da arvore. Mas o latido d'um cão assustou o assassino, que abandonou o corpo e fugiu. O cadaver foi descoberto no dia seguinte pela manhã. Reconhecido por ser o de Claudio Mosnier, o rumor publico designou logo como autores do crime Goutaudier e a jovem viuva. Não se tardou em saber que Jonard tinha sido visto com a victima, na vespera e na noite do crime. Jonard foi preso. Uma allocução, toda patriarchal, de seu velho pai, homem venerado no districto, as lagrimas de sua cunhada, cujo marido tambem acabava de ser apanhado pela justiça, commoverão, pela primeira vez, provavelmente, essa alma inerte, e a confissão do crime sahiu da sua boca. Elle nada occultou da sua complicitade, disse tudo. Joanna Moulins e seu amante forão por tanto immediatamente presos.

É debaixo do peso esmagador d'esta accusação de assassinato e de complicitade, que João Goutaudier, Joanna Moulins, viuva da victima, e Jacques Jonard compareição perante o tribunal dos jurados.

João Goutaudier, de vinte e seis annos; elle está vestido com uma calça de panno e uma camisola (blouse) azul; uma cravata aperta o seu pescoço bastante magro, que encerra o colarinho muito alto da sua camisa. O seu rosto magro e oval é levemente córado, a sua cara quasi imberbe, acaba em ponta; os seus olhos, sempre baixos, mostram-se sombrios, mas no estado de quietação d'espírito, elles devem reflectir as paixões e a impetuosidade da sua alma,

os seus cabellos loiros, mal cortados, se achatão sobre a cabeça, descem longos e espalhados sobre a sua fronte alta e deprimida. É, n'uma palavra, um homem mui ordinario. O rosto de Joanna Moulins é regularmente bello. Os seus olhos vermelhos e muitas vezes molhados de lagrimas, tem, na audiencia, uma expressão duvidosa, mas, como os de Goutaudier, devem, n'um estado normal, revelar a paixão. A sua pelle é d'uma brancura perfeita. Aos dezoito annos devia ser uma mulher formosa em toda a extensão da palavra. Quatorze mezes de detenção, a sua paixão comprimida, os seus receios, os seus desgostos a tem tornado um pouco pallida. Ella está vestida d'estofo d'algodão preto que lhe cerra pouco delicadamente a cintura. A testa e os cabellos se encobrem debaixo de uma grande touca branco, cujas dobras lhe descem até as sobranceiras. Um chapéu de palha ordinario, toucado de costume das mulheres das montanhas, encobre tambem por intervallos o seu rosto, que ella continuamente tapa com um grande lenço branco. Tem vinte e cinco annos. A physionomia de Jonard tem toda a apparencia, senão do idiotismo, ao menos do embrutecimento. Ella é frio e impassivel. Os seus olhos estão virados constantemente para o chão. A's interpellações que lhe são feitas, elle responde como faria um automato a quem a voz fosse communicado, elle levanta-se, assenta-se e marcha como um bonecro de mólãs. A indolencia e apathia estão

pintadas em cada um dos seus gestos. Causa mesmo dó o vê-lo. Cento e trinta testemunhas são ouvidas.

Jonard reiterou na audiência todos as suas declarações. Elle individualisa os lugares, os dias, as horas, os momentos em que a maquinação do assassinato foi tramada, em que a arma que serviu ao crime foi entregue por elle a Goutaudier e em que o crime foi commettido. Os outros dous accusados negão com uma audaciosa imperturbabilidade, que accrescenta o desfavor com que as suas palavras são acolhidas no auditorio. Um e outro sustentão que são inteiramente estranhos á morte de Claudio Mosnier e que Jonard procedeu só segundo as suas proprias inspirações; mas quando se lhes perguntou que interesse podia elle ter tido em tal crime, responderão friamente que o ignoravão.

As testemunhas ouvidas tratarão convenientemente esta negativa. Sem duvida, não se achou, não houve nenhuma que depuzesse ter visto Goutaudier perpetrar o crime, mas todas depuzerão do seu amor exaltado por Joanna Moulins, do seu odio contra Claudio Mosnier, e das suas ameaças de morte contra esse homem; um grande numero attestou os colloquios mysteriosos de Jonard, Joanna e Goutaudier; outras affirmarão que tinham visto ou ouvido dous homens que marchavão, na noite do crime, acompanhados d'um terceiro para o lugar em que Claudio foi assassinado; emfim outras revelarão palavras indiscretas escapas a Goutaudier



e Joanna Moulins na occasião de serem presos ; e que explicadas na audiencia, se tornárão para elles afflictivas. Joanna Moulins, com um sangue frio prodigioso, e uma facilidade de linguagem que attestava os seus principios d'instrucção, tratou bem de attenuar o effeito d'essas palavras, mas os seus esforços forão vãos.

O procurador do Rei tinha estudado esse dramatico negocio com um cuidado religioso, e elle mesmo tinha preparado os elementos do requisitorio. Exame dos lugares, verificações, informações, nada tinha elle desprezado. Portanto a sua palavra de accusador, bella de eloquencia, era igualmente bella d'energia e de convicção. Justamente elle criminou o desgraçado pai que tinha buscado quebrar por um casamento repellido a inclinação de sua filha, e tirou do drama que a justiça hia desenredar uma lição de que elle esperava que os pais de familia tirassem proveito. Possa a sua voz ser ouvida ! Comtudo, elle não estigmatizou menos o procedimento da mulher Mosnier. Depois, accumulando as provas, elle a representou, como complice do assassinato de seu marido, e demonstrou, munido de factos, e com um vigor de logica que devia produzir uma profunda impressão no animo dos jurados, a sinceridade da revelação de Jonard, e por conseguinte a culpabilidade de Goutaudier, como autor do assassinato.

A tarefa de defensor de Goutaudier se tinha assim tornado mui difficil. Elle a preencheu com consciencia e com

talento. Convencido pela affirmativa do seu cliente, elle completamente o affirmou innocente, lançando toda a responsabilidade de crime sobre Jonard, que qualifica d'impostor infame. « Jonard, exclamou elle, sabe que a sua cabeça criminosa se acha ameaçada, e para a salvar, quer entregar uma cabeça innocente ao algoz ? »

Este systema, por applicação sómente a Goutaudier, sublevou d'indignação o defensor de Jonard. Elle fez descorrar pela sua palavra que estigmatizava esse novo crime, a fronte desse homem que, depois de ter usado do imbecil Jonard como d'um flexivel e facil instrumento, tinha a infamia de preparar para elle o cadafalso. Sim, sem duvida, exclamou elle, Jonard é complice, Jonard será punido, mas ao menos não verá elle os miseraveis que tão perfidamente o associarão ao seu crime e que o accusão hoje com tanta indignidade, solemnizar sobre os seus ferros e sobre o cadaver de Mosnier infernaes desponsorios, que terião por testemunhas o adulterio, o envenenamento e o assassinato ! »

Assim, cousa inaudita ! dous defensores se fazião um contra o outro accusadores. Esta luta, esta guerra de morte tinha, como elles o dizião, alguma cousa que gelava de terror.

Quanto á viuva Mosnier, o seu advogado absolvía a sua cliente, carregando tambem por sua parte, Jonard.

Esta posição apresentava um escolho, em que os defensores naufragarão. Personalidades surgirão dos debates, fe-

lizmente o talento dos advogados modificou a aspereza d'ellas.

Entrados na camara de suas deliberações, ás cinco horas e meia da tarde, os jurados não voltarão aos seus bancos senão ás nove e meia. O seu rosto pallido, e sombrio, deixava prever o verdicto, ainda em segredo. Uma silenciosa anciedade reinava na sala, as luzes e os lampeões lançavão uma claridade duvidosa sobre a multidão. Em fim o chefe do jury pronuncia a sentença fatal: João Goutaudier é declarado culpado do crime d'assassinato na pessoa de Claudio Mosnier, com as circumstancias de premeditação e espera feita; Jonard de cumplicidade por assistencia dada a esse crime, e Joanna Moulins igualmente de cumplicidade, por ter a elle provocado com ameaças e machinações. Circumstancias attenuantes são admittidas, mas só em favor da viuva Mosnier e de Jonard.

O procurador do Rei requer com uma voz commovida a applicação da lei; o tribunal delibera e condemna Goutaudier á pena de morte, e os seus complices aos trabalhos forçados por toda a vida.

Esta sentença faz agitar convulsivamente a cabeça de Goutaudier, que parece fazer pasmar e abater, e exhaure o resto de forças que tinham ficado á viuva Mosnier que desmaia. Jonard permanece um instante impassivel, mas em breve uma pallidez mais forte lhe cobre as feições alteradas.

Affastão Goutaudier ; mas chegado ao pé de Joanna Moulins, quasi desfallecida, separa-se bruscamente do policial que o levou, e arremeça-se a essa mulher que elle abraça e aperta com uma energica expressão d'amor. Esse abraço reanima as forças da jovem mulher, que tambem de seu lado o aperta nos braços e testemunha por uma caricia ardente a paixão que a agita ainda. Os guardas os separão emfim, e a desgraçada se debulha em lagrimas.

---

## PEYTEL, NOTARIO

ASSASSINATO NA PESSOA DE SUA MULHER E DE SEU CRIADO

*Jury de l'Ain (Burgos)*

Ha muito tempo que a justiça criminal não tinha tido de pronunciar sobre uma accusação, cujos pormenores tinham sido tão cheios de assombro e de mysterio como os d'este negocio. Depois de alguns mezes de casamento, uma jovem mulher foi achada moribunda nos braços de seu marido, ao lado do cadaver do seu criado... Qual foi o assassino? Foi o marido que não commetteu um segundo crime senão pela

impunidade do primeiro? Ou foi, pelo contrario, sob os golpes do criado que a desgraçada mulher morreu, e o assassino cahiu elle mesmo sob os golpes da vingança do marido? Taes erão as questões do grande processo que se agitava a 26 de Agosto de 1839, perante o jury de l'Ain.

A dama Peytel tinha partido de Belley com seu marido e Luiz Rey seu criado pelos fins do mez de Agosto de 1838, para hir passar alguns dias em Macon, quando no dia 4 de Novembro, á meia noite, os habitantes de Belley forão repentinamente acordados pela chegada do Sñr. Peytel, pelos seus gritos e signaes que dava da mais violenta agitação. Elle implorava os soccorros de todos os medicos da cidade, batia estrondosamente ás portas d'elles, com uma expressão de frenesi annunciava que a sua mulher, estendida moribunda na carruagem, tinha sido ferida na estrada de Lyon por um tiro que lhe dera o seu criado, ao qual elle mesmo depois arrancára a vida. A' esta narrativa muitas pessoas correrão, e que espectaculo se não offereceu aos seus olhos! Uma jovem mulher jazia no fundo d'uma carruagem e sem vida; todo o seu corpo escorria, como se a tivessem mergulhado n'agua, ella parecia gravemente ferida no rosto, e os seus vestidos, levantados apesar d'um tempo chuvoso e frio, deixavão ver o alto dos seus joelhos, quasi inteiramente descoberto. Um medico a examinou e declarou que todos os soccorros erão inuteis, que a dama Peytel estava morta e gelada. O seu cadaver foi transportado ao seu aposento.

Apressarão-se em hir á estrada levantar o corpo ensanguentado do criado, e Peytel, interpellado sobre as causas d'essa dupla morte, fez conhecer todas as circumstancias d'esse terrivel acontecimento; mas apenas essa narrativa se achava terminada, que ella sublevou contra si a razão publica. E' que, independentemente do character singular, que apresentavão desde os primeiros momentos, a attitude, os dietos, e os movimentos do accusado, a sua narrativa parecia encerrar um inexplicavel enigma, e que as contradicções, as inverosimilhanças e as impossibilidades erão taes, que revoltavão os espiritos frios, e que a amisade mesmo se negava a aceitarlos. A justiça, inquieta das preoccupações da opinião publica, entregou-se sem demora ás mais activas indagações. O corpo das victimas foi submettido ás pesquisas dos homens d'arte; os ferimentos e projectis forão consultados cuidadosamente. A moralidade dos implicados n'esta scena atroz foi objecto de um exame rigoroso. As exigencias do accusado, as suas formas affectadas, o seu silencio calculado, ou as suas respostas friamente insultantes, não forão para a instrucção mais que insignificantes embaraços, e a justiça chegou emfim, por um prudente andar e pelas suas descobertas, á mais cruel certeza, que os debates que se vão ler, plenamente confirmárão.

Elles esclarecerão as causas e circumstancias que produzirão a horrivel catastrophe de 1º de Novembro. Tão detestavel como fosse o seu primeiro pensamento, quando Peytel

o concebeu, não era o criado envolvido n'elle, o seu odioso calculo podia então dispensar isso, mas mais tarde elle foi inspirado por uma d'essas repentinas suggestões a que dá nascimento o genio do crime, e como um meio de assegurar a impunidade do attentado principal. Se, por fortuna da especie humana, semelhantes exemplos de perversidade são raros, é afflictivo e certo que as theorias dos tempos modernos, e as desordens das nossas sociedades, os tem tornado possiveis e de uma deploravel verosimilhança. A natureza dos factos, a posição social do accusado e das testemunhas, os incidentes dramaticos que se ligão ao crime e ás diversas phases da accusação, tudo era de natureza a excitar no mais alto grau a attenção do publico.

Peytel é de pequena estatura ; os seus cabellos negros e atirados para traz deixão a descuberto uma testa larga e elevada, um espesso collar de barba lhe enquadra o rosto levemente picado das bexigas. Elle está inteiramente vestido de preto. A sua fisionomia, sem offerecer nada de notavel, tem uma certa expressão de esperteza e de doçura. No momento em que elle toma lugar no seu banco, acha-se pallido, e parece vivamente commovido pelos gritos que acabão de fazer-se ouvir na sua passagem, pouco a pouco porem elle reassume todo o seu socego, o seu semblante córa e elle sauda com um aceno de cabeça algumas das pessoas que reconhece no auditorio.

Depois da leitura do acto da accusação e do preenchi-

mento das formalidades usuaes, o presidente procede ao interrogatorio do accusado, do qual nós reproduziremos as particularidades mais caracteristicas.

— P. Qual é a vossa idade?

— R. Trinta e cinco annos.

— P. Depois de terdes acabado com os vossos estudos de direito, Vós quizestes comprar um cartorio de notario em Macon?

— R. Isso é verdade.

— P. A camara dos notarios não quiz admittir-vos, qual foi a causa d'isso?

— R. Eu não tinha a pratica necessaria, tinha só trabalhado quinze mezes no cartorio do Sñr. Cornaton; eu me tinha occupado d'outros trabalhos e a litteratura me tinha affastado um pouco do notariado.

— P. Não vos tinha antes a camara repellido, por se terem suscitado algumas duvidas sobre o vosso proceder?

— R. E' uma calumnia : nunca semelhante arguição pôde ser-me encaminhada... Ao menos, nunca tal me foi communicado... Se eu tivesse sabido de alguma d'essas arguições não teria tido difficuldade em me justificar.

— P. Onde conhecestes Vós a jovem Sñra. Alcazar?

— R. Em casa de Montrichard, seu cunhado em Belley.

— P. Vós a pedistes em casamento?

— R. Sim senhor !



— P. Vós escrevestes á Sñra. Alcazar ?

— R. Eu lhe escrevi de Lyon para lhe fazer o meu pedido, mas já tinha fallado sobre isso ao Sñr. de Montrichard.

— P. Afim de resolver a familia a aceitar as vossas propostas, não procurastes Vós engana-la a respeito de vossa fortuna e da vossa posição?

— R. O que disse a respeito d'ella é antes abaixo que acima do seu verdadeiro valor.

— P. Vós fizestes todos os esforços para apressar a conclusão do casamento : segundo o vosso contracto, vê-se que o vosso cartorio estava inteiramente pago; e comtudo, Vós deveis ainda dezoito mil francos, e portanto Vós dissetes uma mentira. O accusado não responde.

— P. A Sñra. Alcazar mostrou, ao que parece, alguma difficuldade em casar comvosco ? No dia do vosso casamento Vós tinheis tido com vossa mulher vivas altercações ?

— R. Eu não me lembro d'isso e cuido mesmo que isso não é exacto.

— P. Parece mesmo que houve vivas discussões em Burgos? Havia em Vós dous homens : Em publico, Vós ereis cheio de considerações e de respeito para vossa mulher; em particular Vós ereis para com ella de uma violencia extrema e lhe não inspiraveis senão receio : o seu terror era tal, que muitas vezes ella recommendou a sua alma a Deos. O que é extraordinario, são as declarações achadas nos

vossos papeis e que Vós ahí puzestes de proposito para que ellas cahissem debaixo dos olhos dos magistrados. Como explicais Vós semelhantes declarações?

— R. Minha mulher se conduzia mal, eu fiz-lhe advertencias, ameacei-a d'uma explicação, e ella escreveu essas declarações espontaneamente.

— P. As sem-rasões de que fallais erão, sem duvida, leves; e n'essas cartas de desculpa ella emprega as fórmas as mais solemnes : « Eu vos supplico uma ultima vez... Eu vos juro pela cinza de meu pai... se faltar a este juramento solemne, eu me sujeito a ser encerrada onde Vós quizerdes.» Que! Por aggravos tão pequenos, ella se exprimio de maneira tão grave! Isso não é admissivel.

— R. Eu estou commovido, eu não tenho os meus pensamentos livres... Não me posso explicar agora.

— P. Existe ainda uma circumstancia extraordinaria : dous mezes depois do vosso casamento, Vós tinheis pedido á vossa mulher, que fizesse o seu testamento em vosso favor. Isto não se entende, explicai-o?

— R. Eu corri grandes perigos, tinha um cavallo manhoso; tinha feito o meu testamento; minha mulher o viu e quiz tambem fazer o seu. Eu nunca a sollicitei, ella era livre em minha casa.

— P. Eu passo a outra ordem de factos : Em que época tomastes Vós Luiz Rey por criado?

— R. Elle entrou em minha casa em 20 de Julho de

1838, minha mulher se empenhou muito comigo, para que eu o tomasse.

— P. Que especie de aggravos tinheis Vós que reprehender-lhe?

— R. Muitas infidelidades.

— P. A instrucção verificou que Luiz Rey tinha sido sempre um rapaz muito honesto.

— R. Eu tinha queixas d'elle.

— P. Nós chegamos ao que diz respeito á vossa viagem de Lyon em Outubro de 1838. A que hora partistes Vós de Macon em 31 de Outubro?

— R. Ás onze horas da manhã, pouco mais ou menos.

— P. Por que motivo, na vossa chegada a Burgos, pelas cinco horas da tarde, carregastes Vós as vossas pistolas?

— R. Porque tinha de viajar durante a noite.

— P. Vós partistes de Burgos ás sete horas da tarde; era bem tarde, quem vos impediu de partir mais cedo?

— R. Eu queria dormir em Burgos, mas como o dia seguinte era dia santo, eu não podia tratar dos meus negocios na prefeitura, e resolvi-me a partir.

— P. O contrario se conclue da instrucção. Agora, eis-vos partido do Roussillon, tendo ao vosso lado vossa mulher e diante de vós o vosso criado que governava o carro: dizei-nos tudo o que se passou desde esse instante.

Peytel fica um momento silencioso; todos os olhos se fitão

n'elle. Emfim, com uma voz lenta e entrecortada, elle conta assim os factos :

« No momento da nossa partida do Roussillon o tempo ameaçava, e a chuva começava a cahir.

« Depois de ter ultrapassado, pouco mais ou menos, quinhentos passos a ponte de Auderet, lançada sobre o rio de Furans, e de ter percorrido a parte a menos ingreme da ladeira de la Darde; eu tinha gritado ao meu criado, que hia sempre para diante, que descesse do carro, para acabar a subida a pé. N'essa occasião um vento violento soprava e a chuva era muito forte. Eu estava internado para o lado direito do carro, e minha mulher, chegada a mim, dormia com a cabeça encostada ao meu braço esquerdo: repentinamente eu ouvi o estampido d'uma arma de fogo, de que tinha visto o fusilar a alguns passos de distancia, e minha mulher tinha gritado : « Meu pobre marido, tóma as tuas pistólas. » O meu cavallo se tinha espantado e tomado o trote. Eu tinha immediatamente, e do interior do carro atirado um tiro de pistóla a um individuo que corria na estrada, e não suspeitava ainda, que minha pobre mulher tivesse sido ferida... Saltei ao chão de um lado da carruagem, em quanto minha mulher saltava do outro, e atirei sobre o meu criado, que acabava de reconhecer, um segundo tiro, inutil como o primeiro. Redobrando de ligeireza, eu lhe dei por traz uma pancada de martello; elle tinha-se voltado, e levantado para mim a mão armada da pistola, porque acaba-

va de puxar, mas, mais ligeiro que elle eu lhe tinha dado uma pancada de martello, que o fez cahir com a face por terra, e eu o deixei sem vida.

« Desde logo eu pensei em minha mulher... eu a chamei... ella me não respondia... Chegado á ponte de Auderet, eu a vi e reconheci... »

(Neste momento a voz do accusado tem difficuldade em fazer-se ouvir, o seu peito está offegante e as suas feições fortemente contrahidas).

« Eu reconheci-a, accrescenta com um penoso esforço, ella estava fria, inanimada... Oh! meu Deos! ella estava estendida na agua, e a arrastei para o reverso da estrada, tratei vinte vezes de levanta-la, mas as forças me faltavão. Eu quero levanta-la e po-la sobre a riba, impossivel, caio sobre ella e pude apenas tira-la d'agua. Lembrei-me então que havia uma casa na visinhança, corro lá, espero que me respondão, sou obrigado a nomear-me, emfim o filho me abre a porta e peço que venhão em meu soccorro. O pai se demora, elle chega emfim, eu os conduzo eu mesmo; e quando desço, elles me fazem ouvir que minha mulher está morta! As forças me faltão, o cavallo tinha fugido, apanhão-o, eu o faço segurar, porem não posso ajudar a conduzir minha mulher para o carro, onde a collocão, então eu subo, governo, o cavallo vai devagar; eu descubro na estrada um objecto que tomo por um pau, mando-o apanhar, é um chicote; depois divisamos um cadaver, eu quero fazer-

lhe passar o carro por cima, porem impedem-me, e foi assim que nós chegámos a Belley á porta do medico. »

Peytel torna a assentar-se, como que exausto pela narrativa que acaba de fazer.

— P. A accusação assignala na vossa narrativa inverossimilhanças e impossibilidades materiaes. Vós dizeis que era para vos roubar que Rey vos teria querido matar. Mas elle teria sido bem desprecavido, elle teria procedido com uma grande leviandade; pois que nada tinha preparado para a fuga; elle estava sem dinheiro, sem papeis, e comtudo, elle deveria ter previsto o caso em que falhasse, e preparar meios de escapar. Mas, em caso mesmo de acerto, elle se teria visto, eu o julgo, bastante embaraçado; sete sacos de dinheiro são pesados, onde os levaria elle? Passar a fronteira era mui difficil e elle não tinha passaporte. Para consummar o roubo, o vosso criado tinha duas pessoas a assassinar, e elle estava apenas munido d'uma unica pistola, elle não tinha punhal, e uma arma que, uma vez descarregada, se torna inutil. Pensais Vós que elle teria sido tão imprudente, tendo a lutar com um homem novo e vigoroso? O vosso criado, dizeis Vós, deita a fugir, depois de ter atirado o seu tiro de pistola, mas em lugar de se atirar para os bosques que de um e de outro lado da estrada lhe offerecião seguro asylo, elle só corre diante de vós pela estrada, com risco de encontrar algum viandante que o pudesse prender. Isto não se comprehende: o vosso criado era jovem,

vigoroso, de grande statura, tinha grande avança sobre vós, pois que Vós deveríeis ter perdido muito tempo a puxar pelas pistolas, arma-las, descarrega-las, e apear-vos do carro ; e Luiz Rey corria sem duvida tão bem como vós, e comtudo Vós o apanhastes a pequena distancia. Como podeis explicar isto?

— R. Eu sou assaz livre nos meus movimentos, corro bem, e o meu criado tinha, segundo julgo, um embaraço em uma perna, não sei em qual.

— P. A que distancia foi atirado o primeiro tiro de pistola sobre o homem que Vós tinheis percebido na estrada á vossa direita, e fugitivo?

— R. Não o posso precisar.

— P. Como podia acontecer que Vós tivésseis tido tempo de puxar pelas vossas pistolas, de as armar e disparar e que o vosso criado se não achasse mais que a uma distancia tão approximada?

— R. Talvez que elle não fugisse n'essa occasião.

— P. Vós fostes bem facil em atirar. Qual era n'esse momento a posição de vossa mulher?

— R. Peytel, com esforço : A cabeça de minha mulher descancava sobre o meu hombro do lado esquerdo do carro e eu divisei o meu criado do lado direito do carro.

— P. O tiro de pistola foi disparado á queima roupa, as pestanas e sóbrancelhas de vossa mulher estavam queimadas; a pistola, para produzir esse effeito, devia ter sido colo-

cada, pouco mais ou menos a tres pollegadas da sua cabeça, e para isso devia o assassino te-la apoiado sobre o vosso peito, e Vós o terieis necessariamente percebido. Vossa mulher foi ferida de duas balas, e a autopsia mostrou que essas balas tinham seguido direcções oppostas. Resulta d'esses factos que forão dois os tiros : a mesma pistola não podia disparar essas duas balas. Que tendes Vós a responder ?

— R. Ha combinações mui variadas nos effeitos das armas de fogo.

— P. Que disse vossa mulher ?

— R. Meu pobre marido, toma as tuas pistolas.

— P. E' impossivel : as balas tinham fracturado os ossos da fossa nasal, ella não poderia proferir uma unica palavra distincta, as declarações dos peritos assim o estabelecem. Que fez depois vossa mulher ?

— R. Eu o ignóro.

— P. Comtudo, chegando a Belley, Vós tinheis dito que ella se arremeçava do carro e tinha ido morrer mais longe ?

— R. Não disse isso, como tendo-o visto, mas como provavel.

— P. Onde tornastes Vós a encontrar o carro ?

— R. Na estrada, indo procurar soccorro.

— P. E' extraordinario que, em lugar de seguir para Belley, o cavallo voltasse atraz mais de seiscentos passos.

— R. Elle voltou de si mesmo, minha mulher, ao sahir do carro, talvez tivesse puxado a redea.



— P. Onde encontrastes Vós vossa mulher?

— R. Em um prado, sobre a borda da estrada.

— P. A consideraveis Vós morta, ou só desfallecida?

— R. Eu não a julgava senão desfallecida.

— P. Vós a puzestes de face contra terra, era para a azer mais de pressa tornar a si?

— R. Eu não podia reflectir em tudo quanto fazia.

— P. Mas era instinctivo fazer o contrario.

— R. O que era instinctivo era tira-la d'agua, e eu o fiz.

— P. Como foi ella collocada no carro? Que cuidados tinheis Vós tomado por uma mulher que não julgaveis senão desmaiada?

— R. Eu vi como ella estava posta; Thermet pai me disse : « Ella está bem, eu lhe ficarei ao pé. »

— P. Vós entregaveis tudo a um camponez, e vós não a julgaes senão desfallecida? E' meio nua que Vós a depondes em Belley, com os vestidos levantados, e Vós não sabeis ainda se ella está realmente morta?

— P. Agóra, aqui está uma testemunha muda, que a instrucção apanhou : Olhai para essa pistola de coldre, esse pedaço de papel pardo, essa cobertura ; todos esses objectos forão achados junto ao cadaver do vosso criado ; a cobertura o foi a seus pés. Elle a tinha portanto quando Vós o feristes?

— R. Primeiro, eu disse que talvez ella tivesse cahido do carro e talvez elle a tivesse comsigo, eu não tenho lembrança.

— P. Elle devia te-la nos hombros, por causa da chuva : assim, elle que hia commetter um assassinato, uma luta terrivel com uma unica pistola por arma, teria elle conservado esse empecilho, que elle devia reter nos hombros com uma mão, é isso concebivel ? A accusação sustenta que a pistola era vossa, que fostes vós quem a poz junto do cadaver, para apoiar a vossa versão, e que, para a occultar no caminho até á execução dos vossos projectos, vós a terieis embrulhado n'esse papel, que depois abrindo-o Vós o terieis deixado no lugar.

— P. Essa pistola foi mandada a Lyon. Indagações forão feitas no sentido de encontrar a sua proveniencia ; um regatão a conheceu, sem poder lembrar-se a quem a tinha vendido. Confrontado comvosco, elle não vos reconheceu, na verdade, por ter sido quem a comprou, mas declarou ter-vos visto muitas vezes no seu armazem. E' isso verdade ?

— R. Sim, todos os regatões de Lyon me conhecem.

Depois d'este interrogatorio, que durou sem interrupção perto de tres horas, passa-se á inquirição das testemunhas, na ordem indicada pelo caminho que seguiu o accusado na sua viagem. Os seus depoimentos não fazem senão fortificar as cargas colhidas pela instrucção contra o accusado, e tornão cada vez mais inadmissivel a explicação que elle busca dar do acontecimento.

O Sñr. Cyvoct, medico, resume assim as suas observações e as dos seus companheiros sobre a autopsia do cadaver.

« Os dois ferimentos do rosto apresentavão uma direcção contraria e caracteres mui differentes. O do lado direito, que ia horisontalmente da esquerda para a direita, tinha uma fôrma assaz irregular e a pelle que o rodeava tinha conservado a sua côr natural. Em volta da ferida do lado direito para a esquerda, e que tinha sido produzida por uma bala disformada, a pelle estava negra e semeiada de grãos de polvora no diametro d'uma pollegada ; esses grãos que terião devido affastar-se, estavam circumscriptos n'um espaço mui pequeno, as pestanas estavam queimadas, ea sobranceira não era mais que uma poeira negra que se affastava com o dedo. D'estas observações nós concluimos que os ferimentos forão produzidos por dous tiros differentes, e que um d'elles tinha sido atirado á queima roupa, porque, se um só tiro tivesse enviado duas balas, a pouca distancia que se via haver entre a pistola e o ferimento do lado direito não teria permittido ás duas balas o affastar-se tanto. Demais, as duas balas convergião, em lugar de affastar-se. Nós pensamos tambem que a morte devia ter sido instantanea ou seguir de mui perto os tiros de pistola e que ella tinha sido determinada pelo ferimento do lado direito. »

O presidente : Pensais Vós que a dama Peytel tenha podido morrer em consequencia da immersão ?

A testemunha : Os vestidos da Sñra. Peytel estavam molhados, e nós examinámos se a morte poderia ter sido pro-

duzida pela immersão; mas a cavidade do estomago e o pulmão não offerecião symptoma nenhum.

P. A dama Peytel assim ferida teria podido descer do carro e proferir as palavras referidas pelo accusado?

A testemunha : A Sñra. Peytel, na minha opinião, não podia descer do carro, nem proferir palavras algumas distinctas : o primeiro ferimento podia permittir alguns sons inarticulados; mas o segundo tornaria isso mesmo inteiramente impossivel.

M\*\*\*, official d'artilheria, é chamado e diz : « Que a queimadura reconhecida em a Sñra. Peytel não podia ter sido feita pelas pequenas pistolas de Peytel ; que o tiro para queimar, devia ter sido atirado, quando muito, a seis pollegadas, e a quatro pollegadas, para produzir as incrustações de polvora marcadas ; que o braço de quem atirou devia então passar diante de Peytel, que estava á direita de sua mulher ; que o maior affastamento, a quatro ou cinco pollegadas de distancia, não podia exceder a dez linhas, e a ferida tinha mais ; que, se a ferida tivesse sido feita por um resalto, o ferimento não podia ter sido o descripto pelos medicos. Mas a hypothese do resalto é inadmissivel, nada a indica no carro. A opinião dos officiaes é que o ferimento da direita devia ter sido feito pela pistola grande. » Depois da audição de diversas testemunhas, que são quasi todas os parentes da victima, introduzem as citadas a requerimento

do accusado, entre as quaes figura o Sñr. Olivier (d'Angers), o resto da audiencia é destinado ao requisitorio e aos arrasoados, terminando por uma sentença que sobre a resposta affirmativa do jury condemna Peytel á pena de morte.

Durante a leitura, Peytel levanta a cabeça e escuta com uma anciedade mortal, uma pallidez livida cobre o seu rosto, seus olhos estão fixos, ha nelles uma contracção nervosa impossivel a descrever. Ouvindo sua condemnação á morte inclina a cabeça e torna a levantá-la, põe a mão sobre o coração e exclama : « Ah meu Deos, a cabeça me estala, o sangue me abafa ! »

O Publico se retira vagarosamente, todos procurão ver o condemnado em cujas feições se observa uma alteração espantosa. Examinão com curiosidade seu ar, a expressão da physionomia ; procura-se a ler as emoções da sua alma ; seu olhar deixa de estar perturbado ; mas está abatido, morto.

O tribunal supremo tendo rejeitado seu recurso á revista, foi a sua convicção a mesma que a do tribunal dos Jurados. Peytel foi definitivamente condemnado, e guillotinado no dia 28 de Outubro de 1839 na Praça publica de Burgos.

Depois da condemnação de Peytel e em quanto se decidia a revista por elle interposta, um escriptor, o Sñr. de Balzac, que tinha tido com elle, alguns annos antes, relações d'intimidade, tomou a generosa tarefa de defender esse homem que julgava innocente. O interesse que se liga a esta causa

extraordinaria nos impõe a obrigação de reproduzir em parte essa memoria, deixando aos nossos leitores o cuidado de apreciar o contraste que ella forma com o acto da accusação.

Depois de ter respondido com antecipação áquelles que poderião ser tentados por escrupulos sem fundamento a censurar a sua intervenção (estranha ás fórmulas judicarias), o Sñr. de Balzac examina a vida de Peytel, anteriormente á catastrophe da ponte d'Andert :

« Eu vi Peytel tres ou quatro vezes na minha casa, em 1831 e 1832. Depois d'esse tempo, nunca mais ouvi fallar delle, senão com respeito á sua volta ao notariado; Peytel me pareceu ser o que elle agora é : um homem d'um temperamento sanguineo, ardente, arrebatado, dotado d'uma grande força moral e fisica, assomado, incapaz de dominar o primeiro movimento, orgulhoso, eu diria mesmo vaidoso, e algumas vezes, levado da palavra sómente, como a maior parte das pessoas vaidosas, alem da verdade, mas essencialmente bom. Lá onde a accusação foi parcial, esta defeza o não será.

« Pois que! a instrucção e a accusação esquadrinhão toda a vida de um homem afim de nella encontrar as raizes d'um crime, e não examinão senão em um sentido? Não aproveitão mais que os factos de que precisão para these e que pesão n'uma só das bacias da balança... A accusação diz : Peytel é cobiçoso, porque elle fez o crime. Mas para tornar a sua

cobiça solidaria do seu crime, seria preciso provar por factos o crime e a cobiça, demonstrar victoriosamente o character e os habitos d'um homem interesseiro : toda a premeditação, esse artigo oppressivo existe lá ! mas é ahí precisamente que eu me encarrego de demonstrar o quanto a accusação foi falsa, quanto a instrucção foi incompleta !

O Sñr. de Balzac examina e discute o depoimento do presidente da camara dos notarios de Macon, e a do Sñr. Cornaton, em cuja casa Peytel começou os seus estudos de notario. Elle demonstra o que tinha de incerto o facto reproduzido pelo Sñr. Cornaton na audiencia, facto que, comtudo, motivou a recusa da camara dos notarios de Macon de receber Peytel...

« Opponhamos um facto a *simples suspectas*, admittindo que a deliberação da camara dos notarios fosse fundada.

Durante o seu tempo d'ajudante e a sua administração em casa dos Sñrs. Farine Fauchez, successor d'esse, um dos cartorios mais procurados de Lyon, Peytel teve em manejo fundos consideraveis e que subirão a dois milhões. Retirando-se do cartorio, e dando a sua conta de caixa, verificou-se um erro pouco mais ou menos de mil francos. Peytel procedeu como todo o mundo em semelhante caso, tirou da sua algibeira um bilhete de mil francos para alinhar as contas, protestando da sua exactidão e supplicando ao seu successor que procurasse o erro. Alguns mezes depois descobriu-se, e o Sñr. Pericaud, o successor de Peytel na sua administração, o informou disso ; Peytel lh'o agradeceu

por uma carta, em que exprimia quanto esse erro, ainda que immediatamente satisfeito, lhe pesava e o inquietava. Este facto não é d'um homem improbo : elle sympathisa com a marcha d'uma vida honesta. As unicas faltas de mocidade que Peytel chegou a commetter, tiverão por origem uma paixão mui desculpavel.

Peytel deixa Paris para se fazer tabellião ; apresenta-se em Macon, é recusado sob pretexto d'incapacidade, o que implica falta de tempo d'officio ou falta d'instrucção. O seu primeiro patrão, consultado pela camara, falla talvez de inconducta e de indelicadeza, estendendo o sentido da palavra probidade. Um cavalheiro d'industria assim desmascarado voltaria a Paris ou partiria para America; a quarenta leguas á roda, a provincia deixa de ser habitavel para elle, mas não ! Peytel, em lugar de renunciar a uma carreira que lhe fecharia uma semelhante nota, dirige-se a Lyon, a algumas leguas de Macon, e ali se torna primeiro ajudante (clerc) e negocia depois em Belley. Seguramente, um homem accusado d'improbidade, d'um desvio de fundos qualquer, teria então encontrado difficuldades ; elle não experimenta alguma, elle é recebido. Seria horrivel em uma sociedade fundada no arrependimento, não admittir que um jovem (eu digo isto para aquelles que tem de que se accusar), não póde corrigir-se dos seus erros. Ora dos erros problematicos attribuidos a Peytel pela accusação a uma dupla morte, não ha bastantes abismos a passar ?... »



O Sñr. de Balzac renova aqui as censuras que elle já tinha feito á instrucção e á accusação. Teria sido muito importante no interesse do accusado e da verdade, verificar por meio d'um supplemento d'instrucção o que erão realmente esses actos de improbidade ou de indelicadeza arguidos a Peytel.

« Ninguem faz ideia, quanto uma suspeita de improbidade, uma imputação de desarranjo de proceder influem sobre os jurados. Elles passam por bem cousas ! mas não perdoão o que toca *ao-deve e ha-de haver*. Um homem d'ordem, tendo as suas contas balanceadas lhes parece difficilmente criminoso. As dividas de Laronciere, pesarão bem para sua condemnação !...

« Porque signaes a justiça e o publico reconhecem, nos seus antecedentes, um impostor, um cavalheiro d'industria, um dissipador dos seus bens, um futuro assassino ? Um jovem da classe burgueza teria manifestado no collegio tendencias depravadas. Colocado por seu pai n'um primeiro cartorio, elle teria autorisado o patrão a cre-lo culpado de furto. Expulso da sua provincia para Paris, elle teria passado uma vida problematica e indigente, elle teria tentado empresa sem dinheiro, enganado capitalistas, disfarçado habilmente alguma fallencia, frequentado comparsas. Impostor e cavalheiro d'industria, elle teria inventado sociedades commerciaes impossiveis. Em fim, repellido pela sua falta de dinheiro ou de credito, elle se teria refugiado em uma

provincia desviada, afflicto d'algumas condemnações judicias, ou desconceituado por um d'esses verdictos que pronuncia o mundo com discernimento ou sem elle. Longe d'isso, Peytel, homem d'imaginação, vem tentar em Paris a fortuna por meios litterarios, lida com as pessoas as mais invejosas umas das outras, as mais dispóstas á maledicencia, e que nada tem a dizer de Peytel, elle empresta dinheiro, em lugar de o pedir, perde o seu em lugar de arriscar o dos outros, e passa a vida a menos dissipada, ahi se desvanece da gloria e da politica e volta ao seu paiz.

« Quereis Vós ver o aspecto d'esse homem na sua vida privada? Peytel tem o mesmo alfaiate ha doze annos, e salda com elle as suas contas como o burguez o mais bem governado. Este alfaiate é o Sñr. Buisson, que não lhe pede dinheiro senão quando a conta chega a mil escudos, no fim de tres annos, tanto elle conhece a fundo Peytel. O alfaiate é o *criterio* do credito d'um jovem. Eu não desço sem motivo a este minucioso discurso : nos debates um negociante de vinho, amigo de collegio, disse que elle não forneceria um barril de vinho a credito a Peytel. Ora Peytel é de Macon e possui vinhas ! Este depoimento, ainda que feito sem malevolencia, produziu o peor effeito. Assim por uma estranha fatalidade, tudo comprometteu Peytel, mesmo uma testemunha, que queria ser benevola.

« Eu me interrompo aqui para dirigir a todos aquelles que me lem, uma pergunta essencial á honra de todos, e

de uma excessiva importancia no nosso direito publico. A magistratura no exercicio das suas funcções é dispensada das leis a que são adstrictos os outros cidadãos. Accusar de ratonice publicamente um homem dá lugar a um processo em diffamação; o diffamador não é admittido a provar as suas asserções, elle é condemnado. Se a accusação, feita no interesse geral, gosa d'um privilegio que não tem os individuos, se ella pode taxar impunemente Peytel ou qualquer outro accusado, de ratonice, não tem ella obrigação de dar a prova do seu dicto? Se ella não prova nada; não é ella odiosa em um individuo, que só falla por paixão? Para a justiça, rigorosamente fallando, não ha galés, senão os que ella condemna pelo ratonice em um tribunal correccional qualquer. Com muito abandono, ella pode suspeitar de ratonice um homem contra o qual tivessem havido queixas, d'essas que morrem nas secretarias e que os juizes podem esquadrinhar. Mas aqui, contra Peytel, não ha nem caso julgado, nem queixa feita e retirada, nem mesmo um d'esses factos capitaes, decisivos, incontestaveis, trazidos á audiencia por homens dignos de fé.

« A travez d'esta narração, nós somos chegados ao estabelecimento de Peytel em Belley. Vós sereis bem depressa edificado da maneira porque os elementos do processo ahi forão dispostos. Peytel era para Belley um estrangeiro, um parisiense, elle tinha excitado animosidades violentas, o fundo do seu processo se encontra ahi. A usura devora o de-

partamento de l'Ain e a fronteira da Saboia. Os tabelliães estão mais em estado de julgar dessa chaga; Peytel, homem extremamente intelligente, devia estar de aviso a tal respeito. Não era prestar serviço a um semelhante paiz o fazer nelle baixar a taxa do interesse? Erro estranho! Peytel prestava soccorro a victimas isoladas, pouco proprias para o reconhecimento, occupadas de suas culturas, incapazes de communicar as suas impressões e de produzir uma acção util em seu favor, entretanto que os usurarios, collocados no terreno mesmo em que vivia Peytel, tinham um centro de união no odio que todos elles tinham contra aquelle que lhes perturbava a origem dos seus proveitos :

« Uma vez o parisiense malvisto n'uma cidade de provincia, é incrível como vão as cousas : torna-se o objecto de commentarios perpetuos e maliciosos; tudo o que lhe diz respeito se interpreta em mau sentido. Peytel nota que muitas pessoas estão em concubinato por causa da carestia dos contractos; e offerece ao bispo a facção gratuita dos contractos para os pobres afim de promover os ditos casamentos. Immediatamente Peytel é taxado de hypocrisia religiosa e de jesuitismo. Contractos gratuitos! abaixar a taxa da usura! Que abominação! A calumnia foi tão longe, que, para melhor perder Peytel, quando elle esteve preso, se aproveitarão da sua offerta ao bispo, para o representarem, como um carôla, ás pessoas d'opiniões liberaes, a quem dizião que Peytel ajudava á missa e a ouvia todos os

dias. Ás pessoas religiosas affirmavão, que os magistrados tinham encontrado em casa d'elle cousas infames que attestavão o mais desenfreado deboche.

Comtudo a gente do campo, a quem Peytel tinha prestado serviços o amava, mas era insufficiente. O odio fermentava na pequena cidade, e os interesses lesados não lhe perdoavão. Comtudo Peytel tambem contava affeições nas pessoas elevadas, incapazes de calculos mesquinhos.

Pela sua falta d'educação, a sua insubordinação e a sua constante resistencia aos desejos d'elle, Felicia Alcazar não era boa para o seu marido. Eu sou obrigado a dizer estas cousas para explicar quanto um homem violento, incapaz de dominar os seus primeiros movimentos, cuja ambição era manter-se na primeira sociedade do seu paiz adoptivo, devia fazer d'esforços sobre si para occultar as suas impaciencias, conter as suas reprimendas e incessantemente perdoar agravos excessivamente graves d'uma jovem, casada de poucos mezes.

Um tabellião, casado de pouco, a sua jovem mulher, e o seu criado voltão de Burgos a Belley, onde residem. A jovem mulher tinha feito vinte e um annos havia alguns dias. Ella está gravida de cinco mezes e meio. A alguns tiros de distancia de Belley, ás onze horas da noite, na estrada real, duas pessoas são assassinadas, a mulher e o criado; uma só sobrevive. N'um caminho vigiado pela alfandega, a pouca distancia d'um córrego em que o povo costuma pescar em frau-

de -de noute, entre a aldeia de Rothonod e a herdade de Baty, perto da casa d'um ferreiro situada a cincoenta passos, quiz o acaso que não houvesse testemunha alguma ocular, nem auricular d'essas duas mortes igualmente violentas. Demais as mortes forão commettidas com uma ou duas pistolas e com um martello que fazia parte da bagagem dos viajantes. Emfim, o sobrevivente aceita a responsabilidade d'um homicidio. Este sobrevivente, este novo casado, este tabellião, é Peytel. Peytel deve ser crido, sobre tudo, quando a versão explica tudo, e quando a these d'accusação, que não explica nada, toca no absurdo.

« Em direito, facto e em moral, matar por matar constitue uma infirmitade facil de reconhecer e que provem de lesões interiores na séde da intelligencia. Um homem então passa da secção judiciaria á secção medica e da prisão a um hospital. Peytel, no caso em que tivesse commettido duas mortes, em lugar do homicidio que confessa, sem motivo algum e por uma alienação mental, teria já sido encerrado n'uma casa d'orates; e a sua vida anterior conteria alguns factos precusores do frenesi que delle se tivesse apoderado na ladeira de la Darde. Sobre esse ponto, todo o mundo, ministerio publico, accusação, defensores, accusado, está de accordo; é preciso excluir o caso de loucura. Desde então, o homicidio commettido sobre Luiz Rey, o unico confesado, e a morte que se pretende ter sido premeditada sobre a mulher no systema da accusação, tem motivos perfeitamente

apreciaveis, que devem ser indagados, que devem necessariamente ser achados, percorrendo as diversas proposições, em virtude das quaes um homem é levado a matar a sua mulher e o seu criado, em uma estrada publica, em um lugar determinado. Este trabalho é um pouco longo, mas não é impossivel: na sua conclusão ha a vida d'um homem.

« Todos os criminalistas são levados a crer que os crimes são commettidos por aquelle a quem elles aproveitão; o direito criminal faz d'isso um axioma. Este axioma não é exactamente verdadeiro. Peytel não podia matar o seu criado, engeitado da roda, por conta de pessoa alguma, e não tinha interesse pecuniario em mata-lo por sua conta. Comtudo, a accusação e a instrucção inventárão que Peytel tinha morto o seu criado e a sua mulher, ambos por premeditação, pretendendo serem essas duas mortes necessarias ao accusado para se apoderar da fortuna de Felicia Alcazar, sua mulher.

» Entre as rasões provaveis que póde ter um homem para se desfazer de sua mulher, a nossa desgraçada sociedade põe, em primeiro lugar o interesse pecuniario, em segundo, a detestação por causa d'um amor adultero. Sem uma destas duas rasões, não ha mais crime possivel; a accusação se desmorona toda inteira. Peytel é rico? Peytel é pobre? acha-se empenhado? A sua condemnação ou a sua absolvição acha-se em parte na resposta. Peytel rico, Peytel devendo ser mais rico do que é Felicia Alcazar, não poderia matar

sua mulher por interesse. Tudo está n'isto, quanto á pretendida premeditação, como quanto á rapidez da scena na ponte d'Andert, tudo está no character sanguineo-bilioso de Peytel, evidente para quem o olha em face. Assim, a maior parte da não culpabilidade de Peytel está n'um exame aprofundado d'essa fortuna, que a accusação disse estar dissipada, sem d'isso offerecer a menor prova. »

« O Sñr. de Balzac demonstra por calculos estimativos que a fortuna immovel de Peytel e o que pode esperar da successão de sua mãe se eleva a um valor de noventa e sete mil francos. Depois, os bens moveis que possui Peytel, seja em numerario, ou em moveis e objectos d'arte, o representão como possuindo uma fortuna de cento e quatorze mil francos. Elle passa depois ao exame da fortuna trazida em dote por Felicia Alcazar e chega a este resultado, que esse dote se reduzia a um valor, pouco mais ou menos, de sessenta mil francos. Memorando as discussões que se elevarão a respeito do contracto de casamento e o que foi dicto na audiencia a este respeito, principalmente sobre a clausula que attribuia ao que sobrevivesse os beneficios da communhão, elle affirma e diz estar em circumstancias de provar que essa clausula não foi inserida subrepticamente, como se affirmou, mas pelo consentimento muito expresso da Sñra. Alcazar, á qual se explicou que essa clausula era favoravel á sua filha, « que tinha mais a esperar de Peytel, que Peytel de sua mulher. » Depois de se ter assim occupado a mostrar que



Peytel não tinha senão mui poucas vantagens a esperar do contracto de testamento, elle examina que proveito podia esperar do casamento. Segundo os seus calculos, deduzindo dos bens de Felicia Alcazar a reserva que devia voltar á sua mãe, e lançando conta ás vantagens que assegurava a Peytel o contracto de casamento, vantagens que não podião ser-lhe tiradas, o lucro que do testamento lhe teria provindo, ficaria reduzido a 8,314 francos e 48 centesimos.

« Segundo a accusação, exclama elle, Felicia teria sido assassinada por oito mil tresentos e onze francos e 48 centesimos e meio !

» Se Vós suppondes um matador por calculo, e que este matador seja um tabellião, ao menos é necessario faze-lo consequente com a sua sciencia e com os titulos do codigo que elle é obrigado a pôr em acção e explicar todos os dias aos sens clientes. Para matar sua mulher por interesse Peytel devia esperar que ella lhe trouxesse tudo o que ella lhe podia trazer. Tres mezes e meio depois, sua mulher, que se achava grávida, teria tido uma filha, cujo nascimento privava a Snra. Alcazar da sua porção reservada e assegurava a Peytel o quarto da fortuna da mesma como tutor de sua filha.

» Resulta d'esta discussão que Peytel devia ter uma fortuna superior á de sua mulher, que o contracto de casamento tinha sido feito em casa do tabellião da mulher Alcazar, longamente discutido e assignado com conhecimento

de causa, que as condições estipuladas no contracto erão naturaes, mais em favor da esposa que do esposo ; que o testamento constituia uma perda para Peytel, no caso em que a successão de Felicia fosse aberta antes de 25 de Setembro de 1838; que elle tinha immensas vantagens em demorar a morte de sua mulher para tres mezes e meio depois. Estas conclusões irrefragaveis são incompativeis com a accusação que representa Peytel como premeditando, por interesse, a morte de sua mulher. Ellas desmentem o acto d'accusação por inteiro. »

« Examinemos agora a possibilidade da morte por horror á esposa.

» Entre os dois esposos, o horror e o odio estão do lado de Felicia ; é pouco mais ou menos certo, que Peytel a procurava e que ella fugia d'elle : a accusação a esse respeito não deixa duvida alguma. Demais, nenhum criminalista, nem moralista admittirá em um homem da força moral e corporal de Peytel, uma repulsão violenta, sem uma substituição qualquer na ordem moral e na ordem fisica. Um marido que não quer sua mulher busca uma ou algumás: sobre esse ponto a instrucção é nulla, a accusação é muda. Peytel passava em Belley uma vida exemplar....

» Assim o marido de Felicia, rapariga mal educada, não timida, mas envergonhada da sua myopia, faz a côrte á sua mulher, exhibe os seus assomos excitados por ella, perdoalhe erros graves; trata-a bem, funda uma grande esperança

na maternidade de Felicia, espera por essa crise para fazer ideia da jovem estonteada que tomou por mulher. Ha uma carta d'elle em que se manifestão á Snra. Peytel, sua mãe a alegria de ser pai e as suas esperanças. Se pode haver alguma cousa favoravel á defeza de Peytel, não é isso o seu desejo da paz domestica, attestado por numerosas testemunhas? Demais aqui as leis da natureza moral estão em harmonia com os factos. Peytel é um homem orgulhoso. A accusação ainda se adianta mais, ella lhe argue muita vaidade. Quando um homem vaidoso, de trinta e seis annos d'idade, com violentas paixões, reflecte ter casado com uma mulher envergonhada das proprias imperfeições, e que elle se vê despresado por ella, despresado é a palavra da accusação, elle deve obstinar-se em vencer as repugnancias d'essa mulher. Uma fealdade repugnante desappareceu então na acção moral da instancia. A persistencia só e o desabrimento d'uma rapariga mal educada podião levar Peytel ao desespero; mas Peytel tem precisamente bastante comprehensão para conhecer que elle não faria mudar sua mulher pela morte. Um homem que se agitou na civilisação parisiense emprega outros meios, elle não ignora que n'essa sorte de circumstancias uma rival opéra maravilhas. Não era mais simples atacar sua mulher no seu amor proprio de mulher do que dar-lhe dois tiros de pistola na cara?

« Aqui nós deixamos a esfera dos interesses e das paixões e vamos entrar na apreciação das circumstancias locais

e materiaes; eu percorri conscienciosamente o caminho de Burgos a Belley, de maneira a achar-me na ponte de Andert e a subir a ladeira de la Darde, á hora em que o homicidio de Luiz Rey teve lugar. O que vou dizer funda-se n'um exame a que ninguem procedeu. A partir da aldeia d'Amberieux, entre as montanhas alpestres que dão ao caminho de Burgos para a Saboia a sua fisionomia suissa, começa uma longa garganta, semelhante a todas as dos Alpes, e onde a natureza tinha indicado o trilho da estrada aos engenheiros. Nessa garganta que cerra estreitamente Saint-Rambert, e que se abre depois do Rossillon, existe uma vintena de lugares, em que Peytel teria podido cumprir os seus desenhos, se elle tivesse alguns, zombando da justiça.

» O caminho costeia um pequeno lago, que na estação, em que se fazia a viagem tinha sufficiente agua para que Peytel ahi precipitasse a sua mulher, o seu criado, o seu cavallo e o seu carro, se elle tivesse querido matar sua mulher e seu criado. As montanhas fórmão ahi um vasto funil. O crime commettido sem pistola, nem martello, ahi teria sido sem testemunhas: em muitos logares d'esse lago, mulher, criado e cavallo podião ter sido precipitados de seis toesas d'altura em seis pés d'agua e em dez pés d'esse lodo claro e esverdeado, que dá aos lagos dos Alpes a sua côr singular. O caminho não tem nem parapeitos de terra, nem parapeitos de páos. O lugar convida ao crime, elle seria tentador para um homem que tivesse maus intentos, o crime ahi é

impenetravel, elle escapa a todas as pesquisas, a todas as supposições da justiça.

» Aqui, antes de tudo, Peytel, que não precisa de matar senão sua mulher, se teria posto duas mortes sobre os braços, teria dobrado a sua tarefa horrivel, teria complicado a sua situação, dando-se dous adversarios; d'um a um as probabilidades são em favor do matador que póde surprender a sua victima, mas de dois a dois, as probabilidades são infinitas contra o que assaltar. A morte por immersão é indeciffravel para a justiça, e Peytel teria preferido dar a morte com as suas pistolas e o seu martello! Mas o absurdo das combinações d'esse profundo hypocrita vai desenvolver-se cada vez mais. Em lugar de cumprir os seus maus intentos n'esse lugar que os mais innocentes julgarião propicio a um assassinato, Peytel escolhe a ponte d'Andert acima da qual se acha a casa do pai Thermet, ferreiro, habitada por elle e por seu filho; um lugar inspeccionado pelos guardas d'alfandega, que povoão o campo pondo-se n'elle de emboscada, um rio, onde pescão em fraude os camponezes á noute, na subida de la Darde, a pouca distancia da qual existem a herdade de Rati, e a aldeia de Rhotonod, que se acha a meia hora de Belley. O tempo esteve cuberto e choveu, elle teria escolhido o momento, em que o claro da lua cheia lançava a sua luz sobre a estrada; em fim, elle se teria servido do seu martello para matar Luiz Rey, arma cujas marcas são facéis de reconhecer e constatar; elle teria morto sua mu-

lher com uma ou mais pistolas suas, quando deve saber que as balas, as pistolas, os martellos, as armas de fogo e os objectos contundantes, tem dado pelos seus effeitos espezias provas physicas evidentes em cem processos criminaes, e este homem teria, segundo a accusação, premeditado o seu crime ! Peytel teria empregado, relativamente á sua culpabilidade, na escolha dos lugares e instrumentos, o mesmo discernimento que na época, com respeito aos seus interesses ! Este teria escolhido o tempo, em que a morte de sua mulher lhe trazia menos dinheiro, e o lugar, em que tudo era contra elle !

Se na sua mysteriosa luta, na rapida e repentina sorpresa, que teve lugar entre a ponte d'Andert e a primeira volta da ladeira de la Darde, Peytel tivesse sido morto pelo seu criado, hoje duas cabeças cahirião infallivelmente. De certo, não haveria meio algum de subtrahir a Sñra. Peytel e Luiz Rey á morte. Que se poderia replicar a esse acto d'accusação, tão pouco provavel comtudo contra os sobreviventes, como o requisitorio actual contra Peytel.

Se Luiz Rey e Peytel tivessem succumbido e se Felicia Alcazar tivesse chegado só a Belley entre os seus dois cadaveres, ella a quem a calumnia já não perdoa na occasião da sua morte e do seu enterro, ella teria sido accusada de ter produzido a morte de seu marido e do criado em um horri-vel duello.

« Quando em uma causa crime estabelecida, sobre tres

individuos dados, dos quaes dois são mortos, ha certeza de criminalar com certeza e alternativamente o terceiro, quer elle seja victima ou matador; não haverá n'isso de que fazer tremer a sociedade sobre a justiça feita de que eu me constituo appellante? Houve *mal julgado* n'este negocio, elle ainda está por instruir. Em uma palavra o processo deve começar de novo. »

Aqui o Snr. de Balzac argue a instrucção da negligencia de ter feito examinar nas localidades os vestigios das passadas dos tres actores d'este drama mysterioso e o trilho das rodas das duas carroagens :

A que distancia do carro de Peytel estavam os vestigios das pisadas de Luiz Rey?

A disposição d'essas pisadas teria podido servir para apoiar a narrativa de Peytel, quando elle affirmava ter ferido Luiz Rey na sua fugida? « Observando os passos de Felicia Alcazar, desde o lugar em que ella tinha sahido do carro, até áquelle em que foi achada, se teria sabido, se ella tinha marchado só ou em companhia...

» Agora, a accusação fez muita bulha com a residencia de Peytel na propria casa, com o cuidado que teria tido em subtrahir o testamento de sua mulher, com a perfidia de que usara, fazendo ostentação de certo papel, que elle a teria obrigado a escrever, com intentos criminosos. Todas essas assersões excitarião compaixão se não se tratasse da cabeça d'um homem. Sim, Peytel, subtrahiu e poz em

mão de terceiros duas cartas. Estas cartas não podem ser mostradas senão áquelle de quem depender o seu inteiro perdão, se faltarem no processo de forma e erros que possam servir de fundamento á concessão da revista.

---

## ASSASSINATO

D'UMA MULHER OCTOGENARIA POR SUA FILHA, SEU NETO  
E SUA NETA.

*Jury de Troyes.*

Anna Larchey, viuva Tribouley, moradora em la Brosse, na vizinhança de Troyes, tinha por morte de seu marido, em 1820, ficado com duas filhas, Edmee e Josephina, casadas com os dois irmãos Bouchu, dos quaes um era magistrado municipal (maire). Depois da morte de seu marido, a viuva Tribouley abandonou a seus filhos a maior parte dos seus bens, mediante alguns supprimentos em generos e o usufructo d'uma casa e d'um pedaço de terra.

Francisco Bouchu, marido de Josephina, tinha muitas contemplações para com a sua sogra que querendo testemu-



nhar-lhe o seu agradecimento, lhe abandonou em 1824, a renda vitalicia de que gosava, toda a sua mobilia e o usufructo de metade da porção de terra que se tinha reservado, com a condição d'elle lhe fazer todas as despesas, tanto em saude, como em molestia. Esta preferencia excitou a inveja de seu outro genro Feliz Bouchu.

Francisco Bouchu morreu em Outubro de 1835, deixando tres filhos, dous filhos com Claudio Etienne Jumeau. Preguiçoso e d'uma intelligencia limitada, elle se tornou o flagello da familia, e não tardou em vender algumas porções de terra para pagamento das dividas que tinha occultado na occasião do seu casamento. Sua sogra, sua mulher e seus enteados estavam quotidianamente expostos a seus maus tratamentos. Dois de seus enteados deixarão a casa paterna: Isidoro só pôde ficar.

O proceder culpado de Jumeau obrigou sua madrasta, em 1830, a pedir ao tribunal civil de Troyes que a communião de bens com seus filhos fosse substituida por uma pensão alimenticia, que lhe permitisse separar-se d'elles. O tribunal acolheu esse pedido e a sua pensão foi fixada em 360 francos por anno. Jumeau, em circumstancia de grande embaraço, não podia pagar essa renda: sua madrasta conheceu isso, e não querendo aggravar-lhe a posição, reconciliou-se com sua filha e prometeu-lhe que nunca a deixaria. A partir dessa época, a vida da viuva Tribouley tornou-se de dia em dia mais miseravel. Isidoro Bouchu neto da viuva

Tribouley, casou em 1834 com Francisca Aléonard e logo depois foi obrigado a vender uma casa; a viuva Tribouley veio então ao soccorro de seus netos; recebeu-os em um dos dous quartos que occupava na casa Jumeau, e lhes emprestou mesmo algumas sommas de dinheiro. Pelos fins de 1835, Huberto Abat, chamado Abel, filho do hospicio de Troyes, de vinte annos d'idade, entrou como criado em casa dos esposos Jumeau. Fosse como fosse, a viuva Tribouley não tardou em ter que se queixar d'injurias e dos maus tratamentos de Abat, que era de character a fazer-lhe temer uma morte violenta. Os esposos Jumeau incitavão Abat, em vez de o cohibir nos seus ultrages para com sua mãe. A Tribouley queixou-se novamente do proceder de seus filhos a seu respeito, da nojenta alimentação que lhe davão, e de sua filha se negar a fazer-lhe a cama, tendo ella oitenta annos. Uma vez foi ao presbyterio pedir que a deixassem dormir em cima d'um monte de palha. Reconduzirão-a ao seu domicilio e durante o transito, ella dizia aos que a acompanhavão: « Vós levais-me á casa dos meus algozes.» A 29 de Janeiro, depois d'uma disputa com sua sogra, Jumeau dizia: « Se não tivesse sido impedido, eu lhe teria partido a cabeça. » No dia seguinte, a mulher Jumeau deu algumas bengaladas em sua mãe. Depois de alguns dias, a viuva Tribouley tinha perdido uma cruz d'ouro que estimava muito. Ella accusava a mulher Isidora Bouchu e mais particularmente Abat de lh'a terem pilhado. Em fim, no do-

mingo 19 de Janeiro, entre as 8 e 9 horas, ella entrou em casa dos esposos Jumeau, que estavam com Abat e um Sñr. Cassemiche, ahi se aqueceu e não appareceu mais.

Pelas dez horas e meia, a mulher Jumeau foi prevenir o maire Félix Bouchu, de que sua mãe estava ausente; duas horas depois, chegou Abat á casa do maire e lhe disse que não podia tirar agua do poço e que provavelmente era um corpo humano que se achava no fundo.

No mesmo instante, dois policiaes d'Ervy, fazendo a sua ronda ordinaria, dirigirão-se para o poço, acompanhando o maire, que no transito, mandou avisar o seu adjunto, como se antecipadamente se conhecesse incompetente para funcionar n'essa occorrença; depois ausenta-se para hir buscar testemunhas, de que não tem precisão alguma, e não volta senão muito depois e para reconhecer o cadaver de sua sogra, que se achava depositado n'uma granja. Elle confia a guarda d'esse corpo a Abat, a Isidoro Bouchu e a Raby, para hir elle mesmo encommendar o caixão, que quer prompto n'aquella mesma tarde, a fim de que o enterro tenha lugar sem demora. Este proceder excita as suspeitas; um policial se destaca para hir prevenir a autoridade. Em pouco chega o brigadeiro (chefe dos policiaes), e depois d'elle, o juiz de paz. Toda a familia é unanime nas suas declarações: « A viuva Tribouley, desde tres annos ao menos tinha perdido a cabeça, e a sua morte é o resultado d'um suicidio que ella commetteu para os pôr em difficuldade, etc. »

O maire sobrevem sem ser chamado, e faz quanto pode para corroborar essa opinião. Na turba dos concorrentes encontram-se incredulos : O juiz de paz lembra-se das queixas reiteradas que lhe tinha feito a defunta e concebe suspeitas que são confirmadas pelo exame do cadaver, feito por dois medicos que elle chamou. O ministro publico, informado da existencia d'um crime, dirige-se a Labrosse acompanhado d'um juiz d'instrucção. Constata-se o estado dos lugares; dão-se buscas e encontram-se camisas pertencentes a Isidoro Bouchu e ao criado Abat, que estão molhadas de sangue. Notão-se na coifa da viuva Tribouley, que tinha sido tirada do poço, traços de sangue que parecem ser a marca de tres dedos. Taboas estão cubertas de sangue no lugar em que o crime parece ter sido commettido. Os esposos Jumeau, Isidore Bouchu, sua mulher e Abat, são presos, e de seus interrogatorios se conhece logo o papel que cada um fez n'este trama terrivel, porque nenhuma testemunha pode depor de facto algum que a elle directamente se refira. Abat é o primeiro que poz a justiça na pista do crime, apesar de a ter procurado induzir em erro com as suas mentiras e as suas reticencias. Elle conta : Que depois que entrou para o serviço dos esposos Jumeau, fôra constantemente excitado por elles e principalmente pelo marido, para afogar a viuva Tribouley no pantano do Sñr. Bazin, que cinquenta francos lhe tinham sido promettidos e Jumeau lhe tinha dado em penhor uma das suas eguas para lhe garan-

tir essa quantia, se desconfiasse d'elle; que com o auxilio do maire, que não instruiria, a impunidade estava segura; Jumeau já tinha tido indulto por occasião dos maus tratamentos que tinha exercido sobre sua sogra. »

Estas provocações tinham já tido anteriormente um principio d'execução, porque a 9 de Janeiro, Abat tinha hido, á noite, esperar a viuva Tribouley no caminho d'Ervy, com intenção de affoga-la no charco. Mas este crime não tinha sido consummado, porque esta mulher tinha já ultrapassado o charco, quando Abat a encontrou. Abat se gabára d'isso varias vezes, e dizia, entre outras cousas, fallando da viuva Tribouley: « E' uma má mulher.... Não será por falta minha se ella morrer de boa morte. — Falhei uma vez no charco Bazin, mas ha um poço atraz da nossa granja e eu poderia bem ahi dar-lhe quartel. » E' verdade que elle declarou depois, que se primeiro não commetteu o crime, foi porque no caminho mudou d'ideia. Mas a prova de que esse crime era para elle um projecto bem determinado, que devia pôr em execução, logo que achasse circumstancias favoraveis, foi que esse projecto nunca o abandonou. No sabado 30 de Janeiro de 1836, vespera do assassinato, Abat entra em casa dos esposos Jumeau pelas nove horas da noite. A mulher Jumeau e sua nora estão ao pé do fogo e falla-se muito da viuva Tribouley, que não queria ficar em casa, por causa das pancadas que tinha apanhado de manhã. A mulher Bouchu propoz a Abat de attrahir sua

mãe para perto do poço sob pretexto de lhe mostrar a sua cruz e de atira-la dentro : « Eu aposto que ella não se chegará lá, diz a mulher Isidora Bouchu, mas se Vós o conseguirdes, eu vos darei uma gravata preta que tenho. — Vós vereis que eu o consigo e me dareis ainda uma camisa. A patroa me dará bem mais duas. » O aspecto d'estas duas mulheres lhe faz ver que elle tirará dellas o que lhes pede. — « Se isto se verifica, nós brodearemos, nós faremos uma pequena funcção, » accrescenta enfim a mulher Isidora Jumeau, cuja cama está perto do fogão, toma parte na conversa e diz : « Se tu acertas, vá, eu te darei bem essas camisas. Tenho um bom ganso no pateo, nós o mataremos, e se isso não depende senão de cincoenta francos, de boa vontade t'os darei. De resto, o caso não é tão difficiloso, segura-a pelos pés e pela cabeça e atira com ella ao poço emquanto dorme. »

No dia seguinte de manhã parte para Villeneuve-au-Chemin. Pelas nove horas, depois que elle sahio, sua mulher diz a Abat que chame para perto do poço a viuva Tribouley, para lhe mostrar a sua cruz d'ouro, e essa mulher o segue, mas vendo-o abaixar-se, desconfiou, e tratando-o de mentiroso, foi para traz da estrebaria, satisfazer uma necessidade. Foi então que sua filha veio feri-la com pedradas, e fazer-lhe escorrer o rosto em sangue, que Isidoro, seu neto, lhe tapou a boca com uma camisa, lhe carregou no peito com os joelhos, lhe apertava a garganta e a suffocava, em quanto

a mulher Jumeau não cessava de lhe dar. A mulher Jumeau, Isidoro Bouchu e Abat, julgando que a Tribouley tinha exhalado o ultimo suspiro, se dispoem para a atirar ao poço; elles se dirigem primeiro para um pequeno jardim, e para executar o seu projecto fazem uma abertura na cerca, mas receião ser descubertos e tomão nova direcção, sendo pela porta da granja, que fica de frente do poço, que elles sahem. Chegão á borda do poço, a viuva Tribouley é atirada, e ao cahir, dá um ultimo grito: « Ah! meu Deos! » Abat quer persuadir que se conservou estranho ao assassinato, e que sómente cedeu ao transporte do cadaver ao poço.

Segundo a sua affirmacão, a mulher Jumeau a teria atrahido para o poço, para buscar a cruz, e ella só a teria atirado dentro, ou bem ainda, não o tendo podido conseguir, a viuva Tribouley tinha fugido para o monte de taboas, onde a mulher Jumeau e Isidoro a terião assassinado. Taes são as diversas versões do criado. A mulher Jumeau sustenta que foi Abat só quem commetteu o crime; que foi elle quem veio dar-lhe parte, depois de o ter inteiramente consummado, que pensa ter elle procedido a instigações de Jumeau, seu marido e que quanto a ella, está innocente. Pretende que na vespera viu seu marido e Abat conversarem mysteriosamente na granja, e sabe que Isidoro estava intimamente ligada com este ultimo, e quanto a ella, não foi mais que o instrumento posto em jogo por seu marido, seu filho e sua nora.

Isidoro Bouchu, a dar-se-lhe credito, teria ficado estranho ao assassinato de sua avó. Immediatamente que d'isso foi instruido, o seu designio foi de avisar a justiça, mas sua mulher o dissuadiu. Elles estavão convencidos que o criado Abat tinha sido induzido pelos esposos Jumeau a commetter o crime. Esta versão não é crível; porque, ao meio dia, Isidoro sahindo de casa de Gauthier, onde vinha de jogar o bilhar, teve o cuidado de lhe recommendar, que dissesse, no caso de lhe perguntarem, que não tinha vindo para casa senão ás oito horas, se lhe não parecesse antes melhor o não responder. Elle conhece toda a importancia do alibi que quer preparar. Elle não se limita a essa unica medida, vai procurar o cirurgião que o sangrou, e lhe pede que attribua á sangria nodoas de sangue achadas na sua camisa, como elle mesmo o declarou.

Elle tinha igualmente dito que as nodoas de sangue que se achavão na escada provinhão d'um ferimento que se tinha feito um moleiro ao descer com um sacco de trigo. Elle dirigiu-se a esse moleiro para lhe pedir que dissesse o mesmo, o que teve lugar. Mas suspeito de falso testemunho e posto em custodia elle se retractou, declarando o pedido d'Isidoro.

Jumeau não volta de Villeneuve-au-Chemin, senão no momento, em que sua sogra acaba de ser tirada do poço: nada o chamava a esse paiz; a viagem só teve por fim affastar suspeitas. Nota-se que na occasião do attentado projec-



tado junto ao charco, já se tinha Jumeau ausentado. Elle quer explicar o sangue encontrado nas taboas por uma sangria que tres annos antes tinha mandado dar a um poldro. Mas foi provado que não jorrou sangue d'essa sangria, e que ainda não havia taboas no lugar, quando ella foi feita. Jumeau negou sempre a conversação da noite de 30 de Janeiro. Não foi senão no seu ultimo interrogatorio que elle concordou em a ter ouvido e em ter n'ella tomado parte; mas segundo elle, nada ahi havia de serio. A mulher Jumeau affirma que seu marido não partiu para Villeneuve, senão depois da consummação do crime; Abat, pelo contrario, diz que elle tinha partido antes. A mulher Isidora Bouchu concorda em ter tido conhecimento do assassinato ao mesmo tempo que seu marido, e foi Abat quem lhes deu parte delle. Ella impediu seu marido de dar parte ao maire, para não comprometter pessoa alguma. Ella nega a conversação da vespera do crime, mas acha-se em contradicção com os outros accusados. Abat sustenta que participou ao maire o acontecimento de 31 de Janeiro; o maire nega o facto. N'este desgraçado negocio, Felix Bouchu desconheceu os seus deveres de magistrado e de cidadão; mas o processo não apresenta até ao presente facto algum que autorise a considera-lo, quanto ao presente, como complice. O seu procedimento depois do crime póde explicar-se pelo conhecimento dos verdadeiros culpados, pelas relações de parentesco com a maior parte d'elles, e emfim pelo natural desejo

que devia ter de os subtrahir ás terriveis penas que os ameaçavão. Por isso o tribunal declarou que não havia lugar a mette-lo em accusação. Quanto a Huberto Abat, chamado Abel, Josephina Tribouley, mulher Jumeau, Edme Francisco-Nicoláo-Isidoro Bouchu; Claudio Etienne Jumeau; Francisca Aléonard, mulher Bouchu, elles forão accusados de ter commettido, deliberatamente e com premeditação, um homicidio voluntario na pessoa de Anna Larcher, viuva Tribouley, mãe legitima da dicta mulher Jumeau, e ascendente legitima do dito Isidoro Bouchu; e alem d'isto, Huberto Abat, chamado Abel, de ter em 1835 furtado fraudalosamente dinheiro a Rozé, que se achava em casa do Sñr. Rigoley, seu amo.

Ao abrir-se a audiencia, os cinco accusados se achão sentados no seu banco, acompanhados dos seus defensores. Sabe-se que os accusados, sorprendidos pela rapidez das investigações judiciais, não tendo tido tempo de combinar um plano de defeza commum, condemnados depois de seis mezes ao segredo o mais rigoroso, depoem uns contra os outros, e se descarregão reciprocamente todo o peso, de sorte que se não sabe o que ha de mais repugnante no processo, se o parricidio que leva toda uma familia ao banco da infamia, ou os meios de salvacão invocados por todos esses desgraçados, unidos pelos laços os mais sagrados da natureza e da sociedade, e separados pelo terror e pelo sentimento da conservacão.

O interrogatorio constata uma sequencia não interrompida de violencias exercidas por Jumeau sobre sua sogra. Uma vez, entre outras, elle lhe teria batido com a cabeça no chão, ao ponto de a obrigar a ficar quinze dias de cama. Esta infeliz tendo-se queixado, a mulher Jumeau a taxou de louca; e essa imputação se repetiu por tantas vezes que o districto acabou pel'a acreditar, e quando a pobre octogenaria sahia pelas ruas, dando gritos de dôr, lamentavão-a, dizendo « *Ella é douda* » e reconduzião-a para casa de seus filhos, onde ella estava assim, sem cessar, exposta aos mais barbaros tratamentos. O maire, pretextando o seu parentesco, recusava aceitar-lhe as queixas; e ella acabou por soffrer tudo em silencio.

*A mulher Jumeau conta o acontecimento assim*: De noite, nós estavamos todos reunidos no serão, em rôda do fogo. Abat entrou e disse: « Ella está pois deitada, a velha p...., ella me chamou grande preguiçoso: amanhã, eu atiro-a no poço; chamo-a para lhe mostrar a sua cruz e pespê-go com ella lá dentro: » « Será bem feito, » respondeu a mulher. « E se tu o consegues, eu te darei uma camisa » perseguiu a mulher Isidora. Elle replicou: « E a patroa me dará duas. » Meu marido, que estava deitado, respondeu immediatamente: Sim, sim, hão de se te dar, e mais cincoenta francos; e ha mesmo ahí um bom ganso no pateo, nós o mataremos para fazer um brodio. »

O presidente: Vós dizeis a verdade em parte, mas

omittis o que vos é respectivo. Fostes Vós quem propoz de atirar com vossa mãe ao poço.

— R. E' falso.

— P. Julgastes Vós essas pessoas capazes d'executar esse projecto ?

— R. Sim.

— P. Dormistes Vós bem tranquillamente ?

— R. Quiz fallar com meu homem, mas receei que elle me daria pancadas.

— P. No dia immediato advertistes Vós a vossa mãe ?

— R. A fallar a verdade, não; ella veio. Eu vi meu marido e Abat fallando baixo na estribaria; fui lá : elles me repellirão : Cassemiche veio trazer um balde d'agua; minha mãe desapareceu n'esse momento. Minha nora me disse : « Cuido que está acabado, Abat acaba de a levar *para hir procurar a sua cruz perto do poço*. Fui então á adega ralhar com meu marido; mas elle me ameaçou de me fazer outro tanto, se eu dissesse uma unica palavra que fosse.

— P. Correstes Vós ao poço ?

— R. Não.

— P. Mas se se tivesse tratado do mais vil dos animaes domesticos, Vós ahi terieis corrido.

— R. Essa não é a minha ideia.

— P. Gritastes Vós por soccorro ?

— R. Não, eu não queria comprometter meu marido e meus filhos, mas Cassemiche me viu, os meus vestidos não

se me seguravão ao corpo, estava toda revirada. Abat veio depois e me disse : « ficai descansada, eu hirei ao poço e direi que ha lá alguma coisa dentro que me impede, e cuidarão que ella se afogou por loucura. » Minha nora disse então : Elle tem de certo uma cara de scelerado e de assassino, mas eu não teria julgado que elle chegasse até ao fim. » E depois elles sahirão juntos.

— P. Vosso filho cooperou para o crime ?

— R. Não o penso.

— P. Encontrárão-se camisas vossas todas ensanguentadas misturadas com as de Abat, accusão-vos de ter tido complacencias adulteras com Abat para pagar antecipadamente o seu crime. Vós tivestes relações criminosas com Abat ?

— R. E' possível, Sñr. presidente, mas não me lembro d'isso.

— P. E' Isidoro mesmo, vosso filho, quem vos accusa.

— R. E' um scelerado. Se eu não digo a verdade, que me abirão a alma desde já.

Eis pouco mais ou menos o resumo das respostas d'Isidoro Bouchu : Eu não estava presente, diz elle, mas minha mãe me contou tudo. *Foi ella quem incitou Abat*; meu padrasto dizia que o não achava bastante ousado. No dia seguinte vi Cassemiche em casa. Elle tinha-se retirado, quando Abat veio dizer-me : « Olhe cá, deitei a avó no poço. » Avisei minha mãe, ella me disse que o sabia bem, e pro-

hibiu-me que fallasse n'isso ao maire : Eu me resolvi então *a hir jogar o bilhar*. E' verdade que eu deveria talvez ter segurado Abat pela góla, mas não sabia bem disso. Elle parecia tão contente ! O sangue que me fizestes notar no hombro d'uma das minhas camisas provêm d'uma sangria: eu confesso ter dito, depois do crime, ao cirurgião, que dissesse a mesma cousa. Foi tambem por minha recommendação que o moleiro disse ao principio de que provinha o sangue que apparecia nas taboas. Embora Abat seja fraco e delicado, não lhe ajudei a levar o cadaver; e se as lesões observadas provão que minha avó foi ferida em quanto viva, e morta, antes de ser atirada ao poço, eu por nada fui n'isso, e persisto em accusar minha mãe, porque é a verdade. Não o fiz logo, porque esperava salvar-me sem isso. »

Abel Abat é trazido. Em pé atraz d'uma cadeira, com a sua jaqueta redonda, cabellos amelados, os seus pequenos olhos penetrantes e boca rasgada, já se bambolêa, como um menino que se enfada da lição, já se inclina, como profundamente attento, para melhor perceber o sentido das perguntas e pôr-se em estado de lhes responder. Tem dezanove annos e declara ter sido exposto do hospicio de Troyes. A historia dos seus primeiros annos interessa vivamente. E' visto durante os seus primeiros annos recebido successivamente por honestos cultivadores, que o disputão entre si como um honrado e interessante rapaz, que se esmerão por servir-lhe de pai e dar-lhe boa inclinação. O seu

espírito não precisa de lições, elle se desenvolveu no meio dos trabalhos os mais grosseiros do campo, e por desgraça, um mau conselho lhe deu o primeiro impulso para o mal. Abat roubou os seus bemfeitores e foi sob o peso d'esse triste incidente, que aos desanove annos, elle entrou na escola do casal Jumeau.

Para nos contermos o mais possivel nos limites d'este artigo, nós cercearemos, ainda que com sentimento, as perguntas do presidente, para não darmos mais que uma sorte d'analyse do interrogatorio.

Abat : Eu entrei em casa dos Jumeaus para ganhar mais, e ganhei menos (sorrindo). Que gente indigna ! Praguejão, que é um horror. Elles me mandão sempre injuriar a mãe ; elles m'impellem d'aqui, d'acolá ; que querem que eu faça ! eu obedeço a meus amos ; não de boa vontade , por exemplo, oh ! isso não ; e depois é falso que eu lhe chamasse cá-melo, essa mulher, p...., feiticeira, eu não digo : Não. E' verdade que eu roubei a Hennequin ; foi Jumeau quem me mandou que o fizesse ; duas caixas d'assucar negro (alcaçúz), duas bestices, que ! e ainda, uma d'ellas era d'anguias. Eu atormentava a velha ! Oh ! não.... que eu não a atormentassem. Eu disse que a afogaria?... Que se eu tivesse uma pulha de mãe, como ella, eu me desfaria d'ella bem depressa?... Esperai.... Sim.... é possivel.... sim, na verdade, eu o disse desse modo, cousa de rir, que ! E' verdade tambem que eu a fui esperar no charco, mas Jumeau me

tinha mandado, e eu não tinha intenção ; demais, este homem, elle me tinha promettido vinte cinco francos : é sempre bom ganhar, mas nada de más intenções. Elle me mandava bem outros casos. « Tu não acertaste d'esta vez ; é preciso deita-la na fonte de Blennes ; » e depois a mulher Jumeau (arremedando-lhe a voz) : « Seria bem para desejar, meu Deos, que elle acertasse ! » E depois a outra : Eu te darei cincoenta francos. » E depois a outra : « Toma a jumenta. » Elles estavam sempre a contas comigo, que ! A scena de sabbado de que me fallais? eis-me ahi. Primeiro, que de manhã, a mulher Jumeau malhava sobre a mãe Tribouley, que eu estava na granja e fui escutar, que era uma benção. Ella a tocava de maneira a fazer-lhe dar feros gritos, á velha, como isto : « *Oh! la pois, oh! meu Deos,* » depois, vem a noite (o accusado contando a parte que cada um tinha tomado n'essa triste conversação, toma successivamente o tom e accento de cada um dos interlocutores.) Eu cheguei: elles estavam tres diante do fogo. « Então que, disse eu, Vós não estais ahi muito apertados. » Arranjárão-se depressa para me dar lugar e ei-los que começam, como de costume, a fallar sobre a pobre velha. E por aqui e por acolá: a mulher Jumeau me diz : « Eu vou-te dar um plano : « Tu sabes bem a sua cruz d'ouro de que ella gósta tanto ; tu lhe dirás d'este modo: « Mãe Tribouley, eu sei onde ella está, a vossa bella cruz d'ouro. — Hein? qual? te dirá ella. Sim, oh! sim: olhai, alli em baixo, perto do poço, vamos, vinde...



ella hirá e se abaixará para a apanhar e, zaz, tu atirará com ella dentro.

Passa-se ao interrogatorio de Jumeau.

Jumeau, Vós sois d'um character violento? pergunta o Presidente.

— R. Eu, Sñr., não. *Eu sou senhor na minha casa, e eis tudo.*

— P. Vós maltrataveis os filhos do primeiro casamento de vossa mulher?

— R. Não, eu disse comigo: Eu desposei esta mulher e os filhos; eu os amarei todos: havia um, que tinha hido para aprendiz em casa d'um carpinteiro, eu o vi um dia com os seus pés sem sapatos, eu tive o coração afflicto, e o fiz voltar... Oh! foi de Jumeau.

— P. Vós maltratastes muitas vezes a viuva Tribouley?

— R. Mamã Tribouley! Oh! certo que não.

O presidente insiste.

— R. Ah! um dia, que eu lhe deixei sómente *escorregar* a minha mão sobre o hombro, mas eu tinha bem cuidado d'ella, de mamã Tribouley.

— P. Vós tomastes a vosso serviço a 19 de Novembro de 1835, o chamado Abel Abat, e Vós lhe mandastes que fosse esperar vossa mãe no charco Bazin?

R. (Estendendo a mão com força) é falso foi de Jumeau!

— P. Outra vez, Vós lhe dissestes: Vai pois á fonte de Blenne, ella passará por lá, e atiras com ella dentro.

— R. (Pondo a mão sobre o coração) A fonte de Blenne! Quem me dirá onde é a fonte de Blenne? E' falso, em minha consciencia, foi de Jum....

O presidente (interrompendo-o) : Jumeau, não façais juramentos, mas dai explicações. Vós sabieis que Abat era um ladrão, Vós sabieis que elle injuriava e maltratava a vossa sogra ; Vós o tinheis tomado por dois mezes ; porque motivo, ao menos, em 19 de Janeiro, o não despedistes?

— R. Vós hides ouvir (entra em longas divagações.) O presidente o chama ao ponto da questão; todas as respostas principião pelas palavras « *Vós hides ouvir* » e em fim Jumeau ainda por dizer : « Elle nunca se quiz hir embora.

— P. A 30 de Janeiro de manhã ouvistes Vós uma altercação entra vossa mulher e sua mãe?

— R. Vós hides ouvir-me; en estava ausente.

— P. E á noite : não ouvistes a conversa que teve lugar entre vossa mulher, a mulher Isidora e Abat ?

— R. Eu entrei muito tarde.

— P. Sim, mas bastante cedo para ouvir?

— R... Eu... dormia... Comtudo,.. eu bem... ouvi alguma cousa... Eu declarei ao juiz o que sabia... Era a mulher Isidora que disse : « *Ella se tórna cada vez mais exigente ; é preciso prometter dinheiro a Abat :* » elle, elle estava como um doudo furioso.

— P. Mas Vós tomastes parte n'essa conversação ?

— R. Vós hides ouvir-me... (O accusado engole com

difficuldade a saliva e parece entregue a uma viva agitação). O presidente lhe lembra todos os detalhes da scena descrita pelos seus co-accusados. Depois, esse magistrado se entrega á leitura dos seus longos interrogatorios. Durante essa leitura, o accusado muda a cada instante de posição. Pareceria depois que elle está inteiramente contrafeito, tanto os seus hombros estão desiguaes, tanto uma das suas ancas está acima da outra ! Todos os olhos estão fitos tristemente sobre esse desgraçado : mas no momento em que, apoiando em cada palavra, o presidente lhe traz á lembrança uma sorte d'imprecação feita pelo accusado *sobre o sangue de sua mãe*, ouve-se uma bulha surda : Jumeau tinha cahido estendido sobre as lages e parecia morto. Apressão-se em o socorrer e levão-o para fóra. Uma agitação impossivel de descrever reina no auditorio. A audiencia é suspensa durante tres quartos de hora.

No proseguimento do interrogatorio, Jumeau parece um pouco mais socegado, mas está bem longe da segurança que mostrava no primeiro principio : elle explica o accidente que acaba de lhe acontecer, dizendo que é sujeito a accessos de vertigem. O presidente tem a humanidade de não insistir e o convida a sentar-se.

— P. No dia seguinte, 31 de Janeiro, Vós encontrastes Cassemiche em vossa casa ?

— R. Sim, elle estava sentado e comia um bocado : eu fui á adegá. Minha sogra estava lá.

— P. Em quanto estaveis na adega vistes vossa mulher ?

— R. Não.., não, com bem certeza : ella não desceu lá.

— P. Do quarto póde-se ouvir o que se diz na adega ?

— R. Com bem certeza, a porta abre para lá, e não ha mais que cinco ou seis degraus... Eu repito que minha mulher não veio fallar-me á adega. Eu sahi de lá, para partir com Cassemiche, fui a Villeneuve-aux-Chemins, buscar carne de porco : mesmo eu tinha o meu cesto ás costas... Assim, vós vedes hem... que eu não fui de modo algum em nada.....

— P. Sim, nós sabemos que todas as vezes que um trama se urdia contra a viuva Tribouley Vós estaveis ausente, e tinheis mesmo grande cuidado de o fazer constatar. Comtudo, a accusação sustenta que os tramas erão sempre dirigidos por vós, mas que Vós deixaveis a sua execução a outros.

— R. Vós hides ouvir-me. Não, não : por certo.

— P. Que fizestes Vós depois?

— R. Eu voltei, passando pela rua Croc-Paillard, perto do poço. Os policiaes estavam lá ; eu me aproximei e *ajudei a tirar*... Isso me fez tanta cousa, que eu me retirei...

— P. E fizestes Vós muitas perguntas para saber a causa d'essa desgraça?

— R. Que quereis vós ?

— P. Como soubestes Vós que vossa madrasta tinha sido assassinada ?

— R. A' noite, minha mulher m'ó disse. Ella me disse : « Foi Abat... Elle lhe fez ver a sua cruz d'oiro... e a impelliu para dentro... Eu o vi.

— P. Vossa mulher disse : « Eu o vi ? »

— R. Sim.

— P. E para o poço é preciso estar bem perto ?

— R. Sim, com bem certeza.

— P. E quando ella vos contou esse crime, Vós correstes sem duvida á casa d'Abat, para o arrastar perante os juizes; Vós não haviéis, sem duvida, de soffrer que o assassino de vossa mãe repousasse debaixo de vosso tecto ?

— R. (O accusado balbucia). Eu moralisei minha mulher... Uma igual coisa !...

O presidente resume as declarações do accusado, e d'ellas faz sobresahir todas as contradicções e inverosimilhanças que ahí se notão. Jumeau trata ainda de affirmar, *sobre a sua alma e consciencia*... O presidente o convida ainda, com um tom grave, a omittir juramentos.

Levão Jumeau, e a mulher Bouchu é trazida.

E' uma camponeza, como se vê tantas : ella não cessa de ter as mãos nas algibeiras do seu avental. Segundo affirma, ella nunca teria tomado parte nos maus tratamentos exercidos desde muito tempo sobre sua avó. Chegando á noite de 30 de Janeiro, ella illude constantemente as ins-

tantes perguntas do presidente..... ella não estava là : se propostas forão feitas, *elles que o digão : que aquelles que o sabem, o digão*. Comtudo depois de longos esforços, chegasse a arrancar-lhe a confissão de que ella foi testemunha da conversa. No dia seguinte, como ella se admirasse de não tornar a ver sua avó, encontrou Abat, que lhe disse: « *Eh! eu a deitei no poço, vossa avó*. Eu o reprehendi bem, chamei-lhe desgraçado, e contei o caso á minha mãe, que me respondeu que ella bem o sabia, e me prohibiu de nada dizer. Não fui perto do poço, quando tirárão o cadaver. Não tinha lá que fazer. Sómente dei um gancho, que Abat veio buscar para *alguma cousa*, que estava no fundo do poço.

P. Mas essa *alguma cousa*, Vós sabeis desde manhã, e por Abat mesmo, que era o cadaver de vossa avó e vós fallais a Abat! e vós não o denunciais! e vós lhe dais de ceiar em vossa casa á noite!... Vós sois pessoas bem tranquillias na vossa familia.

A accusada nada responde, e os interrogatorios são terminados.

Depois d'uma breve suspensão da audiencia, o presidente annuncia que vai passar ás acareações. Introduzem-se a mulher Jumeau e Isidoro Bouchu. Ambos são separados por policiaes. A mulher Jumeau lança sobre elle um olhar escrutador e penetrante, que ella volta depois sobre a assembleia. Isidoro não está menos abatido que na vespera, e os seus olhos, baixos, não respondem nada aos de sua mãe.

Aqui começou uma scena impossivel de descrever. Seria preciso côres demasiado vivas para expressar esses movimentos de surpresa d'indignação, de cólera, essas exclamações repentinas e entrecortadas que se cruzão, se confundem e se exaltão de mais em mais, á medida que cada um dos cinco accusados, persistindo no seu systema de defeza, lança sobre os outros todo o peso do crime. A mulher Jumeau, sobre tudo, não se possui mais e se levanta toda inteira. Se pudesse haver contra ella alguma cousa de mais afflictivo e convincente que o testemunho de sua familia, seria a violencia de seus gritos, os relampagos que dardejão de seus olhos, a escuma e as imprecações que lhe sahem da boca, a volubilidade apaixonada de suas accusações que nada detem, nem as observações do presidente, nem os esforços dos policiaes, nem os murmurios da multidão, nem os signaes benevolos do seu defensor. Mais tarde apparecerá o jovem Abat no meio d'esse tumulto, d'esses gritos, d'essas raivices; e só, tranquillo, impassivel, com o sorriso nos labios e as mãos passadas nos seus cabellos anellados, lançará como ao acaso sobre cada um a sua condemnação, e representará o papel de Mephistopheles, que se consola dos seus tormentos pelos que faz soffrer, entretanto que os bramidos do trovão, o açoitar da saraiva e os sibilos do vento, virão misturar dignos accordos a esse concerto infernal. Tal é o aspecto d'um quadro, felizmente unico em os fastos judiciaes. Voltemos rapidamente sobre alguns particulares.

Isidoro, interrogado, persiste com uma voz quasi desfallecida, em affirmar que sua mãe se conduzira sempre mal com a viuva Tribouley; que tomou uma parte activa na conversa de 30 de Janeiro, e que no dia 31 depois do crime commettido, ella dissera, que tinha tido conhecimento d'elle e o tinha ajudado a commetter. Não ha uma só d'estas tristes revelações que não seja entrecortada das blasfemias e das imprecações que a mulher Jumeau lança contra seu filho. Interrogada por sua vez, ella toma cruelmente a sua desfôrta, e parece reunir todas as suas forças exhaustas para acabrunhar seu filho.

Abat é trazido, e aqui o horror, que vai sempre augmentando, muda sómente de fórma. Abat oppõe aos clamores e aos gestos desregrados da mulher Jumeau a sua voz clara, decisiva, e o seu sorriso sardonico. Elle reproduz, sem lhemudar o fundo, mas debaixo de cores mais pittorescas e mais estranhas que na vespera, toda a narrativa que contámos; de tempo a tempo, elle pára e descansa, como para julgar do effeito dos seus golpes, e quando a mulher Jumeau exclama, e quando Isidoro deixa escapar algumas protestaões incoherentes! « Vamos pois, lhes diz elle, de que serve tudo isso, nós estamos aqui para dizer a verdade, não é assim?... Vós sabeis bem, como forão as cousas, mulher Jumeau..... Isidoro, vamos.... Depois, voltando-se para o tribunal: Um momento! Diabo! explicações! eu ainda tenho a dá-las, eu. Oh! ainda não é tudo, não é assim



mulher Jumeau? Vós chamais a isto *impôres*; lá, bem baixo, tu, meu Isidoro! Pobre Isidoro, va!.... O que é que eu ouço? que me deverião ter expellido, execrado, maldicto! A mim que fui impellido por elles a malfazer. (Elevando a voz com uma grande energia), a mim, a quem elles molhá-rão a mão no sangue de sua mãe, porque eu o não tinha querido derramar... Maldição sobre elles! E' a mim que pertence amaldiçoá-los! » E a estas palavras, elle estende a mão sôbre a cabeça da mulher Jumeau, que, como aterrada por esse anathema, não encontra mais nem gritos, nem injurias para responder, e recae sobre o seu banco, sem proferir uma só palavra. Ella não recobra a energia, senão á vista do seu marido. Uma troca rápida d'injurias e recriminações se faz entre elles. Este quadro não é mais senão penoso; as emoções parecem esgotadas pela sua violencia. Por isso não continuaremos a delinear mais estas confrontações, em que nenhum accusado desmentiu do seu character e do seu systema! A mulher Isidora, sobrevivendo, parece pallida e baça. A multidão parece queixar-se, como se fora de si mesma, no meio desses quadros, ella esquecesse a espantosa realidade, para se julgar n'uma representação theatral, de que o quinto acto não correspondesse aos precedentes. Comtudo, esse terrivel interesse vai suscitar-se de novo. O presidente, cujas forças fisicas e poder moral parecem augmentar e reproduzir-se para se elevar á altura d'uma tarefa tão difficil, oppõe todos os accusados uns

aos outros, depois de os ter oppôsto um ao outro, e como elle põe, por assim dizer em acção a analyse de tudo o que até ali se tinha dito, cada um dos accusados parece tambem levar em seu brio, colligir as forças para se salvar á custa dos seus co-reus. A natureza, ultrajada por esses esforços, parece tambem tumultuar-se indignada contra aquelles que infringem as suas santas leis. O céo começa a tornar-se sombrio, uma luz tristounha cahe a prumo da cúpola da abobada sobre todas essas cabeças e as alumia com reflexos melancolicos : alguns relampagos brilhão, o trovão ronca ao longe, se aproxima, augmenta com a scena, e acaba por estampidos em longos rolamentos, misturados com saraiva que retine nas vidraças. Todas as vozes se perdem nessa voz suprema, que não cessa de roncar, senão quando o presidente satisfaz ao voto da lei, tomando a palavra para dar a conhecer a cada um dos accusados os interrogatorios de todos os outros.

Tal é o excesso d'essa mobilidade d'espírito que se attribue á nossa nação ! e era sem duvida no meio das scenas tão variadas d'um drama judiciario tão complicado que era occasião de observa-lo ! O negocio que occupava depois de quatro dias, o tribunal do jury, não tinha mudado de natureza : as causas que o fizérão nascer não erão menos horri-veis, a possibilidade dos seus resultados menos temerosa ; estava-se apenas no dia immediato das emoções as mais dilacerantes, e com tudo o auditorio tinha tomado uma atti-

tude quasi jovial, e parecia buscar nos depoimentos das testemunhas, antes um passa-tempo que uma convicção.

Os accusados todos presentes, parecem ter recobrado elles mesmos uma parte desse socego e dessa serenidade que se nota entre os espectadores. A mulher Isidora sobre tudo parece tomar um vivo prazer com alguns dos depoimentos cuja analyse daremos mais abaixo. Jumeau comtudo tem as feições muito alteradas e conserva o chapéu na cabeça. Isidoro nunca deixou de ter a cabeça baixa. Os olhos da mulher Jumeau faiscão; os de Abat exprimem a mais viva intelligencia e a attenção a mais profunda.

A primeira hora da audiencia é consagrada a figurar o transporte do cadaver. Isidoro e Abat estão revestidos das camisas tintas de sangue e de lama que trazião n'esse dia. Põe-se-lhes sobre os hombros o feixe de paus, com que se suppõe ter sido commettido o crime; de maneira que o instrumento representa hoje a victima. Esta experiencia não produz resultados mui satisfactorios: os defensores se apoderão com habilidade d'uma multidão de circumstancias que escapão á analyse, para lançar a indecisão e a duvida no espirito do jury.

As tres primeiras testemunhas são relativas a um furto domestico de que Abat é accusado: concebe-se o pouco interesse d'essa parte dos debates. Um furto domestico ao lado d'um parricidio! E' apenas um incidente d'audiencia. Introduz-se o tabellião da familia Tribouley. O seu depoi-

mento não é notavel senão pela sua extrema diffusão e pelas observações que o presidente dirige á testemunha sobre algumas omissões, ou variações bastante graves.

O Sñr. Renaud, official de justiça em Evry, se adianta respeitosaente com o chapéu na mão e o bonné de sêda prêta na cabeça. Elle expõe *aos Sñrs. magistrados* que no momento da sua prisão *pelos Sñrs. policiaes*, Abat lhe fizera importantes confidencias, pedindo-lhe que as communicasse ao procurador do Rei; mas não *ao outro* (o juiz da instrucção). Segundo essa testemunha, Abat, declarando a culpabilidade da mulher Jumeau e a scena do poço, teria representado Isidoro Bouchu, como um honesto rapaz, cheio de zêlo por sua velha avó. O presidente e o procurador do Rei fazem notar á testemunha que elle não dissera nem uma palavra d'isso na instrucção. A testemunha explica, como pode, essa singular omissão. Abat é levado para fóra da audiencia: a testemunha apertada de perguntas, insiste, e accrescenta que Abat ficou tão contente de ter assim descarregado a sua consciencia, que quiz dansar com elle, mas que elle não quiz.

Abat interrogado por sua vez, confirma a primeira parte das declarações da testemunha, accrescentando que as suas revelações não erão completas. Elle não se lembra, alem disso, de ter, nem ao menos pronunciado o nome d'Isidoro. A testemunha prosegue n'estes termos: « Eu vi muitas vezes a comida que davão á mãe Tribouley. Um dia forão

feijões velhos em um caco de prato negro, e vinho em que havia *metade d'agua*.... Ter-se-ha difficilmente a verdade da boca das testemunhas, porque ellas receião offender o Sñr. maire. Elle teve muita difficuldade em me perdoar a mim as meus primeiros depoimentos. Mas eu não tenho medo de nadã, eu : e para o provar, accrescento aos Sñrs. magistrados, que a mulher Jumeau passava por se embriagar e por pagar vinho aos homens. (A mulher Jumeau levanta-se enfurecida e dá á testemunha os epithetos os menos lisonjeiros.)

O policial Pedro Jarry oppõe o seu arrego todo militar á branda linguagem do meirinho Renaud. Elle recebeu no mesmo dia as confidencias d'Abat, e ellas são em todos os pontos conformes ao interrogatorio do accusado. Isidoro sobre tudo, não é ahi poupado. Elle accrescenta : Ter-se-hia feito bem em prender o maire no dia immediato. As testemunhas não terião tido a boca tão bem fechada. Eu declaro, eu, que seu filho Arsene ou Lazaro Bouchu estava aqui no primeiro dia d'audiencia ; elle disse a algumas testemunhas que tomaria notas e que aconteceria desgraça.... « O policial Jarry é acariado com o meirinho Renaud, e ambos persistem com o tom particular que os caracteriza : Renaud accrescenta que os Sñrs. magistrados estão convencidos da sua veracidade.

O procurador do Rei pede immediatamente a prisão de

Renaud, em virtude do artigo 330 do Código d'instrução do processo criminal.

O tribunal retira-se para deliberar sobre o incidente e declara ao voltar, que, tão graves como pareçã as variações da testemunha, a prisão não tinha lugar por enquanto.

Jorge Jarry, 7<sup>a</sup> testemunha, conta as declarações de Abat com variações assaz importantes, para que um movimento d'hesitação pareça agitar alguns bancos. Elle conta que Isidoro Bouchu, tendo hido ao bilhar de Gauthier, depois do assassinato, lhe disse : « Notai bem *a hora a que eu venho, e se vos perguntarem, dizei que nada sabeis.*

Rosalia Durtoc, antiga criada dos casados Jumeau, conta as violencias e maus tratamentos de que esses individuos se tornavão culpados para com sua mãe. Um dia, a mulher Jumeau lhe teria atirado com uma cadeira á cabeça; outra vez lhe teria dito : « Se não houvesse maior offensa em te matar a ti do que a um frango, o teu negocio estava arranjado. »

A mulher Jumeau, fiel ao seu systema, responde com injurias, que correm da sua boca com uma facilidade admiravel, e termina dizendo : « Va, va, tu não és uma pessoa honrada. »

Nós entramos aqui n'essa serie de testemunhas que mudarão a physionomia do auditorio. São sete ou oito mulheres, todas antigas amigas e confidentes da pobre mãe Tri-

bouley: A mais velha não tinha menos de noventa annos e a mais nova tinha setenta e dois. A sua linguagem pittoresca, as suas attitudes variadas, o seu aspecto emfim, tudo contribue para excitar indecentes explosões de hilaridade. A mulher Isidora não tem rasão de queixa, porque arrebenta de riso e apenas procura occulta-lo.

Todas estas mulheres attestão as queixas da viuva Tribouley e a odiosa crueldade de seus filhos. A mulher Jumeau não queria deixar-me entrar, porque sua mãe não fazia senão critica-la diante de mim. Oh! que não, ella não vos *critica*, diz sómente que *Vós a matais á fome*.

« Minha querida mãe Basserot, dizia ella á outra, não tenho senão a vós por consolação.... Meu genro o maire não quer aceitar as minhas queixas. Vós vereis que me acontece desgraça... Elles dizem que eu estou louca, e quando grito, escarnecem de mim: « É verdade comtudo, meus amigos do bom Deos! que elles a accusavão *tambem* d'isso.

— P. De que?

— R. Mas dis....

— P. Explicai-vos.

— R. Emfim.... que.... (baixando os olhos) de ter o pai cousa... (um amigo), de dormir com elle, que! Vós me entendeis bem.... Oh! que sim, que ella era *forte*, essa pobre mãe. Eu entendia que Vós me perguntaveis, se ella era douda.... eu dizia que não, mas se Vós dizeis *forte*,

eu digo que sim, que ella o era. Forte, entendamos-nos, não forte como um turco, mas como eu, que.... Ah! a pequena? que sim, que ella o era; não bastante, comtudo, porque os Jumeau, ahi malhavão, ahi malhavão, de sorte que ella tinha o corpo todo negro, meu caro Sñr. — O resto do depoimento é inintelligivel e a testemunha o acaba, voltando para o seu lugar.

A mulher Jumeau se levanta e ataca desta vez todas juntas as mulheres que acabão de depôr contra ella. Uma responde logo, outra estremece a uma injuria desacostumada, a terceira chora.... todas em fim reassumem a offensiva. O ataque e a defeza marchão simultaneamente, isto é, que todas fallão ao mesmo tempo e no tom o mais alto. A unica vantagem que o publico tira d'este aranzel é não lhe entender palavra.

A testemunha Bazin confirma o que se disse sobre Lazaro Bouchu e sobre as ameaças que elle tinha feito á testemunha.

Os maires d'Auxon e d'Ervy fazem depoimentos muito estensos, mas pouco mais ou menos destituídos d'interesse. E' uma destas testemunhas que teria ouvido dizer á viuva Tribouley dizer á mulher Jumeau : « Minha Josephina, eu não te quero mal, sim, eu hirei morar comtigo, *para te poupar* (despeza) Jesus-Christo perdoou aos homens que o crucificárão, é bem menos, que eu vos perdôe a vós. »

Outra declara que uma tarde, a viuva Tribouley tinha



pôsto um mólho de palha na igreja, com a intenção de lá passar a noite, e como a reconduzisses á casa, ella teria dito : « Ah! meu Deos! Vós me levais á casa dos meus algozes. »

A mulher Gérard lhe ouviu dizer : « Eu não farei como meu irmão, eu não me affogarei... mas quem sabe?... Ah! minha querida amiga, não deis nunca os vossos bens a vossos filhos, antes de estar morta. »

A testemunha Boulard é introduzida. Sabe-se que esta testemunha, admittido todos os dias como debulhador, na intimidade da casa Jumeau, devia ter recebido ou surpreendido bastantes confidencias, e que é chamada a lançar uma grande claridade sobre os debates. E' um homem de cincoenta annos, cujos cabellos cahem sobre os hombros, como os dos nossos antigos camponezes.

Elle ensaia, ao começar, o tom que deve tomar, até que os jurados, depois de lhe terem dito, tres ou quatro vezes, que fallasse mais alto, lhe dizem ; *basta*. Elle vira-se para os jurados e diz : « Senhor, eis aqui a cousa, sim Sñr. » Elle falla das injurias e das ameaças proferidas todos os dias por Abat, contra a viuva Tribouley; que consistião em uma frase burlesca, em dizer que, se tivesse uma mãe, como ella, não tardaria em lhe dar cabo da pelle, que não havia de aturar semelhante empache e semelhante camelo! e mil outras cousas semelhantes. Jumeau e sua mulher não só aplaudião, mas excitavão. Jumeau disse muitas vezes

diante delle : « Pespega com ella no poço, essa velha estonteada e eu te darei vinte e cinco francos. Vai-te ao charco Bazin esperá-la. Tu falhaste uma vez, mas ella deve passar á manhã pela fonte de Blennes.... Não atirarás tu um dia com ella no poço? Eu te darei n'esse dia cincoenta francos; e tu podes tomar uma das nossas jumentas em penhor. » No dia 30 de manhã, a mulher Jumeau deu tão vigorosamente em sua mãe, que esta se queixava de não poder mais mexer os braços, e a mulher Jumeau : « Nós não poderemos corrigi-la, este demonio; é preciso comtudo que a amansemos. » Eu estava á noite a ceiar... Abat dançava, e a mulher Tribouley chorava : « Vai, vai, lhe dizia elle, ameaçando-a com o punho, *tu não terás muito tempo que chorar*; depois, ouvindo as imprecações das duas outras mulheres : *Podeis descansar, en vos desembaraçarei d'ella*, e Isidoro tomou a palavra, para dizer : « Ella já tem vivido bastante para isso. » Os Jumeau o acoroçoavão, dizendo-lhe : « Nós somos felizes em ter um cunhado maire; elle não tirará devassa, e sabe que ella é extremamente má : E' uma verdadeira vibora, que morde com a ponta. » Abat gabava-se, alem disso, de ter a mulher Jumeau, todas as vezes que a queria, e um dia gritou, ao vê-la : « Ali vai a minha p... que passa. » Isidoro disse ao moleiro : « Tu dirás que foste tu quem deitou sangue nas taboas e na escada. »

Este depoimento, feito com segurança, produz uma viva

impressão e dá lugar a vivos debates. O ministerio publico, os defensores e o jury, interpellão successivamente a testemunha que, durante mais de duas horas, é obrigada a fazer face a essas questões.

O defensor da mulher Jumeau tem a palavra. Em um exordio caloroso, elle deplora a triste solemnidade d'esses debates e a necessidade cruel que lhe impõe as suas convicções e os seus deveres de mudar muitas vezes a defeza em accusação. Elle atira o crime imputado á mulher Jumeau e a sua execução sobre Abat, e tira as suas convicções das versões mesmo de Abat, das suas contradicções e do seu systema de defeza todo inteiro, systema de que elle se applica a demonstrar a inverosimilhança sobre tudo no que diz respeito a esse ponto capital do processo, o transporte do cadaver Tribouley pela mulher Jumeau, Isidoro e elle Abat; mas elle só, arrastado, forçado por Isidoro a fazer parte do horrivel comboi, Abat victima innocente e submissa!... Essa scena de melodrama, essas marchas e contramarchas, tão tragicamente solemnes, tão theatraes, não são mais que uma invenção do genio infernal de Abat; e se, como o quiz alias explicar uma testemunha, se quizer submetter a narrativa de Abat a um exame algum tanto attento, ver-se-ha, desde logo, o romance dar lugar á realidade. Para admittir que o cadaver da desgraçada viuva Tribouley fosse levado por tres pessoas na ordem indicada por Abat, com os pés ultrapassando os hombros da primeira pessoa, e a cabeça

pendendo sobre o hombro da terceira, como o disse Abat, seria necessario começar por estabelecer que a viuva Tribouley era uma gigante. Aqui, as objecções da defeza são fizicas et materiaes, partindo concluentes contra a infernal mentira de Abat.....

Autorisando-se com o relatorio dos medicos, o advogado sustenta, que o crime podia ter sido commettido por uma pessoa só, e que essa pessoa era Abat. Sem duvida, é penoso ao seu coração, e é como cruel necessidade para elle, cujo ministerio seria fazer-se auxiliar da defeza de Abat, o tornar-se seu accusador. Mas antes que tudo, elle deve escutar o interesse da justiça e a sua consciencia. Quanto ás declarações de Isidoro, donde resultaria que a mulher Jumeau é um dos autores do crime, declarações de que o ministerio publico se apoderou, dizendo com uma eloquente energia que ellas seriam o segundo parricidio de Isidoro, se ellas não fossem a expressão da verdade, o defensor sabe que ellas não foram mais que o resultado d'um conselho odioso, dado na prisão a um espirito fraco. « Tua mãe não tem mais filhos a criar, disserão a Isidoro, salva-te, pensa na tua mulher e nos teus filhos. » Eis aqui o Sñr. Berthelin, supplicando ao accusado Isidoro para que volte a mais dignos sentimentos de filho: « Eu vos censuro, Isidoro, diz elle, e eu vos lamento. Enlacedo na rede d'uma accusação tão grave, a vossa imaginação se assombrou, e para cumprir o dever d'um pai, Vós desconhecestes outros deveres não menos sagrados. Emendai a

vossa má acção, retrai indignas e mentirosas palavras, é tempo ainda, Isidoro! Dizei publicamente n'esta sala, em que Vós a accusastes, dizei : Oh minha mãe, perdoai-me, porque eu vos accusei, e Vós estais innocente do crime que se vos argúe. Eu vos accusei para me salvar, perdoai-me oh minha mãe!

O defensor de Isidoro Bouchu pede ao tribunal que queira ouvir este accusado.

— O presidente: Isidoro, Vós tendes alguma cousa a dizer?

— Isidoro : Sim Senhor (com uma voz entrecortada) : Eu declaro que a palavra que disse é uma mentira....

— P. Mas qual palavra?

— R. (Com um extremo embaraço) : Senhor, é a palavra... eu quero dizer, que foi uma mentira que eu disse contra maman. Como Abat me tinha dito que acabava de matar minha avó, eu disse que maman estava com elle, e eu o disse.... Eu o disse, sem o saber.

— P. Induziu-vos alguém a dizer essa mentira?

— R. Não, Senhor. Eu julgava salvar-me, dizendo isso... eu julgava que isso me faria bem.

— O presidente (com severidade) : Então, eu vos direi, porque esse é o meu direito, eu vos direi que se póde taxar a vossa primeira declaração, de parricidio, porque, querendo salvar-vos por uma mentira, vós perdieis vossa mãe.

— Isidoro (com abatimento e com uma voz baixa) : Eu julgava que isso me servia de bem.

A defeza de cada um dos outros accusados é em seguida apresentada pelos seus respectivos defensores.

Em fim este drama terrivel vai desenredar-se. Uma anciedade terrivel parece pesar sobre os accusados, que esperão a sua sentença com uma inquietação, que se descobre no seu aspecto abatido, no seu rosto pallido e profundamente alterado, nos seus olhares immoveis e amortecidos, que ousão apenas levantar-se sobre o tribunal e sobre o jury. A mulher Jumeau, que tem maior difficuldade entre todos, de comprimir essa energia e essa rispidez de character, de que deu tão frequentes provas no curso dos debates, occulta o rosto no seu lenço e conserva constantemente a cabeça baixa e apoiada no braço esquerdo. Ha na expressão de Isidoro Bouchu alguma coisa de tão profundamente doloroso, que o observador o mais frio não pôde suste-lhe o aspecto; as suas feições estão ora lividas, depois córadas, outras vezes d'uma cor de sangue, e outras denegrida: Esse homem está quasi môrto. Abat está mais pallido que de ordinario, mas não desmente essa igualdade de character e esse imperturbavel sangue frio, que nunca o abandonou, durante o curso d'esse longo processo. Jumeau, por uma singular preocupação, empregou mais cuidado no seu enfeite que de ordinario. O seu rosto, frescamente barbeado, não offerece mais essas tintas amarellas e biliosas, que lhe davão um tão medonho aspecto nas primeiras audiencias; mas a sua cabeça apresenta sempre um typo o mais significativo da hypocri-

sia, e é com difficuldade, se no seu olhar falso se podem discernir alguns raios d'esperança. A mulher Isidora só, tomou segurança e está bastante senhora de si mesma para escutar com uma viva curiosidade tudo o que se diz ao seu alcance; a sua propria sorte parece occupa-la mui pouco, e em todos os debates não cessa de dar ao marido os mais evidentes signaes d'interesse.

Depois das replicas do ministerio publico e dos advogados, o presidente toma a palavra para resumir os debates :

« Senhores, diz elle, com uma voz trémula d'emoção, uma triste palavra soou neste recinto : a palavra de parricidio, essa palavra que se não pronuncia, senão tremendo, foi pronunciada pela accusação, e tudo tende a augmentar o horror que uma semelhante ideia faz nascer. O proceder dos accusados, as suas palavras, as suas horriveis incriminações, tudo neste negocio causa espanto. Depois d'estas poucas palavras pronunciadas com uma voz commovida que penetrou todos os corações, o presidente apresenta uma relação simples, dramatica, circumstanciada do negocio, e pintou os precedentes de cada um dos accusados, poz a nú o interior d'essa familia e o character de cada um dos seus membros, e explicou todos os motivos que os poem em acção, collocou-se sobre o theatro do acontecimento, traçou com individuação a maneira porque a morte foi commettida, e a parte que cada um dos accusados nella tomou. Elle, segundo a sua propria expressão, trouxe o cadaver da victima ao

meio do recinto, contou todas as suas feridas, enumerou as circumstancias que tornavão o assassinato necessario, e que tornavão demonstravel até á evidencia a participação no crime, de cada um dos accusados. Varias vezes, percorrendo esse campo tão vasto, pelo que somos obrigados a passar com tanta rapidez, elle encontrou esses traços profundos que vão ao fundo d'alma, e ahi levão uma irresistivel emoção. Mas a sua palavra commoveu profundamente todas as almas; e quando pintou os primeiros annos de Abat, as felizes inclinações da sua infancia; quando delineou o caracter dos Jumeau, o seu proceder e o dos Bouchu, quando fez ouvir os gritos da victima, quando disse: « *Nós somos obrigados a hir comvosco até as extremidades do horror,* » e que lembrou a accusação de Isidoro Bouchu contra sua mãe, então as lagrimas corrêrão de todas as partes, e quanto mais elle quiz dominar o horror, tanto mais o augmentava, e tanto mais profundos tornava os estremecimentos que percorrião o auditorio.

Depois de ter dado uma parte tão ampla á accusação, depois de a ter animado e tornado pathetica por todos os lados, elle ainda deu uma parte mais ampla á defeza, elle não o-mittiu nenhum dos seus meios, e, se não pôde communicar-lhe mais força, foi porque a natureza da causa, tinha necessariamente comprimido o talento dos defensores, e os tinha impedido de apresentar ao jury mais fortes demonstrações e melhores argumentos.



Às tres horas e um quarto, o jury entrou na camara das deliberações e sahiu ás cinco horas e meia.

No meio do mais profundo silencio, o chefe do jury faz leitura do resultado da deliberação. A resposta é negativa a respeito da mulher Isidora Bouchu.

A mulher Jumeau é declarada criminosa de parricidio.

Isidoro Bouchu, Estienne Jumeau e Abel Abat são declarados culpados, mas *com circumstancias attenuantes*.

O presidente ordena que se introduza a mulher Isidora Bouchu. Ella ouve, sem nenhuma emoção apparente a ordenança d'absolvição. Os outros quatro accusados são introduzidos, e parecem feridos de estupôr. A mulher Jumeau deita olhares inquietos sobre o tribunal e sobre os jurados. O procurador do rei pede a applicação da lei.

A mulher Jumeau é de uma pallidez medonha; ella pergunta varias vezes ao policial postado junto della a que pena será condemnada.

O tribunal retira-se e depois de alguns minutos de deliberação, o presidente annuncia com uma voz commovida a sentença que condemna :

A mulher Jumeau á pena de morte; Abel Abat á prisão com trabalho por toda a vida; Isidoro 20 annos, e Estienne a 15 da mesma pena. Os quatro accusados ouvem a sua condemnação sem proferir uma só palavra : a mulher Jumeau, retirando-se parece não comprehender ainda que pena a alcançou.

---

## PROCESSO SERAIN

ASSASSINATO DE DUAS JOVENS.

### *Jury d'Orléans.*

No mez de Julho de 1840 um crime espantoso veio lançar o terror em Orléans, e suscitar em todas as populações circumvisinhas o sentimento de uma indignação profunda. Duas meninas, ainda na idade da infancia, forão subitamente arrebatadas a seus pais, e poucos dias depois se encontrárão seus cadaveres horripelmente mutilados. O autor d'um semelhante attentado não podia permanecer por muito tempo incognito. As investigações dos magistrados não tardarão em colloca-lo sob a mão da justiça, e esse homem foi chamado a dar conta do sangue que tinha derramado, perante o jury de Orléans.

No dia 24 de Julho pelas 6 horas e meia da tarde, Emilia Roulo e Adela Leroux, cujos pais habitão o Porteró, uma de onze annos e meio d'idade, a outra de dez annos, forão acostadas por um homem, que, pela recusa de outra menina, lhes propoz o entrarem no seu carro, com offerta de as con-

duzir até a cruz de Saint-Marceau e prometteu dar-lhes dez centesimos, se ellas quizessem accompanha-lo até ao burgo para lhe segurar no cavallo. As duas meninas aceitáráo; ellas entráráo no carro com esse homem, que deu uma pera a cada uma e partiu immediatamente. A tarde e a noite se passáráo sem que ellas voltassem para casa de seus pais. No dia seguinte, com rasão assustados, elles se entregarão a activas pesquisas, para saber o que era feito d'ellas. Foi facil o colher as circumstancias da sua partida, que teve mesmo lugar em presença de algumas testemunhas, chegou-se mesmo a saber que o carro se tinha dirigido sobre la Mouillère, mas ahi perderão-se-lhe os vestigios e foi impossivel saber o caminho que tinha seguido, assim como o nome do homem que o conduzia.

Comtudo, esse homem tinha sido visto por um numero assaz consideravel de testemunhas. O seu signalamento, o do cavallo e do carro forão transmittidos ás diversas brigadas de gendarmaria, e não tardou o rumor publico em designar aos gendarmes de Jurgeau, Abrahão Serain, como sendo aquelle a que esse signalamento se adaptava. Serain foi preso, o seu carro e o seu cavallo apesados, e desde esse momento, a informação fez rapidos progressos.

Em Préhaut, Serain tinha deixado o lugar que occupava partindo, sóbre a lança do carro, e tinha se hido sentar no carro mesmo, entre as duas meninas. Estas parecião muito tristes; tinham as lagrimas nos olhos, e perguntavão se não

chegarião de pressa a suas casas. Serain recolheu-se muito tarde, sem que nenhum visinho o ouvisse; o seu carro apresentava numerosas nodoas, que forão reconhecidas ser nodoas de sangue recentes. Uma grande quantidade de sangue tambem se deixava notar em quatro lugares da estrada que Serain tinha percorrido. A estes indicios já tão graves, se juntou logo a descoberta feita no domicilio de Serain, de varios objectos que tinham pertencido ás meninas; emfim, uma forquilha de pau, que tinha no lugar dos dentes o signal de duas nodoas de sangue, foi encontrada em casa de Serain.

No seu interrogatorio de 3 de Agosto, acabrunhado pela gravidade das provas que se accumulavão sobre elle, Serain confessou que tinha dado a morte ás meninas Leroux e Roulo. Segundo as suas indicações, o cadaver de Adela Leroux, foi primeiro encontrado em um claro, sobre um pequeno leito de palha, com a face contra terra. Os seus vestidos estavam de todos os lados levantados acima da cabeça e deixavão todo o corpo nú até á cintura. A alguns passos d'ahi, um espectáculo mais horrivel ainda affrontava os olhos. Aqui e acolá se achavão espalhados os restos do cadaver de Emilia Roulo, tornado presa dos animaes carnivoros.

Interrogado pelo juiz da instrucção da culpa, Serain entrou em horriveis pormenores, sobre as circumstancias da morte das duas meninas, seria a alguma distancia do moinho dos Prés que, não sabendo mais que fazer d'essas

crianças, e receiando ser perseguido pel'as ter levado, teria pela primeira vez concebido o pensamento de as fazer morrer!

A narrativa de Serain parecia evidentemente mentirosa em algumas das suas partes. Tudo levava a crer que Adela Leroux tinha morrido asphyxiada pela estrangulação. Quanto a Emilia Roulo, diversas circumstancias estabelecêrão que ella deveu succumbir a uma morte de genero differente, e que ao menos, outras violencias, independentemente da estrangulação, devêrão ter sido sobre ella exercitadas. O receio de ser perseguido, como roubador das duas meninas o determinou só a desembaraçar-se d'ellas. Um interesse mais poderoso armava o braço do assassino, e este desvio não era o unico facto, de que Serain temesse as consequencias.

O processo revelou n'esse homem longos habitos de deboche... Elle alliciava habitualmente meninas. Empregava mentiras, promessas, seducções de toda a ordem, a fim de as levar comsigo no carro. Um grande numero de pequenas, todas de nove a doze annos, forão objecto das suas tentações de desvio. Na audiencia, eis como Serain dava conta do acontecimento, e suas respostas ao interrogatorio do presidente. A cousa de meia hora depois do moinho dos Prés, eu quiz faze-las apeiar e pu-las no chão. Ellas puzêrão-se a *berrar*, chamando suas mães, e dizendo que não querião ficar assim inteiramente sós. Eu disse comigo : perdidas

d'um modo, perdidas do outro... E tornei a fazê-las entrar. Ellas deitárão-se no meu carro suspirando e adormecerão uma ao lado da outra.

Cousa de meia hora antes de chegar á minha casa, na rua Verde, passado o castello da Sñra. d'Allaines, do lado de Rebauty, chegou-me a reflexão, e eu me perguntei o que me farião, quando se soubesse que eu tinha levado essas meninas. Eu disse então comigo : E' preciso que eu faça algum *comento* para as fazer morrer. Comecei pela pequena. Levantei-lhe os vestidos, sem que ella o presentisse bem. Depois, por cima dos vestidos, apertei-lhe o pescoço com a minha gravata com bem força. Lutando, ella bateu varias vezes com a cabeça contra os paus do carro. Foi depois d'algum tempo, que eu não a vi mais *mecher*. Com os movimentos, ella acordou a grande. Eu lhe disse : « Não é nada, vés tu ? ella dorme. » Depois levantei-lhe o avental em volta da cabeça e apertei com força ; não lhe pude levantar os vestidos. Como ella se agitasse muito sobre o ventre, eu me puz de joelhos sobre a lança do carro e lhe apertei o pescoço com muita força para que ella acabasse mais depressa. Quando eu cheguei á minha granja, ella vivia ainda. Ao desce-la, ella cahiu do carro, embrulhei-a n'um lençol, mas ella desembaraçou-se d'elle. Eu a impelli para baixo de montes de palha, e depois, puz-lhe uma grande porção de palha por cima para de todo a suffocar. Fiquei uma hora a vê-la a acabar. Eu escutava para ver se a palha inda se

movia, e se ella morria como convinha.... Levantei-lhê os vestidos para que ellas não tomassem ar, para as fazer morrer e para que ellas me *não vissem*... Levei bem uma hora a estrangula-las.

— P. A pequena foi, como Vós o dissestes, realmente suffocada; quanto á maior, Vós a violastes e depois a degolastes.

— R. Quando eu vos digo que não fiz senão estrangula-la... Eu não lhe dei nem pancadas depois, nem facadas; eu não lhe disse palavras algumas más. Ella não deve ter signal algum no seu cadaver, se os animaes o não offenderão. Aconteceria que não as encontrassem domingo na minha granja..... Eu vos asseguro que as estrangulei a ambas.... Oh! meu Deos! eu contudo, bem as estrangulei.

— P. Se vos tivesseis limitado a suffocar a grande, como fizestes á pequena, não teria havido sangue derramado.

— R. Ellas o deitárão pela boca e pelo nariz e alem disso poderião ter-se ferido a cabeça contra os paus do carro, lutando com as ancias.

— P. Mas então, d'onde vinha todo esse sangue?

— R. Nada sei.... Dar-se-hia que ellas estivessem inteiras?

— P. Sim.

— R. Nesse caso Vós deveis ter visto e os medicos tambem, que não houve feridas; eu não lhes dei nem pica-

das de faca, nem pancadas de pau, ellas não devião ter mal senão no rosto.

« Vós quereis que eu vos diga o que não fiz.... Pois que quereis condemnar-me, fazei-me morrer sem mais demora. Vós me fazeis soffrer mais do que eu fiz soffrer a essas pobres meninas. Isso não durou para ellas mais que uma hora, e para mim, já lá vão bastantes dias. Dar-se-ha que eu vá ficar no meu calabouço? Dar-se-ha que me fação morrer? Se Vós me deixais lá, vale mais fazer-me morrer logo. Puzerão uma sentinella para me vigiar, e comtudo, eu não tenho desejos de me matar. Quando a minha hora chegar, eu morrerei, como qualquer outro, mas não antes. E' possível ter-me posto em um caso tal! Ha tres annos que eu me deixei de religião e que não a sigo mais. Deos permittiu pois isso, para que eu chegasse a este ponto? Esta sentinella que está diante da minha porta e que continuamente olha para mim, me impede de orar a Deos.... Se me deixão na minha masmorra, eu acabarei por me deixar morrer de fome, ou então, me tornarei doudo.

No outro dia eu não sabia mais o que havia de fazer, e puz-me a correr pelo meu quarto a gritar : « Convem arrepender-se do seu crime quando não é mais tempo?! » E' assim que durante o seu interrogatorio, Serain não cessava de se lamentar e exclamava a cada instante : « E o meu pobre cadaver! Que hides Vós fazer do meu pobre cadaver? Foi preciso hir sabado á cidade?... Ah! se



eu tivesse ficado em casa ! Mas dissei-me pois, dá-se que Vós me faças morrer immediatamente? Meu pobre cadaver! meu pobre paiz!... Eis-me aqui, quando eu devia estar bem tranquillo com minha mulher e os meus visinhos. O que é que os meus visinhos dizem de mim? Eis-me pois *nas linguas do paiz!* Quando eu penso que a Sñra. d'Allaines me não olhava mais, nem todos aquelles a quem eu fazia recados, não mais!... Foi-me preciso, devia eu levar as pobres pequenas meninas!... Dá-se que vós me faças morrer? Dá-se que me matem depressa? Meu pobre cadaver!... etc., etc.

Depois d'este interrogatorio que encheu de horror o auditorio inteiro, o presidente pergunta a Serain : « Pois bem ! E' verdade tudo isto ? »

— R. Não senhor, eu nunca fiz mal a ninguem.

O doutor Corbin dá conta do exame fisiologico, fisico e moral, a que os peritos submetterão Serain :

« Quanto ao moral do accusado, pareceu-nos nas diversas conversas que com elle tivemos, gosar elle da plenitude das suas faculdades intellectuaes. Nós o vimos a todas as horas da noite, como durante o dia, nós estivemos em relação com elle durante um tempo duas vezes por semana ; e pareceu-nos, eu o repito, em completa posse de si mesmo. Elle maneja mesmo o sofisma com bastante habilidade. » Depois disto, o doutor entra no exame sobre se o accusado póde ter excusa por causa de monomania : « Chama-se assim a uma ideia desarrasoada, não exclusiva da rasão sobre os de-

mais objectos, mas que impede, segundo se diz, toda a liberdade no individuo que d'ella é atacado, logo, bem entendido, que se trata das cousas, sobre que versa a sua monomania. De certo, a monomania existe, mas nunca Serain nos apresentou os caracteres de monomaniaco. As particularidades do seu crime, elle no-las revelou com o maior sangue frio; nada indicava n'elle uma inclinação homicida. Emfim, se elle fosse monomaniaco, essa monomania deveria te-lo levado irresistivel ao crime! Ora, é constante, que cem vezes, elle teve em seu poder jovens meninas que lhe tinham sido confiadas e que nunca as matou. Por que motivo isso? Porque era um deposito de que era preciso dar conta. Mas isso é raciocinio e não monomania.» O doutor conclue dizendo: « Serain é um homem não monomaniaco, elle tinha só um ardor desenfreiado pelo prazer, salvo a fazer desaparecer aquelles que podião revelar seus crimes. »

O presidente adverte que as testemunhas que se vai ouvir são relativas a um dos artigos da accusação contra Serain.

Sophia Percheron, de treze annos: Eu estava na feira; eu encontrei um homem, que me disse: Queres tu que eu te leve á comedia? Eu recusei, e elle se afastou. Depois o homem voltou e disse-me: « Tua tia encarregou-me de te levar. » Então eu segui-o. Elle levou-me por algumas das ruas desviadas até o arco da rua Real. Lá, nós deviamos encontrar o seu carro. Elle me propoz que entrasse nelle, di-

zendo-me que me levaria á nossa casa, mas meu irmão chegou, que lhe deu uma chicotada e disse-lhe injurias.

Constant Percheron, irmão da precedente testemunha, e negociante de cavallos : No mez de Junho, encontrei Serain na rua Real com minha irmãa. Eu lhe perguntei para que a levava. Elle não me respondeu nada, senão que a conduzia á casa de sua prima; que lhe tinha dito que a levasse á casa de sua tia. Vendo que elle mentia, eu o corri a chicotadas, e lhe disse asneiras. Depois desse tempo, eu o encontrei varias vezes e dizia sempre comigo : « Eis o velho macaco que queria levar nossa irmãa.

— P. Reconheceis Vós bem a Serain?

— R. Estou certo que é elle, e não tenho a menor duvida.

— P. (ao accusado) Serain, concordais Vós nesse facto?

— R. Nunca fiz propostas a ninguem.

— Elisa Chemin : Eu acabava de levar um vestido á rua Bannier, e ao sahir, um homem me seguiu e me disse : « Minha pequena menina, queres tu levar-me ao arco da rua Real? — Não quero. — Eu te darei vinte soldos. — Não. — Então leva-me do lado de Santa-Cruz. — Vós hireis bem vós mesmo. — Toma, aqui estão cinco francos, se quizeres vir. » A testemunha conta que Serain, não podendo conseguir d'ella o que desejava, a seguiu, que chegando á rua da Hallebarde, lhe perguntou pelo armazem do Sñr. Asselineau : « Eilo aqui, lhe disse eu. — Não

é este, é aquelle que mora sobre o cáes. — Então, não o conheço.» Elle meacompanhou bem durante duas horas. Na rua da Hallebarde, poz-me as duas mãos sobre os hombros e disse-me : « Minha pequena menina, queres tu abraçar-me? — Não, Senhor. » Elle quiz assim mesmo fazelo, mas eu me esquivei e gritei por soccorro. Entrei em casa da Sñra. Gigou; o homem foi preso pela Sñr. Borrigault.

Serain, interpellado, dá sobre este facto, que não néga completamente, explicações pouco satisfactorias, e que a sua voz sombria e encuberta deixa apenas perceber.

— Mulher Gigou : Eu vi entrar no momento indicado, na minha loja, uma menina toda assustada. Gritei por soccorro, quando essa menina me disse que um homem estava querendo leva-lá. Não sei mais nada.

— Borrigault : No 1º de Fevereiro de 1840 pela tarde, eu ouvi gritar : Prendei esse patife que quer roubar crianças. » Então deitei a mão a um individuo que me disse ter perguntado a uma menina, onde morava o Sñr. Asselineau. Elle me disse tambem que se chamava Abrahão Serain. Ouvindo isso, eu o deixei hir. Perfeitamente reconheço o accusado.

— Pélagia Ramond, de sete annos d'idade : Um homem me tomou perto da casa de Coladant, no dia da feira de meu paiz. Elle me levou a um trigo, longe da igreja de Vouzou. Atirou comigo por terra e quasi me estrangulou.

Eu gritei, mas perdi os sentidos e não vi quando elle se retirou.

— P. Vê se o reconheces bem ?

A criança olha para o accusado com uma expressão de terror e responde : « Oh ! sim, Senhor. »

— P. Tirou-te elle alguma coisa ?

— R. Sim, Senhor, tomou-me o meu boné.

Serain nega completamente o facto.

Laurent Ramond, pai da menina, dá conta do estado em que se achava a sua desgraçada filha, ao entrar em sua casa; unhas lhe tinham entrado no rosto, que ella tinha todo rasgado, tinha os dedos estropiados e a apparencia de que lhe tinham querido arrancar a lingua. Comtudo, continua a testemunha, eu lhe fazia muitas perguntas ; o rubor lhe subiu á frente e ella me disse : « Papá, eu te peço, não me perguntes mais nada. »

A testemunha dá outras explicações, que não deixão duvida alguma sobre a tentativa de que sua filha foi objecto.

Francisco Neveu, jardineiro em Ferolles. E' um dos vizinhos de Serain ; a sua exclamação habitual : « Oh ! meus pobres vizinhos ! » recomeça ao vê-lo.

— Neveu : Nós fomos com Abrahão Serain a Vouzon ; foi elle que me ajudou a descarregar a minha mercadoria. Elle veio ver-me pelas dez horas no mercado perguntando-me se o meu commercio hia bem. A uma

hora, depois do meio dia, elle passou por perto de mim com uma menina pequena pela mão, e me disse que ella se tinha perdido de seu pai e de sua mãe que elle hia procuralos em companhia della :

— Serain, levantando-se : Eu não sei porque todas as testemunhas são contra mim.

Hortensia Moulin, onze annos : Estando na feira de Orléans, encontrei um homem que me propoz da parte de meu pai levar-me ; elle me disse, que me conduziria no seu carro até Sandillon e que eu não me cansaria.

— P. Reconheceis Vós bem este homem ? é bem o accusado ?

— R. Sim, Senhor, não ha duvida que é elle.

— P. Não disse uma de vossas pequenas camaradas a Serain : « Nós tambem queremos, se Vós nos levais todas ? »

— R. Sim ; e elle respondeu que não queria levar senão duas, que o seu carro ficaria carregado de mais, se levasse todas.

Theresa Juranville, uma das camaradas da pequena Moulin, reproduz os mesmos particulares e reconhece perfeitamente o accusado ; ella acrescenta que Serain as perseguiu bem e solicitou durante uma hora.

— P. Serain, que tendes vós a responder ?

— R. Estas pequenas raparigas me querem mal.

Adelaide Moulin repete todas as circumstancias que aca-

bamos de referir. Com as outras ella reconhece em Serain o homem que lhe dirigiu propostas.

O procurador geral, depois de ter em um eloquente requisitorio expôsto os factos d'esta lugubre causa, onde tudo corta o coração e horrorisa o pensamento, estabelece que os jurados devem responder affirmativamente a todas as perguntas, excepto no que diz respeito a Elisa Chemin.

« Os factos taes como nos são conhecidos, não nos revelão uma tentativa suficientemente averiguada, de desvio da menor e d'estupro. Eu confesso tambem que a prova material falta a respeito do attentado sobre a pessoa de Adela Leroux. Quando a Emilia Roulo, o seu cadaver não pôde ser examinado; mas Vós sabeis os costumes de Serain; elle não mata por monomania, elle não mata por ferocidade, elle mata, para fazer desaparecer outros crimes. Todas as provas moraes devem por tanto fazer-vos responder affirmativamente sobre a questão de attentado ao pudor, sobre a pessoa d'Emilia Roulo, a pesar de que o seu cadaver, nós o repetimos, nada tenha revelado.

O Sñr. procurador geral aprecia depois o valor do systema negativo que o accusado tinha, depois de ter tudo confessado, e tendo sido por suas indicações que se chegou a descobrir os cadaveres das duas infelizes meninas: «Agora, como as matou elle? Houve um refinamento d'execravel deboche? Que nos importa? Nós temos a convicção de um duplo attentado, e não precisamos de saber todos os segredos do deboche

homicida. Nós vemos que uma primeira morte não aplacou o braço do desalmado assassino..... Durante uma hora, elle exercitou o seu furor sobre Emilia Roulo. Ah! que vos é mais preciso para que estas pobres meninas sejam vingadas?

« E esse homem, quem é elle pois? .. Elle não é capaz da menor emoção... N'essa mesma tarde elle ceiou e adormeceu tranquillo, e depois cuidou nos seus negocios... A emoção não começou senão aos gritos do povo, que o ameaçava das suas maldições! Elle não é um doente, é um monstro da ordem moral, com o coração desecado, com as entranhas geladas pelo deboche. N'elle todo o sentimento humano se acha extinto. O egoismo, o sentimento da personalidade, vivem sós no deserto do seu coração.

Aquelle que viveu sem piedade, e de quem o crime ignora o remorso não obterá piedade alguma. A sociedade toda inteira reclama a mais solemne reparação. Não sereis vós, pais de familia, que lh'a recusareis. »

O defensor do accusado tem a palavra :

Condemnado ao silencio sobre os pontos capitaes da accusação, a defeza não se sente com animo de levantar sobre esse ponto uma discussão sem interesse apreciavel e sem influencia possivel sobre a sorte do accusado. Não lhe fica portanto mais que o penoso dever de abandonar o accusado ás leis do seu paiz, e de se referir pura e simplesmente á sabedoria dos juizes a que as leis o submeterão. »



O presidente dirigindo-se com uma voz grave ao accusado:

« Serain, tendes vós a acrescentar alguma cousa á vossa defeza? Eis aqui o momento solemne; eu vos recomendo que renoveis a confissão do crime que se vos argúe... Isso apenas será uma bem leve expiação. »

Serain rompe em suspiros entrecortados d'exclamações : « Ah ! minha pobre mulher ! Ah ! minha pobre mulher !... » Eu sei que as descubri no bosque. Julgai-me como entenderdes. »

O presidente resume assim os debates : « Um duplo malficio, talvez inaudito nos fastos judiciarios, veio lançar o desespero no meio de duas familias e a consternação na nossa sociedade, todos os corações se commovêrão á narrativa das torturas, que as duas desgraçadas meninas tiveram de soffrer aos golpes d'um execravel matador. »

« Vós, Sñrs., vós recebestes uma solemne missão, a de acalmar a dôr publica pela expiação que ella de vós espera. »

Depois d'este preambulo, o presidente preseguc na narração dos factos, examina com imparcialidade todas as cargas da accusação, memóra a admiravel discussão do Sñr. doutor Corbin sobre o moral d'esse homem e sobre a posse de si mesmo, que nunca o abandonou; emfim, termina o resumo d'esses longos debates por estas palavras que tudo concorria para tornar tão solemnes e tão graves:

« Sñrs. jurados, nós temos preenchido a tarefa a mais

dolorosa que a lei nos podia impôr, a de reproduzir contra um desgraçado todas as cargas da accusação formidavel que pesa sobre elle. Passemos agora á defeza : « Serain não tinha defensor, nós deviamos faze-lo auxiliar por um homem de talento, e a nossa escolha cahiu sobre o honrado dêão da ordem dos advogados d'esta cidade que vos fez ouvir palavras tão convenientes, abandonando o desgraçado á vossa justiça.

« N'um instante, Sñrs. vós hides entrar na camara das vossas deliberações, para ahi acabar um acto d'alta justiça ; penetrados, como Vós estais, da importancia dos vossos deveres, Vós não hesitareis um só momento no seu desempenho. »

Depois de hora e meia de deliberação, o chefe do jury declara sobre todas as questões a culpabilidade do accusado, e o tribunal pronuncia contra elle a pena de morte.

Serain, á leitura d'essa terrivel sentença, não manifesta maior emoção. Comtudo, quando o presidente o adverte de que tem tres dias para interpôr a revista contra a sentença que acaba de ouvir, faz um signal affirmativo e percebem-se-lhe estas palavras : Sim Senhor. »

---

# ADDITAMENTO

---

JURY DE CALVADOS.

## ASSASSINATO DE PÉCHARD

ROUBOS NUMEROSOS.— RECEPAÇÕES.— PASSAPORTES FALSOS.  
— QUADRILHA ORGANISADA.— 21 ACCUSADOS.

### PROCESSO

**Gugenheim, chamado Mayer; Coudurier, chamado Pascal;  
Minder, chamado Graft, e socios.**

---

NOTA. — A importancia e celebridade deste processo fez com que nos resolvessemos a offerece-lo em extracto, ou relatorio, para não augmentar demasiado o volume e o preço d'esta publicação, conservando sómente a integra de algumas peças mais curiosas, e publicando-o como uma especie d'appendice aos dous tomos precedentes, julgamos prestar mais um alimento util á curiosidade judiciosa do leitor.

OS EDITORES.

## ASSASSINATO DE PÉCHARD

## PROCESSO

DE GUGENHEIM, CHAMADO MAYER; COUDURIER, CHAMADO PASCAL; MINDER, CHAMADO GRAFT, E OUTROS.

*Jury de Calvados. — Junho de 1858.*

A affluencia do publico, antes da abertura das portas, era consideravel, mas tomárão-se medidas para evitar a accumulção. Alem dos policiaes incumbidos e que forão reforçados por um chamamento d'esses bravos militares, feito ás brigadas circumvisinhas, mandou-se vir um piquete de linha de cem homens do regimento 13, encarregado de manter a ordem no interior e no exterior. O publico só é admittido em baixo na sala da audiencia, proporcionalmente ao numero de lugares designados nella para os espectadores.

O publico, comtudo, não se cansa de esperar, e grupos bastante numerosos estacionão na praça do palacio da justiça.

A policia exerce uma vigilancia activa, não só no recinto e nas immediações do palacio, mas ainda em todos os hoteis,

albergues, hospedarias e outros lugares semelhantes da cidade, para prender todos os complices ou socios dos accusados que se arriscassem querendo prestar-lhes soccorro.

A tiragem do jury teve lugar a portas fechadas. Juntá-rão-se dous jurados supplementares.

As portas abrirão-se ás duas horas e meia. O presidente tomou por adjuntos os Sñrs. Le Feron de Longchamp, e Coqueret, desembargadores. O tribunal lhes addicionou ainda um accessor supplementar, o Sñr. Piquet.

O assento do ministerio publico é occupado pelo Sñr. Rabou, procurador geral e pelo Sñr. Jardin, seu substituto, advogado geral.

Estão sentados no banco da defeza : 1º Mestre Gustavo Delangle, por Gugenheim, chamado Mayer; 2º M<sup>e</sup> Carel, por Coudurier, chamado Pascal; 3º M<sup>e</sup> Delasalle, por Minder, chamado Graft; 4º M<sup>e</sup> Manchon, por Bloch e Israel May ou Maire; 5º M<sup>e</sup> Blanche, por J. Lambert; 6º M<sup>e</sup> Maublanc, do fôro de Paris, por Bernardo Mayer; 7º M<sup>e</sup> Louis, do fôro de Nancy, por Ulmo pai e filho; 8º M<sup>e</sup> Labbé, por Paulina Blum; 9º M<sup>e</sup> Caraby, do fôro de Paris, por Maria Milice; 10º M<sup>e</sup> Loisel, por Magdalena Minder, viuva Gaul; 11º M<sup>e</sup> Chesnel, por Carlos Julio Gaul, e Annetta Bloch; 12º M<sup>e</sup> Lemonnier por Luiz Meyer e Sara Riès, mulher Meyer (assim chamada, pelo seu casamento); M<sup>e</sup> Delasalle, por Margarida Chatelain.

A familia do desgraçado Péchard, que se tinha consti-

tuido parte accusadora, tem por patrono M<sup>e</sup> Bertauld. Junto d'elle estão sentados : O S<sup>ñr</sup>. Lissot, cunhado de Péchard, a S<sup>ñra</sup>. Lissot, irmãa de Péchard, vestidos de luto. Esta senhora mal pôde moderar a sua emoção.

Notão-se junto ao tribunal e diante do assento do S<sup>ñr</sup>. Foulon secretario, varias peças de convicção, entre as quaes um bahu, trouxas, uma mala de viagem, vestidos, e mais significativo ainda, o capote de Bloch, de que os accusados Graft, Pascal, Bloch, Lambert e Kaiser, chamado le Grelé, se servirão para effectuar sem perigo a subida d'uma grade, guarnecida de bicos, que fecha a casa do S<sup>ñr</sup>. Devaux, banqueiro em Lisieux, e que conserva as marcas de numerosas perfurações que d'ahi lhe resultarão; pistolas, relogios, joias, rendas, roupa branca, uma carteira, uma tenaz chamada : *monsenhor*, uma lanterna de furta-fogo, numerosas chaves e o lenço sujo de tabaco, que poz a policia na pista dos criminosos.

Os accusados são introduzidos, sendo os principaes d'elles collocados entre dois policiaes. Ficão Graft e Pascal separados por dois policiaes, para não poderem fallar um com o outro.

O primeiro de todos é Gugenheim, acha-se vestido d'alvadio, com o cabello curto e não tem barba. O seu rosto é muito accentuado, os olhos grandes, córa á medida que falla, a sua testa é obliqua, tem a pronuncia allemã, e a sua face mostra mais energia que finura.

Coudurier, chamado Pascal, tem a tez meridional quasi

espanhola, usa de mosca e bigodes pretos. Abaixa constantemente a cabeça e chora algumas vezes.

O rosto de Minder, chamado Graft, é ossudo, com as maçanetas salientes, o seu colorido é escuro e chamuscado. Mostra os signaes ou antes os estragos d'uma vida agitada pela vagabundagem, o crime, e como o disse o presidente, os traços d'uma velhice anticipada, em consequencia da sua vida de deboche; o seu fallar é breve, apressado e audaz; elle procura mesmo dramatisar-lhe os effeitos.

Salomão Ulmo, pai, tem todos os signaes da reserva em um rosto com mostras de bonhomia.

Seu filho Mauricio tem uma expressão modesta e mui conveniente.

Os outros accusados nada apresentam de notavel. A maior parte das mulheres tem caras insignificantes. Elisa Defriès, mulher Lambert, de 23 annos de idade, tem ainda no rosto signaes do seu parto, que teve lugar tres dias antes na prisão.

O Sñr. presidente procede ao interrogatorio d'identidade dos accusados, e faz ler pelo secretario a sentença de pronuncia e o acto da accusação.

O Sñr. Foulon, ajudante do secretario procede á leitura d'esses dois autos.

## ACTO DE ACCUSAÇÃO.

O procurador geral junto ao Tribunal Imperial de Caen :

Expõe que por despacho proferido a 3 de Maio de 1858 pela camara dos decretamentos de pronuncia d'esse tribunal, foi declarado que tinha lugar a accusação, por factos qualificados crimes e delictos conjunctos pela lei e a remessa perante o jury da Calvados, funcionando em Caen :

1º Salomão ou Seligman Gugenheim, chamado Mayer, mascate, nascido em Scherwiller, sem domicilio certo, tendo por ultimo residido em Caen.

Menciona mais vinte accusados, ao todo vinte e um, homens e mulheres, de que os principaes são os que acima descrevemos; em virtude d'este despacho, faz uma nova resenha das peças do processo, e declara que d'elle resultão os factos seguintes :

## § 1º.

*Roubo e assassinato Péchard.*

O Sñr. Julio Péchard, joalheiro, de 26 annos de idade, tinha o seu armazem em Caen, rua Guillaume-le-Conqué- rant, em uma casa habitada por varios outros locatarios. No primeiro andar e por cima do armazem está situado o



quarto em que elle dormia, e sobe-se para esse quarto por uma escada em continuação d'um corredor que abre para a rua.

Em a noite de 29 para 30 de Agosto de 1857 pelas duas horas e meia da manhã, foi ouvido Péchard descer precipitadamente a escada, gritando : « Roubão-me ! » Logo depois, uma luta encarniçada se travou junto á escada ; vizinhos acordados pela bulha, virão de suas janellas sahir em tumulto um grupo de homens. Um d'elles se destacara dos outros e fugiu na direcção do Palacio-da-Justiça. Péchard se arremeçou a perseguir esse individuo, que atirou sobre elle a alguns instantes de intervallo dois tiros de pistola, elle voltou então para traz, e dois malfetores que buscava alcançar deitáráo a fugir em direcção opposta ao Palacio-da-Justiça. Um pouco adiante da columna que fica em frente dos edificios do Lyceo, na altura d'um lampeão de gaz, um d'esses homens voltou-se repentinamente, dizendo-lhe : « Toma patife. » E então atirou á queima-roupa um primeiro tiro de pistola sobre o pobre Péchard. Não sendo a sua victima derribada, descarregou-lhe quasi immediatamente um segundo tiro. D'esta vez Péchard titubeou e cahiu estendido no chão.

Seu irmão, jovem estudante, e alguns visinhos tinham corrido aos gritos d'esse desgraçado e á bulha dos tiros. Achárão-no descalço, em camisa e só com um paletó. Levantáráo-no e conduzirão-no á casa. Estava coberto de ferimentos.

Tinhão-lhe-dado no corredor quatro punhaladas, uma no angulo do olho direito, outra na base do nariz, cujos ossos estavam quebrados, a terceira na barba, e a quarta na bórda anterior do sovaco direito. A região do pescoço apresentava numerosas contusões, marca das pressões violentas que lhe tinhão feito. Emfim duas balas tinhão penetrado profundamente, uma no craneo em baixo da testa e a outra no pescoço. A sua agonia durou dois dias e elle morreu sem ter recobrado os sentidos, nem proferido uma só palavra que pudesse esclarecer a justiça.

Os autores d'este assassinato não tinhão tido outro motivo mais que o roubo. E com effeito, as ruas, nas direcções differentes que elles tinhão seguido estavam juncados d'objectos de ouro e de prata, o armazem estava saqueado, a secretária arrombada e os caixilhos abertos. Não se póde avaliar em menos de doze a quinze mil francos os objectos roubados por elles, entrando n'isso o dinheiro amoedado e os bilhetes do banco. Na sua fuga precipitada, elles tinhão deixado no lugar do crime uma tenaz de ferro, chamada *monsenhor*, uma lanterna de furta-fogo com véla, e um lenço d'algibeira usado, sujo de tabaco, e com quadrados desbotados côr de rosa.

A execução do crime revelava tanta habilidade, como audacia. Tinha sido preciso abrir com chaves falsas a porta do corredor, depois a porta de traz do armazem, guarneçada de tres fechaduras, duas ordinarias, uma de segredo, impedir

as oscillações d'uma mola, fixa no alto da segunda porta e correspondente a uma campainha posta á cabeceira da cama de Péchard, emfim evitar ou suffocar os latidos d'um cão de vigia, fechado na loja, latidos que uma abertura feita no chão, deixava facilmente chegar aos ouvidos do proprietario. Ora todos estes obstaculos multiplices tinham sido vencidos com uma destreza maravilhosa.

Soube-se depois que os malfeitores, explorando o lugar, tinham notado que ninguem dormia no armazem. Um d'elles levou lá um objecto a concertar, foi depois busca-lo n'um dos dias seguintes, de manhã muito cêdo, e foi introduzido, como o tinha previsto, pela porta de traz da loja, podendo então observar o systema das fechaduras. Os moldes das fechaduras forão tirados e as falsas chaves fabricadas com auxilio d'esses moldes, forão experimentadas muitas vezes. Outro individuo renovou o estratagemma do primeiro, e entrando atraz de Péchard, nos fundos da loja, viu que se podia neutralisar com um dèdo a mola correspondente á campainha. Um ensaio definitivo de todos os meios d'execução teve então lugar. Os malfeitores supposêrão, o que se realisou, que amimando o cão de vigia encontrado por elles na loja, o impedirião de ladrar. Achando-se tudo assim combinado entre elles e parecendo-lhes o acerto seguro, deixarão, para dissimular, perder os seus vestigios por varios dias, voltárão passados alguns dias, de improviso, e depois, com uma incrível audacia, commetterão o crime, que devia

no meio d'uma grande cidade, custar a vida, depois de esforços inauditos de coragem, a um jovem que rodeiava a estima publica.

A obscuridade da noite havia protegido a fuga dos assassinos. Tinha-se visto, com effeito, dois correr com rapidez, na rua Caponière ou de l'Ecu, mas não se lhes conhecião os signaes, senão de um modo vago e confuso. Durante algumas semanas, as pesquisas, ainda que feitas simultaneamente em muitas direcções, permanecerão infructiferas.

Emfim, no principio do mez de Outubro, compulsando com uma nova attenção os registros das hospedarias, e dos alugadores de quartos, notou-se no da dama Biard, residente na rua dos Jacobinos a inscripção seguinte : « Chemit (Augusto), trinta e cinco annos, nascido e morador em Mulhouse, negociante; passaporte entregue em 1856 em Bollevillers, para Mantes, entrada 6 de Agosto, sahida 21 de Agosto. »

« Graft (João), 43 annos, nascido e morador em Strasburgo, negociante, passaporte entregue a 25 de Fevereiro de 1857 em Gisors, para Rouen, entrada a 12 de Agosto, sahida a 25 de Agosto. »

Pareceu estranho que negociantes de Strasburgo e de Mulhouse se tivessem hido alojar em casa da dama Biard, que não tem hotel. Descobrirão-se logo particularidades proprias para confirmar as primeiras suspeitas. Estes dois estrangeiros erão chegados de Caen, a 31 de Julho, na vespera das corridas, acompanhados de um outro individuo.

Durante quatro dias, elles tinham todos tres occupado o mesmo quarto, no hotel São Pedro. Depois, separando-se, dois forão para casa da dama Biard, em um aposento commum e o outro em casa dos esposos Planchon, rua São João, em cujo registro elle se tinha feito inscrever com o nome de *Chabrie*. Elles comião juntos, primeiro em casa da mulher solteira Renouf, praça da Antiga-Comedia, e depois em casa dos esposos Lenormand, sobre o Petit-Cours. As suas maneira serão mysteriosas, elles se isolavão dos outros viajantes e conversavão uns com os outros em uma lingua estrangeira ou em *gíria*.

O lenço deixado no armazem do Sñr. Péchard podia conduzir a uma revelação preciosa. Os locatarios da viuva Biard tinham mandado lavar quatro vezes a sua roupa pela moça Holand; mostrou-se-lhe esse lenço e ella não hesitou em o reconhecer pela sua côr, pelo seu grau de velhice, pelos signaes de tabaco, de que estava cheio, e por uma escarapeladura, que se lhe achava a tres dedos da bainha. Este mesmo reconhecimento foi depois renovado por alguns dos filhos de dois dos accusados.

Não havia mais duvida, os tres individuos, de quem se acabava de descobrir os vestigios erão os assassinos de Péchard.

Mas em que lugar se tinham elles refugiado? porque as indicações encontradas nos registros da viuva Biard erão todas mentirosas.

Acabou-se por achar no correio uma carta, que tinha láficado, e que era evidente encaminhada a um dos assassinos. O sobrescripto, marcado de Tours, a 31 de Agosto tinha a inscripção : « Ao Sñr. Augusto *Chimite*, posta restante em Caen. »

Esta carta escripta pela concubina de Graft, em nome da concubina d'aquelle a quem era dirigida, continha estas expressões : « Tu me não marcarás o teu *centro*, eu o sei ; eu não tenho precisão que tu o marques.... dá os bons dias aos amigos... ; a mulher Feliz (a concubina de Pascal) faz bem cumprimentos a seu marido, assim como aos amigos.... Eu abraço bem meu marido (Graft) ; o bom dia aos amigos. » Esta carta fornecia a prova de que a quadrilha de assassinos tinha estado em Tours, e deixava a esperança de que ainda ahi se achasse.

Tomou-se o partido de mandar immediatamente a essa cidade o Sñr. Ducheylard, commissario central de policia em Caen. Esse funcionario ahi chegou a 20 de Outubro, mas foi em vão que, ajudado pela policia local, elle tratou de obter informações sobre os chamados *Chemite* et *Graft* ; esses nomes erão desconhecidos. Mas emfim á força de pesquisas, chegou-se a saber que tres individuos a quem se referião os signalamentos obtidos em Caen, se fazião chamar *Mayer* (era *Schmit*), *Fernandy* (era *Graft*) e *Pascal* (era *Chabrie*.)

Elles tinhão vindo residir em Tours no decurso do anno de 1857, ao mesmo tempo que dois outros malfeitores,

Bloch e Kaiser. Elles tinham tomado domicilios separados em bairros differentes, excepto Bloch et Kaiser, que vivião juntos. Passavão bem, não trabalhavão, cada um d'elles tinha a sua concubina e alguns tinham filhos. Visitavão-se, tinham frequentes conferencias, fechavão então cuidadosamente os seus quartos, cercavão-se de mysterio e fallavão n'esse idioma ou jargão conhecido em Caen. Os homens fazião frequentes ausencias.

Alguns dias antes, Pascal e Kaiser tinham deixado Tours.

A presença do Sñr. Ducheylard, que Mayer e Graft tinham, sem duvida alguma, descoberto em Caen, não foi muito tempo ignorada, e lançou o terror nos que residião ainda em Tours. Elles fizeram a toda a pressa os seus preparativos de partida, e na noite de 31 de Outubro, fugirão todos em direcções diversas, menos a concubina de Bloch, que pôde ser presa.

A impressão que tinha causado o crime, e os signalamentos expedidos para todos os pontos da França tinham dado rebate aos agentes da autoridade.

Na mesma noite de 31 de Outubro, pelas tres horas e meia da manhã, um viajante chegado pelo comboi de Paris, descia no apeadouro de Poitiers, com uma mulher e um menino. Ainda que munido de bilhetes de primeiros lugares para hirem até Angoulême, elle interrompeu repenamente a viagem e reclamou dez volumes confundidos entre as bagagens. Em um albergue visinho, elle pediu cama,

sem se deitar, e parecia visivelmente inquieto e entregue a uma grande agitação, disputando em lingua allemãa com a mulher que o acompanhava. Passarão em revista os seus papeis e lançarão uma grande parte d'elles ao fogo, emfim, voltando para traz, ganhárão a pé com seu filho, na direcção de Chasseneuil, lugar affastado oito kilometros, e tomarão bilhetes para Châtellerault.

Este singular proceder tinha-se feito notar. Dois gendarmes avisados no momento em que entravão no apeadouro, partirão immediatamente no trem que sahia para Chasseneuil. Ao chegar, elles virão subir para um dos carros os individuos que se lhes tinha designado. O gendarme Rougé se apressou a tomar lugar no mesmo repartimento. Durante o transito até á estação de Glan elle pediu os passaportes. O viajante lhe apresentou aquelle mesmo que tinha sido inscripto no registro da viuva Biard, em que estava o nome de *Chimit*, e tinha sido mencionado nas folhas de signalamento. Já não era possivel duvidar, o gendarme se achava em face de um dos assassinos de Péchard. Esse homem pareceu comprehender a gravidade da sua situação, e quiz procurar na algibeira do seu paletó; mas o gendarme que o observava com attenção, lhe intimou a ordem de não fazer movimento algum. Ao chegarem á estação de Glan, o outro gendarme que não tinha podido entrar para o mesmo carro, uniu-se ao seu camarada, e então ambos se apoderárão da pessoa do pretendido Chimit, que



não era senão *Gugenheim*, chamado *Mayer*, e da de sua concubina. Passarão a revista-lo e encontrarão-lhe uma pistola de dois canos carregada com balas forçadas e escorvada, um punhal muito aguçado cuja lamina tinha sido recentemente passada na terra, uma caixa de folha, contendo grãos de chumbo, pólvora e espoletas; uma carteira, contendo nove bilhetes de cem francos, uma verruma, uma véla, uma fórmula de fazer balas, duas balas, um relógio d'ouro e uma bolsa, em que havia 120 francos. Durante esta busca, Mayer deixou cair no carro outra caixa também de lata, em que se achava uma folha de passaporte, ainda por encher, mas já revestida do selo falso da autoridade de Bollevillers. A mulher tinha também em seu poder um passaporte falso com o nome de *Gremié-Mayer*. Ordens foram transmittidas, para a tomada dos dez volumes reclamados por Mayer no apeadouro de Poitiers, e que as exigências do serviço tinham obrigado a transportar até Angoulême, seu destino primitivo. Foi assim que se achou operada a prisão de um dos tres assassinos.

Mas que era feito dos outros dois?

Pascal tinha deixado Tours a 17 de Setembro e transferido a sua residência para Châtellerault. Elle tinha enterado ali uma somma de quatro mil francos. Mas apenas tinha apparecido, a 7 de Novembro, a sua concubina, avisada por uma confidente, a viuva Gaul, que elle lhe tinha enviado, tratou ella mesma de fugir com os seus filhos

levando doze volumes. Graft não tinha deixado vestígios da direcção que tomára.

Emfim, chegou-se a saber que um casal Meyer, que residia em Lyon, rua de Marselha, nº 8, servia d'intermediario para a correspondencia d'esses malvados entre si. Tomou-se ainda o partido de mandar a essa cidade o Sñr. commissario central Ducheylard. A 3 de Dezembro apprehendia-se em casa dos esposos Meyer varias cartas comprometentes, entre as quaes estava uma, sem data, nem assignatura, mas proveniente do mesmo Graft. A comparação da letra e o objecto da carta até não deixavão a menor duvida a esse respeito. Ora o sobrescripto trazia o sello das Batignolles de 19 de Novembro de 1857. O campo das indagações se achava circumscripto e era provavel que Graft se occultasse na capital, e mesmo talvez nas Batignolles, suburbio de Paris.

A policia de Paris foi avisada. Soube-se logo que Graft debaixo do nome de Beck, e apresentando-se como um coronel reformado, tinha hido refugiar-se nas Batignolles, em uma casa que se não abria, senão a um signal dado. Ora, a 14 de Dezembro pela manhã, penetrava-se n'esse covil. Encontrou-se no mesmo quarto Graft e a sua concubina, ainda deitados juntos, e Bloch que tinha seguido a sorte d'elles desde a fugida de Tours. Elles tentarão resistir e travarão uma luta energica com os agentes da autoridade. Não foi possivel tomar posse de Graft, senão ligando-lhe as

mãos e os pés. Então apprehendeu-se no aposento, duas pistólas, das quaes uma de dois canos e a outra simples, ambas carregadas até á boca e escorvadas, um punhal, uma faca fôrte com cabo de chifre, e folha ponteaguda, aguçada de fresco, duas chaves falsas, das quaes uma estava apenas esboçada, cêra de tirar moldes, e limas, todo o material emfim dos salteadores da mais perigosa especie. Achou-se alem d'isso um passaporte falso com o nome de Beck (Francisco José), uma certidão d'idade conforme a essa indicação e uma grande quantidade d'objectos de fancaria e rendas. Demais apprehendêrão-se tres anneis, um relógio d'ouro lavrado, correntes, um sinete de prata com as iniciaes M. C. e um bilhete do banco de quinhentos francos, que a concubina de Graft, Chatelain, chamada Chrétien, tinha comsigo.

Pascal tinha-se refugiado na vizinhança de Paris e entre-tinha relações com Graft. Na manhã de 12 de Setembro elle foi preso na occasião em que tentava penetrar na casa do seu complice de quem ignorava a prisão. Dotado d'uma grande força fisica, elle fez uma resistencia desesperada; achárão-se-lhe duas pistólas de dois canos carregadas e escorvadas, uma faca de carnicheiro, um passaporte falso com o nome de Chapelain e um pedaço de cera para moldes, assim como quatro bilhetes de banco de 100 francos.

Pascal, para melhor escapar ás pesquisas, tinha tomado duas residencias, uma rua de Dames nas Batignolles e a

outra rua de Nancy na Villette, onde elle se tinha apresentado com o nome de *Cordeville*. Forão descubertas e ahi se lhe achou a maior parte dos doze volumes, subtraídos em Chatellerault, a 7 de Novembro. O resto foi encontrado occulto em um gabinete escuro, na casa da viuva Gaul.

Todos os assassinos presumidos de Péchard estão portanto nas mãos da justiça.

Já o todo das circumstancias, cuja exposição precede não deixava duvida alguma sobre a culpabilidade dos accusados, mas as outras provas colligidas para o processo informatorio, levárão a convicção n'este ponto ao ultimo gráo da evidencia.

Com effeito, a pistola apprehendida em Mayer tinha sido comprada por elle em Caen ao espingardeiro Lebaron. O punhal achado na algibeira do seu paletó, lhe tinha tambem sido vendido em Caen pelo cutileiro Chartier, que reconhece esse instrumento, a pesar das diligencias que se mostra feitas para lhe apagar o nome que nelle se acha gravado. Graft foi visto pelas seis horas da manhã no corredor de Péchard, no dia 23, explorando provavelmente os lugares. A 25 de Agosto, elles chegavão todos tres a Honfleur, e descião no hotel administrado pela dama Foulon, onde Graft se fazia inscrever com o falso nome de *Bosque*, negociante em Paris e ahi passavão a noite do 25 ao 26 de Agosto. Durante a sua residencia Pascal comprou na loja da Sñra.

Lemesle uma lanterna de furta-fogo, e Graft mandava fazer em casa do ferreiro Longuet, uma tenaz chamada *monse-nhor*. Ora, todos estes objectos se achão identicamente entre os que forão deixados pelos assassinos no armazem de Péchard. E' a Graft que pertencia tambem o lenço achado no lugar do crime. Para dar ideias de uma partida, e desviar suspeitas, elles tinhão deixado desde os dias 24 e 25 de Agosto os aposentos que tinhão occupado em Caen durante algumas semanas, mas pôde averiguar-se a continuação da sua presença. Com effeito a 27 de Agosto, elles se retirarão a Copée, fóra da cidade, e ahi passarão a tarde em que Graft ajuda a preparar a comida. Na noute de 27 a 28 de Agosto, elles commettem em damno dos esposos Radiguet, rua de Vaucelles, um roubo consideravel de rouparia e rendas, e deixão cahir nos moveis e n'um colarinho, pingos de vêla, que combinão com a que se encontrou na lanterna de furta-fogo. A 28 de Agosto de manhã, elles vão a Lisieux. Voltão a Caen a 29 ás seis horas da tarde. Algumas horas depois, Graft e Mayer comprão em casa do Sñr. Chauvin, adêlo, praça da Nova - Comedia, dous grandes bahús, dos quaes um foi apprehendido mais tarde em casa d'elles, e continhão todos os objectos furtados aos Radiguet. Transportão esses bahús ao armazem do caminho de ferro, onde Graft os faz registrar para Evreux, para serem procurados lá.

Elles se preparão então para commetter o roubo que devia

ser acompanhado do assassinato de Péchard. Mas, antes, pelas 11 horas e meia, Graft toma em Vaucelles na venda de Boursin, duas garrafas de vinho que leva comsigo. O crime é commettido a 30 de Agosto pelas duas horas e meia da madrugada. Depois da sua perpetração elles fugirão em direcções diversas. Pelas quatro horas e meia, duas horas depois do acontecimento, Graft chega a Ranville, onde não tinha chegado ainda a noticia. O seu calçado estava cuberto de lama, e as suas calças tem em baixo nas pernas marcas do sangue da sua victima. Elle toma a precaução de as lavar com um lenço que molha em agua, faz-se a toda a pressa conduzir em carro, primeiro á estação a mais visinha, a de Moulte-Argences, depois, como o comboi tinha passado, no momento em que elle chegava, á de Mezidon, onde ao meio dia o trem mensageiro o leva para Paris. Mayer e Pascal tinham também alcançado, mas a pé e por outros caminhos desviados a estação de Mezidon. Elles se occultão durante uma parte do dia em um bosque visinho, o da collina Santa-Catherina, tomão o comboi das nove horas da noite, parão em Evreux no hotel do Sñr. Pley, onde passão o resto da noite, e o criado de serviço, tendo-se esquecido de os acordar cedo, apesar das suas instantes recommendações, não é, senão ás dez horas que, pelo segundo comboi, elles partem enfim para Paris. A informação, seguindo-lhes os passos, os assignala assim em todos os momentos que precederão, acompanharão ou seguirão o crime. Emfim

Mayer e Pascal tinham escondido no bosque da collina Santa-Catherina, onde forão descubertos, alguns dos objectos roubados a Péchard. Graft tinha tambem escondido em um campo, junto do caminho de Bavent, a quatro kilometros de Caen, a sua parte de presa.

Nos primeiros dias de Outubro Graft e Mayer não temem vi-la buscar, e arrumão a sua pacotilha na rua dos Abbatoirs, na casa de pasto da dama Guille, que se lembra ter-lhes dado um cordel que tinha amarrado pães d'assucar, e não deixão no campo em que assim forão achados, senão movimentos de relogios que tinham separado das caixas.

No seu primeiro interrogatorio Mayer pretendeu não ter vindo a Caen, havia dois annos. Mas, quando confrontado com muitas testemunhas, e principalmente com a dama Biard em cuja casa residiu, elle desconcertou-se: « Eu vejo bem, disse elle, que estou apanhado, passei quinze dias em casa da Senhora. » Depois, tornando a si de repente: « Inscrevestes Vós, lhe perguntou elle, o dia da minha partida no vosso registro? Sim. Pois bem, era tudo quanto tinha a perguntar-vos, nada mais tenho a recear. » Elle negou ter tomado em Caen o falso nome de *Schmit*, mas um empregado do correio, com quem foi acariado lhe tinha entregue com esse nome sete ou oito cartas, que elle vinha buscar acompanhado de Graft. Quando estava na cellula da prisão, mandou dizer á sua concubina, que se a soltassem, convinha que ella affirmasse, ter elle estado au-

sente de Caen nos 29 e 30 de Agosto, porque, accrescentou elle, *se eu não pudesse provar isso, seria um homem perdido*. Confiando na habilidade e energia de Pascal e de Graft, recusava acreditar na prisão d'elles. Mas quando da camara da instrucção lh'os mostrarão n'um dos pateos da prisão, elle cahiu em um grande abatimento. Então, sob o peso das cargas que o acabrunhavão, elle empregou um ultimo recurso. Temendo ser precedido pelos seus complices na vereda das confissões, e especulando sobre uma eventualidade de indulgencia, acabou por confessar o seu crime.

Pascal, na occasião da sua transferencia, julgando que o levavão a Rouen, mostrou presença d'espírito até Lisieux, mas abi disse ao Sñr. Mélin, brigadeiro do serviço de segurança : « Já vejo que vamos a Caen? Depois abaixou a cabeça e poz-se a chorar. Comtudo, nos seus primeiros interrogatorios, elle recorreu, como Mayer, a toda a sorte de negativas. A 12 de Dezembro, sabendo da prisão da sua concubina e da apreensão dos seus effeitos, entre os quaes se achavão objectos roubados em casa dos esposos Radiguet, confessou a sua participação n'esse furto, continuando a negar culpabilidade alguma quanto ao assassinato de Péchard. Emfim, a 15 de Janeiro, vencido por sua vez, pela força das provas e sabendo das revelações de Mayer, fez elle mesmo confissões que manteve depois sem variar.

Graft, só, hoje, se fecha n'um systema de negativa absoluta. Se elle veio a Caen no fim de Julho, elle se retirou a



24 de Agosto, e depois d'essa época não tornou a apparecer lá. As mercadorias roubadas aos esposos Radiguet, do 27 ao 28 de Agosto, e tornadas a achar em parte no poder d'elle, lhe forão dadas por uma personagem mysteriosa, de quem elle não sabe a morada e que elle faz entrevir em todas as circumstancias que o embaração. As testemunhas que o reconhecem cahem em erro. Mayer e Pascal são scelerados que o querem perder. Este systema no fundo não é mais que uma confissão d'insufficiencia, e a participação de Graft no roubo e assassinato é demonstrada com tanta certeza, como se elle mesmo confessasse o crime.

Importa pouco saber qual foi a parte exacta de cada criminoso no assassinato do infeliz Péchard. Todos estavam armados de punhaes e de pistolas carregadas. Todos estavam resolvidos a dar a morte, se isso fosse necessario, para obter a sua impunidade ou o acerto da empresa. Havia da parte d'elles designio formado antecipadamente, premeditação evidente, todos tentarão no corredor. O acto abominavel d'aquelle que deu o golpe fatal teria sido dado pelos outros, se as necessidades da situação o tivessem exigido. Todos são, no mesmo grau, reus de assassinato, precedido de roubo.

Comtudo, querendo-se insistir nos pormenores d'essa horrivel scena, elles são fornecidos por dois dos assassinos : Pascal e Graft tinham penetrado na loja e passavão a Mayer, posto de emboscada, os objectos furtados. O roubo estava

quasi completamente consummado, quando Péchard desceu do seu quarto. Mayer lhe atirou á cabeça uma pedra que tinha trazido e que não acertou. Péchard tropeçou n'uma escada de mão que Mayer tinha de proposito posto na escada; precipitárão-se então sobre elle ás punhaladas, e elle dava gritos lamentaveis. Abriu-se emfim a porta do corredor. Foi Graft quem tomou a direcção do Palacio-de-Justiça e atirou os dous tiros de pistola sobre Péchard, que, apesar dos seus ferimentos, o perseguia com intrepidez. Foi Pascal quem lhe atirou os outros dois tiros de pistola, que o fizeram cair morto a seus pés, no momento em que hia alcançado, assim como a Mayer na direcção da columna.

Mayer affirmou não ter dado punhaladas, mas achou em Pascal um contradictor energico. Acareado com este ultimo, elle se viu obrigado a confessar, que se gabára de ter dado uma punhalada. Elle declarou comtudo, que tinha sido por ostentação que dissera, pois que todos querião ter feito alguma coisa. « A prova de que eu digo a verdade, accrescentou Pascal, é que Mayer tinha a faca aberta na algibeira direita das calças e que essa faca furou a algibeira e as calças. » A verificação a que se procedeu confirmou essa affirmativa.

Pascal por sua vez tratou de encubrir que tinha atirado simultanea e não necessariamente os dois tiros com uma das pistolas de que estava armado. Mas duas detonações distinctas tinhão sido ouvidas. De mais, o calibre das duas

balas extrahidas do cadaver mostra que ellas não podião ter sahido, uma e outra, senão da sua pistola de dois canos. Ora o Sñr. D<sup>or</sup> Lebidois, em um relatorio notavel, demonstrou pela disposição dos ferimentos, que as balas, longe de terem penetrado em direcções parallelas, alcançárão o pescoço e o craneo em direcções que se crusão a angulo recto, e que destroem a possibilidade de que essas feridas tivessem sido produzidas pelos dois tiros da mesma pistola atiraðos simultaneamente.

Pascal affirmou ainda que tinha atirado a quatro ou cinco passos sem pontaria. Mas a arma tinha sido desfechada tão á queima-roupa, que a polvora tinha cuberto a pelle da testa da victima com uma multidão de picadas. Achou-se, alem d'isso, na cabeça de Péchard um pedaço de pano, destacado da manga direita de seu paletó, o que prova que esse jovem, vendo o perigo que o ameaçava, tinha instinctivamente mettido o braço por diante da testa na attitude d'um homem que quer parar um golpe immediato.

Depois de ter estabelecido a participação dos tres accusados no roubo e assassinato, importa saber quaes são os seus antecedentes. Estes formidaveis malfeitores occultão muitas vezes, mesmo de uns para os outros, o seu verdadeiro nome e origem, e quando se chega a prende-los e entrega-los á justiça, é debaixo de falsos nomes, que elles são successivamente condemnados.

Mayer parece ser Gugenheim (Seligman) nascido em Scherwiller a 15 de Maio de 1821. Elle tinha sido condemnado por contumacia, debaixo do nome de *Muller* pelo jury de Douay, a 26 de Novembro de 1857, a 20 annos de prisão com trabalho por crime de roubo qualificado.

Pascal não é outro mais que Coudurier (Antonio), nascido em Noves, a 24 de Novembro de 1817. Elle tomou successivamente, para illudir as pesquisas da justiça, os nomes de Toinon, Félix, Groslot, Pitra, Barthe, Martel, Perronet, Bernard, Chapelain, etc... Elle, comtudo, tinha sido condemnado, 1º pelo tribunal correccional de Valença, em 15 de Setembro de 1834, a tres mezes de prisão por furto; 2º pelo tribunal correccional de Gien, em 6 de Abril de 1835, a seis mezes de prisão, por tentativa de furto; 3º pelo tribunal correccional de Toulon, em 24 de Novembro de 1838, a tres mezes de prisão por furto; 4º pelo jury do Var, em 13 de Janeiro de 1840, a oito annos de prisão e dez de vigilancia, por furto; 5º pelo tribunal correccional da Argentièrre, em 23 de Dezembro de 1848 a dous annos de prisão e uso d'armas prohibidas; 6 por lançamento, pelo mesmo tribunal, em 7 de Janeiro de 1849, a seis mezes de prisão por fuga e quebrantamento de prisão; 7º por contumacia, pelo jury do Gard, em 30 de Setembro de 1854, a trabalhos forçados por toda a vida, por oito roubos qualificados; 8º por contumacia, pelo jury das Bocas do Rho-

dano, em 22 de Março de 1855, a vinte annos de prisão com trabalho, por crime de roubo qualificado. Evadiu-se tres vezes das prisões. Esteve associado em 1849, aos famosos malfeitores, Osvald e Lafabregue, que consternarão o sul da França. Tomou parte a 19 de Dezembro de 1849, em Draguignan, n'um roubo de 35 mil francos, commetido em damno do recebedor particular; em 1850, em Nice, n'um roubo de 27 mil francos, contra o banqueiro Carlone. Em 1853, a sua concubina foi presa na Suissa, mas elle chegou a escapulir.

Seu irmão mais velho, João Claudio, e seu segundo irmão José, forão condemnados pelo jury do Gard, um a vinte annos de trabalhos forçados, e outro a dez annos de reclusão, por crimes de roubo e associação com malfeitores. José, alem d'isso, foi condemnado pelo jury d'Aix, a trabalhos forçados para sempre, por tentativa d'assassinato. Seu terceiro irmão Eugenio, foi condemnado pelo jury d'Aix, a cinco annos de reclusão, por complicitade em roubo qualificado.

Graft foi condemnado : 1º pelo jury do Calvados em 18 de Agosto de 1835, debaixo do nome de Minder (João), nascido em Neudorf, Suissa, em 1813, a dez annos de trabalhos forçados por furto de relogios, em Bayeux; 2º pelo jury do Lot, em 12 de Maio de 1849, sob o nome de Vall, a dez annos de prisão com trabalho por crime de roubo qua-

lificado. Evadiu-se das galés de Rochefort, a 15 de Novembro seguinte.

Seu pai e um de seus irmãos tinham entrado no furto dos relogios, commettido em Bayeux. O pai, a pesar dos seus setenta annos, era ainda recentemente, entre esses malfeitores, um dos mais intrepidos. Elle está emfim nas mãos da justiça. Dous dos irmãos de Graft assassinarão em 1855 dous gendarmes que os tinham apprehendido, e forão condemnados, um por contumacia, o outro contradictoriamente á pena de morte. Os gendarmes erão da brigada de Saint-Symphorien (Loire.)

A pena do mais jovem foi commutada em trabalhos forçados por toda a vida.

A accusação faz recahir ainda sobre Mayer, Pascal e Graft muitos outros crimes, que elles commetterão juntos, ou reunidos a outros malfeitores, fosse durante a sua residencia em Caen, ou antes e depois.

---

O resultado d'esse processo, de que acabamos de dar a introdução historica ou programma, não podia ser duvidoso, á vista da correspondencia das provas, e da verificação das suas circumstancias, e confrontação das mesmas; assim como da confissão qualificada dos reus, sua perfeita convic-

ção e acquiescencia á força e vehemencia das provas, depoimentos das testemunhas, termos de achados, e precedentes dos accusados.

Não sendo da nossa intenção seguir os longos debates do processo, a que se addicionárão outras discussões e outros nomes de malvados e dependencias, mostrando-se a existencia de um longo sequito de maleficios e a organisação d'uma quadrilha, que não só infestava uma parte da França, mas que estendia suas ramificações, e manobrava, servindo-se de falsos passaportes e outros meios reprovados, em paizes estrangeiros : estes debates enchem um livro ; passaremos portanto á narração do final do mesmo processo com respeito aos principaes criminosos que n'elle figurárão, seguindo depois a descrever a execução da pena capital, e em fim daremos a traducção em verso rimado d'uma — Queixa ou lamentação, relativa tambem a este negocio, e de que no competente lugar se verá melhor o titulo compendioso.

#### SENTENÇA.

O resultado da deliberação do jury, não deixando mais duvida sobre a applicação da pena, no que toca aos tres principaes accusados, a multidão, que atulhava as visinhanças do tribunal, se dissipa pouco a pouco, divisando-se apenas alguns curiosos em numero mui diminuto, e alguns trabalhadores, que seguem para as suas occupações.

A attitude dos reus é agora bem diversa. Gugenheim, que desde alguns dias tinha constantemente a cabeça abatida e escondida entre as mãos, a levanta, e espraia sobre a sala da audiencia olhares quasi satisfeitos, e agradece com effusão ao seu defensor o Sñr. Delangle : « Vous avez sauvé *mon tête* » (vós salvastes *meu cabeça*), lhe diz elle.

Graft que, antecedentemente exhibia no rosto mais do que colera, se mostra agora tranquillo e no maior socego ; conversa com os advogados, que se prestão de boamente a escuta-lo, e sauda familiarmente um dos guardas da prisão, a que diz ter tomado affecto. Pergunta-lhe sorrindo, se lhe cuidou na sua morada, alludindo á cellula dos condemnados á morte, volta-se de quando em quando, para a moça Chrétien, cujos olhos inundados de lagrimas estão constantemente fitos n'elle.

Esta moça, que está longe de ser bella, e que as lagrimas tornão ainda muito menos agradável, tem, comtudo, alguma cousa de caracteristico em seu rosto, e é a dedicação : Ella não parece viver e respirar, senão para e pelo homem, que a arrastou ao abismo.

Depois de hora e meia de deliberação, o tribunal entra em sessão pelas seis horas da manhã.

O Sñr. presidente pronuncia uma sentença que condemna á pena de morte.

Coudurier, chamado Pascal :

João Minder, chamado Graft :



Ordena que os dois condemnados tenham a cabeça cortada em uma das praças publicas da cidade de Caen, e

Condemna a trabalhos forçados por toda a vida a Gugenheim, chamado Mayer.

A viuva Gaul foi condemnada a prisão com trabalho por cinco annos e a Chrétien á cinco annos de prisão simples.

O resto da sentença, assaz minuciosa quando aos outros implicados, e ao artigo indemnisações, pareceu-nos destituído de interesse no presente caso.

Depois de pronunciado o julgamento relativo ás perdas e damnos, avisa os condemnados que elles tem tres dias para interporem o recurso de revista.

*Graft*: Sñr. Presidente, peço-vos uma graça, e é que me permittaes o abraçar minha mulher; e quasi immediatamente a moça Chrétien, saltando os dous bancos que estavam de permeio, se precipitava nos braços de *Graft*; os policiaes os separão.

Os accusados se retirão em silencio. A viuva Gaul mesmo, deixa de gritar. Quanto a *Graft*, ao retirar-se, vira-se para o auditorio e lhe dirige um olhar altivo e sardonico, affecta uma suberba segurança.

Ás seis horas e meia da manhã a sessão é levantada: A multidão esvae-se lentamente, commovida pelas grandes e tristes scenas d'essa longa audiencia.

## EXECUÇÃO.

Na quinta feira 5 de Novembro de 1858, ás sete horas e meia da manhã, teve lugar no passeio de São Julião de Caen, o ultimo acto do drama terrivel começado n'essa cidade na noite de 29 a 30 d'agosto de 1857, pelo assassinato do infeliz Julio Péchard, e que durante mais de um anno excitou no mais alto grau a attenção de toda a Europa.

Dos 21 accusados que forão de qualquer modo participantes no assassinato e roubo de Péchard, ou que entravão n'essa associação de malfeitores, que fazia contribuir a França e mesmo alguns paizes estrangeiros, dois, Coudurier, chamado Pascal, e João Minder, chamado Graft, forão condemnados á pena de morte por sentença do tribunal dos jurados do Calvados, a 10 de Julho ultimo.

Durante os quatro mezes que decorrêrão depois d'essa sentença de condemnação, depois da decisão que julgou improcedente a revista e da denegação da graça, a justiça esperava de Pascal e de Graft algumas revelações tocantes ao assassinato commetido na criada do cura de São Romain, em Rouen. A instrucção d'este ultimo processo achando-se emfim terminada; a ordem d'execução d'estes dois condemnados tinha sido dada a 2 ou 3 de novembro, e essa nova tinha promptamente circulado na cidade, e mesmo no campo.

A sexta feira, sendo em Caen, dia de mercado, numerosos habitantes dos arredores se tinham ahi dirigido, mais para serem testemunhas d'esse lúgubre espectaculo, que para cuidar de seus negocios.

Desde as duas horas da manhã, apesar de um frio assaz intenso, grupos numerosos estacionavão em roda do lugar em que se levanta o cadafalso n'estas tristes circumstancias.

Muitas vezes já, desde um mez, a mesma concurrencia tinha começado, mas os grupos não tendo visto chegar a machina fatal, não tardavão em dissipar-se. D'esta vez a multidão não cessa de crescer até ás 7 horas. Já mesmo ás seis a praça São Salvador se achava tão cuberta de povo, que a circulação se tornava quasi impossivel; quanto aos passeios São Julião e ao mercado dos animaes, tão vastos, como sejam ambos, nós o constatamos com a mais intensa dor, a multidão ahi era innumeravel, e n'essa multidão as mulheres se achavão em maioria; muitas d'ellas levavão seus filhos pela mão, outras os levavão nos braços !

Desde o dia da sua condemnação, Pascal e Graft tinham recebido a visita do capellão das prisões, o Sñr. padre Lemoine. Não tinha sido difficil a esse digno padre o reconduzir ao tramite da religião catholica o condemnado Pascal, porque esse homem desde a sua infancia, tinha sido muito religioso. Com effeito, entre as differentes tatoagens, de que seus braços e peito estavão cubertos, taes como affectão te-las homens de baixa extracção, repudiados por todos os

partidos, taes como flores de lirio, a legenda *Viva Henry V*, misturadas com outros emblemas, uma fortuna, uma coroa, rolas, um coração atravessado por uma frecha, elle tinha ainda no braço direito um crucifixo e um anjo. Graft, sempre polido, sempre sobre os palanques, se tinha mostrado mais difficil, mas assim que toda a esperança para elle se desvaneceu, tinha ouvido com docilidade a voz do ministro, cuja missão é reconciliar semelhantes homens com Deos e consigo mesmos.

Muitas vezes, depois da denegação da graça, Graft principalmente, tinham pensado, que na segunda e sexta feira, a expiação suprema tinha chegado para elles. Graft escutava o menor ruido, que lhe chegava á noite, da rua São Manvioux, visinha da sua prisão e do lugar do supplicio, e tinha dito muitas vezes ao guarda, que de manhã fazia a sua visita habitual : « Então é para hoje ? »

Na sexta feira de manhã, ás seis horas e meia, os dois condemnados forão prevenidos de que devião preparar-se para a morte.

Pascal, que foi o primeiro avisado, não tinha feito movimento algum e se tinha conservado impassivel a essa noticia. Graft pareceu um momento sorprendido, mas comtudo, reassumiu a sua firmeza e se contentou com dizer : « Eu contava com isso. » Durante o desviramento da corrente sellada no muro e que os prende na sua masmorra, Pascal ficou sempre mudo; Graft não pronunciou mais que estas pa-

lavras : « Tanto melhor! é um bello dia para mim, fico livre de soffrimento! »

Um e outro forão conduzidos á capella da prisão, onde ouvirão com fervor a missa e as orações dos agonisantes, recitadas por sua intenção. Aqui teve lugar uma scena assaz notavel. Lembrar-se-hão, todos que os lerão, quaes tinhão sido, durante os debates, os sentimentos de odio de Graft contra Pascal. Estes sentimentos elle os tinha conservado na prisão, durante bastante tempo : « Eu tenho curiosidade, dizia elle, de ver a figura que elle faz, hindo ao cadafalso, e se puder, desejo ver, quaes serão as carantonhas da sua cara dentro do cesto. »

O Sñr. Morand, clerigo do hospicio São Luiz, ajudava o Sñr. abade Lemoine nos seus penosos, porém santos deveres, um e outro persuadirão Graft a que se reconciliasse com Pascal.

— E' preciso então que lhe eu perdoe? perguntou elle.

— Sim, lhe respondeu o padre, em nome de Deos.

— Pois bem, em nome de Deos, eu te perdôo. E os dois condemnados se atirarão um para o outro aos abraços, com effusão, e confundindo as suas lagrimas, unicas que elles tinhão derramado.

Depois d'essa scena, os dois condemnados descêrão ao carcere, á espéra do momento em que devião ser entregues aos executores. Elles pedirão, um e outro, aos guardas e a todas as outras pessoas, com quem lidarão na prisão, que

lhes perdoassem, se por acaso, n'alguma coisa os tivessem offendido. E tambem pedirão para os abraçar. Graft lhes dirigiu estas palavras :

« Eu vos agradeço, Sñrs., e a vós, sobre tudo, Sñr. director, por todos os cuidados e attenções que tendes tido comigo, durante os quatro mezes passados depois da minha condemnação. Eu soffri muito, mas Vós estaveis autorizados a tratar-me com mais dureza; Vós o não fizestes, e eu vos agradeço. — Vós julgareis, talvez, Sñrs., que este é para mim um dia de luto e que eu apreendo o momento, que vai pôr um termo á minha existencia; não. Os soffrimentos moraes, porque eu passo ha mais de desoito mezes, sem abater a minha energia, me tem feito mais d'uma vez desejar o supplicio, que me espera, e é com satisfação, que eu caminho á morte. — Eu não era nascido para acabar assim, se a minha intelligencia tivesse recebido cedo um differente impulso; eu vou expiar para com a sociedade o crime commetido contra um dos seus membros; eu morrerei como christão, e a minha energia me não abandonará; eu marcharei com um passo firme e seguro. »

Alguns minutos depois, elles erão entregues aos algozes. Pascal sujeitou-se aos preparativos sem dizer palavra, mas tranquillo. Graft pediu que lhe não cortassem a camisa e a casaca : « Não estragueis os meus effeitos, eu não sou homem a dar-me em espectáculo. »

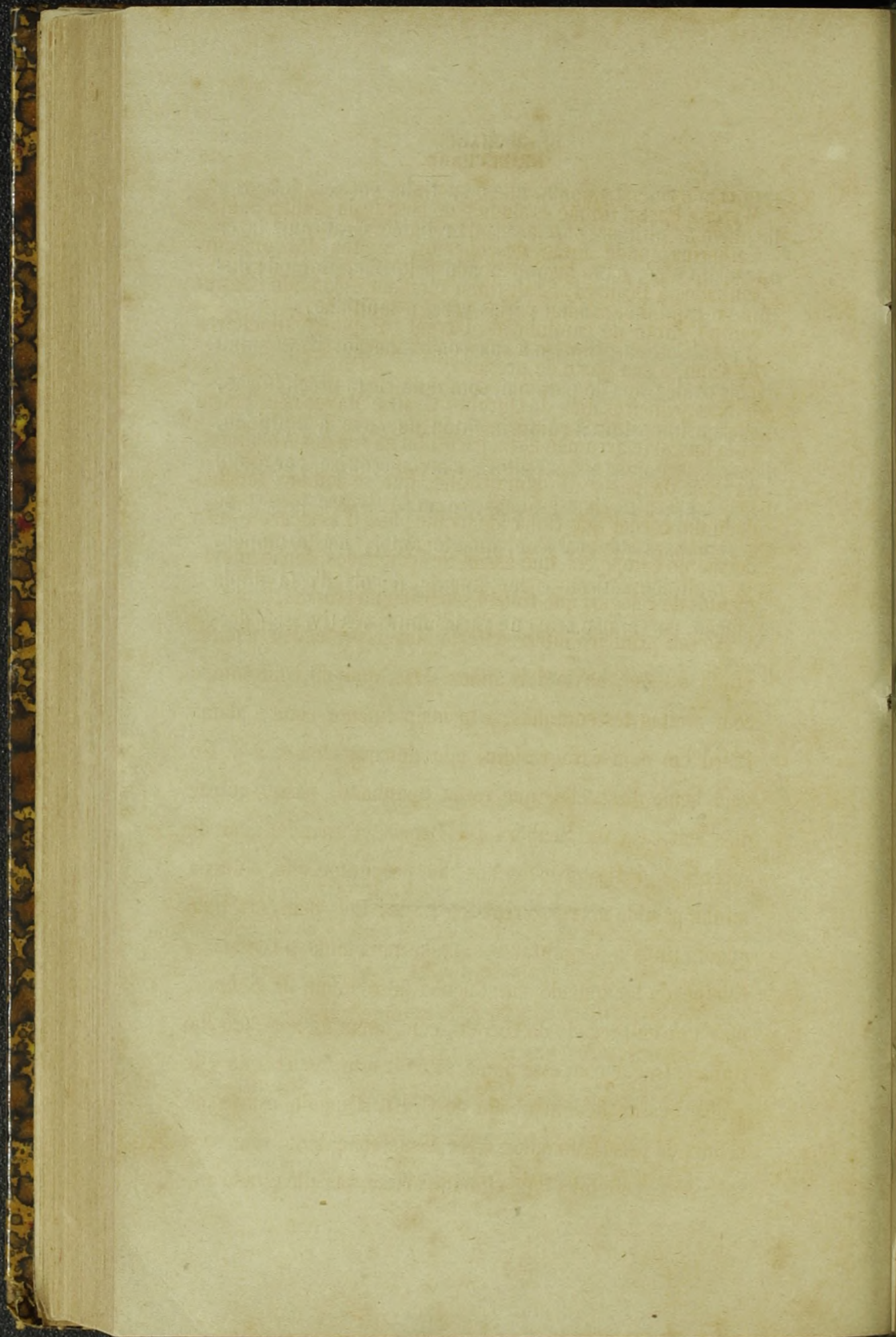
O triste cortêjo poz-se em marcha. Pascal subiu a car-

reta com o Sñr. Lemoine, que o sustinha nos seus braços e lhe dava as ultimas consolações da religião. Graft quiz fazer o transito a pé, e era acompanhado pelo Sñr. Morand; durante o caminho, saúdou varias vezes a multidão.

Pascal soffreu primeiro a sua condemnação. Graft subiu depois os degraus do patibulo, com uma certa precipitação, mas sem impostura; cumprimentou de novo a multidão, depois entregou-se aos executores e arremeçou-se, por assim dizer, sobre a terrivel prancha, como se tivesse pressa de que tudo para elle acabasse, quanto antes, n'este mundo.

A multidão retirou-se lentamente, depois d'esta dupla expiação, porem não sem que varias mulheres tivessem desmaiado.







# QUEIXUME

MUI LAMENTAVEL

---

Contendo succintamente  
A historia justamente  
Da quadrilha formidavel,  
Em Caen feita responsavel  
Por muito crime antecedente.

---

Oh povo de Normandia  
E tambem de terra estranha!  
Ouvi conto sem patranha  
De cruel tragedia impia  
E de crimes commettidos  
Por malvados mui garridos.

Taes gentes, traça maldita  
Tinhão, quaes bons arlequins,  
Para chegar a seus fins,  
Posto o roubo em commandita  
E associados arteiros  
Como bons especieiros.

O producto das rapinas  
Os sustinha com largueza,  
Repartião cada preza,  
Com as suas concubinas,  
Que por gosto a seus amantes  
Se cubrião de brilhantes.

Tendo aos templos ogerisa,  
Sem fé ou Deos respeitar,  
Nome mudão e lugar,  
Como quem muda a camisa,  
Viajando nos caminhos  
Sem os ares temer damninhos.

Capitão Minder, do bando  
(Ou Graft ou bem Fernandy)  
Lhes fornecia fiado

Papeis de contrabando  
Para com impunidade  
Zombar d'autoridade.

Era Minder magro e alto  
Bem parecido e de bom beque,  
Coronel se dizendo Beck,  
De grandeza dava assalto;  
Bigodes tinha torcidos,  
E reinava nos bandidos.

Em Trouville o hospedeiro  
Para elle teve olhares,  
Chegou mesmo a ter uns dares  
De uma dama de bom cheiro....  
Pois de tal o seu letrado  
Teve bom certificado.

Os seus dois peiores levitas,  
Erão Mayer e Pascal:  
Um dos dous mui doutrinal,  
Per' la dos Israelitas,  
Outro, rude aventureiro  
Nome tem de Codrieiro.

Muito elles estimavão  
De seu leito a companhia,  
A quem davão a valia  
Dos objectos que pilhavão,  
Que essas damas lá vendião  
E o importe lhes trazião.

Assim, rendas famarias,  
S'escuavão facilmente  
Mas hião diversamente  
Com o ouro e pedrarias ;  
N'esse caso encubridores  
Roubavão os roubadores.

Bellos e ricos despojos,  
D'anneis e brincos chuveiros,  
Que dos pobres joalheiros  
Ornavão os ricos mostreiros  
Desde logo erão sumidos,  
No cofre d'Ulmo escondidos.

Esse honesto patriarcha,  
Cheio d'instincto judaico  
A seu filho, mui prosaico,

Confiava a chave d'arca ;  
Pois por certo crê e tem ,  
N'isso não perder vintem.

O menino a quem s'entrega  
Objectos d'ouro e de prata,  
Vai mudando p'la pacata,  
O fino ouro por cobre,  
E segundo uma asserção  
Bella prata por latão.

N'este commercio julgai  
Se ganhão até millhões ;  
E se não fossem traições  
Poderia como o pai  
De seus calculos pela graça  
Apanhar mui boa caça.

Uma tropa subalterna  
Seguia esse ancoradoiro :  
Os Mayers trocavão oiro,  
Com mais pilar's de taberna,  
Velhacos de fino toque  
May, Laurent, Lambert e Blok.

No centro qual uma aranha,  
De mui má sorte de teia,  
Uma viuva, d'alcateia  
Velava, com zêlo e manha  
Em negro antro de porteiro  
N'esse regimento inteiro.

Tudo á teia lhe converge  
Filho tem qu'ajuda o campo,  
E' a Gault, que n'esse encampo  
Veze faz de *concierge* (porteira)  
Mas é com bem verdade  
A alma da comunidade.

Por medidas tão seguras  
Chegado tinhão com arte,  
A entrar em toda a parte,  
Zombando das fechaduras,  
Pois p'ra suas falcatruas  
Se arranjavão com gazuas.

Viu-se o bando pouco nobre  
Em Italia, no Piemonte,  
Em Gisors, em Montbrisonte,

Rive-de-Gier e Grenoble  
Roubar até em transportes,  
E mesmo em fim passa-portes !

Em a Ferté-sous-Jouarre  
O cofre levar prevêm  
Do tabellião Morin.  
Sahião, sem mais repare  
Quando a victima, acordando,  
Os fez abalar.... gritando.

Se não fosse um cão gentil,  
Em Lisieux um grão banqueiro  
Tinha em casa o bando inteiro,  
Penetrando-lhe subtil.  
Là o capote furado  
Em grade tem Blok ousado.

Mas emfim a Providencia  
Que o divisa com seu ôlho,  
Vai lança-lo no escolho,  
Apesar de vãa prudencia :  
O oiro poz em affan  
Graft, Pascal, Mayer em Caen.

A maneira, a mais segura  
P'r'evitar qualquer entrada  
É deixar chave travada,  
Minha gente, na fechadura :  
A donzella Voisin  
Escapou assim mui bem.

Se soubesseis de taes prendas  
Bons esposos Radiguet,  
Não fizera Mayer filé  
P'ra pilhar as vossas rendas,  
Que os outros dois traficantes  
Lhe vendião incessantes.

Porque não fizeste o mesmo,  
Tu Péchard desventurado  
Nesse serão malfadado,  
Em que te perdeste a êsmo?  
Mas bem fechava o portão  
E confiavas no teu cão !

Assim, sem desconfiança,  
Tu tocavas teu piano  
E o bando duro, insano,



A tua morada alcança....  
E do teu toque o transporte  
É o teu canto de morte!

Adormeces, ladrões vélão  
Logo armados té os dentes,  
Elles entrão muito prudentes ;  
Nem seus passos os revélão :  
Calçado tinhão de baéta  
Para pregar melhor a péta.

Enganado com bolinha,  
O seu cão se torna mudo,  
Nada escapa, sabem tudo,  
Calar fazem campainha  
E chegão a te roubar....  
Sem alguém rebate dar.

Seu mister estava arranjado  
Mas, sem duvida, da mão  
Lá lhes foi cahir ao chão  
Algum fardo desastrado  
Que em teu quarto mais alto  
Te acordou em sobresalto.

Pulas da cama em camisa,  
Do patamar te arremeças,  
Mas na escada tropeças  
Em obstaculo de guisa  
A embaraçar-te o passo  
E a soffreres fracasso.

Sem ficar desanimado  
E vencendo as tuas dores  
Queres apanhar os traidores.  
Dá-lhes teu valor enfado  
E seguindo seus destinos,  
Tornão-se elles assassinos.

Sobre Mayer, que vês perto  
Tua mão é levantada,  
Quando elle pedra irada  
A ti lança a descuberto,  
E depois, com alvoroço  
T'apunhala, no pescoço.

Esse golpe te perturba,  
Titubias... mais ferozes  
Desses monstros, sem dar vozes

Os punhaes emprega a turba  
Deixando-te sem conforto  
E cuidando ter-te morto.

Mas, todo em sangue sahir  
Te atreves á rua e segues  
Ladrões que, temendo pegues,  
Te querem *fazer cahir!*  
E para melhor despachar  
Pascal te deixa chegar.

Para não falhar, o madraço  
Te espera n'um lampeão  
Tu julgas prendê-lô... não.  
Quando lhe tocas no braço  
Pegar-lhe querendo na góla,  
Elle pucha uma pistóla.

Onde ó sec'lo nos conduzes?  
Dir-nos-heis, se bons ou máos;  
Se Caen tivesse calháos  
Em lugar das de gaz luzes,  
Como Bayeux, irmãa sua  
Bem fôra a Péchard na rua.

Elle cahe com a descarga  
De dois tiros de bem perto  
E bastava : isso era certo.  
Mas nem mesmo assim o larga ;  
Essa canalha sem fé  
Dá-lhe fim a ponta pé !

Não foi visto que apparecesse  
Testemunha de seus gritos :  
Via alguém certo os delictos,  
Mas não tal que comparecesse,  
Por dizer ser doentio  
De noite sahir, ao frio.

Porém, mal os criminosos  
Conseguirão escapar-se,  
Forão vistos ajuntar-se  
Varios logo curiosos,  
Mas já era um pouco tarde  
Para o valoroso Pechard !

No dia seguinte expira,  
Sem cobrado ter a falla,  
A justiça se não cala

E por mil lugares s'estira  
Em procura dos malvados  
Que não podem ser achados.

Mas ao compulsar a lista  
De cem cartas refugadas,  
O juiz faz taes achadas,  
Que encaminhão sua vista.  
E diz bem certeza ter  
De que essa corja sabe ler!

Considerai-me neste caso  
De saber mal o defeito :  
Pois não era esse o effeito  
Sem a carta em justo prazo  
Mas era melhor jogada,  
Ninguem tendo escripto nada.

A esta prova mal clara  
Se dá mais, menos, cavaco :  
Um máo lenço de tabaco  
Tudo manifesta e sara  
Té ás vezes causa enredos  
Não assoar-se nos dedos.

Por essas indicações  
Um mui fino commissario  
Achar soube o calendario  
De tal chefe e seus ladrões;  
Julga em Tours os apanhar,  
Mas visto o tinhão chegar.

Para melhor se lh'escapar  
Fogem todos, sem dar berro,  
Pelo caminho de ferro;  
Nos primeiros tomão lugar;  
Caro é um pouco mais,  
Mas de gasto zombão taes.

Alma tem tão perturbada,  
Que em meio caminho, insano,  
Mayer, dizem, qual Troyano  
Esquece a mulher, deixada,  
E, para judeus inda mais,  
Abandona os cabedais!

Um gendarme que notou  
Sua angustia, seu jargão,  
Dentro do mesmo carrão,

Em face d'elle embarcou.  
D'uma olhada toma pé  
Viva o gendarme Rougé!!

Os seus papeis ver pretende,  
E, conservado em respeito,  
Por se lhe mostrar suspeito  
Pela góla o aprehende,  
Quando faca vai puchar  
E do bolso quer tirar.

Mais um, logo, da milicia  
Junto com Graft escondido.  
E nessa côrte do bandido,  
É sorpreso pela policia;  
E dormia muito bem,  
Junto á moça Chretien.

Forte, destro, qual Alcides,  
Elle se defende com Blok,  
Mas cédem, logo, ao choque  
D'uma guarda n'essas lides,  
E n'um canto amarrados,  
Ambos são empacotados.

Transfórma-se em ratoeira  
Essa odiosa mansão,  
Onde julgão com rasão,  
Ver chegar a banda inteira.  
E Pascal, como raposa  
Tem por sorte a mesma cousa.

Conservar-se ha diarios  
D'esse covil infernal;  
Um verdadeiro arsenal  
Se mostrava nos armarios :  
Revolvers, punhaes, trinchetes  
Falsas chaves e sinetes.

Essa caça d'enforcar  
Em gaiola de manhã  
Vai desembarcar em Caen.  
A's nove horas, sem errar  
Queria a turba amotinada  
Desfaze-los em salada,

Mas justiça equitativa  
Que deve estender os braços,  
Mesmo a taes madraços,



A' terrivel tentativa  
Fez devida opposição,  
E prosegue em sua acção.

Graft mui cheio d'impudencia,  
Renegando os Barrabazes,  
Com elles não quer pazes,  
E se pouza na audiencia,  
Como innocente malquisto  
E mesmo ousa invocar Christo.

Mui matreiro, e nunca a ésmo,  
Conforme sempre o vi;  
Bem se chama Fernandy  
E não mostra ser o mesmo.  
Desconhece, até inteiro,  
Velho pai prisioneiro!

Depois lança fogo e chamma  
Contra Mayer, e malquisto  
É Pascal, que bem previsto  
Lhe descobre todo o trama.  
E essa revelação  
Sua faz condemnação.

E quando emfim elle tomba  
Sob evidencia do facto,  
Diz que para ultimo prato,  
Lhe guarda elle uma bomba.  
Mas ainda o mais attento  
Não descobre mais que vento.

De sua bella um sorriso  
Faz cordeiro esse leão,  
Nem ha mais recordação  
D'um amante de mór siso :  
Sua branca mão emfim  
Brilha sempre com jasmim.

Para pagar-lhe a Magdaléna,  
Se quer dar um terno beijo,  
Falha contra o seu desejo ;  
Poisque, rapida, essa Helena,  
Para chegar ao seu Paris,  
Salta, qual Monsiur Vestris.

Pascal, o bode emissario,  
A quem tratão como um cão,  
Causa a tanto valentão,

Mais horror que um commissario;  
É papel de mui má côr,  
Esse tal de delator.

Para assistir a esse drama,  
Em local um pouco esguio  
Bem que ahi não faça frio,  
Muito apparatusa dama  
Affronta chegada ao muro,  
Trinta gráus de Reaumuro.

Se tem o romance encanto  
Para bons genios por acaso,  
Não é sempre o mesmo caso,  
E té um gendarme em tanto,  
N'esse ar mui viciado,  
Cahi quasi asfixiado.

Com bem febre um bom jurado,  
Teve d'hir ao hospital;  
Té o matador Pascal  
Quasi que morre affrontado,  
Julgão veneno ou mau ar,  
Mas foi o muito jantar.

Por um bom requisitorio  
O procurador geral,  
Convenceu universal  
Reus, juizes, auditorio  
Em seguida advogados  
Branqueárão tão maus gados.

Um entre outros, empachado,  
Diz por Graft cousas taes,  
Que jurados capitaes  
Tem o pello arripiado,  
Sangue vem em borbotões  
Saltar-lhes dos casacões.

As mulher's d'horror tomadas  
Junto d'elles tremeráõ,  
Quando em sonhos accordaráõ,  
As cabeças vêem cortadas.  
De Graft e mais Pascal.  
*« No seu leito conjugal!! »*

Mas, homens de consciencia  
Reprimem o seu terror  
E zombão do fallador.

Ao voltar á audiencia  
Lê o chefe, sensitivo,  
Um verdicto affirmativo.

Admittem circumstancias  
Attenuantes a um,  
Gugenheim, esse perum ;  
Perdido, por mais estancias  
Com os dois ladrões, se quer,  
É o mesmo que Mayer.

Essa sentença indulgente,  
Um favor là foi da sorte,  
Pois nos ferros té á morte  
Ha de ser um penitente ;  
Em quanto Graft e Pascal  
Soffrérão golpe fatal.

Absoltos, graça á idade,  
Mauricio Ulmo, Julio Gaul,  
Livrai-vos de mau paiol ;  
Sahi, vinde á proibidade !  
Laurent porêm absolvido,  
De Riom é rehavido.

Annetta Bloch, Sára Rias,  
E vós, esposa Lamberto,  
O mundo vos é aberto,  
Apesar de más folias;  
Mas priminha Madelão,  
Vós em Mans fareis salão.

Encubridor's, concubinas,  
Para vós, a reclusão,  
Ou galés ou a prisão  
É o prémio das rapinas.  
Pai Ulmo, José Lamber  
May, Bloch, e os dois Meyer.

Pascal, ao decreto horrivel  
Curva a fronte com ar brando,  
Mas Graft grita esbravejando  
E um ruido faz terrivel;  
Mas perdoão-se os excessos  
A quem perde taes processos.

Por seu tino e sciencia  
Do presidente a bondade  
Mostra tal seguridade,

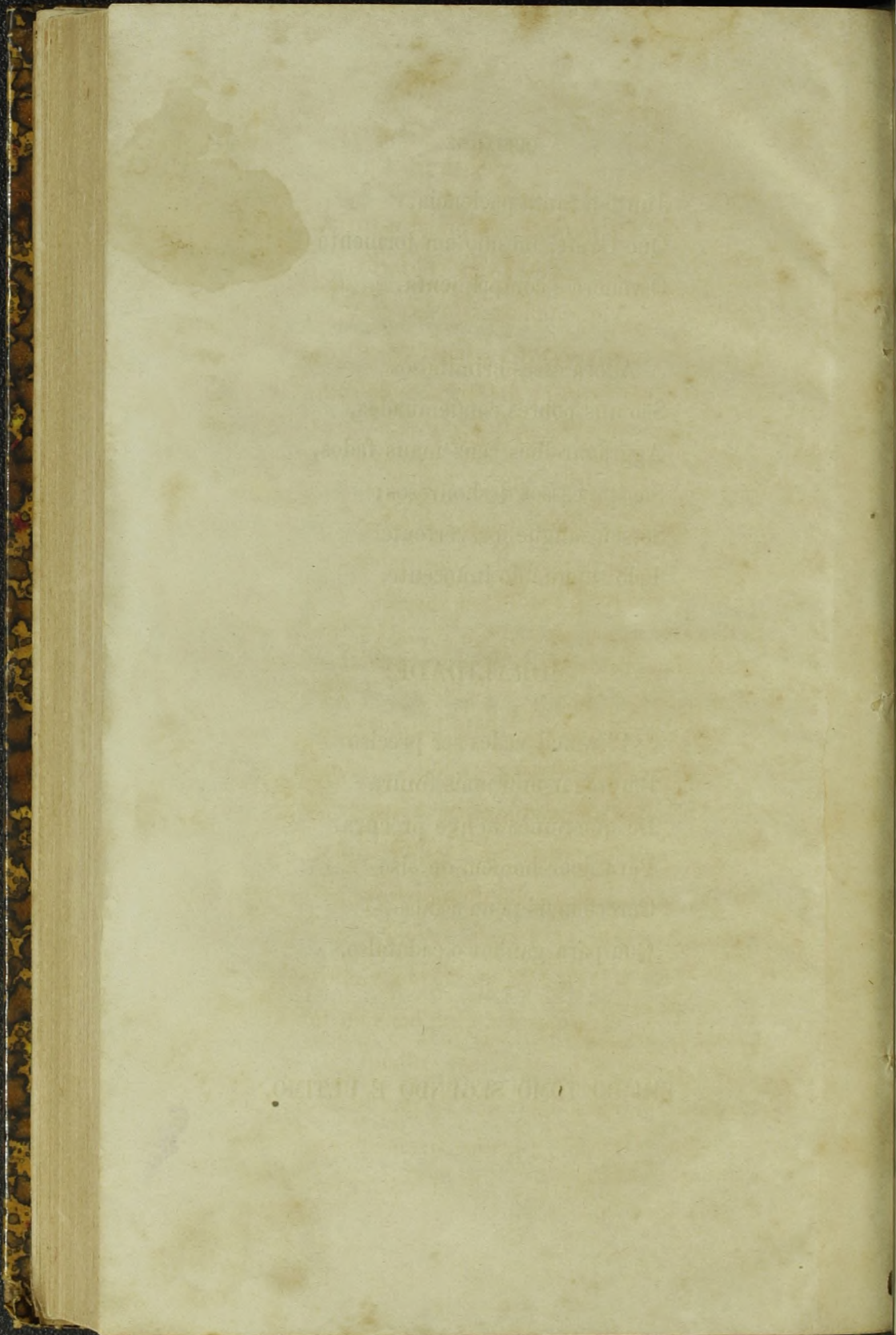
Junta a tanta paciencia,  
Que Graft, mesmo em tormenta  
O venera e comprimenta.

Agora esses criminosos  
São uns pobres condemnados,  
Aggravar-lhes seus maus fados,  
São processos deshonorosos ;  
Se seu sangue for vertente  
Pelo sangue do innocente.

## MORALIDADE.

P'ra mal vedes ser preciso  
Empregar mui mais finura  
De que nunca houve procura.  
Para ficar homem de siso  
Carece mais pena a falso,  
Que para ganhar o cadafalso.

FIM DO TOMO SEGUNDO E ULTIMO.





# INDICE

## DO TOMO SEGUNDO.

	Paginas
La Roncière, accusado de tentativa d'estupro e de ferimentos graves na jovem filha do general barão de Morrell, commandante da escola de Saumur. — Complicidade d'um criado e d'uma criada de quarto. — Cartas anónimas. — Circumstancias mysteriosas. — Declarações d'expertos em escriptura.....	1
Delacollonge. — Assassinato d'uma modista por um cura que era seu confessor e seu amante. — Furto de dinheiro de fabrica por esse mesmo cura.....	49
O abade Roubignac. — Horríveis torturas e macerações exercidas sobre o corpo de uma jovem rapariga. — Atrozes delictos.....	79
Lacenaire. — Assassinato, tentativa de assassinato e falsidade.....	88
Chasserand e Crouail. — Duplo assassinato seguido de roubo. — Dois reus.....	116
F....., antigo notario (Tabellião de notas). — Incesto d'um	

	Paginas
pai com sua filha. — Prenhez, rapto. — Omissão do registro da criança.....	128
Sclafer. — Morte d'uma jovem. — Monomania. — Exaltação do accusado. — Incidente.....	138
Boulet. — Assassinato por ciumes. — Tentativa de suicidio..	153
Goutaudier. — Assassinato d'um marido pelo amante de sua mulher. — Complicidade d'esta e d'um terceiro. — Confissões d'este ultimo complice. — Negativas do autor do crime.....	193
Peytel, notario. — Assassinato na pessoa de sua mulher e de seu criado.....	204
Assassinato d'uma mulher octogenaria por sua filha, seu neto e sua neta.....	240
Processo Serain. — Assassinato de duas jovens.....	282
ADDITAMENTO. — Assassinato de Péchard. — Roubos numerosos. — Recepções. — Passaportes falsos. — Quadrilha organizada — 21 accusados. — Processo de Gugenheim, chamado Mayer; Coudurier, chamado Pascal; Minder, chamado Graft, e socios.....	299
QUEIXUME mui lamentavel.....	337

---

